



UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (PPGH)
DOUTORADO

PEPITA DE SOUZA AFIUNE

**DO PARAÍSO TERRESTRE À NOVA AKHETATON:
MISTICISMO E POLÍTICA NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA (1955 – 1990)**

Goiânia

Dezembro/2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese

2. Nome completo do autor

Pepita de Souza Afiune

3. Título do trabalho

DO PARAÍSO TERRESTRE À NOVA AKHETATON: MISTICISMO E POLÍTICA NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA (1955-1990)

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Martins De Araújo, Professor do Magistério Superior**, em 23/02/2022, às 15:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do



art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **PEPITA DE SOUZA AFIUNE, Discente**, em 26/02/2022, às 22:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2718191** e o código CRC **CD5434B3**.

PEPITA DE SOUZA AFIUNE

**DO PARAÍSO TERRESTRE À NOVA AKHETATON:
MISTICISMO E POLÍTICA NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA (1955 – 1990)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás como requisito para a obtenção do título de Doutor em História.

Linha de pesquisa: Fronteiras, Interculturalidades e Ensino de História.

Área de concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Martins de Araújo.

Goiânia

Dezembro/2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Afiune, Pepita de Souza
Do Paraíso Terrestre à Nova Akhetaton: [manuscrito]: Misticismo e Política na construção de Brasília (1955 – 1990) / Pepita de Souza Afiune. - 2021.
CCCXI, 311 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Martins de Araújo.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2021.
Bibliografia. Anexos.
Inclui lista de figuras, lista de tabelas.

1. Brasília. 2. Misticismo. 3. Juscelino Kubitschek. 4. Imaginário. 5. Representações. I. Araújo, Alexandre Martins de , orient. II. Título.

CDU 94(81)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata nº **012/2022** da sessão de Defesa de Tese de **PEPITA DE SOUZA AFIUNE**, que confere o título de **Doutor(a) em História**, na área de concentração em **Culturas, Fronteiras e Identidades**.

Ao/s **vinte dias de dezembro do ano de dois mil e vinte e um**, a partir da(s) **14h00**, via **videoconferência**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada **“DO PARAÍSO TERRESTRE À NOVA AKHETATON: MISTICISMO E POLÍTICA NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA (1955 – 1990)”**. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Alexandre Martins de Araújo (PPGH/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **André Luiz Caes (UEG)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Marcelo Rodrigues dos Reis (UEG)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **João Paulo de Paula Silveira (UEG)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Heloísa Selma Fernandes Capel (PPGH/UFG)**, membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o Julgamento da Tese, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Alexandre Martins de Araújo**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **vinte dias de dezembro do ano de dois mil e vinte e um**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Elias Nazareno, Coordenador de Pós-graduação**, em 23/02/2022, às 14:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Heloísa Selma Fernandes Capel, Professora do Magistério Superior**, em 23/02/2022, às 15:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Martins De Araújo, Professor do Magistério Superior**, em 23/02/2022, às 15:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2718074** e o código CRC **2CDA5AD8**.

Referência: Processo nº 23070.067499/2021-40

SEI nº 2718074

https://sei.ufg.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=2942838&infra_sistema=1...

AGRADECIMENTOS

A todos que compuseram uma peça deste emblemático mosaico,

Agências de fomento CAPES e FAPEG, Prof. Dr. Alexandre Martins de Araújo, Prof.^a Dra. Heloísa Capel, Prof. Dr. Marcelo Rodrigues dos Reis, Prof. Dr. André Luiz Caes, Prof. Dr. João Paulo de Paula Silveira, Prof. Robson Rodrigues Gomes Filho, Prof.^a Maria da Conceição Silva, Prof. Dr. Eliézer Cardoso, Prof. Dr. Ademir Luiz, Prof. Dr. José Loures, Prof. Dr. Edgar Franco, Cally Afiune, Elaine Afiune, Fernando e Sandra do Departamento da Eubiose de Brasília, Cristiane Silva e seu pai João (Salve Deus!), Edson Silva (Salve Deus!), Laila Zucarini, Livia Zucarini (*in memoriam*), Martin e Adriana (Eubiose), e Valdson Ramos.

RESUMO

Este estudo intenta deslindar múltiplos e intrincados fenômenos que, historicamente, fizeram (e fazem) de Brasília uma cidade mística. Nele, é possível entrever como elementos de natureza mística engendraram a trama política da história da nova capital brasileira, sendo os escritos de Dom Bosco, considerados proféticos, o ponto de partida de tais representações místicas. Um projeto considerado ousado para a sua época, como a construção de uma nova capital de um país com dimensões continentais, migrando para o interior do território, precisava se legitimar. Neste sentido, o caráter profético dos escritos de Dom Bosco foi preponderante, uma vez que o Brasil na década de cinquenta abrigava uma população majoritariamente católica, razão pela qual a cidade teve o seu Batismo Espiritual em 1957 sob o manto da Igreja Católica. No decorrer da pesquisa me foi possível perceber que Juscelino Kubitschek sustentava relações estreitas com diversos grupos denominados místicos ou esotéricos, o que me leva a inferir que o presidente esboçava uma tendência religiosa mais plural do que a historiografia tem conseguido mostrar. Para investigar esse e outros fenômenos de natureza mística envolvidos na construção de Brasília, concentrei minhas pesquisas de campo no âmbito de quatro instituições presentes no Distrito Federal: Vale do Amanhecer, Legião da Boa Vontade, Maçonaria e Eubiose. Essas quatro instituições, em especial, desde os primórdios da construção de Brasília, seguem dando materialidade ao caráter místico da capital, convertendo-se também em importantes polos turísticos. Buscando compreender as representações e o imaginário místico presentes em Brasília com base na abordagem sociológica denominada “modernidades múltiplas”, reconheço o caráter religioso da modernidade, menos como um fator inibidor dos ensejos religiosos e mais como um mecanismo de potencialização e promoção de diálogos entre tradição e novas religiosidades. Deste modo, esta pesquisa busca tracejar, dentre os anos de 1955 a 1990, a presença contígua de quatro paisagens históricas de Brasília: A primeira, denominada de Paraíso Terrestre; a segunda, a Terra Prometida; a terceira, a Capital do Terceiro Milênio; e a quarta, a Nova Akhetaton.

Palavras-chave: Brasília; Misticismo; Juscelino Kubitschek; Imaginário; Representações.

ABSTRACT

This study attempts to solve multiple and intricate phenomena that, historically, have been making Brasilia a mystical city. In it, it is possible to see how elements of a mystical nature engendered the political plot of the history of the new Brazilian capital, with the writings of Dom Bosco, considered prophetic, the starting point of such mystical representations. A project considered audacious for its time, such as the construction of a new capital of an extensive country, migrating it to the interior of the territory, needed to legitimize itself. In this sense, the prophetic character of Don Bosco's writings was preponderant, since Brazil in the fifties had a mostly catholic population, which is why the city had its spiritual baptism in 1957 under the mantle of the Catholic Church. During the research, it was possible to see that Juscelino Kubitschek maintained close relationships with several groups called mystics or esoterics, which leads me to infer that the president outlined a more plural religious tendency than historiography has been able to show. To investigate this and other mystical phenomena involved in the construction of Brasilia, I concentrated my field research within four institutions present in the Federal District: Vale do Amanhecer, Legião da Boa Vontade, Maçonaria e Eubiose. These institutions, in particular, from the beginnings of the construction of Brasilia, continued to give materiality to the mystical character of the capital, also becoming important tourist centers. Seeking to understand the mystical representations and images present in Brasilia from the sociological approach called "multiple modernities", I recognize the religious character of modernity, less as an inhibitory factor of religious opportunities and more as a mechanism of potentiation and promotion of dialogues between tradition and new religiosities. Thus, this research seeks to trace, between the years 1955 to 1990, the contiguous presence of four historical landscapes in Brasilia: The first named Earthly Paradise; the second, the Promised Land; the third, the Capital of the Third Millennium; and the fourth, the New Akhetaton.

Keywords: Brasilia; Mysticism; Juscelino Kubitschek; Imaginary; Representations;

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - O Paraíso na Terra	42
Figura 2 - Portal ufológico na GO-118 (Alto Paraíso-GO).....	59
Figura 3 - Caverna de Poseidon (Montalvânia-MG).....	61
Figura 4 - Pedra do Cálice na Serra das Galés (Paraúna-GO).....	62
Figura 5 - Ferrovia Dom Bosco.....	86
Figura 6 - Ermida Dom Bosco (1957).....	88
Figura 7 - Santuário Dom Bosco (1970)	89
Figura 8 - Personificação de Brasília.....	92
Figura 9 - Croquis de Lúcio Costa	94
Figura 10 - Linhas de Nazca.....	95
Figura 11 - Visão aérea do Plano Piloto de Brasília.....	96
Figura 12 - Leitura do Plano Piloto com o formato de uma pomba	98
Figura 13 – Réplica da Loba Capitolina no Palácio do Buriti.....	100
Figura 14 – Loba Capitolina.....	100
Figura 15 - Fac-símile do Diário da Manhã (1927).....	102
Figura 16 - O progresso americano (1872), John Gast.....	103
Figura 17 – Nosso Lar, Brasília.....	110
Figura 18 – A primeira missa de Brasília (1957)	113
Figura 19 – A primeira missa no Brasil (1861), Vitor Meireles.....	113
Figura 20 - Igrejinha de Fátima (1958)	116
Figura 21 - Catedral Metropolitana de Nossa Senhora Aparecida (1970)	117
Figura 22 – Os Anjos (1970), Alfredo Ceschiatti.....	116
Figura 23 - Disposição da Catedral Metropolitana no Eixo Monumental.....	118
Figura 24 - Panteão da Pátria (1986).....	122
Figura 25 - Imagem de Nossa Senhora Aparecida no traçado urbanístico de Goiânia	125
Figura 26 - JK e JFK	129
Figura 27 - O Sistema Geográfico de Alto de Paraíso (SIGEAP).....	174
Figura 28 - O Brasil e a simbologia do cálice	116
Figura 29 – O Paralelo 30 Norte e Sul	116
Figura 30 - O Paralelo 14 no Brasil.....	116
Figura 31 – Linhas de Ley	116
Figura 32 - Cerimônia de condecoração de JK pela Eubiose (1972)	186
Figura 33 - JK no Templo da Eubiose de São Lourenço (1972).....	187
Figura 34 - Palestra de JK na Sede da Eubiose em São Lourenço (1972)	189
Figura 35 - Discoporto em Barra do Garças-MT	200
Figura 36 - Vimana.....	201
Figura 37 - Inauguração da Pedra Fundamental de Brasília.....	215
Figura 38 – Formatos piramidais em Brasília	215
Figura 39 - Pirâmide da CEB (Brasília) e Pirâmide de Saqqara (Egito).....	215
Figura 40 – Estrela Candente	215
Figura 41 - Pirâmide da Estrela Candente.....	230

Figura 42 - Indumentária da Falange Dharman-Oxinto	233
Figura 43 - Papiro: Hórus e Nefertari	215
Figura 44 - Comemoração dos 20 anos da Maçonaria em Brasília	239
Figura 45 - Croqui original de Brasília.....	240
Figura 46 - Estandarte da Loja Brasília	240
Figura 47 - A árvore da vida.....	242
Figura 48 - A árvore sefirótica de Brasília	242
Figura 49 – Templo da Boa Vontade (TBV).....	242
Figura 50 - Sala Egípcia do TBV	248
Figura 51 - Interior do Templo da Boa Vontade	250
Figura 52 - O Tarô de Brasília (1990) no TBV	251
Figura 53 - 0 O Louco	252
Figura 54 - I O Mago.....	253
Figura 55 - II A Sacerdotisa	255
Figura 56 - III A Imperatriz.....	255
Figura 57 - IV O Imperador.....	256
Figura 58 - V O Hierofante.....	256
Figura 59 - VI Os Amantes.....	256
Figura 60 – VII O Carro	259
Figura 61 - VIII Justiça.....	260
Figura 62 - XIX O Ermitão.....	261
Figura 63 - X A Roda da Fortuna	262
Figura 64 - XI A Força	264
Figura 65 - XII O Enforcado	265
Figura 66 - XIII A Morte.....	266
Figura 67 - XIV A Temperança.....	267
Figura 68 - XV O Diabo	256
Figura 69 - XVI A Torre.....	256
Figura 70 – XVII A Estrela	256
Figura 71 – XVIII A Lua.....	256
Figura 72 - XIX O Sol	273
Figura 73 - XX O Julgamento	274
Figura 74 - XXI O Mundo.....	275

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estatísticas das religiosidades no Distrito Federal por meio do Censo do IBGE.	128
Tabela 2 – Correspondência entre os edifícios de Brasília e as <i>sephirot</i>	244

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
INTRODUÇÃO	17
PARTE I.....	37
QUANDO A POLÍTICA SE APROPRIA DO MISTICISMO (1955 – 1961).....	37
CAPÍTULO 1. O PARAÍSO TERRESTRE	38
1.1. Os lugares utópicos no imaginário ocidental	38
1.2. Natureza e misticismo no Planalto Central	52
1.3. A interiorização da capital federal.....	67
CAPÍTULO 2. A TERRA PROMETIDA	83
2.1. Dom Bosco e a estratégia dos mudancistas goianos	83
2.2. Narrativas fundadoras de Brasília e as tradições inventadas.....	91
2.3. O Batismo espiritual de Brasília e os imaginários urbanos	108
2.4. Brasília e Goiânia nos debates sobre tradição	123
2.5. O processo de desterritorialização / reterritorialização dos candangos e o seu impacto nas identidades religiosas	131
PARTE II.....	142
QUANDO O MISTICISMO SE ACOPLA À POLÍTICA (1962 – 1990).....	142
CAPÍTULO 3. A CAPITAL DO TERCEIRO MILÊNIO	143
3.1. Renovações espiritualistas no âmbito da modernidade	143
3.2. Catolicismo, pluralização religiosa e o movimento <i>New Age</i> (Nova Era) no Brasil.....	151
3.3. Teosofia, Eubiose e a Geografia Sagrada do Planalto Central	161
3.4. As faces de JK: Entre a política e o esoterismo	180
3.5. O fenômeno UFO em Brasília na esteira do esoterismo	193
CAPÍTULO 4. A NOVA AKHETATON	210
4.1. Brasília no âmbito dos estudos sobre Egiptomania no Brasil	210
4.2. Vale do Amanhecer e os lugares sagrados	224
4.3. Maçonaria e a Árvore Sefirótica de Brasília	234
4.4. Legião da Boa Vontade (LBV) e a arte divinatória do Tarô	245
4.5. O Mosaico Místico Brasiliense	276
CONSIDERAÇÕES FINAIS	278
REFERÊNCIAS	285
FONTES.....	300
ANEXOS	312

APRESENTAÇÃO

Após uma história de turbulências e entraves, nasceu a terceira capital do Brasil. Sob o signo de Touro, Brasília cresceu como alguém que se preocupa em realizar as suas ações de forma planejada, sem azáfamas. Segundo a Astrologia, o taurino acredita que o êxito em seus empreendimentos está no segredo da cautela.

Sob o Cruzeiro do sul, Brasília nasceu com ascendência em Aquário, representando o futurismo em meio à imensidão do Planalto Central. Esse discurso está presente atualmente nas diversas leituras de místicos e/ou esotéricos, como é o caso do astrólogo Maurice Jacoel (2004), que fez um estudo da identidade astrológica de Brasília, uma espécie de Mapa Astral, analisando que a nova capital demonstra uma identidade utópica e aquariana:

Fé e utopia me parecem ser as palavras que acabam sintetizando todo esse processo histórico. Ao analisar o mapa da inauguração de Brasília conforme sua história - à zero hora do dia 21 de abril de 1960, em plena consagração da hóstia durante a missa solene, com o acender das luzes das edificações, fogos de artifício e principalmente o repicar do mesmo sino que repicou na morte de Tiradentes - ficamos assombrados com o Ascendente desses eventos encontrar-se no signo de Aquário e Netuno, no Meio do Céu. Netuno, planeta místico, do sonho, da fusão (JACOEL, 2004, s/p.).

Quando Brasília completou 50 anos de idade no ano de 2010, o *Correio Braziliense* (2010) publicou um artigo cujo teor trazia interpretações astrológicas de vários especialistas, abordando a crença em um crescimento importante que a cidade teria a partir do ano supracitado. Uma astróloga entrevistada disse ao jornal que esses seriam anos de purificação, e que de acordo com o oráculo *I-Ching*¹, Brasília estaria marcada pelo retorno, o retorno de sua luz após tempos de escuridão, que seria possível através de novos projetos.

Essa utopia que marcou o surgimento de Brasília se originou em uma progressiva mobilização de estadistas brasileiros. Afinal, uma nova capital do Brasil, por sua vez, interiorizada, foi almejada desde o século XVIII por muitos brasileiros, dentre os quais se destacaram os inconfindentes que, em 1789, propuseram a mudança da capital para São João Del Rey (MG). No século XIX, o discurso caminhou entre as contendidas das elites, tendo como seus

¹ Carl Jung explica que o *I-Ching* surgiu na China em um período anterior à dinastia *Chou* (1150-249 a.C.), sendo uma sabedoria milenar que influenciou decisivamente os rumos da civilização chinesa através de ideogramas chamados 'Kua' (signo). "A tradição desses Kua era, até meados da dinastia Chou, identificada com a designação 'I' (☰), um ideograma de origem controvertida e que tem sido traduzido por "mutação". Para a China antiga, o nome de algo era considerado não apenas como um rótulo arbitrariamente atribuído, mas, antes, uma expressão do ser mesmo daquilo que em seu nome se deixa ver, se desvela [...] o ideograma teria sua origem no desenho de um camaleão, significando movimento (em virtude da agilidade dos lagartos) e mutação (em virtude do mimetismo) [...]" (JUNG, 2006, p. 14).

defensores o jornalista Hipólito da Costa (1813) e o estadista José Bonifácio de Andrada e Silva (1822). Por ser pauta das agitações republicanas, a nova capital auferia grandes incumbências mesmo antes de ser concretizada, como a integração e o progresso do País, seguindo o exemplo da república norte-americana.

Vários nomes foram imaginados para a segunda capital brasileira: *Nova Lisboa* por William Pitt, ex-primeiro-ministro do Reino Unido (1805), *Paraíso Terreal* por Hipólito José da C. P. F. de Mendonça, jornalista, maçom e diplomata brasileiro (1813), *Pedrália* por Paulo F. Menezes Palmiro, ex-deputado paulista (1822), *Petrópolis* por José Bonifácio de Andrada e Silva, patriarca da Independência do Brasil (1823), *Imperatória* por Visconde de Porto Seguro ou Francisco Adolfo de Varnhagen, militar, diplomata e historiador brasileiro (1849), e *Vera Cruz* pelo Marechal José Pessoa (1955) (BERTRAN, 1992, p. 65).

Desde que o sonho considerado profético do padre salesiano italiano São João Dom Bosco, a respeito da “terra prometida que mana leite e mel”, tornou-se conhecido entre os estadistas brasileiros, um imaginário místico começou a circundar o advento da fundação da nova capital brasileira. Sendo assim, proponho como ponto de partida o pressuposto de que os empreendedores de Brasília utilizaram como artifício político a mitificação da interiorização e da construção da nova capital. Uma cidade predestinada pela bênção divina acarretaria uma maior aceitação da sociedade e das classes dirigentes, já que o Brasil, naquele período, apresentava uma identidade religiosa expressiva.

Brasília se tornou popularmente conhecida como a *Capital Mística do Brasil* e a *Capital do Terceiro Milênio*, através da chegada de vários grupos espiritualistas e esotéricos na região, como irei aprofundar mais adiante. Intérpretes do sonho de Dom Bosco acreditam que o santo teria batizado Brasília de *Terra Prometida*.

Contudo, Brasília não ficou restrita a essas leituras ligadas a Dom Bosco, pois o fenômeno místico é bastante diversificado. Encontrei uma infinidade de lendas e histórias sobre ufologia, egiptomania, aparições de espíritos, reencarnações, dentre outros episódios de natureza similar. Meu interesse por esses assuntos nasceu quando eu era criança, por influência do meu pai (*in memoriam*).

Foi assim que, no ano de 2014, nasceu a proposta para a dissertação de mestrado intitulada: “*Lugar de outro mundo*”: *O reencantamento do mundo e as narrativas ufológicas em Alto Paraíso (GO)* (2016). Realizei uma análise sociológica das crenças esotéricas e ufológicas relacionadas ao município de Alto Paraíso de Goiás. Quando estive pela primeira vez na região, a trabalho, já escutava muito a respeito do seu misticismo e, principalmente, dos óvnis. Eu atuava como tutora à distância do curso de Licenciatura em Artes Visuais da

Universidade Federal de Goiás, trabalho que me proporcionou conhecer a região, pois fui ao polo ministrar uma aula presencial. Meus alunos me receberam calorosamente com a seguinte anedota: “Faça uma touca de papel alumínio, para que você proteja a sua mente dos extraterrestres”. Essa brincadeira me lembrou a clássica cena do filme *Sinais* (2001), em que o autor Joaquin Phoenix atua como um morador do campo preocupado em proteger sua família da invasão alienígena ocorrida em suas terras.

Desse modo, desenvolvi uma análise das múltiplas narrativas que se difundiram pela e sobre a cidade, de modo a perceber a sua inserção em um imaginário coletivo, como uma forma de reencantamento do mundo no âmbito da pós-modernidade. Diagnosticuei que esse movimento esotérico na região se creditou às inúmeras interpretações que se difundiram do sonho do padre Dom Bosco. Na verdade, desde o século XVIII, seus atrativos naturais e riquezas provocavam a chegada de viajantes estupefatos com a sua exuberância, altitude, riqueza mineral, e principalmente pela concentração do cristal de quartzo. Entretanto, percebi que Brasília foi o embrião do esoterismo na região, e por isso, dediquei um tópico para analisar a sua história, para entender como a construção da nova capital atraiu uma heterogeneidade de grupos denominados místicos e esotéricos. Por diagnosticar a sua importância, escolhi dar prosseguimento neste assunto.

Minhas experiências não foram diferentes. Ao realizar viagens frequentes à nossa capital, que sempre me atraiu pela presença de arte em suas diversas nuances, comecei a me deparar com uma arquitetura bem parecida com a de Alto Paraíso, ao vislumbrar pirâmides e obeliscos em meio ao cerrado brasileiro. Além disso, conheci pessoas que relatavam ter visto óvnis, e que acreditavam em reencarnação. Quando conheci o Vale do Amanhecer, foi uma das experiências mais interessantes que vivenciei até hoje em toda a minha vida.

A partir de uma análise historiográfica e sociológica, vislumbro em Brasília um processo de *bricolage* de elementos arquitetônicos. Esses componentes respeitaram as mudanças socioculturais que ocorreram no Brasil desde a década de 50. Dom Bosco se tornou o grande atrativo de diversos grupos filosóficos e religiosos. O cristianismo, por sua vez, também se adaptou a essas mudanças e se viu imerso neste novo ambiente religioso, pois passou a conviver de forma diplomática com esses novos grupos, apesar de não se desprender totalmente de suas tradições. Mas estes novos fiéis trocaram a sua fidelidade por uma polivalente experiência espiritual, frequentando vários templos religiosos, procurando uma religiosidade própria, individual, centrando a vivência espiritual em si mesmo, e não na figura divina.

Portanto, entre todos os elementos que compõem a cidade de Brasília, o misticismo é uma parte importante, já que pode ser evidenciado em suas mais variadas formas, como por exemplo na arquitetura, nas lendas contadas entre visitantes e moradores, nas artes visuais e até mesmo nos aparatos estatais. Apesar dos seus problemas urbanos, econômicos, sociais e políticos, não díspar das outras capitais brasileiras, Brasília possui uma aura mística que atrai pessoas de várias partes do mundo e é essa face que pretendo investigar.

Esta pesquisa se debruça na contribuição com a dimensão das narrativas historiográficas, através de uma estratigrafia de quatro pontos, ou seja, quatro representações de Brasília que ainda não foram percebidas pelos estudos históricos: o Paraíso Terrestre, a Terra Prometida, a Capital do Terceiro Milênio, e a Nova Akhetaton. Essa estrutura propõe o objetivo geral da tese: desde a perspectiva histórica, compreender as dinâmicas de pensamentos e ações que fizeram (e fazem) de Brasília uma cidade mística.

INTRODUÇÃO

A pergunta que motivou esse estudo foi a de saber como uma cidade projetada para ser o centro político do Brasil se perfilou também em um dos mais significativos espaços místico-religiosos do País. Para responder a tal questionamento, sugeri que apesar do peso do domínio da Igreja Católica naquela época, os idealizadores de Brasília abriram espaço de diálogo para as demais correntes religiosas e místicas trazidas nas bagagens dos migrantes que se fixaram no território. A atmosfera que circunscreveu a construção de Brasília era composta por dois fatores importantes: o primeiro, a diversificação da sociedade, que carregou consigo outras religiosidades além da católica, e o segundo, o momento de revoluções históricas em escala mundial, sobretudo nos Estados Unidos, na passagem da década de 50 para a de 60, em que ocorreram várias revisões epistêmicas e turbulências político-sociais que permitiram a voz dos discursos pluralistas, como os movimentos ambientalistas, *hippies*, feminismo, dentre outros. A classe dirigente representada por Juscelino Kubistchek se apropriou, estrategicamente, desses elementos para dar “músculo e sangue” ao seu projeto.

A presença de elementos de natureza religiosa e política foram importantes e coparticipes na legitimação da nova capital, sendo explorados pelos políticos e por grupos espiritualistas ligados às novas religiosidades. De tal modo, considero que em meio à indiscutível presença dos paradigmas estéticos modernistas na consolidação do projeto da nova capital, os fatores religiosos e místicos também devem ser considerados partes constituintes de todo esse arranjo que é Brasília.

A priori, precisamos compreender o panorama religioso na contemporaneidade, que tem passado por profundas transformações em função do aumento no número de novas religiões, doutrinas e filosofias. Alguns termos foram empregados por diversos estudiosos para representar esse caráter pluralizado do contexto religioso na modernidade, os quais têm norteado todo o processo desta pesquisa: persistência do encantamento (NEGRÃO, 2005, p. 11); ecumenismo, holismo, diálogo inter-religioso (REIS, 2008, p. 54); complexo alternativo, novo misticismo, neo-esoterismo (MAGNANI, 2000, p. 26 e CAMURÇA, 2018, p. 237); religiosidade flutuante, religião despedaçada, bricolagem de crenças (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 08); errância religiosa (AMARAL, 2001, p. 152). Deis Siqueira (2002, p. 177 e 178) acrescenta conceitualizações de outros autores:

“campo religioso ampliado” (Mallimaci, 1997); “religião difusa” (cf. Parker, 1997); [...] “espaço religioso novo ou novas formas do sagrado na sociedade atual e nova sensibilidade místico-esotérica, sacralidade não religiosa e sacralização das relações individuais de transcendência, nova religiosidade sincrética, esotérica holista da New Age, Novos Movimentos Religiosos ou novas formas da religião” (cf. Mardones, 1994); “nebulosa místico-esotérica e crédulos difusos” (cf. Champion, 1990); “nebulosa heterodoxa” (cf. Maitre, 1988); “religiões seculares” (cf. Piette, 1993); “religiosidade inorgânica” (cf. Hugarte, 1997); “nebulosa polivalente da Nova Era; diversidade de identidades, diversidade nas formas de adesão” (cf. Sanchis, 1997); “querela dos espíritos” (cf. Carvalho, 1999); “orientalização do ocidente” (cf. Campbell, 1977, Martins, 1999).

Acredito que seja necessário, neste momento, esclarecer o uso do termo “esoterismo” e a sua aplicação. Utilizarei a conceitualização do antropólogo brasileiro José G. C. Magnani (1996, p. 08): “Designa aqueles ritos ou elementos doutrinários reservados a membros admitidos em um círculo mais restrito”. O autor passou a aplicar o prefixo *neo* na falta de uma conceitualização mais apropriada, com o objetivo de diferenciar do seu uso tradicional. Inclusive, percebi empiricamente a mesma problemática que o autor nos alerta, a respeito de muitos praticantes que rejeitam a utilização desse termo e preferem outros como *práticas alternativas, misticismo, Nova Era, filosofias espiritualistas*, dentre outros.

Marcelo L. de Campos e Ana Rosa C. da Silva (2015), analisam que as dificuldades de conceitualização do esoterismo no âmbito religioso e espiritualista se devem à necessidade de apreender a totalidade das vivências nas diversas sociedades. Assim, os autores conceituam o termo esoterismo: “verifica-se sua aparição original nas escolas iniciáticas, ou de mistérios, indicando a posse de um conhecimento oculto (*gnosis*), secreto e acessível, apenas a iniciados, a respeito de todo o universo e do próprio homem” (p. 365).

O termo *Nova Era* se refere a um contexto heterogêneo de crenças de diversas naturezas, formando assim, para a antropóloga brasileira Leila Amaral (2001, p. 151), práticas espirituais heterodoxas e uma cultura religiosa errante. Preocupe-me em tratar os grupos específicos da forma como eles se autodenominam, e para isso, a pesquisa de campo se tornou fundamental.

As fontes da pesquisa são diversas, compondo um mosaico que se justifica pelo objetivo de mostrar que o imaginário místico deve ser compreendido como uma construção social, cujo caráter plural e dinâmico já estava presente desde o assentamento dos primeiros tijolos de Brasília. É uma questão crucial do desdobramento da problemática central da pesquisa, considerar que o imaginário social ancorado em misticismos não se produziu a partir da ocupação de Brasília, mas foi um componente de sua própria idealização.

Sendo assim, apresento uma gama de representações que se fizeram presentes na literatura regional, composta por poemas e contos; na literatura esotérica, composta por

publicações oficiais (revistas, sites, discursos, panfletos, livros, palestras, mapas) da autoria de diversos grupos esotéricos-místicos-espiritualistas; literatura de viagem, composta por relatos dos pioneiros viajantes que percorreram a região do Planalto Central; mídia, composta por artigos jornalísticos, noticiários, entrevistas e charges; nas iconografias, sendo estas compostas por esculturas, arquiteturas, pinturas e fotografias; os relatos de moradores e visitantes da cidade, captados através de entrevistas formais ou informais realizadas durante as pesquisas de campo; os documentos governamentais ou oficiais, compostos por decretos federais e relatórios da construção de Brasília; biografias e autobiografias; e relatórios de pesquisas de campo que produzi durante as visitas e observações participantes em instituições de cunho místico e museus. Estas fontes estão inventariadas ao final da tese e especificadas na síntese de cada capítulo a seguir.

A imagem se tornou uma fonte importante de pesquisa por perpetuar elementos simbólicos que garantem a persistência da memória da existência de Brasília como uma capital especial, paradisíaca, uma terra prometida, dentre tantas outras representações que surgiram. A imagem é a representação do homem acerca de sua realidade, em um processo de criação através de sua própria ótica, como uma evidência histórica, assim apontada por Peter Burke (2004). É o reflexo da sociedade que a produziu, à medida que induz processos de produção de sentido e construções culturais. A utilização da imagem como fonte na pesquisa histórica é respaldada por Burke, que afirma que as imagens “são testemunhos dos estereótipos, mas também das mudanças graduais, pelas quais os indivíduos ou grupos veem o mundo social, incluindo o mundo de sua imaginação” (p. 232). As imagens podem complementar os documentos escritos e os relatos orais na pesquisa histórica, pois possuem a capacidade de revelar elementos que podem estar ocultos. Assim, a figura deixa de ser apenas uma forma de ilustração do real, sendo concebida como uma produtora de sentidos. A imagem deve ser questionada quanto ao seu valor simbólico, à luz de vários olhares que se entrecruzam. “Isto ressignifica a pesquisa em Ciências Sociais da Imagem como campo e como instrumento analítico” (KOURY, 1999, p. 56).

Esses caminhos metodológicos encontraram espinhos no seu trajeto, já que estava lidando com um número elevado de grupos religiosos e filosóficos. Houve, inicialmente, a dificuldade em eleger estes grupos e categorizá-los. Não pretendi aprofundar em um grupo específico, pois o objetivo é analisar as variadas representações que surgiram a respeito de Brasília e entender o contexto que favoreceu os seus surgimentos, bem como as suas implicações posteriores, buscando também analisar a sua permanência na atualidade.

Desenvolvi a pesquisa de campo com uma abordagem qualitativa, aplicando a coleta de dados e técnicas de tratamento de fontes. O seu objetivo é realizar observações participantes e coleta de entrevistas, aplicando entrevistas semiestruturadas e/ou abertas, audiogravadas e através da *internet*, com consentimento dos entrevistados e sob todos os preceitos da ética em pesquisa nas Ciências Humanas. A observação participante pretende realizar um contato mais próximo do pesquisador com a realidade a ser pesquisada.

Tive também a dificuldade de lidar com estes grupos. Todos eles são abertos a visitas públicas, pois oferecem programações para os diversos fins, sejam eles religiosos, culturais e filosóficos. Nesse sentido, as visitas foram realizadas de forma natural, já que procurei estes locais para participar de suas vivências em tudo que é aberto para a comunidade. Conheci alguns de seus adeptos, o que em alguns casos, facilitou o meu acesso aos locais, e consegui realizar algumas entrevistas. Algumas instituições me receberam como pesquisadora e me ofereceram o apoio necessário e outras, apresentaram resistência. Algumas das dificuldades que enfrentei estavam relacionadas ao contato com os líderes ou representantes, e hierarquias internas.

Elegi quatro grupos representativos do cenário místico/espiritualista de Brasília, dentro do recorte temporal de 1955 a 1990, sendo o Vale do Amanhecer (1959), a Maçonaria (1957), a Sociedade Brasileira de Eubiose (1962), e a Legião da Boa Vontade (1989). Os critérios de escolha para esses grupos foram: a sua presença e atuação em Brasília na atualidade, seus discursos que consideram Brasília como um lugar sagrado, e nas retomadas de elementos de culturas milenares (com o protagonismo da egípcia), para corroborar as suas hipóteses a respeito de uma centralidade de Brasília no âmbito místico internacional.

O Vale do Amanhecer se caracteriza divergente em relação aos demais grupos citados, já que é uma instituição que nasceu no entorno do Distrito Federal. A sua primeira comunidade nasceu em 1959 na Serra do Ouro, próximo ao município de Alexânia-Go. Em 1969, a comunidade se fixou em Planaltina-Go. A sua existência se deve à clarividência de Tia Neiva, uma mulher batalhadora, viúva e com quatro filhos, que se dedicou à profissão de caminhoneira. Tia Neiva, a partir dos seus 33 anos de idade, demonstrou habilidades para lidar com fenômenos paranormais, com uma percepção extrassensorial, encontrando no espiritismo o alento para suas inquietações. O Vale do Amanhecer foi construído pela sua família, tornando-se um grupo muito maior, acolhendo a todos que o procurassem. Atualmente, é um dos locais sagrados mais procurados da região, sendo uma grande instituição que merece a minha atenção.

A Sociedade Brasileira de Eubiose chegou em Brasília no ano de 1962, e a partir dessa data, desenvolveram vários estudos e suas respectivas publicações na *Revista Dhâranâ*, que se

tornou uma das fontes valiosas para esta pesquisa. Seus estudos e teorias são destaques nos milenarismos da Nova Era, sendo o representante da Teosofia no Brasil, já que eles atribuem a Brasília o protagonismo de mudanças que acreditam que irão ocorrer a nível planetário. Além da importância em nível de análise, a SBE de Brasília me recebeu de forma calorosa e apoiou o decorrer de toda a pesquisa, abrindo suas portas.

A Maçonaria chegou em Brasília em 1957, fundando a primeira Loja Maçônica na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), denominada de Loja Estrela de Brasília. Depois da inauguração de Brasília, o local foi transferido para o Plano Piloto, na SGA 913 Sul, lugar no qual foi construída a sede do Grande Oriente do Brasil, que é o órgão máximo da Maçonaria no Brasil (VASCONCELOS, 1989, p. 127). Na verdade, o que ocorreu foi a transferência do Grande Oriente do Rio de Janeiro para Brasília, que se constituía em uma “aspiração geral do Povo Maçônico” (VASCONCELOS, 2007b, p. 439), manifestada na Constituição Maçônica, artigo 169, que estabeleceu: “Fica transferida, nesta data, a sede do Grande Oriente do Brasil para a cidade de Brasília, Distrito Federal, como inclusivo e único foro, para todos os fins e efeitos legais” (*ibidem*, p. 442). No dia 21 de abril de 1971, os maçons fundaram o Grande Oriente do Distrito Federal, objetivando integrar as lojas maçônicas da nova capital brasileira. O dia foi escolhido para rememorar o mártir da independência, Tiradentes. Atualmente, a Maçonaria possui cerca de 90 lojas maçônicas jurisdicionadas ao Grande Oriente do Brasil em todo o território do Distrito Federal. A Maçonaria tem uma notável participação nos primeiros momentos da idealização de Brasília até a sua concretização, fato abordado por pesquisadores maçons, estando também relacionada às atribuições místicas à nova capital federal brasileira.

A Legião da Boa Vontade, por sua vez, foi fundada em Brasília em 1989, surgindo como uma das instituições responsáveis por manter a chama acesa do misticismo na região até a atualidade. Em 1956, Juscelino Kubitschek, já empossado, assinou um decreto que reconhece oficialmente a LBV como uma instituição de utilidade pública e federal, já que ela existia no Rio de Janeiro desde 1950. Portanto, conjecturo a representatividade da LBV no governo JK desde esse período. Atualmente, a LBV se destaca no turismo de Brasília, atraindo visitantes de várias partes do Brasil e do mundo.

Alguns pesquisadores demonstraram interesse por determinados aspectos desta aura mística de Brasília a qual me refiro. Analisando este panorama, tenho percebido uma tendência crescente de pesquisas que se debruçam sobre a pluralidade religiosa no Distrito Federal nas últimas décadas. Para isso, apresento, neste momento, o Estado da Arte da pesquisa com o intuito de contribuir para a gama de estudos que visam as tendências místico-religiosas contemporâneas em suas dimensões regionais.

A Sociologia foi a área pioneira a abordar o assunto. No ano de 1994, na Universidade de Brasília (UnB), um grupo de pesquisadores do Departamento de Sociologia iniciou suas investigações sobre a diversidade desses grupos, denominando-os como *místico-esotéricos*. Os pesquisadores adotaram o termo *adesão* para se referir aos indivíduos que aderem a esses grupos e a determinados comportamentos típicos do *habitus* neoesotérico. De acordo com os pesquisadores, esses grupos se consideram antidoutrinários e praticam terapias alternativas, criando um estilo de vida e se opondo às religiões tradicionais por questões como culpa, repressão, acumulação de riquezas, hierarquias e determinados rituais.

Bandeira, Costa, Osório e Siqueira (2003), representantes do grupo referido, realizaram uma pesquisa de campo² com o intuito de detectar e caracterizar estes grupos. Alguns destes grupos adotados como unidades de pesquisa demonstraram resistência em aceitar participar das entrevistas, problema que se tornou também barreira em minha trajetória. Os pesquisadores aplicaram questionários na sede dos grupos ou em seus locais de encontro. Aplicaram uma técnica denominada *bola de neve* que consiste em empregar entrevistas utilizando rede de amigos informantes. Desta forma, um adepto pode indicar outro que possa aceitar fazer a entrevista, e assim por diante.

Deis Siqueira e seu grupo catalogaram as principais instituições espiritualistas que se estabeleceram no Distrito Federal (lembrando que alguns já não estão mais presentes na região): Cavaleiros de *Maytreia*, Associação Cultural Brasil-China, Associação Holística Vale do Sol, Associação de Estudo Universal, Centro Eclético da Fluente Luz Universal, Cidade da Fraternidade, Cidade Eclética, *Collegium Lux*, Espaço Holístico *Lakshmi Vishnu*, Fé *Bahá'í*, Filhos da Terra, Igreja Messiânica, Fraternidade da Cruz e do Lótus, Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, Forças Mentais do Planalto, Fundação Arcádia, Osho Lua, Grupo Aglutinado da Nota Sol, Instituto *Branay*, Instituto *Solarion*, Legião da Boa Vontade, Movimento Gnóstico, Ordem dos Quarenta e nove, Rosacruz-AMORC, Ponte para a liberdade, Santuário Dourado, Sociedade de Eubiose, Sociedade Fraterna do Lótus Sagrado, Sociedade Internacional de Meditação, Sociedade Teosófica, *Sahaja Yoga*, Templo da Sabedoria *Jnana Mandiram*, Santo Daime e a União Vegetal (SIQUEIRA, 2003b, p. 27).

Há um grupo reduzido de historiadores que se interessaram pela religiosidade brasileira até o momento. Nesse sentido, pretendo contribuir, significativamente, com o

² A pesquisa foi realizada em 1996, quando os pesquisadores aplicaram 200 questionários com 73 questões para os adeptos de 46 grupos neoesotéricos. Questões fechadas procuravam detectar o perfil sociodemográfico em questões sobre a procedência religiosa destas pessoas, os grupos a que elas aderiram e os motivos, questões sobre a influência deste grupo na vida do adepto, questões com o objetivo de detectar suas opiniões sobre a predestinação geográfica do Distrito Federal, e fatores que mantêm esta pessoa ligada a este grupo.

objetivo de abrir um leque de possibilidades a novos pesquisadores, pois acredito que seja uma área que necessita de atenção.

Dentre eles, destaca-se a dissertação de Daniela Nunes de Araújo (UnB), intitulada *Fraternidade Eclética: compondo memórias e construindo identidades* (2011), que historiciza o êxodo da Fraternidade Eclética do Rio de Janeiro para Brasília. Dentre as diversas manifestações religiosas na capital, esta, na opinião da autora, apresenta um formato peculiar em sua organização sociocultural, por apresentar um caráter messiânico-milenarista. O grupo se fundamentou em profecias sobre uma terra prometida, a Nova Jerusalém, que veio ao encontro da visão de Dom Bosco. A pesquisadora mostrou que esse milenarismo remete à busca do paraíso terrestre, a partir da leitura de Jean Delumeau (1999). Essa transferência da comunidade do Rio de Janeiro para Goiás pode ser entendida, na opinião da autora, como fluxo de um contexto profano para um contexto com características sacralizadas. A pesquisadora propôs uma problematização sobre a utilização do termo *retorno do sagrado* a partir da leitura de Michel Maffesoli (2004), afirmando que não existem começos ou fins abruptos, pois a sociedade está em constante recomposição. Esses elementos nunca desapareceram, apenas estavam em posição secundária ou latente. No trato metodológico, a pesquisadora aplicou a História Oral como uma importante fonte para recuperar as memórias dos integrantes da comunidade em questão, além de suas observações participantes em pesquisa de campo sob os pressupostos da História Cultural.

Uma pesquisa de destaque é a tese do historiador Marcelo Rodrigues dos Reis (UnB) intitulada *Tia Neiva: A trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1925 – 2008)* (2008). Sua tese tem sido fundamental para a construção da presente pesquisa, pelo seu extenso caminho percorrido ao longo dos anos, examinando especificamente este grupo, que é muito importante para se compreender o panorama místico-religioso no Distrito Federal. Sua tese propõe uma análise específica da trajetória da líder religiosa conhecida como Tia Neiva, bem como a sua importância na fundação da comunidade Vale do Amanhecer. Tia Neiva entendia Brasília como a terra prometida, dentro daqueles ideais utópicos sob os quais a nova capital foi fundada. O autor analisa o Vale do Amanhecer como um grande atrativo turístico do Distrito Federal pela sua monumentalidade, ritualidades, atendimento espiritual e até mesmo pela curiosidade que o local desperta. Na verdade, sua tese é parte do caminho percorrido pelo pesquisador em sua carreira acadêmica.

O autor dialoga com a Antropologia Cultural, na qual destaca-se Clifford Geertz e a sua hermenêutica dos discursos religiosos em várias de suas obras, o cientista da religião Mircea Eliade e a socióloga Deis Siqueira. Marcelo Reis afirma que o Vale é pouco explorado pela

academia, mas que ainda deve suscitar muitos pesquisadores por representar um “espaço privilegiado de engendramento e reconfiguração de performances identitárias” (REIS, 2008, p. 26). O autor afirmou que Brasília não teve apenas o compromisso com a modernidade em suas bases formadoras, mas também imaginários utópicos transcendentais.

Outra pesquisa que merece citação é a dissertação de Josias Alves da Costa, intitulada “*Capital da Esperança*”: *As manifestações do arquétipo de espaço sagrado na geografia de Brasília* (2014) do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PUC). A dissertação indaga a respeito das configurações das formas dos edifícios de Brasília, como portadores de fortes cargas simbólicas místicas. Para isso, aplica o conceito de arquétipo³ formulado por Platão e posteriormente por Carl Jung⁴. As formas surgem primeiro no âmbito da imaginação, para depois materializar-se. Para entender esse processo, Costa aplica os conceitos de Jean-Paul Sartre e Gilles Deleuze. Essas formas também irão se comunicar e estabelecer vínculos de significações mais profundas, e para isso, os estudos de iconografia e iconologia de Panofsky se fazem presentes. O pesquisador aplicou estas análises com o objetivo de procurar entender a origem das formas arquetípicas presentes nos templos e outros edifícios de Brasília, investigando também os pressupostos utilizados por seus arquitetos e construtores.

Atribuir sentido simbólico às imagens vistas no cenário urbano da cidade de Brasília se torna um grande desafio a qualquer observador. Como sede do poder político nacional e resultado de diversas confluências migratórias populacionais do País, Brasília e suas representações simbólicas se constituem no resultado de diferentes momentos específicos da produção cultural da história do Brasil. Tal condição, certamente, contribuiu para a visão dos primeiros idealizadores da futura capital. (COSTA, 2014, p. 97).

Costa (2014, p. 16) iniciou sua pesquisa indagando: “Como uma cidade projetada por homens não ligados a uma religião e que não davam valor às questões religiosas, chegou a ser uma das cidades brasileiras com o maior número de construções remetendo à mística de espaço sagrado?”. Mesmo as demais edificações, que não foram construídas com finalidade religiosa,

³ Costa (2014, p. 21) afirma que Platão aparece como o postulador da ideia de arquétipo, o que influenciou posteriormente a teoria arquetípica de Jung. Assim, o autor entende que Platão concebia o mundo das ideias como progenitor do mundo real. “O mundo das ideias seria o início mental e sentimental de qualquer construção no mundo das formas, lá se começava a imaginar como seria feita a visibilidade da forma. A forma visível era a melhor maneira de expressar essa sensação, de torná-la conhecida. Possivelmente, neste ponto, começa a se construir o conceito de arquétipo [...]”. A Torre de Babel seria exemplo de um arquétipo dos monumentos antigos, que foi utilizado como modelo para a construção de outras edificações.

⁴ De acordo com Costa (2014, p. 26), Jung teria adaptado a teoria arquetípica de Platão, compreendendo que “sua definição sobre arquétipo parte do princípio de que o ser humano já carrega consigo todas as teorias arquetípicas, surgindo em momentos de necessidade a materialização dessas teorias. É, neste ponto, que Platão e Jung comungam da mesma ideia”. Os arquétipos assim transparecem, através de rituais e símbolos como reflexo do inconsciente humano, seja em nível individual ou coletivo.

na hipótese de Costa, também demonstram formatos oriundos de espaços destinados a antigos ritos, como é o exemplo dos edifícios que possuem formato piramidal, como o antigo prédio da Companhia Energética de Brasília (CEB) e o Teatro Nacional. Ao mesmo tempo, muitas são as edificações religiosas que apresentam formato piramidal, como a Ermida Dom Bosco, a Catedral Rainha da Paz e a Capela da Polícia Militar do Distrito Federal.

Analisando o conjunto apresentado de pesquisas nas diversas áreas, percebo que, inicialmente, houve uma catalogação dos grupos existentes no Distrito Federal, e uma análise sociológica das práticas de seus adeptos. Depois, apareceram as pesquisas que se debruçaram sobre uma instituição específica, como foi o caso do Vale do Amanhecer e da Cidade Eclética, que têm algo em comum e estão entre as mais antigas.

Percebo as contribuições que esta proposta pode proporcionar. Analisar estes grupos é importante, à medida que podemos conhecer a diversidade de pensamentos que imputaram as diversas representações místicas à Brasília. Além disso, espero que essa tese possa suscitar outros pesquisadores no sentido de buscarem os diversos grupos existentes na região, já que estamos tratando de um universo plural. Muitas dessas comunidades ainda não receberam atenção por parte do universo acadêmico, e acredito que, a partir dessa iniciativa, posso contribuir para a sua visibilidade e superação das diferenças e preconceitos religiosos.

Pelo fato de esta pesquisa abordar um fenômeno religioso plural, percebo a importância de abordar neste momento o conceito central da pesquisa, que autoriza a chegada desses grupos espiritualistas e a sua pluralização – o conceito de *modernidades múltiplas*.

O desenvolvimento da modernidade ao longo do século XX gerou potencialidades destrutivas, gerando radicais críticas que enfatizavam seus efeitos negativos sobre o mundo e a sociedade, como foi o caso do holocausto, “[...] que teve lugar no centro da modernidade, foi a sua manifestação extrema e tornou-se um símbolo do seu potencial negativo e destrutivo, da barbaridade latente no interior do seu próprio centro” (EISENSTADT, 2001, p. 148). Concomitantemente, emergiram modernidades distintas nos outros continentes, como é o caso do americano, refletindo novas concepções e consciências coletivas. Outros aspectos a serem considerados são as disparidades entre as Américas, já que os Estados Unidos, via-se cada vez mais como o “centro” da modernidade, e seu imperialismo econômico e militar criou problemas.

Paul Ricoeur (2007, p. 312) acrescenta que a ideia de modernidade seria uma novidade, implicando um desprezo pelos tempos anteriores, assim tachados como ultrapassados. O século das luzes fez a Idade Média parecer “trevas”. Seria uma oposição do “antiquado” ao “moderno”. Inclusive, o autor nos chama a atenção para o emprego do termo – modernidade. Nós temos a

nossa modernidade, mas os outros tiveram a sua própria. No entanto, na Europa, foi utilizado como uma forma de ruptura com o passado, designando o período do triunfo da razão sobre a fé. De fato, a modernidade é ao mesmo tempo autovalorizadora e autorreferencial. Ela caracteriza a si mesma como uma época superior.

Alguns sociólogos⁵ entendem que a *pós-modernidade* em suas variantes conceituais (*modernidade reflexiva*⁶, *tardia* ou *alta modernidade*⁷), são conceitos apropriados para concatenar a essas mudanças que estão ocorrendo a nível mundial.

A *pós-modernidade* é um termo polissêmico, controverso, desafiador e complexo. Alvo de controvérsias entre os sociólogos e historiadores, é muitas vezes relacionado a um rompimento epistemológico com os paradigmas modernos. Assim, ela caracterizaria mudanças socioculturais e a emergência de um momento pós-industrial. Tem como os principais expoentes Jean-François Lyotard, Jean Baudrillard, Fredric Jameson, Richard Rorty, Peter Gay e Gianni Vattimo, que realizaram uma crítica às metanarrativas modernas, pautadas no progressismo, modernismo e racionalidade. Esses autores entendem que a pós-modernidade significa o fim da utopia, sendo um período marcado pelo surgimento das paródias ou pastiches na estética, e o sincretismo cultural como uma crítica à linearidade e às hierarquias ocidentais (AFIUNE, 2016).

⁵ Anderson (1999) historiciza a origem do termo pós-modernidade, procurando compreender os seus diversos desdobramentos epistemológicos. Um deles refere-se ao termo “pós-modernismo” que surgiu primeiramente na América Hispânica na década de 30, e depois se difundiu pela Inglaterra e Estados Unidos. O termo seria o pioneiro, referindo-se aos movimentos estéticos de vanguarda, que estariam ocorrendo como uma forma de refluxo dentro do próprio modernismo. A pós-modernidade, por sua vez, surgiu relacionada aos movimentos políticos, sociais e econômicos. Lyotard abordou o tema em 1979, ao considerar uma sociedade pós-industrial afetada por mudanças na ciência e nas artes, processo que se embriona no final do século XIX, estando mais visível no século XX, a partir da década de 50. Emerge um período saturado de informações, que circulam de forma dinâmica e atemporal. O que é típico das sociedades pós-industriais é a característica da valorização mais da imagem do que do próprio objeto, em um processo de substituição do original pelo simulacro.

⁶ Ulrich Beck (1997) caracteriza a pós-modernidade como uma fase da modernidade, a que ele denomina de reflexiva. A reflexividade se contrapõe à ideia de que existe somente uma forma de modernidade, a sociedade industrial. O Ocidente se deparou com percursos desafiadores de suas bases sociais e políticas. O Ocidente começou a repensar a sua trajetória, que está se desmoronando por causa de seus próprios feitos. De tal modo, a modernização reflexiva representa “a possibilidade de uma (auto) destruição criativa para toda uma era: aquela da sociedade industrial” (p. 12).

⁷ Modernidade tardia ou alta modernidade, são conceitos aplicados por Anthony Giddens (2002) ao caracterizar um mundo passivo dos riscos gerados pelos efeitos da modernidade, gerados pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia. A tecnologia moderna alterou as relações entre a organização social e o meio ambiente. Esse desenvolvimento tecnológico criou um mundo mais ameaçador do que promissor. Na modernidade, os perigos que a humanidade enfrenta vão muito mais além dos perigos cataclísmicos da natureza. O impacto que a industrialização exerceu sobre a natureza trouxe consequências muito mais severas. A alta modernidade, assim, é marcada pelo autor como um período em que o ceticismo em relação à providência divina se generalizou, mas ao mesmo tempo, reconheceu-se também os dois lados da ciência, a sua dimensão benéfica e a de perigo, dialogando diretamente com a “sociedade de risco” de Ulrich Beck. O autor parte da compreensão do termo modernidade como “[...] um sentido muito geral para referir-me às instituições e modos de comportamento estabelecidos pela primeira vez na Europa depois do feudalismo, mas que no século XX, se tornaram mundiais em seu impacto. A modernidade pode ser entendida como aproximadamente equivalente ao ‘mundo industrializado’, desde que se reconheça que o industrialismo não é sua única dimensão institucional [...]” (p. 21).

A *pós-modernidade* provocou uma intensa discussão nas ciências humanas e sociais na década de 70, quando muitos teóricos publicaram obras a respeito do debate sobre o termo. Uma das mais expressivas foi *A Condição pós-moderna* de Jean-François Lyotard (2009), que caracteriza o termo como um conjunto de transformações socioculturais ocorrida com a crise dos grandes relatos do século XIX. O termo também sinaliza a emergência de uma sociedade “pós-industrial”, que teria emergido por volta dos anos 50 (p. 07). Lyotard (2009) esclarece que há uma crítica dos metadisursos modernos, como “verdade”, “sujeito”, “ordem” e “progresso”. A *pós-modernidade* desconstrói estes discursos, como uma superação das metanarrativas características da modernidade como as grandes ideias clássicas e instituições ocidentais como a razão, a religião e o Estado. O autor sugere que emerge uma nova concepção de ciência no momento de informatização. O conhecimento se tornou a principal força econômica de produção e a ciência não poderia mais estabelecer um monopólio sobre a verdade frente às outras formas de conhecimento (AFIUNE, 2016).

Para Giddens (1991), a *modernidade tardia* é caracterizada como um conjunto de discontinuidades, não podendo ser considerada consequência ou uma mera sucessão da modernidade. Contudo, ele considera evidentes as transformações que têm ocorrido a partir da segunda metade do século XX e o momento de incerteza entre vários intelectuais. Isso ocorre, porque a modernidade, baseada nos preceitos iluministas, ao defender a razão, substituiu uma “certeza” por outra, ao trocar a fé pela razão. Em um processo autorreflexivo, ela acarretou a consciência da incerteza (p. 220 - 223).

A *pós-modernidade* foi vista por Gilles Lipovetsky e Sébastien Charles (2004) de forma mais crítica, já que o autor percebe que o termo é problemático, por parecer indicar uma ruptura histórica e aparentar ambiguidade. Porém, ele admite que ocorreram mudanças sociais em vista de um declínio das formativas institucionais e das tradições. De tal modo, ele aplica o termo *hipermodernidade*, ao perceber uma turbulência dos “hipers” na sociedade contemporânea, um superlativo das características da modernidade, como o hiperconsumo, hipercapitalismo e o hipernarcisismo. Os autores acreditam que a *pós-modernidade* não poderia indicar uma superação da modernidade, mas uma nova etapa.

O pós, de pós-moderno, ainda dirigia o olhar para um passado que se decretara morto; fazia pensar numa extinção sem determinar o que nos tornávamos, como se se tratasse de preservar uma liberdade nova, conquistada pelo rastro da dissolução dos enquadramentos sociais, políticos e ideológicos (p. 53).

Para Charles e Lipovetsky (2004), a modernidade não se esvaneceu, pois há uma modernização desenfreada, um liberalismo globalizado e uma mercantilização de modos de vida, emergindo assim uma segunda modernidade, por sua vez, desregulamentadora, individualista, efêmera, imediatista e globalizada. Então, não há uma negação do passado, mas a sua reintegração de acordo com as lógicas de mercado e da individualidade. Assim, o autor caracteriza a hipermodernidade como um contexto social paradoxal:

Uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente como nunca antes se foi aos grandes princípios estruturantes da modernidade, que precisaram adaptar-se ao ritmo hipermoderno para não desaparecer [...] Os indivíduos hipermodernos são, ao mesmo tempo, mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos (*ibidem*, p. 26 – 27).

Charles e Lipovetsky (2004), também descrevem que ocorre um retorno ao passado, que vai muito além do “retrô” ou do patrimônio histórico, porque se expressa a partir do retorno das espiritualidades e o surgimento de novas identidades. Esse seria um fortalecimento de referências ao passado, para mostrar que se têm raízes. Assim, ocorre um processo de fragmentação religiosa, que retoma mitos fundadores e patrimônios históricos e culturais. Essa efervescência religiosa cria para si um cardápio individualizado de práticas que retomam tradições culturais ocidentais e orientais. “A Era hipermoderna não põe fim à necessidade de apelar para tradições de sentido sagrado; ela simplesmente as rearranja mediante individualização, dispersão, emocionalização das crenças e práticas” (p. 93 – 94). Para o autor, a religião encontra terreno fértil para crescer no ambiente inseguro, individualista e incerto. A própria secularização promove essa recomposição da esfera religiosa, que passa a ser adaptada e subjetivada. A identidade do indivíduo é autoquestionada, tornando-se aberta e flexível. A *hipermodernidade* revisita as memórias e os patrimônios simbólicos, realizando um processo de hibridização de crenças tradicionais com novos conhecimentos.

Portanto, todos esses autores citados mesmo em suas divergências, apontam para uma tendência à reconstrução das identidades e a importância do hibridismo cultural nesse panorama seja ele *pós-moderno*, *moderno reflexivo* ou *hipermoderno*.

Desta forma, me posiciono a partir da leitura de Nestor Garcia Canclini (2003), que adverte que é preciso ir além das bibliografias pós-modernas, já que aqui no nosso continente, ainda existem objetivos modernizadores, seja na política ou nas demais estruturas de poder. “Por que vamos ficar nos preocupando com a pós-modernidade se, no nosso continente, os avanços modernos não chegaram de todo, nem a todos?” (p. 24).

Ainda que o liberalismo tenha alcançado níveis globalizantes, aqui na América Latina nós ainda carecemos de uma coesão política e social, mesmo se considerar as especificidades de cada país. A modernidade aqui, de acordo com Canclini, seria uma máscara utilizada pelas elites, os Estados e seus populismos. O autor afirma que: “Tivemos um modernismo exuberante com uma modernização deficiente” (*ibidem*, p. 67). Assim, ele defende que o erro está na atitude de comparar a nossa modernidade com a modernidade dos países centrais. A pós-modernidade, na sua opinião, não seria uma etapa consecutiva da modernidade, mas uma forma de problematizar seus equívocos em relação à tradição que ela havia excluído ou tentado superar.

O autor questiona o porquê de muitos defensores da modernidade, que se anunciam como superadores do antigo e do tradicional, estarem cada vez mais sentindo atração pelo passado. Para responder a essa pergunta, Canclini indica que há uma necessidade de se conferir um passado mais denso ao presente, e em segundo lugar, pelas necessidades políticas de legitimação de uma hegemonia cultural.

Nesse período em que estamos vivendo, em que a modernidade está sendo questionada, muitas atitudes começam a procurar o retorno a um passado imaginado como algo melhor. Essa evocação de tempos remotos reinstala na vida contemporânea certas formas do arcaico⁸ que a modernidade parecia ofuscar. As comemorações oficiais e datas comemorativas das cidades se tornam compensatórias no sentido de se valorizar os saberes tradicionais, já que as ideologias modernas já não parecem mais ser úteis (*ibidem*, p. 166).

Segundo Boaventura de Sousa Santos (2008), os próprios cientistas, durante o século XX, perceberam que os paradigmas modernos ocidentais não se aplicavam mais na prática científica. Essa desconstrução paradigmática propôs uma nova primazia pelo conhecimento, para superar as velhas dicotomias, como natureza / sociedade, conhecimento científico / saberes tradicionais. “Por essa via, a crítica da modernidade redundava paradoxalmente na celebração da sociedade que ela tinha conformado” (p. 17).

Boaventura S. Santos (2008, p. 21) me auxilia no entendimento de que há limitações no emprego do termo pós-moderno, pois o autor acredita que a *pós-modernidade* supõe uma sequência temporal e uma negação da modernidade. Devido ao fato de que os desenvolvimentos científicos não se perfazem de forma homogênea entre os diversos países, a pós-modernidade

⁸ “O *arcaico* é o que pertence ao passado e é reconhecido como tal por aqueles que hoje o revivem, quase sempre de um modo deliberadamente especializado. Ao contrário, o *residual* formou-se no passado, mas ainda se encontra em atividade dentro dos processos culturais. O *emergente* designa os novos significados e valores, novas práticas e relações sociais” (CANCLINI, 2003, p. 198). (grifos do autor).

só poderia ser atribuída àqueles que passaram pela fase da modernidade. Existem modernidades alternativas, devido às diferenças históricas entre os países. Para o autor, os pós-modernos são tão desesperados e melancólicos, que estão repletos de estereótipos a respeito dos países do Sul. Entretanto, ele admite que as concepções pós-modernas e pós-estruturalistas contribuíram para a emergência do *pós-colonialismo*.

Os países subalternos só participaram da modernidade nos processos de violência e exclusão epistêmica, ontológica, econômica, enfim, em todos os campos, mas como vítima. Boaventura S. Santos (2008, p. 18) procura debater sobre qual o sentido e os limites dessas críticas à modernidade, tanto pela *pós-modernidade*, quanto pela *pós-colonialidade*. Na sua opinião, seria um erro contrapor ambas, mas é necessário compreender que não é o suficiente para refletir sobre as problemáticas trazidas à tona pela *pós-colonialidade*. Assim, o autor entende por *pós-colonialismo*:

Entendo por pós-colonialismo um conjunto de correntes teóricas e analíticas, com forte implantação nos estudos culturais, mas hoje presentes em todas as ciências sociais, que têm em comum primazia teórica e política às relações desiguais entre o Norte e o Sul na explicação ou na compreensão do mundo contemporâneo. Tais relações foram constituídas historicamente pelo colonialismo e o fim do colonialismo, enquanto a relação política não acarretou o fim do colonialismo como relação social, enquanto mentalidade e forma de sociabilidade autoritária e discriminatória (*ibidem*, p. 18).

Após 1914, existe uma queda da centralidade da Europa, culminando com a crise das instituições e dos seus valores. Essa ideia é central no *pós-colonialismo* e na *pós-modernidade*. Mas Boaventura tem uma postura crítica quanto à *pós-colonialidade*, pois acredita que se deve considerar os diferentes colonialismos praticados pelos países europeus, e que não se pode generalizar.

O Ocidente tomado como uma vanguarda de todo o progresso da humanidade, foi pensado por alguns autores como José Joaquín Brunner, como se a colonialidade fosse o passado da modernidade, a partir da hipótese de que para se adentrar na modernidade, era necessário, primeiro, sair da colonialidade, a partir de uma perspectiva teleológica. Por outro lado, sabemos que o conceito de colonialidade foi proposto por Aníbal Quijano nos anos 80, a partir do termo “colonialismo”, que procura elucubrar o desenvolvimento da civilização ocidental desde o Renascimento, a partir do qual, houve vários colonialismos. Assim, Walter D. Mignolo, ao analisar a proposta de Quijano, entende que a colonialidade seria um lado obscuro da modernidade, sendo esta, uma narrativa cujo ponto de partida foi a Europa, que construiu todo o conceito de civilização ocidental, acreditando então que a colonialidade faça parte da

modernidade, como dois lados da mesma moeda. Modernidade e colonialidade não podem ser separadas, pois uma é constituinte da outra.

Em vista do esgotamento epistemológico moderno, que a partir da década de 70 se tornou chave dos excitados debates entre os cientistas sociais, nasceu o conceito de *modernidades múltiplas* (EISENSTADT, 2001). Esse conceito considera as diversas trajetórias históricas dos países, principalmente os descolonizados, dentro dos debates decoloniais⁹. Esse novo olhar nos auxilia a compreender a especificidade brasileira no contexto da modernidade religiosa.

Entendo que a modernidade não aconteceu da mesma forma em todos os continentes. Ao tratar a modernidade no Brasil, precisamos entender que existem outras modernidades, que aqui denominamos de *modernidades múltiplas*. E neste contexto, considero que o termo *pós-modernidade* não é aplicável, já que em primeiro lugar, ele não se constitui como uma fase sucessiva da modernidade, pelo seu caráter autônomo. Em segundo lugar, e mais importante, ele não pode ser aplicado às sociedades latino-americanas, assim como os debates pós-coloniais e decoloniais denunciaram. Para o fenômeno em questão, acredito que os conceitos de *modernidades múltiplas* e *modernidade religiosa* são os mais adequados para dar conta do dinâmico panorama religioso contemporâneo brasileiro.

Shmuel Noah Eisenstadt (2001, p. 139), propõe uma abordagem múltipla acerca do mundo contemporâneo, que considera a diversidade de programas culturais, com duas abordagens: a primeira separa as ideias de modernidade e ocidentalização, já que o Ocidente não pode ser tomado como padrão de desenvolvimento para as demais regiões, adotando a

⁹ O Grupo Latino-Americano de Estudos Subalternos surgiu em 1992 e se inspirou no grupo de Estudos Subalternos Sul-Asiáticos, por sua vez, presidido por Ranajit Guha. Os latino-americanos Santiago Castro-Gómez, Aníbal Quijano e Eduardo Mendieta procuraram implementar esses estudos em seu contexto específico, mas mostrando que era necessário, além de romper com as epistemologias ocidentais, entender que a América Latina tem uma trajetória diferente da indiana. Walter Dignolo pensava que as influências de Ranajit Guha, Gayatri Spivak e Homi Bhabha (grupo de estudos subalternos sul-asiáticos), não deveriam ser aplicadas ao caso latino-americano. O grupo de estudos se fragmentou, surgindo o Grupo Modernidade / Colonialidade (1998). Este grupo seria uma forma mais radical da crítica antieurocêntrica. Dignolo foi o crítico mais ferrenho, por acreditar que havia ainda um imperialismo epistemológico nos estudos subalternos / pós-colonialistas. Grosfoguel o acompanha em suas críticas. Com eles, estavam a Catherine Walsh, Boaventura de Sousa Santos, Enrique Dussel, dentre outros. O termo “decolonial” se deve à sugestão de Catherine Walsh, que propôs a retirada do “s” para representar a nova proposta do seu grupo Modernidade / Colonialidade. Eles diziam que se inspiraram no pós-colonialismo, mas como criaram outro grupo, deram origem ao termo - projeto decolonial retirando o “s” propositalmente, assim como nos explica a própria autora: “Suprimir la “s” y nombrar “decolonial” no es promover un anglicismo. Por el contrario, es marcar una distinción con el significado en castellano del “des”. No pretendemos simplemente desarmar, deshacer o revertir lo colonial; es decir, pasar de un momento colonial a un no colonial, como que fuera posible que sus patrones y huellas desistan de existir. La intención, más bien, es señalar y provocar un posicionamiento –una postura y actitud continua– de transgredir, intervenir, in-surgir e incidir. Lo decolonial denota, entonces, un camino de lucha continuo en el cual podemos identificar, visibilizar y alentar “lugares” de exterioridad y construcciones alternativas.” (WALSH, 2009, p. 14 - 15).

palavra “modernidade” no plural, e a segunda abordagem entende que as diversas modernidades não são estáticas, pois demonstram uma constante mutação.

Além disso, ao tratar o caso de Brasília, Luís Sérgio D. da Silva (2017, p. 106), nos auxilia a compreender que a especificidade do contexto histórico e social da capital desenvolveu um universo simbólico e um ambiente em que proliferaram as novas experiências. Assim, nasceu “um modelo alternativo de desenvolvimento da subjetividade moderna, possível na periferia devido à convivência contundente de valores tradicionais e racionais em condições extraordinárias”. Coexistiram diferentes organizações societárias, nas quais a liberdade e a tradição se combinaram de forma a garantir uma identidade específica a Brasília. Para o autor, Brasília foi um local de teste para a tentativa de uma nova modernidade no Brasil, em que se atribuiu uma nova identidade nacional. O autor defende que entre os anos de 1957 e 1964, um novo processo de modernização teria se desenvolvido e que a partir do golpe de 64, teria tomado uma dimensão autoritária. Conjecturo, a partir do autor, que os países periféricos desenvolveram sua própria modernidade, a partir de seus contextos histórico-culturais extraordinários, como é o caso do Brasil na década de 50. Por isso, os conceitos de *modernidades múltiplas* ou *alternativas* se fazem epistemologicamente condizentes com o panorama pesquisado.

A estrutura da tese está subdividida em duas partes: a primeira intitulada *Quando a política se apropria do misticismo* é composta pelos capítulos 1 e 2. O capítulo 1, intitulado *O Paraíso Terrestre*, trata de elucubrar o primeiro momento responsável pela apropriação de elementos místicos, por parte de estadistas brasileiros, como uma estratégia política para corroborar com o seu projeto. Como sabemos que a ideia da construção da nova capital já demonstrava sinais desde o século XVIII, foi necessário abordar esse contexto histórico anterior, que apresentou vários fatos sucessivos que evoluíram para a concretização dessa ideia.

Aqui, a natureza é a protagonista, pois vários de seus elementos foram mistificados a partir dessas intenções políticas. Pretendo mostrar a gênese de Brasília, da utopia ao misticismo. Esta é a primeira representação a respeito de Brasília, mesmo ainda sem nome, sem território definido, sem proposta concreta. Foi essa representação que permaneceu durante anos e que levou às primeiras iniciativas de abordagem do território, dos estudos sobre a região, decretos oficiais governamentais, e mobilizações pela transferência da capital do Rio de Janeiro. Para esta discussão, tenho como fontes a literatura de viagem, literatura esotérica, literatura regional, informações e imagens captadas durante minhas pesquisas de campo, documentos históricos, como o Auto de Devassa da Inconfidência Mineira, o Relatório Cruels, publicações da NOVACAP, decretos governamentais e publicações do *Correio Braziliense*.

O capítulo 2 - *A Terra Prometida*, por sua vez, analisa os primeiros momentos da construção de Brasília e as suas bases religiosas. Analisa toda a mobilização frente a um projeto considerado utópico, e para se tornar realidade, os mudancistas desenvolveram uma estratégia que se baseava em elementos místicos a partir das interpretações do sonho de Dom Bosco. Ao tempo de sua fundação, Brasília, um projeto de capital que nasce sob as bênçãos de Deus, predestinada e profetizada por um padre canonizado¹⁰, presente em um dos países mais católicos do mundo, presumia-se que seria um empreendimento de sucesso. A partir da popularização das profecias, muitas interpretações e especulações, a respeito da importância de Brasília, emergiram e atraíram uma heterogeneidade de grupos religiosos e filosóficos, marcando um novo tempo de sincretismos religiosos. Brasília evadiu do domínio católico, tornando-se protagonista de mudanças planetárias próprias das crenças da Nova Era.

Outra análise pertinente a este momento é a relação entre Brasília e Goiânia, tanto a partir das ações dos mudancistas goianos em apoio ao projeto da capital federal, quanto à questão da “disputa” pelo protagonismo na modernidade no Centro-Oeste. Todos esses debates possuem o objetivo de mostrar a segunda face de Brasília, a emergência das representações de seu território como a terra prometida, que atraiu pessoas de diversas partes do Brasil com expectativas de uma nova vida. Para este capítulo, tenho como fontes as biografias, autobiografias e discursos de Juscelino Kubistchek, publicações da NOVACAP, relatórios de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, literatura regional, literatura esotérica, iconografias, publicações do *Diário da Manhã e Correio Braziliense*, palestras que acompanhei na Eubiose, entrevistas aplicadas a moradores de Brasília, Censos do IBGE, e a obra *Memórias Biográficas* (1935) de Dom Bosco.

A segunda parte da tese, intitulada *Quando o misticismo se acopla à política*, procura mostrar que ocorreu em um segundo momento um caminho inverso, quando os diversos misticismos passaram se acoplar ao projeto político que engendrou o advento de Brasília. Isso ocorreu porque tal projeto político, ao se apropriar de elementos místico-religiosos para fortalecer sua propaganda, acabou pavimentando o caminho para que as diversas entidades de orientação mística se sentissem empoderadas em relação à Igreja Católica. De tal modo, essas entidades se fixaram em Brasília devido a essas, digamos, políticas inclusivas levadas a cabo pelos mudancistas.

¹⁰ “São João Bosco, o fundador da Congregação dos Salesianos, nasceu em 16 de agosto de 1815, em Becchi, município de Castelnuovo d’Asti, hoje Castelnuovo D. Bosco, Itália, e faleceu em 31 de janeiro de 1888, em Turim. Foi canonizado por Pio XI em 1º de abril de 1934. São muito conhecidas as faculdades sobrenaturais de vidência do grande educador” (NOVACAP, 1957, p. 16).

Aqui, estabeleço o recorte temporal a partir de 1962, quando grande parte¹¹ dos grupos místicos, religiosos e esotéricos começam a migrar para a região, estabelecendo filiais ou sedes. Temos aqui o terceiro capítulo, intitulado *A Capital do Terceiro Milênio*, que analisa os discursos místicos a respeito da centralidade espiritual de Brasília. Esses grupos passaram a valer-se de elementos políticos para destacar a sua importância como suportes espirituais necessários para o sucesso da nova capital. Nesse contexto, destaco a Sociedade Brasileira de Eubiose, instituição na qual realizei pesquisas de campo aplicando entrevistas, participando de palestras e outras atividades abertas ao público, realizando a leitura de suas produções bibliográficas, acompanhando suas publicações oficiais através da *Revista Dhâranâ*, e mantendo contato com membros.

Outra análise que realizo neste capítulo é o debate a respeito da progressiva flexibilidade do catolicismo a partir da década de 50, diante de novas formas de religiosidades, atribuindo uma identidade ecumênica a Brasília. Esses novos grupos estavam se proliferando e migrando para a região, fazendo parte de um processo mais amplo de pluralização religiosa que estava ocorrendo no Brasil. Essa flexibilização religiosa, na contemporaneidade, faz parte de uma discussão teórica a respeito da *modernidade religiosa* debatida pela socióloga Danièle Hervieu-Léger (2015).

Além dos materiais coletados na Eubiose, tenho como fontes para este capítulo outras literaturas esotéricas, livros hindus, mapas esotéricos, entrevistas, estudos ufológicos (*Revista UFO*, Erich von Däniken, Bary Gates, Carl Sagan), relatórios da FAB (Força Aérea Brasileira)

¹¹ A Fraternidade Eclética foi fundada por Yokanam Oceano de Sá, na cidade do Rio de Janeiro, em 1946. Em 1956, transferiu a sua sede da cidade do Rio de Janeiro para o município de Santo Antônio do Descoberto (GO), localizado na microrregião do Entorno do Distrito Federal, fundando a Cidade Eclética Fraternidade Universal. A instituição descreve que eram realizadas peregrinações por volta de 200 quilômetros a pé, em torno da cidade, quando ainda estavam no Rio de Janeiro, atingindo as suas cidades vizinhas, com o objetivo de praticar a caridade aos necessitados. Isso era possível através de doações diversas. Eles foram os pioneiros de um período marcado por peregrinações religiosas à nova capital. Cerca de 300 famílias fizeram parte desse Êxodo do Rio de Janeiro para Santo Antônio do Descoberto, e alguns deles não suportaram as dificuldades encontradas e retornaram. O fundador da Fraternidade, Yokanam Oceano de Sá, conhecido como o Mestre Yokanam, desde cedo demonstrava habilidades mediúnicas e passou por vários centros espirituais do Brasil aperfeiçoando-se. Começou a pregar uma doutrina cuja pretensão seria unificar várias escolas espiritualistas internacionais, como a Rosacruz e a Teosofia, fundando a Doutrina Eclética. Yokanam já atuava no Rio de Janeiro desde 1942. Realizei uma visita no templo. A recepção é muito gentil e se preocupa em deixar os seus visitantes confortáveis. Participei de um rito da Umbanda, que é aberto a público, qualquer pessoa pode se adentrar e participar. Geralmente, percebo que as pessoas procuram este momento em específico para ter contato com as entidades para receber bênçãos, orientações, orações, dentre outros cuidados, no trato com a dimensão psíquica, espiritual e física. Muitos buscam a cura de doenças e orientação para problemas pessoais. Percebo também que as pessoas que procuram o grupo são em grande parte pessoas humildes, lembrando que a instituição oferece todos estes serviços espirituais gratuitamente, já que também atua efetivamente em outros trabalhos sociais. Após os trabalhos, os médiuns e adeptos nos orientam para leituras sobre o Espiritismo, e a respeito das próximas ritualidades que ocorrem semanalmente, deixando claro que as suas portas estão abertas para que essas pessoas possam retornar.

disponibilizados pelo Arquivo Nacional e do GEU (Grupo de Estudos Ufológicos da Unb), publicações do *Diário de Notícias* e literatura regional.

Por último, o quarto capítulo – *A Nova Akhetaton* analisa um contexto permeado pelo misticismo mais exacerbado, que busca nas civilizações orientais clássicas afamadas, a base para justificar o protagonismo de Brasília frente a uma renovação espiritualista proeminente no século XXI. Nesse contexto, a civilização egípcia antiga se destacou, sendo utilizada pelos grupos místicos e esotéricos a partir de seus “grandes feitos” que marcaram a história da humanidade. Para entender esse fenômeno, aplicamos a discussão sobre o Orientalismo e a Orientalização do Ocidente para compreender que o Oriente foi mistificado por parte do Ocidente. Após essa discussão, pretendo desenvolver os debates a respeito da Egiptomania no Brasil, mostrando que em Brasília, temos muitos exemplos do que os pesquisadores brasileiros desta área têm investigado, como os formatos piramidais nas edificações. Brasília apresenta muitos destes formatos em sua arquitetura monumental, bem como, nas arquiteturas de grupos esotéricos e até mesmo em igrejas católicas. Além disso, os estudos da egiptóloga Iara Kern (1984) auferiram espaço dentro do âmbito místico, por relacionar Brasília à antiga cidade egípcia de Akhetaton e o presidente JK ao faraó Akhenaton. Uma fonte privilegiada é o documentário *Brasília Secreta* (1984), um aparato audiovisual que está no acervo da Biblioteca Central da UnB e disponível na internet, que explora a teoria de Iara Kern com a coautoria do professor Ernani Pimentel, apresentando entrevistas com os pesquisadores, bem como com o arquiteto Gladson da Rocha, autor do projeto da pirâmide da Companhia Energética de Brasília (CEB). O livro de Iara Kern traz obras do artista plástico Byron de Quevedo¹², que também são fontes importantes para a pesquisa.

Vislumbro que essa quarta representação de Brasília, por sua vez, a *Nova Akhetaton*, começou a se ramificar em diversas estruturas narrativas, não restringindo-se à Egiptomania. Na tentativa de confirmar essa proposição, realizei as pesquisas em três instituições, cada qual com a sua própria representação sobre Brasília: o Vale do Amanhecer, que entende Brasília como um lugar sagrado; a Maçonaria, que representa Brasília como a nova árvore da vida; e a Legião da Boa Vontade, que explora a arte divinatória do tarô, imprimindo nas edificações de Brasília símbolos ocultos, procurando também realizar projeções futuras sobre a capital. O que todos possuem em comum são as apropriações contemporâneas das antigas sabedorias orientais, como as egípcias e as hebraicas.

¹² Sua coleção, intitulada *Brasília Mística*, é composta por dez telas, que foram expostas entre os dias 16 e 22 de novembro do ano de 1984, em uma exposição no Banco Central.

Realizei pesquisas de campo, entrevistas, observações participantes e leituras de suas produções bibliográficas e audiovisuais. No Vale do Amanhecer, tive a oportunidade de vivenciar uma experiência social única, uma comunidade que vive em função de suas doutrinas e que escolheu o espaço para a sua implantação e desenvolvimento, a partir de visões da médium Tia Neiva. Aqui tenho como fontes as minhas próprias vivências a campo, participando, conversando informalmente com membros e visitantes do lugar, analisando as iconografias presentes, a sua literatura, as indumentárias, as ritualísticas, e inventários do IPHAN. O Vale é marcado pelo sincretismo religioso, que hibridiza em mosaico elementos das culturas egípcias, astecas, maias, gregas, dentre outras. Não se restringiram às culturas orientais, porém, podemos perceber que elas tiveram grande importância.

Na Maçonaria, realizei pesquisas ligadas às fontes bibliográficas, pelo fato de esse tipo de fonte ser abundante e acessível, e por passar por dificuldades na questão do contato físico. Sinto na Maçonaria um grupo mais “fechado” para este tipo de contato com pesquisadores, pois encontrei entraves no quesito burocrático e/ou hierárquico. A Maçonaria também é conhecida por realizar reapropriações dos antigos conhecimentos egípcios, e principalmente, da cabala hebraica, que foi o tema explorado neste capítulo.

Por fim, na Legião da Boa Vontade, realizei várias visitas, obtendo informações através de conversas com visitantes e os guias que trabalham dentro do templo. A fonte de destaque neste lugar é a obra de arte composta por 22 telas *Tarô de Brasília* (1990), de autoria da artista Marlene Godoy, doada à Legião da Boa Vontade. A obra de Marlene Godoy realiza uma releitura do Tarô e seus Arcanos Maiores em um paralelo com elementos iconográficos da História de Brasília, como as suas edificações. Os Arcanos Maiores possuem registros no início do século XV, na Itália, contudo, existem estudiosos que defendem que suas iconografias são provenientes do Egito Antigo (BANZHAF, 1997, p. 12). Acredita-se que ele tenha nascido com uma função ritualística, entre iniciados em ordens secretas (ORTIZ, 2014, p. 311). A análise da obra é importante na prova de continuidade no tempo de tal imaginário místico, que é parte inalienável do tecido social de Brasília e na espécie de síntese que ela efetua das várias orientações místicas que se consolidaram ao longo do tempo.

PARTE I

QUANDO A POLÍTICA SE APROPRIA DO MISTICISMO (1955 – 1961)

CAPÍTULO 1. O PARAÍSO TERRESTRE

Na Bíblia, se lê como Deus plantou, no meio do paraíso terreal, a miraculosa Árvore da Vida. Brasília é a árvore da vida nacional, providencialmente plantada no Planalto Central da nossa Pátria. Que as bênçãos de Deus e da Virgem Mãe de Deus façam com que Brasília cresça, floresça e frutifique em perene primavera da vida nova do Brasil: Incipit vita nova! (CARDEAL MOTTA apud KUBITSCHER, 2000, p. 89).

1.1. Os lugares utópicos no imaginário ocidental

Na tentativa de sistematizar cronologicamente os acontecimentos que levaram uma região inóspita em meio ao cerrado receber uma nova capital e metrópole, percebi o imperativo em partir dos pressupostos da História Cultural, que a partir da primeira metade do século XX, tornou o conceito de *representação* o protagonista dos debates historiográficos. Dentre os seus analistas, destaco o francês Roger Chartier (2002, p. 14), que nos mostra que ocorreu uma mudança nas práticas teórico-metodológicas dos historiadores nos anos 60, devido a uma insatisfação com aquela história serial e quantitativa. A História começou a importar das outras disciplinas novos princípios de legitimidade, admitindo distintos objetos de estudo, como os sistemas de crenças, comportamentos religiosos, rituais e relações familiares. Assim, a História conciliava novos domínios de investigação, mantendo uma fidelidade à sua legitimidade científica. É assim que a Nova História Cultural passa a considerar como um grupo social se apropria das ideias de seu tempo. Incorporando novos princípios de legitimidade, a História começou a importar novos objetos de estudo, como o estudo de crenças e comportamentos religiosos (CHARTIER, 2002, p. 53).

O conceito de *representação* tornou-se importante para basilar a pesquisa, a partir do momento em que postulei quatro feições de Brasília ao longo de sua existência (Paraíso Terreal, Terra Prometida, Capital do Terceiro Milênio e a Nova Akhetaton). Esses quatro momentos, assim sistematizados pelo meu recorte temporal, representam um dos principais debates da História Cultural: identificar o modo como, em diferentes momentos e lugares, uma determinada realidade é concebida pelos sujeitos históricos. É o estudo das representações que nos leva a entender as diversas formas de percepções do real, não sendo de forma alguma neutras, pois “produzem estratégias e práticas sociais que possuem o objetivo de legitimar uma ideia” (CHARTIER, 2002, p. 17).

Os homens passaram a compreender a sua história e a sua realidade através das representações, que “envolvem processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão” (*ibidem*, p. 40). Outra característica importante do conceito de representação é a sua relação com o simbólico – é como dizer mais do que é mostrado, pois carrega sentidos ocultos que são construídos historicamente e socialmente.

As representações do mundo social são fundadas na razão, mas determinadas pelos interesses do grupo que as forjaram. De tal modo, torna-se necessária a análise dos discursos proferidos por esses grupos. As percepções do real não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas sociais que possuem o objetivo de legitimar um projeto ou uma ideia (*ibidem*, p. 20).

Sendo assim, aplicamos a ideia de *representação coletiva* como uma forma de conciliar as imagens mentais com os esquemas interiorizados. Pode-se pensar em uma história cultural social que tenha como objeto a compreensão das formas e dos motivos. A sua pertinência operatória para tratar os objetos aqui analisados, resulta de duas ordens de razões. A primeira é a representação tomada como um conhecimento imediato, que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de reconstruí-lo e figurá-lo tal como ele é. A segunda forma de representação é aquela que transmite uma ideia, como por exemplo, um leão que é o símbolo do valor, ou o pelicano do amor fraternal (*ibidem*, p. 20).

Denise Jodelet (2001) acrescenta que a representação social deve ser analisada considerando-se os elementos afetivos, mentais e sociais, e a realidade sobre a qual ela interfere. A representação social acompanha as necessidades e os interesses de um determinado grupo, podendo ser originada de um sujeito (individual ou coletivo). Esse está inserido em condições específicas de seu espaço e tempo, podendo projetar elementos inconscientes.

Outro estudo que não pode ser dissociado das representações é o imaginário, que trabalha com as imagens mentais, visuais e verbais criadas para representar algo. Assim, ambos os campos se envolvem reciprocamente (BARROS, 2004, p. 92). O imaginário faz parte de um campo de representação que se manifesta por imagens e discursos que procuram oferecer um contorno à realidade.

Foi na década de 20, que ocorreu uma guinada epistemológica em favorecimento do *imaginário*. Em 1924, Marc Bloch revolucionou a historiografia com a sua obra *Os reis taumaturgos* (1993), ao efetuar um diálogo íntimo com as Ciências Sociais, trazendo novas reflexões e métodos para a História. Outro fator importante seria o seu tema de pesquisa, a magia imputada aos reis medievais da França e da Inglaterra, a partir de sua influência da Sociologia de Durkheim, que por sua vez, entende a religião como uma forma de representação

da sociedade. As questões místicas relacionadas aos reis eram utilizadas como arma política, já que o rei, neste período histórico, era considerado uma figura divina ou escolhida por Deus. Cientes dessas crenças populares, os reis criaram artifícios para manipular os súditos, como o rito das escrúfulas, em que o seu poder de cura era manifestado publicamente, alimentando cada vez mais o *imaginário coletivo*.

Gilbert Durand (2012) entende que o homem cria símbolos com o objetivo de permanência, para a resistência de sua cultura ao tempo. Durand inovou nos estudos da capacidade criadora humana, que se forma a partir de projeções inconscientes, fato ignorado ou menosprezado pelo cartesianismo. A imagem, para o autor, tem importância na medida em que atribui significados ao mundo e estimula “[...] a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (p. 41). Para o autor, acontece um dinamismo entre interior e exterior, que ele denomina de *trajeto antropológico*, em que as múltiplas interações resultam em diversas estruturas simbólicas.

A análise durandiana apreende o *imaginário* como uma estrutura de imagens heterogêneas, exemplificadas por símbolos, alegorias, mitos, dentre outros. É a imaginação que confere sentido aos processos de simbolização, através de um trajeto no qual a representação do objeto se deixa modelar pelos imperativos do sujeito (*ibidem*, p. 38).

A imaginação representa a relação dialógica estabelecida entre as imagens mentais com aquelas visualizadas no seu âmbito sociocultural. O *imaginário* nesse processo realiza um ato de reconstrução e tradução mental da realidade, constituindo uma ponte entre o sujeito histórico e elemento representado.

O *imaginário coletivo* atua de forma a atribuir significações aos simbolismos a partir de elementos pré-existentes por ele conhecidos, estabelecendo um diálogo de verossimilhança com a sua realidade e o mundo em que vive. O imaginário se manifesta como uma *representação coletiva*, processo no qual existe atribuição de identidades, legitimando poderes e determinando modelos de conduta.

Até mesmo quando tratamos de elementos místicos, as significações partem de elementos da realidade, efetuando adaptações e flertando com a utopia, a partir da projeção de desejos coletivos. O mágico e o fabuloso passam a operar como mecanismos de percepção do mundo, gerando processos identitários.

Claude-Gilbert Dubois (1995, p. 21) caracteriza o *imaginário* como “o resultado visível de uma energia psíquica formalizada individual ou coletivamente”. O *imaginário*, na opinião do autor, caracteriza uma referência a símbolos e não à própria realidade. As imagens

e as representações mentais constroem os estereótipos, evocando diversas concepções não apenas de quem as criou, mas de quem está do outro lado. Estamos inseridos em um campo de símbolos, dentro do qual, estabelecemos correspondências para atribuir sentidos.

O autor catalogou duas categorias dentro dos seus estudos sobre o *imaginário*: a mimética e a simbólica¹³. Em ambos os casos, o sujeito se relaciona com a sua realidade a partir de um programa semiótico que interage com elementos das estruturas sociais coletivas. São duas maneiras de atribuir sentido à relação do sujeito com o seu universo (*ibidem*, p. 23).

O desejo mimético, assim chamado pelo autor, busca a reprodução do real, e pode ser encontrado em muitas manifestações naturalistas que pertencem a um “imaginário especular”. O sujeito se projeta narcisicamente no objeto. “É o sujeito que projeta, desse modo, a realidade do seu desejo num objeto que ele propõe subjetivamente, acreditando atribuir-lhe realidade” (*ibidem*, p. 29).

O simbólico estabelecido por Dubois é assim denominado pela expressão de uma falha do real ou a uma impossibilidade de acesso a ele. Para isso, se estabelece um modo de significação a partir de imagens significantes, seja através da ação individual ou coletiva. “O imaginário simbólico está ligado a uma atribuição de sentidos, na medida em que é através do símbolo que se processa tal atribuição [...]” (*ibidem*, p. 62).

O que pretendo mostrar com esta breve discussão teórica sobre o *imaginário* é que essa carga simbólica, analisada por Dubois e Durand, se fez presente no contexto das viagens marítimas europeias. A busca por lugares utópicos se tornou cada vez mais frequente através dos novos descobrimentos.

Desde a Grécia Antiga, o imaginário a respeito de uma sociedade ideal já estava presente, como podemos perceber na *Odisseia*, em que Homero narrou sobre a terra dos feácios, povos considerados os mais próximos dos deuses, ou a terra dos ciclopes, fértil e abundante. Com o advento do cristianismo, surgiram especulações a respeito do paraíso terreno, e a partir da expansão marítima, o Ocidente passou a buscar o Éden nos trópicos. Neste contexto, o Brasil apareceu no imaginário cristão conquistador, por apresentar os requisitos do verdadeiro paraíso na Terra. Após o “desbravamento” do território brasileiro, esse imaginário fantástico foi se deslocando para o Oeste. Este é o ponto de partida para compreendermos que o interior do território brasileiro começou a ser buscado por muitos viajantes, pelo interesse científico, artístico, econômico, dentre outros.

¹³ A fantasia, por sua vez, se apresenta deliberadamente como fictícia, apresentando uma realidade alternativa, aplicando o simbolismo. “A via mimética e a fantástica, são duas maneiras de atribuir sentido à relação do sujeito com seu universo de objetos” (DUBOIS, 1995, p. 27).

Posteriormente, Brasília fez parte desse contexto de busca por locais utópicos, a partir de projetos destinados a desenvolver uma nova civilização, discurso este, que apareceu no âmbito desses novos movimentos religiosos que irei esmiuçar durante a pesquisa. Quando menciono a busca do paraíso terrestre, a título de exemplo, lembro-me do Instituto Teosófico de Brasília, “Paraíso na Terra” (Figura 1), localizado em Brazlândia-DF. É uma reserva ecológica que além de atrair amantes da natureza, é utilizada como refúgio espiritual. A instituição afirma que a presença da natureza proporciona aos visitantes um ambiente de paz, meditação e elevação espiritual, como podemos verificar em seu site institucional:

O Paraíso na Terra é um espaço criado em meio a uma natureza exuberante, onde os visitantes e colaboradores encontram um ambiente de paz, propício à meditação, estudo e elevação espiritual. O projeto arquitetônico e paisagístico tem como tônica a integração de todos os espaços num todo harmônico, fazendo com que as pessoas se sintam sensibilizadas e inspiradas pela beleza das formas, pelo colorido das flores, pela vegetação, pela vida e pelos sons da natureza [...] O Paraíso na Terra está situado na APA (Área de Proteção Ambiental) do Cafuringa, possuindo muitas nascentes, rios, dezenas de cachoeiras, uma rica vegetação de cerrado, campos e matas de galeria. O local possui ainda uma diversificada fauna com muitos pássaros e animais silvestres. Um dos destaques do local são as cachoeiras de águas límpidas, oriundas de nascentes que brotam na própria fazenda. Algumas cachoeiras possuem piscinas naturais (PARAÍSO NA TERRA-ITB, 2019).

Figura 1 - O Paraíso na Terra



Fonte: Paraíso na Terra (IFB), 2019.

Disponível em: <https://www.paraisonaterra.com.br/index.php/fotos/>

O exemplo acima é revelador sobre como a ideia de lugares utópicos, presente no imaginário ocidental, veio se territorializando nos espaços de Brasília. A utopia, ao longo da história da humanidade, tem elencado a natureza como seu elemento central, como podemos ver na obra *A Utopia* de Thomas More, publicada em 1516. A obra se constitui em uma

metáfora crítica da Inglaterra e de outros países europeus, com uma clara influência de Américo Vespúcio¹⁴, Platão e Heródoto.

Thomas More relata a história de Rafael Hitlodeu¹⁵ (não se sabe se ele é um personagem real ou fictício), um ex-integrante das expedições de Américo Vespúcio, que teria levado adiante uma expedição por conta própria. Nestas novas rotas, Hitlodeu teria conhecido a Ilha de Utopia, permanecendo no local por cinco anos. Utopia foi descrita como uma mítica ilha habitada por homens e mulheres bem-aventurados e avançados. Cientistas, intelectuais e construtores, os utopianos não ambicionavam ouro e metais preciosos. Teriam recebido visitas dos povos egípcios, e com esses contatos, aprendido novos conhecimentos.

A Ilha de Utopia representa uma civilização ideal, daí a origem da palavra utopia, “não lugar”, isto é, um local que não existe. Poucas são as informações geográficas que Thomas More nos oferece. A ilha teria aproximadamente as mesmas dimensões da Inglaterra e não há menção quanto à sua localização. Thomas More relata apenas que a ilha se localizava no Novo Mundo, o que demonstra claramente as influências das literaturas de viagem sobre a mente de um intelectual renascentista. Guillaume Budé, em uma carta¹⁶ destinada a seu amigo Thomas Lupset, relatou sobre as suas impressões a respeito da Ilha de Utopia:

Mas na verdade, verifiquei, mediante uma investigação completa, que Utopia está fora dos limites do mundo conhecido. De fato, é uma das Ilhas Afortunadas, possivelmente muito próximas dos Campos Elíseos e o próprio More testemunha que Hitlodeu ainda não indicou sua posição de forma precisa (MORE, 2004, p. 150).

A partir desse clássico da literatura inglesa, o termo utopia passou a ser relacionado a elementos fantasiosos ou sonhadores, inaugurando uma série de obras a respeito de modelos alternativos para as sociedades modernas. Sendo assim, irei encaminhar esta discussão histórica no sentido de compreender como esta ideia influenciou na transferência da capital federal brasileira para uma região interiorana, bem como a construção de uma nova cidade, cujo projeto

¹⁴ Américo Vespúcio (1916, p. 08 – 09) escreveu a carta *Mundus Novus* a respeito do Brasil, relatando sobre as comunidades que viviam de forma harmônica com a natureza, sem conhecer a ambição, tendo alcançado um grau mais alto de evolução de acordo com os padrões europeus modernos. O navegador também caracterizou o Brasil como uma terra fértil, com clima bom e temperado, nascentes refrescantes, muitas espécies de animais, árvores com frutos saborosos, inúmeras espécies de ervas e raízes benéficas para o ser humano, dentre outras características.

¹⁵ Para Alessandro M. Coelho (2013, p. 29), a utilização do nome ‘Rafael’ por Thomas More, teria a intenção de representar a figura de Rafael, arcanjo portador da cura, citado no livro apócrifo de Tobias, que o orienta em uma viagem que culminou com a cura de sua cegueira. Rafael pode também ser interpretado como um arcanjo que abre os olhos dos homens e lhes mostra o verdadeiro caminho da felicidade.

¹⁶ A edição da obra de Thomas More que apresentei, traz ao final algumas cartas trocadas entre intelectuais da época, a respeito das impressões pessoais que tiveram ao ler a obra, sendo um elemento que contribui significativamente para a análise.

propunha um modelo de cidade utópica. Antes de chegar a esse destino, tenho um caminho a percorrer pela literatura de viagem contemporânea a Thomas More.

O Novo Mundo era um dispositivo para a proliferação de vários mitos no âmbito do pensamento ocidental. O homem renascentista, carregando resquícios do pensamento medieval, demonstrava a sua admiração pelo *maravilhoso*, que podemos entender como o fantástico ou uma representação imaginária de espaços desconhecidos.

Tzvetan Todorov (2004) realizou uma descrição do *maravilhoso* dentro da literatura fantástica, sendo na minha opinião, uma conceitualização necessária para esta discussão, já que estou tratando do imaginário europeu expresso pelas narrativas marítimas e aventureiras. Quando se duvida das leis do mundo, é quando ele se manifesta. Quando se oscila entre explicações naturais e sobrenaturais de acontecimentos, ele também se manifesta.

É o contexto da expansão marítima europeia que inaugura a história das utopias. Johnni Langer (2005) afirma que o imaginário europeu foi tributário das descobertas dos novos continentes e as suas descobertas arqueológicas, surpreendidos pela grandeza de suas construções e seus mistérios.

Os primeiros desbravadores do território brasileiro encontraram uma terra incógnita, e passaram a atribuir significações baseadas em seu contexto cultural. A natureza peculiar desta região e a presença de tesouros, suscitaram um imaginário coletivo que não deixou de implementar o seu interesse colonial, tomando estes elementos para corroborar com seu projeto. Temos aqui uma tentativa de apreender o desconhecido, com a necessidade de dominá-lo.

O Paraíso Terreal passou a ser o protagonista deste imaginário. Na opinião de Alessandro M. Coelho (2013), o Paraíso Terreal tem muitos nomes e interpretações, mas sempre permaneceu no pensamento utópico ocidental e sua busca desenfreada pelo Éden Bíblico. Esse pensamento tem um viés teleológico, pois visa a construção de modelos sociais, econômicos, políticos e urbanísticos utópicos para um novo tempo marcado pela convivência harmoniosa entre os homens. “Arquitetadas e produzidas pelo homem que cria, para si, um paraíso artificial de onde está excluído tudo o que lhe causa dor e temor, as utopias revelam sua fonte primária na dimensão religiosa” (p. 25). As utopias são, para o autor, resultados de paraísos imaginados.

A navegação tornou possível a busca pelo Éden, surgindo assim os primeiros relatos do Paraíso Terrestre¹⁷. É do próprio Éden que emanam as águas da fonte da juventude, águas

¹⁷ Laura de Mello e Souza (1986, p. 27), esclarece que o mito do Paraíso Terreal na verdade sofreu deslocamentos, que antes de ser relacionado às Américas, teria anteriormente sido procurado na Ásia e na África. No século XV,

regeneradoras e virtuosas, que faziam os idosos retornarem à juventude. A crença na existência do Éden em algum lugar geograficamente delimitado na Terra, advém de algumas interpretações da Bíblia, unidas a uma longa tradição mitológica greco-romana (a Idade do Ouro¹⁸, os Campos Elíseos¹⁹ e as Ilhas Afortunadas). O Paraíso Terrestre pode ser o início ou o fim. Pode ser a origem da civilização, quando no Éden, os primeiros homens foram incumbidos por Deus de procriar e povoar a Terra, e ao mesmo tempo, o local no qual a humanidade descansará no fim dos tempos.

Pensadores como Homero, Hesíodo, Platão, Ovídio e Virgílio refletiram sobre o Paraíso como a felicidade das origens ou o aguardavam para o fim dos tempos. Após discutirem longamente sobre esse sonho coletivo recentemente, outros saíram em busca do paradeiro do jardim descrito na Bíblia (DANTAS, 2009, p. 32).

Pedriane Dantas (2009), em sua dissertação, debate que se acreditava que o paraíso, após o pecado original, encontrar-se-ia na Terra, e distante do mundo conhecido, separado por terra e mar, o que levou muitos a acreditarem que se localizaria no Oriente. O local não teria submergido com o dilúvio, e para encontrá-lo, seria necessário transpor barreiras naturais, como o mar ou as montanhas. Por causa disso, muitos começaram a acreditar que o Éden poderia se localizar em um terreno de elevada altitude. Ele seria dotado de bons ares, agradável clima, terra fértil, beleza natural, árvores frutíferas, rica fauna e flora. São estes os elementos presentes na paisagem do Éden, ideia na qual o navegador ao encontrar novas terras, reconheceu-as com os mesmos olhos que percorreram os escritos bíblicos.

ele já estava no meio do Oceano, e depois ia se deslocando para o norte e para o oeste, conforme as descobertas geográficas.

¹⁸ “Crono não era apenas um deus violento e ávido de poder. Ele presidia uma raça de homens a que os deuses tinham dado uma existência amena e pacífica, semelhante à deles. Como os deuses, os homens não envelheciam e não sabiam o que era cansaço nem dor. Para se alimentar, não precisavam trabalhar, porque a terra, sem ser cultivada, produzia o ano inteiro frutos em abundância. Sem esforço, portanto, os homens colhiam frutas deliciosas nos arbustos, abaixando-se somente para catar os morangos saborosíssimos que a natureza lhes oferecia. Não necessitavam usar roupa, porque só havia uma estação, a primavera. Sua vida tranquila era marcada por festas em que as relações de amizade e mútuo bem-querer se expandiam. Esses tempos eram chamados de idade de ouro porque tinham a pureza, a riqueza e a eternidade do ouro. Mas essa raça de homens acabou se extinguindo, e outra a sucedeu” (POUZADOUX, 2001, p. 13). Felipe Cocuzza tem uma explicação para a extinção dessa raça: “[...] o homem vivia uma vida mais natural, em harmonia com o meio ambiente, a qual foi se desagregando com o desenvolvimento da racionalidade, que levou ambições e injustiças, enquanto paralelamente se retraía o lado espiritual” (COCUZZA, 1992, p. 21).

¹⁹ “Na parte ocidental da Terra, banhada pelo Oceano, ficava um lugar abençoado, os Campos Elíseos, para onde os mortais favorecidos pelos deuses eram levados, sem provar a morte, a fim de gozar a imortalidade da bem-aventurança. Essa região feliz era também conhecida como os Campos Afortunados ou Ilha dos Abençoados. Como se vê, os gregos dos tempos primitivos pouca coisa sabiam a respeito dos outros povos, a não ser os que habitavam as regiões situadas a leste e ao sul de seu próprio país, ou perto do litoral do Mediterrâneo. Sua imaginação, enquanto isto, povoava a parte ocidental daquele mar de gigantes, monstros e feiticeiras, ao mesmo tempo em que colocava em torno do disco da Terra, que provavelmente consideravam como de extensão reduzida, nações que gozavam favores especiais dos deuses, que as beneficiavam com a aventura e a longevidade.” (BULFINCH, 2002, p. 09).

O Éden mágico também sugere medo, espanto e perigo. Há uma manifestação de seres mitológicos nos locais ainda não desbravados, como as sereias, as amazonas, dentre uma série de seres perigosos. As narrativas desses lugares exóticos apresentam ao mesmo tempo um paradoxo ao mencionar a presença de povos bárbaros, e em outros momentos, povos mais avançados. Por outro lado, há fatores sempre presentes relacionados às caracterizações da natureza, como encantadora, intocada, e habitat de seres incógnitos.

Em 1650, o conselheiro real de Castela, Antonio de León Pinelo, fez parte desta literatura fantástica, escrevendo sobre o Novo Mundo, publicando a obra *O Paraíso no Novo Mundo*, com a tese de que o Éden bíblico se localizava no centro da América do Sul. Sua tese traz algumas informações interessantes: a árvore do conhecimento não produzia maçã, mas maracujá; o homem surgiu na América do Sul e nela habitou até o dilúvio; Noé teria construído a arca²⁰ na cordilheira dos Andes e depois teria partido para a Ásia para fundar a nova civilização (HOLANDA, 2000, p. 171). Outros intelectuais da época também publicaram opiniões semelhantes à de Pinelo.

Desde a Idade Média europeia, o mito da Ilha Brasil povoava as mentes ocidentais, ávidas por conhecimentos de novos mundos. Na verdade, ela fazia parte da mitologia irlandesa, através de relatos de viajantes a respeito de uma ilha hipoteticamente encontrada no Oceano Atlântico. Inicialmente, acreditavam que a ilha se localizava na sua parte norte, mas depois do século XIV, surgiram relatos que a apontavam ao sul. Este mito se desdobrou em relatos fantásticos a respeito de seus habitantes como civilizações avançadas, e o local também passou a ser referido como o próprio Paraíso Terreal.

*Hy Brazil*²¹ era a ilha mitológica que se afastava no horizonte enquanto os homens tentavam alcançá-la. Uma terra de bem-aventurança, habitada por seres superiores, dotada de alta tecnologia. Pelo fato de ser uma cultura superior, seus habitantes não pretendiam contatar outros povos. É evidente que esse mito povoou as mentes que viajavam além-mar, que começaram a procurar tal ilha, e atribuir seu nome a novas descobertas.

A palavra ‘brasil’ origina-se do celta ‘bras’ ou ‘bress’ que significa ‘bênção’ (expressão que deu origem ao ‘bless’ no inglês, que significa ‘abençoar’). As expressões irlandesas *Hy Brazil* e *O’ Brazil* relacionam-se às ideias de “Terra dos bem-aventurados”, “Ilha da Felicidade”, ou “Terra Prometida”. Para Imaculada Kangussu (2014, p. 24), *Hy Brazil* era

²⁰ Outra teoria é a do alquimista Fulcanelli, que acreditava que a Arca de Noé na verdade era uma região em que os homens se refugiaram do dilúvio. Seria um local de elevada altitude, provavelmente nos picos das mais altas montanhas. Essa teoria posteriormente foi relacionada à existência de Atlântida (RODRIGUES, 2010, p. 90).

²¹ De 1351 a 1508, o mito sofreu várias modificações em sua nomenclatura: “Brazi, Bracir, Brasil, Brasill, Brazil, Brazile, Brazill, Bracil, Braçil, Braçill, Bersill, Braxil, Braxili, Braxill, Braxylli, Bresilge” (SOUZA, 1986, p. 28).

recorrente nos mitos celtas, desde o paraíso de Avalon até as lendas arthurianas. A autora defende que a palavra ‘brasil’ também pode ter origem no gaélico ‘breasil’, que pode ser traduzido como “soberbamente fino, grandioso, maravilhoso ou excelente”. No caso, o prefixo *Hy* ou *O’* aplicam um elemento lendário, que se relaciona à ideia de ancestralidade. A autora acrescenta outra versão, que pode estar relacionada à lendária Ilha de São Brandão²², monge irlandês conhecido como um navegador que teria encontrado uma ilha, acreditando que se tratava do Paraíso Terrestre (COCUZZA, 1992, p. 71).

Muitos historiadores acreditam que a palavra ‘brasil’, em qualquer uma de suas variações, já estava nas mentes lusitanas muito antes de sua chegada ao nosso território. Um destes historiadores foi João Capistrano de Abreu, que em sua obra *Capítulos de história colonial* (1998), propõe:

O nome do Brasil já era bem conhecido e figurava em portulanos anteriores às descobertas dos portugueses; havia um nome à procura de aplicação, exatamente como o de Antilha, e isto explicaria a rapidez com que se introduziu e vulgarizou, suplantando outras denominações, como Terra dos Papagaios, de Vera Cruz ou Santa Cruz, se a abundância de uma apreciada madeira de tinturaria, até então recebida por via do Levante, e o comércio sobre ela fundado desde o começo, não colaborassem na propaganda, e talvez com maior eficácia (CAPISTRANO DE ABREU, 1998, p. 38-39).

Laura de Mello e Souza (1986, p. 36 - 43), acredita que apesar de o Novo Mundo receber esses deslocamentos do imaginário europeu, ao mesmo tempo, também seria a expansão de sua fé e colonização. Assim, a natureza recebia os motivos edênicos, já seus habitantes humanos, depreciados, tratados como bárbaros e selvagens (o que não contradiz o “bom selvagem” rousseauiano), claramente para justificar suas ações colonizadoras. A autora também afirma que a visão edênica predominou, mas esteve convivendo concomitantemente às visões detratoras e infernalizadas do Novo Mundo. Isso porque na opinião da autora, o Renascimento foi muito enigmático, pois embaralhou inferno com céu, o que refletiu nas crônicas sobre o Novo Mundo. Essa ambiguidade pode ser percebida pelas várias histórias fantasiosas a respeito de seres monstruosos, assim como nos descreve Souza a partir de sua análise de coletâneas de cronistas:

²² São Brandão também é conhecido como Sancho Brandão, que se deve à nomenclatura ‘Sancho’, um prolongamento do latim ‘sanctus’, que significa ‘santo’.

[...] mulheres marinhas que saíam ligeiras da água e subiam morro acima, senhoras de todas as perfeições até a cinta, que se discorrem na mais fermosa e enfeidadas por grandes orelhas que lhe chegavam abaixo dos ombros, subindo, quando levantadas meio palmo acima da cabeça. Da cintura para baixo, eram cobertas por escamas, e os pés eram do feitio de cabra, com barbatanas pelas pernas (SOUZA, 1986, p. 51).

A partir do século XV, esses seres fantasiosos tendiam a se endemonizar, como resultado de um fascínio europeu por monstros híbridos que habitavam os confins da Terra, que eram claramente relacionados com a sua concepção de homem selvagem. A Europa cristianizada teria se tornado um ambiente não propício ao demônio, que se instala vigoroso em outras terras. Mas também “o ameríndio poderia pertencer a uma e outra representação: quanto ao afastamento geográfico, é monstro; no que diz respeito à nudez e à vida natural, é selvagem” (*ibidem*, p. 54).

O Brasil poderia ser considerado o próprio inferno, e as guerras contra os holandeses o tornaram o purgatório. Em vista do triunfo da Igreja, o Brasil se tornaria o paraíso. Assim, se formava um paradoxo entre a visão paradisíaca, infernal, e o purgatório.

Em 1730, o historiador Sebastião da Rocha Pitta publicou a obra *A História da América Portuguesa*, considerado o relato que abordou a maior parte do território brasileiro desde 1500. Imbuído do espírito iluminista de seu tempo, Pitta enxergou um Brasil abençoado por uma incrível natureza, e ao mesmo tempo, analisou essa mesma paisagem a partir do olhar de um cientista. Mas seu olhar científico não ofuscou seu deslumbre e nem tampouco impediu que suas narrativas nascessem recheadas deste mesmo ideal edênico, como podemos verificar na seguinte transcrição:

Em nenhuma outra Região se mostra o Ceu mais sereno, nem madrugada mais bella a Aurora: o Sol em nenhum outro Hemisferio tem os rayos tão dourados, nem os reflexos nocturnos tão brilhantes: as Estrellas são as mais benignas, e se mostraõ sempre alegres: os horisontes, ou nasça o Sol, ou se sepulte, estão sempre claros: as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das Povoações nos aqueductos, são as mais puras: é emfim o Brasil Terreal Paraiso descoberto [...] ²³ (PITTA, 1878, p. 03).

Pitta enfatizou a força da natureza nos raios dourados do sol, nos brilhantes reflexos das estrelas, na limpidez e pureza das águas, imputando apenas características benignas. Outros viajantes começaram a relacionar essas características ao mundo espiritual, como Alexander von Humboldt. O cientista realizou uma longa viagem pelas Américas, passando pelo sertão brasileiro, e descrevendo a natureza da América do Sul a partir de uma visão mistificada:

²³ Optei em manter a gramática original.

Encontramos, entre os povos mais selvagens (e minhas próprias excursões confirmaram essa afirmação), um sentimento confuso e temeroso da poderosa unidade das forças da natureza, de uma essência invisível, espiritual, que se manifesta nelas e desenvolve a flor e o fruto na árvore produtiva, caindo no chão da floresta e tropejando nas nuvens. Isso revela uma ligação entre o mundo visível e um mundo superior que escapa aos sentidos²⁴ (HUMBOLDT, 1875, p. 18).

O relato de Humboldt descreve uma natureza detentora de forças sobrenaturais e uma essência espiritual, como se ela estabelecesse a ponte entre o mundo real e o invisível. O interessante é que ele menciona que essa sabedoria provém dos povos nativos, assim chamados por ele de “selvagens”. Por outro lado, mais adiante, ele afirma que esses povos, apesar de estarem mais atrasados em termos de civilização, são dotados de uma altiva inteligência, devido à sua íntima relação com a natureza.

Humboldt demonstrou uma fascinação pelos povos nativos da América do Sul, se mostrando impressionado com as suas realizações. Ele investigava antigas inscrições em ruínas, desenhava monumentos incas, estudava sua língua, dizendo que era muito sofisticada (WULF, 2016, p. 139).

Sobre a mistificação da natureza, Humboldt (1875) afirma que ela não perdeu o seu encanto e sua magia à medida em que os homens começaram a penetrar em seus segredos, compreendendo o mecanismo de suas forças. Não que ela exerça um poder mágico sobre os homens, mas que seria envolta de mistérios que acabam estimulando o exercício da imaginação. Ou, como o próprio autor descreveu: “[...], nos causa, em todos os graus de conhecimento, um espanto misturado à alegria”²⁵ (p. 25).

O imaginário sobre o Paraíso Terreal foi construído como uma entidade simbólica nos primeiros discursos sobre o Brasil. Desde os primeiros momentos do contato português com o Brasil, o imaginário acerca do Paraíso Terreal foi uma das motivações das incursões e ocupação de seu território utilizadas como justificativa social, isto é, implementar um padrão social sobre os novos territórios (HAGIHARA, 2011, p. 49).

Durante o século XVIII, o imaginário predominante sobre as terras onde se situavam as minas auríferas ainda estava, em grande parte, imbuído dos motivos edênicos, embora conforme Sérgio Buarque de Holanda (2000), o imaginário lusitano fosse bem menos fantástico e mais dependente das experiências vivenciadas do que os castelhanos. Holanda (2000) denomina de atenuação plausível a atitude colonizadora de atenuar as características edênicas para justificar a colonização. Ao mesmo tempo, essas características também foram se

²⁴ Citação traduzida do original em espanhol, por autoria própria.

²⁵ Citação traduzida do original em espanhol, por autoria própria.

esvanecendo à medida que o desbravador precisava sobreviver em um ambiente hostil, perdido nas matas, tendo que lidar com animais perigosos, plantas venenosas, chuvas intensas, dentre outros fatores naturais. Apesar de essa visão edênica ser mais comedida, a presença de tantos tesouros era apenas um fator que explica essa fascinação pelo “Éden Tropical”. A natureza só poderia ser alcançada por esforços sobre-humanos. O ideal de salvação estaria cada vez mais distante, a ser alcançado em locais longínquos.

Na opinião de Pablo A. I. Magalhães (2011, p. 85), o “maravilhoso e o miraculoso continuaram a existir e ganharam força na América Portuguesa”. Um exemplo apontado pelo autor seria o Paraíso do clérigo Simão de Vasconcellos, que comparou o Brasil ao Paraíso Terrestre, recorrendo a pensadores da Antiguidade para defender a teoria de que ele se localizava na zona equatorial. O Brasil, na opinião do clérigo, cumpria os quatro requisitos presentes no Gênesis para descrever o Éden:

A primeira é: Que se vista de verde [Gn 1, 11]: a saber, de erva, pastos, e arvoredos de vários gêneros. A segunda: Que goze de bom clima, de boas influências do Céu, do sol, lua e estrelas [Gn 1, 14-18]. Terceira: que sejam suas águas abundantes de peixes, e seus ares abundantes de aves [Gn 1, 20-21]. Quarta: que produza todos os gêneros de animais, e bestas da terra [Gn 1, 24-25] (MAGALHÃES, 2011, p. 85).

Ana Carolina Vilela-Ardenghi e Ana Raquel Motta (2013, p. 04), acrescentam que as descrições do Gênesis eram utilizadas pelos navegadores como um mapa do tesouro. Eles buscavam interpretar o clima, a localização, as características da natureza, a ausência de doenças, dentre outras questões, para legitimar suas descobertas.

No caso do Planalto Central brasileiro não foi diferente, já que os primeiros relatos, enfocando os elementos naturais do cerrado, foram produzidos pelos bandeirantes que buscavam na natureza sinais *maravilhosos* que revelariam tesouros naturais ocultos. É o caso do mito da Serra dos Martírios (PA), motivador edênico da região do Cerrado (OLIVEIRA, 2012, p. 162). A Bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva deu origem à lenda da Serra dos Martírios. Segundo o bandeirante, havia signos do martírio de Cristo como a coroa, a lança e os cravos, esculpidos em minérios. O martírio de Cristo inspirou muitas visões *maravilhosas* a respeito da natureza do Cerrado.

Em seguida, a expedição de Bartolomeu Bueno da Silva, conhecido como o Anhanguera Filho ou Anhanguera II, adentra o território de Goiás, em 1722, com uma expedição composta por 152 homens armados e três sacerdotes (BERTRAN, 2000, p. 67). Uma mina de ouro descoberta pelo português integrante da expedição, Urbano do Couto Menezes (ou Urbano das Legendas), em 1750, permaneceria escondida até os dias de hoje, nas

redondezas de Planaltina²⁶. Contam as lendas locais que muitos já tentaram, ou apenas desejaram, percorrer o roteiro, mas ele é assombrado por almas penadas e quimeras.

Há uma lúgubre versão, coletada por Joaquim Gilberto, de que Urbano teria enterrado em suas minas o próprio genro e os escravos que os acompanhavam, versão adulterada de fins do Século XIX, em que estava elevada, ao máximo, a luta dos abolicionistas republicanos contra os monarquistas escravocratas, com notável condenação ideológica dos últimos, mesmo tratando-se da construção de mitos (BERTRAN, 2000, p. 67).

Eliézer Cardoso de Oliveira (2012) nos mostra que o mito do Roteiro de Urbano de Couto também descreve uma rocha de forma *maravilhosa*. Ela seria tão alta, que alcançava os céus, comparada até mesmo com a Torre de Babel. É interessante perceber que estes aspectos *maravilhosos* estavam presentes em serras, rochas, sempre com a promessa de incríveis riquezas. “Em quase todas as culturas conhecidas, o brilho intenso do ouro fascinava, tornando-o um metal especial [...] Por isso, o ouro era apresentado aos deuses em sociedades que cultuavam o sol, como a egípcia e a sociedade inca” (p. 165).

Paulo Bertran (2000) nos alerta que esse é apenas um dos mitos pré-existentes na região do Planalto Central²⁷ durante o período colonial, que é considerado o mais antigo das lendas da região. Em várias regiões de antiga mineração no Brasil, são comuns os mitos de tesouros escondidos. No Planalto, existem muitos relatos de riquezas enterradas, colocadas dentro de paredes, ou debaixo das casas.

A tese de Luiz Ricardo Magalhães²⁸ (2010), analisa o imaginário litorâneo em choque com o sertão e percebe que o ato de ir ao sertão e conquistá-lo, desbravando a sua desconhecida natureza, toma forma de uma aura fantástica. Daí resulta o fantástico nos relatos dos que os percorreram, que foram difundidos para muitas gerações.

Esses relatos fantásticos apresentam uma característica de deslumbramento perante o desconhecido. Para Eliézer C. de Oliveira (2012), quando se utiliza o termo *maravilhoso*,

²⁶ De acordo com Bertran (2000, p. 132), essa região pode ser o Chapadão Pípiripau, aos redores da Lagoa Formosa (Planaltina-GO), pelo fato de as descrições no documento do Roteiro do Urbano identificarem características análogas. Mas, os relatos não são muito claros quanto à localização, focando apenas na exibição da riqueza. Atualmente, já existem cinco versões do Roteiro publicadas por diversos historiadores, como Alencastre, Henrique Silva, Silva Braga e Gelmires Reis. Bertran se baseia na versão de Henrique Silva na Revista *Informação Goyana* (março de 1918. Ed. fac símile em 6 volumes, Governo do Estado de Goiás. Goiânia: Cerne, 1979).

²⁷ De acordo com Vergara (2010, p. 37), Luis Cruls entendia a região do Planalto Central como a parte central do planalto brasileiro que compreende vários estados (Mato Grosso, Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Bahia, Maranhão e Piauí). Essa região central se localiza nas proximidades dos Pireneus, no Estado de Goiás.

²⁸ Tese de Doutorado apresentada ao PPGH da UFG. Magalhães analisa as mudanças no Brasil Central provocadas pela interiorização da capital, especificamente, nos municípios de Formosa, Planaltina e Luziânia. A modernidade imposta à cultura sertaneja que carregava seus ideais desenvolvimentistas, foi vista pelo autor de forma crítica, a partir da análise de fontes literárias e jornalísticas.

referimo-nos à admiração, encantamento e imaginação. São narrativas que se referem a fenômenos inexplicáveis, muitas vezes atribuídos a um aspecto divino. A própria falta de conhecimento dos domínios do cerrado, acarretou uma série de tentativas de compreendê-lo. Portanto, o maravilhoso abrange desde a simples admiração diante da grandeza de um fenômeno natural raro até o estupor diante do prodígio milagroso. Os relatos sobre a natureza, às vezes, informam mais sobre o universo simbólico do autor do que propriamente sobre a natureza descrita.

Quando o *maravilhoso* se manifesta nas descrições da natureza, como conjecturo nos relatos dos conquistadores perante a natureza do Brasil ou das áreas do Cerrado, tudo é notado com muita atenção por parte desse olhar eurocêntrico, que acredita que qualquer manifestação possa ser sinal divino. Essa visão era muito comum na Idade Média, mas tomou força com o advento das viagens marítimas.

Holanda (2000) acrescenta que até mesmo em aspectos simples do cotidiano podemos encontrar atribuições místicas. Quando o homem se depara com aspectos misteriosos, e possíveis tesouros encobertos, a mistificação se acentua.

Se o prodígio pode, assim, implantar-se no próprio espetáculo cotidiano, se até os atos e fatos mais mezinhos chegam a converter-se em signos ou parábolas, impregnando-se de significações sobrenaturais, que dizer das coisas ocultas ou invisíveis, que apenas se deixam anunciar por misteriosos indícios? Não é uma verdadeira procissão de maravilhas – lagoas douradas, reluzentes serras, seres monstruosos e inumanos – o que costuma gerar o pensamento dos tesouros encobertos ou encantados do sertão? (HOLANDA, 2000, p. 178).

Como vamos analisar no próximo tópico, a natureza encontrada na região do planalto central brasileiro, desde os seus primeiros incursores, passou a receber essas significações ligadas ao imaginário cristão e conquistador, que empregava esses subterfúgios como justificativas para a conquista do território. Aspectos de edenização da natureza, próprios dos períodos colonizadores, posteriormente serão reapropriados pelo esoterismo.

1.2. Natureza e misticismo no Planalto Central

A natureza do Planalto Central brasileiro além de suscitar o imaginário conquistador europeu, atraiu posteriormente os olhares místicos. Vários elementos naturais presentes na região são indicativos da presença de forças telúricas, o que lhe confere essa aura mística. O quadrilátero do Distrito Federal está imerso em território considerado em maior escala, por muitos místicos, como um local propício a experiências transcendentais. Os municípios de

Paraúna e Montalvânia, a Chapada dos Veadeiros e a Serra do Roncador são locais que merecem destaque nesse assunto, já que muito antes de se concretizar a cidade de Brasília, essas regiões já eram procuradas por muitos aventureiros em busca dessas histórias *maravilhosas*.

A pesquisadora e esoterista austríaca Roselis Von Sass²⁹ (1991, p. 75), se interessou pelo Brasil e particularmente pelo interior de seu território, investigando através de fontes históricas, arqueológicas e antropológicas, as bases para desenvolver suas teorias que se tornaram populares nos meios esotéricos. A autora divulgou suas teorias a respeito da origem do povo brasileiro, que contribuem significativamente para essa discussão por ser uma versão mística sobre a origem do Brasil e, conseqüentemente, do seu Planalto Central.

Uma das teorias de Sass defende que os incas pretendiam criar no território de Goiás uma nova cidade, fundada pelos filhos do sol. Brasília seria esse lugar almejado. Juscelino Kubitschek seria reencarnação de um inca, conhecido por ter atuado em sua vida como um “guardador de remédios”. O presidente teria feito parte do grupo de incas que migraram para o Brasil com o objetivo de construir uma nova civilização, mas que só teria conseguido cumprir seu objetivo após reencarnações posteriores. Roseli Von Sass segue uma tradição do esoterismo ocidental, em se basear nos estudos sobre os povos da Antiguidade, se apropriando de seus sistemas cosmogônicos, passando a atribuir-lhes um passado mágico.

Aqui o Brasil é representado como uma terra de bem-aventurança, com habitantes de espíritos puros interligados intimamente aos entes da natureza, sadios, belos, com olhos castanhos e pele avermelhada. Estes seriam os seus primeiros habitantes, chamados de tupanos, dos quais descenderam os tupis. Estes povos originários teriam vivido na região central do Brasil, apresentando características de elevada desenvoltura intelectual, espiritual e material. Seriam descendentes de atlantes³⁰ e incas, já que reminiscentes de ambos os povos teriam se

²⁹ Roseli Von Sass nasceu na Áustria, em 1906. Chegou ao Brasil em 1926 e trouxe consigo seus estudos na área de ocultismo, astrologia, rosa-cruz e espiritismo, fundando a Ordem do Graal na Terra, uma instituição filosófico-religiosa-espiritualista. Começou suas investigações sobre um suposto passado espiritual da humanidade, pesquisando também sobre o Brasil. A autora relata que um certo dia teve uma visão sobrenatural, na qual teria vislumbrado um rei guarani, descendente dos toltecas, que veio lhe incumbir de uma missão espiritual no Brasil. A fundação desta Ordem filosófica fazia parte desta missão, e tudo que ela iria fazer no Brasil, seria acompanhada por mentores espirituais. A autora também relata que em muitas destas visões, ela podia descobrir o que havia acontecido há milênios no planeta Terra. Declarou-se a reencarnação da Rainha de Sabá Belkis (MARINO, 2016). Sass (1991), cita o antropólogo Egon Schaden, afirmando que o mesmo teria baseado suas teorias nas tradições e fragmentos de lendas, repletos de lacunas, que eram transmitidos e assim sendo, fragmentados entre os povos antigos. Na sua opinião, influenciada pelas pesquisas do antropólogo, não se pode aplicar o conceito de mito a essas histórias, pois ela acredita que são fruto das tradições orais que foram transmitidas de geração a geração entre os povos nativos do Brasil. Contudo, muitos achados arqueológicos têm corroborado com as teorias defendidas pela autora, como por exemplo, a teoria do contato dos povos incas com os brasileiros, através do estudo das estradas construídas pelo Império Inca.

³⁰ O pesquisador francês Henrique Onffroy de Thoron publicou em 1905 um ensaio sobre as suas explorações na América do Sul, com o objetivo de mapear as regiões e estudar o quíchua. Desenvolveu a teoria de que os fenícios, os gregos, os egípcios e os atlantes teriam visitado o Brasil. Thoron analisa etimologicamente a palavra ‘Atlântida’,

refugiado no Brasil após a submersão de sua ilha (no caso dos Atlantes) e migrado através de construções de estradas com acesso ao Brasil, no caso dos incas.

Irei destacar algumas regiões nos arredores do quadrilátero que se destacaram nesse quesito místico, formando um bojo de esoterismos das mais diversas influências e origens. A primeira região de destaque é a Serra do Roncador, situada no estado de Mato Grosso, é marcada por histórias misteriosas, a começar pelo nome. De acordo com Silva Neto em um artigo publicado na *Revista UFO* (2004), o nome roncador se deve ao fato de que pessoas relatam ter escutado sons semelhantes a fortes roncamentos em vários momentos. Esses barulhos são gerados pelos fortes ventos em seus paredões. Mas, muitos dizem que esses sons se devem às manobras de discos voadores.

A região ficou conhecida pela história do Coronel Percy H. Fawcett, que realizou uma expedição ao interior do Brasil, procurando o local em 1925. O coronel havia tomado conhecimento de umas teorias que estavam em voga há anos na Índia, desenvolvendo estudos no Brasil, encontrando relatos de outros exploradores a respeito de uma cidade perdida, que poderia ser até mesmo o próprio Eldorado. Fawcett divulgou a sua teoria de que uma misteriosa cidade chamada “Z” teria existido no interior do Brasil, realizando uma expedição ao Mato Grosso, quando desapareceu nas imediações da Serra do Roncador.

O ano marcado pelo desaparecimento³¹ do coronel, 1925, é descrito por Paulo Bertran (1995) como um cenário milenarista. A versão do historiador narra que Fawcett havia se entusiasmado após a descoberta de Machu Picchu em 1911, e depois de três anos, a serviço da Bolívia, desviou da sua missão para explorar o Mato Grosso. Ele cita algumas fontes que, na sua opinião, não são confiáveis, que levam Fawcett a hipotéticas experiências ocultistas no

afirmando que ‘atl’ significa ‘país’ no egípcio antigo, e ‘antis’ significa ‘altos vales’, relacionando aos Andes. Ele afirmava então que os incas, que falavam o quíchua, herdaram elementos do grego e egípcio antigos. Outra parte de sua tese é a de que os egípcios se autodenominavam como a raça de cor vermelha, da mesma forma que os ameríndios (MAUSO, 1997, p. 58).

³¹ “Instigados pela comunidade científica internacional, organizam-se equipes de busca para a desaparecida expedição. Nestas, percebe-se diversas projeções imaginárias envolvendo o mito. Em 1928, a aliança de jornais norte-americanos financiou o comandante George Dyott, que regressou de Mato Grosso sem informações concretas, lançando em 1930 o livro *Man Hunting in the jungle*, baseado nessa experiência. Já a expedição de Albert Wintom, no ano de 1930, acabou também por desaparecer misteriosamente no mesmo local, aumentando a polêmica do mito. Porém, a situação atingiu proporções fantásticas com o caçador suíço Stefan Rattin. Em 1932, teria encontrado em uma tribo de Mato Grosso, um prisioneiro branco. Desacreditado pelas autoridades, conseguiu apoio para uma nova expedição chefiada pelo jornalista Horácio Fusoni, composta de sete paraguaios e sete brasileiros. Pouco depois, toda a equipe desapareceu totalmente [...] As notícias mais sensacionais envolvendo o caso foram transcritas pelo explorador Willy Aureli. Em 1937-38, recebeu o depoimento de indígenas Carajá que aludiram a um chefe branco dos Xavante e também de seringueiros e caboclos confirmando a mesma narrativa. Na década de 40, Willy Aureli ainda transcreveu outras narrativas regionais, entre as quais a de uma ex-prisioneira dos Caiapó, aludindo a um chefe branco que comandava ataques dos índios contra os seringueiros do Xingú. Na mesma época, o pesquisador Henri Vemes afirmou que Fawcett tinha tornado-se rei de uma tribo de homens brancos, numa civilização perdida entre as selvas.” (LANGER, 1996, p. 104).

Oriente. O historiador Jhonni Langer (1996, p. 101), por sua vez, acredita que Fawcett teve contato com estudos ocultistas tendo conhecido alguns de seus métodos como a projeção astral, telepatia e psicomетria. Bertran relata que Fawcett teria recebido de presente uma estátua do escritor britânico Sir Haggard:

O ídolo, esculpido em basalto negro, tinha singulares propriedades elétricas: Quem o tomasse na mão, recebia um choque pelo braço, às vezes forte o bastante para assustar. Fawcett levou a estatueta para perícias no British Museum, onde os experts saíram-se com uma pérola de judiciosidade: "Se não fosse falsa, escapava completamente a seus conhecimentos" (BERTRAN, 1995, p. 34).

Bertran relata que Fawcett achava que a estátua era um receptor de rádio, que trazia mensagens de uma origem remota. Levou a estátua a um médium, que ao colocar suas mãos no objeto, teria visualizado uma ilha situada entre o norte da África e da América do Sul, habitada por um povo altamente civilizado. Essa ilha teria submergido no oceano após uma catástrofe e poucos habitantes se salvaram, referência clara à Atlântida.

Fawcett se baseou no manuscrito 152, identificado como o *Mapa de uma Cidade Perdida*, de autoria de João da Silva Guimarães, datado de 1754. Este documento é uma carta que descreve uma cidade perdida descoberta por bandeirantes. É considerado o único mapa conhecido de uma cidade perdida no centro do Brasil. “Desde o tempo dos bandeirantes, o teor do documento desperta interesse de aventureiros, sertanistas, cientistas, historiadores e pesquisadores das mais diversas nacionalidades [...]” (BIBLIOTECA NACIONAL, s/d).

Em 1980, o sobrinho do Coronel Fawcett, Timothy Paterson, publicou um livro intitulado *O templo de Ibez*, como resultado de suas investigações a respeito do desaparecimento de seu tio. Ibez, na sua opinião, seria uma cidade subterrânea, que teria misteriosas ligações com Paraúna, através de inscrições que ele encontrara em ambas as regiões. Acredita-se que a cidade subterrânea é um espaço interdimensional, habitado por seres portadores de avançados conhecimentos, e que interliga os centros místicos no mundo.

Em 1945 os irmãos Villas-Boas fizeram parte do desbravamento de seu território, renovando a relação com os indígenas, pois praticaram uma maior aproximação e convivência com estes grupos. De acordo a *Revista Dhâranâ* (2015, p. 14), publicação oficial da Sociedade Brasileira de Eubiose, o seu fundador, professor Henrique José de Souza, teria feito uma menção pública à importância dos trabalhos dos Villas-Boas no desbravamento daquele território, bem como, teria mencionado JK como uma figura de destaque. Os irmãos teriam passado um telegrama ao presidente certificando-o da descoberta e do objetivo de inserir no local um marco eubiótico.

Segundo a esotérica britânica Alice Bailey, sucessora de Helena Blavatsky (criadora da Teosofia cujas ramificações brasileiras se constituem na Eubiose), Shamballah possuía um posto avançado localizado no centro da América do Sul, o templo de Ibez. Em sua obra *Tratado sobre Magia Branca* (2002, p. 198) com a sua primeira edição publicada em 1925, a autora defende que os vestígios de seus abrigos subterrâneos serão encontrados um dia, o que pode ter contribuído para as motivações do coronel Fawcett ao se aventurar pela Serra do Roncador. Grandes avanços teriam ocorrido no Templo de Ibez, assim como relata Alice Bailey:

O primeiro posto avançado da Fraternidade de Shamballa foi o templo original de Ibez, localizado no centro da América do Sul, e uma de suas filiais, em um período muito mais tarde, foi encontrado nas antigas instituições maias e no culto fundamental do Sol, como fonte de vida nos corações de todos os homens. Um segunda filial foi posteriormente estabelecida na Ásia, e neste ramo os seguidores de Himalaia e sul da Índia, são os representantes, embora o trabalho tenha mudado materialmente no futuro, serão feitas descobertas que revelarão a realidade do antigo tipo de trabalho hierárquico. Arquivos e monumentos antigos serão revelados, alguns acima do solo e muitos em abrigos subterrâneos (BAILEY, 2002, p. 198).

A Chapada dos Veadeiros também se destacou dentre as vertentes esotéricas. Na década de oitenta, vários grupos esotéricos espalhados pelo Brasil pregavam suas visões e sonhos a respeito de Alto Paraíso, que seria um lugar sagrado e ideal para se estabelecer. O desenvolvimento da região também pode ser considerado a partir da construção de Brasília, que atraiu grande contingente populacional.

Moradores mais antigos da região contam sobre a chegada dos novos moradores ou turistas, ressaltando os grupos esotéricos que falam sobre discos voadores, fato presente no imaginário popular da região da Chapada dos Veadeiros. Uma nostalgia da pacata cidade que se transformou em bunker esotérico. Esses novos grupos populacionais que se sentiram atraídos pela região pelo desejo de buscar algo que a vida na cidade grande não lhes concedeu, como uma fuga dos grandes centros metropolitanos, no qual o homem busca um retorno à natureza. Referências a elementos sobrenaturais, como os discos voadores, tornaram-se uma identidade reconhecida da região internacionalmente, como podemos perceber na poesia *O apocalipse no paraíso* da escritora Geraldina Lombardi³², que reflete sobre a relação conturbada entre a região de Alto Paraíso com as culturas chegantes.

³² Natural de Maringá, a autora em sua obra *Altas Histórias do Paraíso* (2009) reúne estórias que teriam ocorrido desde que ela deixou Curitiba (cidade em que viveu muitos anos) e foi ao encontro do “paraíso”, acreditando que o encontrou. Geraldina havia abandonado a cidade grande e procurou em Alto Paraíso a cura de sua depressão, e neste local ela afirma que recuperou o gosto pela vida. À procura de maior qualidade de vida foi morar em Alto Paraíso, retratando em poesias o processo de transformação socioespacial e econômica que ocorreu na região. Geraldina se aproxima de visitantes da cidade e começa a recitar suas poesias. Muitos se admiram.

Nasci aqui no meu pequeno Paraíso. Aqui cresci brincando, correndo, por todo cerrado plantando, colhendo, criando meu gado. Mas hoje tanta gente chegou e tudo mudou! Cachoeira virou parque e agora tudo se paga. Para brotar capim novo, já não posso fazer queimada. E esse povo todo que agora está aí diz que vem uma nave tirá-lo daqui. Será? Será, meu Deus, que se essa nave vier e levar todo esse povo, sabe-se lá, pra onde quiser, meu Paraíso volta a ser aquele da minha infância, tão cheio de graça, de fé, tão puro como era, tempos atrás, Alto Paraíso de Goiás? (LOMBARDI, 2009, p. 13)

Aqui temos um imaginário goiano acerca da cidade representada como a terra prometida, configurando a importância do misticismo na região. A problemática colocada pela autora refere-se à crítica do que a cidade se tornou depois de se tornar uma cidade turística, dizendo que tudo que ali havia de antigo se alterou. Ela não critica o misticismo em si, até mesmo porque suas narrativas estão recheadas dele, mas ela critica o que esse turismo fez com a região.

A natureza da Chapada dos Veadeiros suscita muitas interpretações mágicas. O Mirante da Estrela ou Mirante do Areião, localizado no Distrito de São Jorge, é um local muito procurado por esotéricos para praticar rituais, meditação e visualizar óvnis. Os proprietários da região fizeram uma mandala com pedras, no formato de um pentagrama³³ dentro de um círculo, para a prática de meditações e rituais. Lendas regionais contam que o local emite uma energia, funcionando como uma espécie de discoporto (AFIUNE, 2016, p. 119).

A presença dos cristais é um dos pontos principais da atração dos grupos à região, pois muitos utilizam o cristal em terapias, para fornecer estímulos da mesma forma que as agulhas da acupuntura. Acredita-se que os cristais são aplicados em pontos físicos que levam o organismo a um equilíbrio energético. Tanto para as culturas indígenas, que o consideravam uma substância sagrada, quanto para os povos australianos que o consideravam o reflexo do mundo, o cristal era um aparato espiritual. “A própria força mineral das chapadas, induz a gerar locais de poder e centros espirituais” (SALVI, 2007b, p. 96).

Místicos acreditam que os cristais emitem um campo de vibração energética capaz de abrir portais dimensionais e que as civilizações antigas como os maias ou sumérios utilizavam cristais no cume das pirâmides para canalizar energias cósmicas (AFIUNE, 2016). Os cristais, na visão esotérica ufológica, “vão servir futuramente para comunicações extraplanetárias e galácticas interdimensionais [...]” (INSTITUTO SOLARION *apud* SIQUEIRA, 2003b, p. 86).

³³ O pentagrama circunscrito é utilizado em rituais que simbolizam o homem dominando os elementos da natureza, invocando os quatro elementos alquímicos ar, terra, fogo e água. Acredita-se que através do pentagrama são invocados os seres elementais, uma espécie de seres espirituais que atuam na natureza. A quinta ponta do pentagrama, simboliza o quinto elemento, a dimensão espiritual. Manipular as forças do universo é saber manipular esses cinco elementos (AFIUNE, 2016).

Para Luís Salvi³⁴ (2007b, p. 113), o cristal potencializa o mistério e o fascínio. É considerado mágico por refratar a luz e revelar o arco-íris. É o símbolo da alma e a relação entre a luz e a matéria, sendo concebido como uma forma de “luz condensada”. Místicos acreditam que a região emana uma energia, sendo um local de cura possibilitada pelos cristais. O cristal representa a luz divina que se projeta sobre os peregrinos que vão ao local em busca de algo.

Dizem os místicos locais que um cristal tem o poder de filtrar as energias negativas do ambiente. Um pedaço pequeno pode manter uma sala ou uma casa “energizada”, ao passo que o grande afloramento de quartzo que caracteriza a Chapada dos Veadeiros seria responsável pela atmosfera de espiritualidade reivindicada pelos *buscadores* [...] Os cristais, na sabedoria dos *alternativos*, estão associados diretamente a uma maior propensão à *transição* individual e ao “misterioso magnetismo” do lugar. Sob a ótica dos *buscadores*, a força dos cristais contribui deixando as pessoas mais sensíveis para experimentar momentos iniciáticos de “crise” e “revelação” (SANTOS, 2013, p. 193).

Esse poder energético³⁵ creditado pelos místicos ao cristal de quartzo relaciona-se ao seu suposto efeito piezoelétrico, isto é, produção de voltagem elétrica. A placa de cristal atuaria como um catalizador de energia no ambiente. Os físicos franceses Jacques e Pierre Curie criaram esse termo em 1880 quando perceberam que cristais de turmalina, quartzo e topázio reagiam com cargas elétricas quando sofriam um impacto físico por ação de pressão. Os cristais são utilizados na fabricação de telefones celulares, computadores, televisores e relógios.

Elias Campos (2002, p. 36 - 45) apresenta uma leitura mística da região, acreditando que ela possui canais ou portais interdimensionais entre o mundo físico e o extrafísico, além de dois elementos químicos que ainda não foram descobertos. Ele acredita que não há tecnologia suficiente para lidar com esses elementos e que eles também podem ser combustíveis para naves espaciais. Ele afirma também que existem portais extrafísicos que interligam a Chapada dos Veadeiros aos Andes.

O Morro da Baleia, situado na GO-239, que liga Alto Paraíso a São Jorge, também suscita interpretações místicas, e muitos esotéricos realizam rituais e vigílias. A região é conhecida como a “Montanha Sagrada”, uma espécie de um domo montanhoso, que muitos acreditam apresentar o formato de uma baleia. O Morro da Baleia encontra-se em frente ao Morro do Buracão, e popularmente conta-se que ambos formam uma espécie de um portal

³⁴ Luís A. W. Salvi (2000) é um dos intelectuais regionais que não se rotula especificamente como parte de um grupo espiritualista, desenvolvendo pesquisas, publicando vários livros e apresentando palestras. Porém, percebi que ele se dedicou aos estudos da Eubiose por muitos anos.

³⁵ O caso dos cristais é emblemático das mudanças das representações em relação à natureza em direção ao encantamento. Visto como recurso econômico na época da I Guerra, agora passou a integrar um bem simbólico da cidade.

dimensional entre Alto Paraíso e São Jorge. Conta-se também que existe uma grande marca circular nas rochas que supostamente seria sinal de pouso de uma nave. Isso porque existiria um campo de força magnética que atrairia naves extraterrestres.

A baleia olha para o poente; de fato, existe outra 'baleia' na Serra do Roncador [...], que é a Montanha Sagrada-fêmea, e ambas se comunicariam por canais intraterrenos. Muitos sobem ali para tentar avistamentos extraterrestres, e ela faz fronteira entre o Parque da Chapada e os moradores da região (SALVI, 2007b, p. 91).

Os relatos ufológicos continuam se difundindo, até que muitas pessoas passam a procurar o local com a expectativa de encontrar óvnis. Assim, o turismo passou a explorar essa temática como um atrativo, tendo também apoio do poder público, que procurou construir essa identidade da região para quem chega de outros lugares, como é o caso do Portal Arquitetônico³⁶ que se localizada na entrada da cidade (Figura 2).

Figura 2 - Portal ufológico na GO 118 (Alto Paraíso-GO)



Fonte: Autoria própria (2015).
Obra de Luís Gonzaga de Q. Silveira (2008).

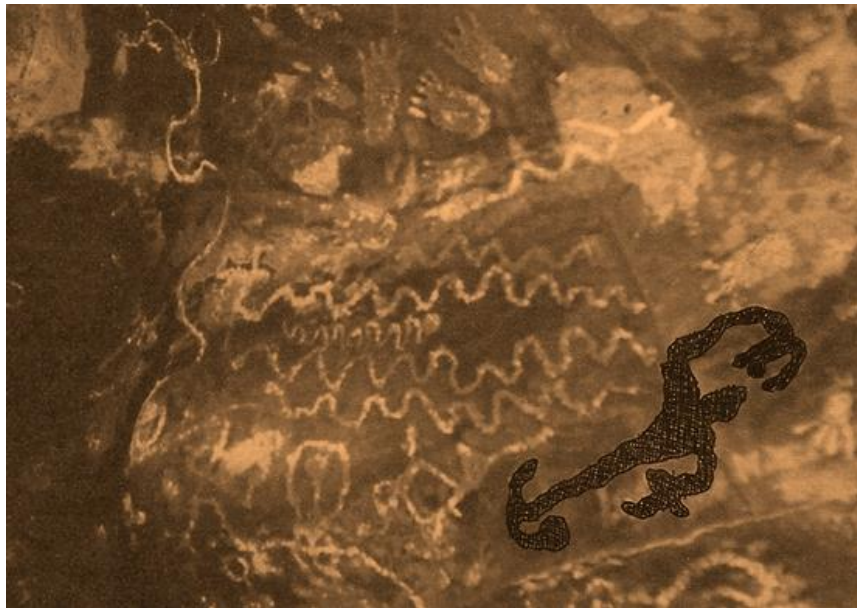
³⁶ O monumento apresenta dois arcos sustentando uma plataforma em forma de disco, que por sua vez, apresenta um cristal em seu cume. Segundo o autor do projeto, o engenheiro Luiz Gonzaga de Q. Silveira, a presença do cristal tem o objetivo de representar a base da economia tradicional da região. Contudo, é inegável o seu uso místico, e unindo-se à forma do portal, que sugere um formato de uma nave pousando em meio à GO-118, não se pode negar que isso categoriza uma representação mística da região. Este monumento teria sido imposto pelo governo estadual à população da cidade, sem uma consulta prévia, baseando-se em apelativos turísticos (SALVI, 2009, p. 35).

Outro município que merece destaque é Montalvânia (MG), localizada a 600 km de Brasília. O jornalista e pesquisador Dioclécio Luz (1986) relata em sua obra que o Planalto Central brasileiro foi permeado por muitos relatos místicos. Foram encontradas muitas inscrições em cavernas, que indicariam a presença dos habitantes de Atlântida na região (aqui nos lembramos das teorias de Roseli Von Sass). Esses resquícios dessa antiga civilização, de acordo com o autor, mostrariam que o local teria sobrevivido ao dilúvio bíblico. Dioclécio Luz participou de uma caravana para a cidade e conta em seu livro as experiências vivenciadas e as histórias que ouviu no local. Seu grupo visitou Antônio Montalvão³⁷, fundador da cidade.

No local existe uma caverna batizada de Caverna de Poseidon (Figura 3), local que segundo Antônio Montalvão, é o guardião da história do mundo. Realizando uma leitura particular das rochas, ele apresentava à caravana deuses, macunaímas, janaínas e perseus. Outras teorias excêntricas de Montalvão merecem destaque: nas cavernas de Montalvânia estariam os restos mortais de Abraão e sua esposa Sara; uma outra caverna, chamada Vulcano, estaria interligada à Ilha de Páscoa e ali poder-se-ia comunicar com os Moais; a nossa civilização não descenderia de Adão, mas de células cósmicas de gigantes ciclopes que vieram de outros planetas; quando as águas abaixaram após o dilúvio, o nosso continente foi dividido em três ilhas: a Atlântida (Planalto Central), Hiperbórea (Alto Amazonas) e Limensur (Andes) (LUZ, 1986, p. 144-147).

³⁷ Sua filha, Kátia Montalvão, escreveu uma dissertação de mestrado intitulada *A trajetória do fundador da cidade de Montalvânia na memória coletiva: uma contribuição para a cultura local e escolar* (2002) com o objetivo de investigar os elementos presentes na memória coletiva da cidade a respeito da sua fundação, tendo como sua principal fonte de pesquisa a oralidade dos sujeitos inseridos naquele meio.

Figura 3 - Caverna de Poseidon (Montalvânia-MG)



Fonte: J.A. FONSECA (2014). Disponível em: http://www.viafanzine.jor.br/site_vf/pag/7/fonseca_montalvania.htm.

Como pode-se perceber, a imagem foi grifada pelo arqueólogo J.A. Fonseca a partir de suas pesquisas realizadas na região, para mostrar que a figura em destaque é interpretada por muitas pessoas como o deus grego Poseidon. Além dessas teorias, Montalvão relatava sobre seres de outros planetas:

Os marcianos destruíram seu planeta há 3.000 anos com uma guerra atômica. Duas facções tiveram que sair, vieram aqui para a Terra. Os bons ficaram no Triângulo das Bermudas (que tem saída na Serra do Roncador, em Goiás). Os maus não existem mais – voltam a renascer como animal, vegetal ou mineral. Os bons, eu forneci energia e eles voltaram para Marte. De maio (1985) para cá Marte começou a criar atmosfera, está azul, não mais vermelho, não é mau, é bom (LUZ, 1986, p. 146).

Montalvão atribuía às inscrições rupestres das cavernas a representação de uma “Bíblia de Pedra”, pronunciando que descobriu uma nova Mesopotâmia, pela presença dos rios Cochá e Carinhanha, correspondentes ao Tigre e Eufrates. Quando foi eleito prefeito de Montalvânia em 1972, procurou divulgar seus achados arqueológicos, estimulando pesquisas no local.

Paraúna (GO) também demonstra uma outra face além da natureza exuberante. O estudioso de esoterismo Alódio Továr (1986) realizou uma pesquisa na região, afirmando que “se alguma civilização pré-histórica tiver deixado traços diferentes em algum lugar, o Planalto Central do Brasil guarda algum sinal claro e visível dessas civilizações” (p. 01). O pesquisador documentou a região buscando os seus monumentos, sejam eles naturais ou artificiais que intrigam a muitos pelos seus curiosos formatos. A sua beleza natural e os seus curiosos relatos

foram os responsáveis em nutrir o turismo na região, que têm desenvolvido a pacata cidade do interior goiano.

O pesquisador acredita que há uma ligação entre Paraúna, Ilha de Páscoa e a Serra do Roncador, pela existência de pedras porosas avermelhadas nas três regiões. A cristalização das rochas e a erosão formaram curiosos formatos (cálice, tartaruga, índia, dentre outros).

A Serra das Galés é um grande ponto turístico reconhecido pelas suas formações que sugerem antropomorfismos e zoomorfismos, e principalmente pela Pedra do Cálice (Figura 4). A Serra é um conjunto de blocos de arenito “remanescentes de uma decomposição metamórfica que apresenta formas curiosas esculpidas pela erosão eólica” (*ibidem*, p. 27).

Figura 4 - Pedra do Cálice na Serra das Galés (Paraúna-GO)



Fonte: Cally Afiune (2017).

Existe também um bloco de arenito que muitos acreditam encerrar uma estrutura subterrânea, o que nos lembra dos reinos de Agharta cujas entradas poderiam ser encontradas no Tibete. Outras formações rochosas sugerem formatos piramidais (semelhantes a altiplanos encontrados na região de Nazca) e muralhas incas (*ibidem*, 1986).

Outros locais sugerem portais lacrados a partir de histórias contadas por moradores da região, que contam que em 1933 um grupo de ingleses em uma missão arqueológica penetrando em alguns túneis, encontraram uma passagem que dava acesso a uma imensa galeria, capaz de abrigar milhares de pessoas. Mas esta entrada ninguém sabe onde se localiza, estando apenas nos relatos das pessoas (*ibidem*, 1986).

Na fronteira entre o município de Paraúna e Ivolândia, na microrregião da Serra dos Caiapós, em um local de difícil acesso, existem blocos enormes de arenito vermelho, onde uma

caverna teve sua formação devida a desmoronamentos internos de um dos rochedos. Ali existem figuras em um painel, que dão a impressão de terem sido desenhadas com tinta branca ou vermelha, que muitos interpretam em paralelo a simbologias de civilizações da antiguidade (esfinge, sarcófago), ufos e símbolos do tarot. “Ali existem traços de civilizações conhecidas e os cinzelamentos retratam, por exemplo, formas do Antigo Egito e símbolos cosmológicos da Astrologia dos Caldeus” (*ibidem*, p. 77).

Segundo o esotérico Rosa (1998), toda essa energia provém de um sistema cósmico que se renova a cada Era, acelerando partículas presentes em todos os seres vivos. De tal modo, estaria existindo uma evolução a nível atômico e a nível celular, desconhecida pelos cientistas. Essa evolução encaminharia a humanidade a expandir sua consciência, compreensão, mente, inteligência e sensibilidade, fazendo com que os espíritos mais evoluídos reencarnem, e os atrasados nesta evolução, fiquem excluídos.

Essa revalorização da natureza consiste em tratá-la como algo sagrado, a partir da inspiração nas culturas dos povos da Antiguidade que já procuravam alcançar essa harmonia, que se perdeu com o mundo moderno. Assim,

a natureza pode ser um caminho precioso para chegar a Deus, ou à própria iluminação, como tem sido prescrito tantas vezes [...] Um novo caminho é apontado, de viver um verdadeiro romance com toda a criação (com o infinito e a eternidade) [...] a natureza é uma base universal para toda a vida, e não se trata apenas de sacramento” (*ibidem*, p. 120).

As regiões remotas são como os desertos na Bíblia, locais procurados pelos profetas em busca de paz interior e do contato com Deus. Os locais ermos e inabitados, em contraste com as regiões populosas e descontroladas, representam a chegada de novos tempos. Esses locais são favoráveis à re-humanização do homem, estando distante das culturas superficiais e mercantilistas (SALVI, 2010). Existem diferenças significativas entre litoral e interior, sendo a primeira, uma cultura voltada para o exterior, favorecendo os intercâmbios. Já o interior por sua vez, guarda estruturas sociais mais complexas, por ser um local mais desafiador, vocacionada para guerreiros. Na opinião do autor, quem procura locais inóspitos procura aventura, o inesperado, envolvendo também maiores projetos como a fundação de novas cidades, como é o caso de Brasília. Além da localização, as altitudes também influenciam, como podemos perceber no exemplo das montanhas da Ásia Central, sendo atribuídos a esses locais um favorecimento da longevidade humana e autonomia. Muitas descrições do paraíso terrestre envolvem locais elevados, e muitos deuses habitam esses lugares, como o monte Kailas, lar mitológico de Shiva e via de acesso ao Nirvana. “As migrações e os êxodos buscam geralmente

o interior das terras, regiões ainda inexploradas [...] Tais movimentos comumente acontecem sob algum impulso histórico especial, e não raro sob manifestações de índole profética ou messiânica” (*idem*, p. 101).

Para Costa e Steinke (2012, p. 23), os pontos mais elevados são relacionados a sacrifícios, orações e cultos, proporcionando uma aproximação com o divino, por sua vez as regiões planas e férteis representam uma bênção para a produção dos alimentos. O próprio catolicismo tem suas referências às regiões elevadas, como o Monte das Oliveiras, as Colinas de Golã e o Sermão da Montanha. Igrejas são construídas em locais elevados. Um adequado exemplo citado pelos autores é o Morro da Capelinha, em Planaltina, no qual, a via-sacra é encenada anualmente, presenciada por milhares de fiéis.

Jean Delumeau e Sabine Melchior-Bonnet (2000, p. 09 - 10) também nos mostram que existe um vínculo entre a natureza e o sagrado. Os locais elevados na sua opinião, são propícios para a manifestação dos poderes divinos, como a Acrópole, com os seus templos, o Olimpo, a morada dos deuses, e o monte Sinai, em que Moisés recebe uma mensagem de Deus.

Segundo Salvi (2000, p. 14) a montanha é um símbolo de elevação, sendo um dos mais poderosos símbolos. Ele relata que as culturas andina e tibetana acreditavam que viver nas planícies era mais sábio. As regiões altas e centrais costumam corresponder a mitos atávicos e a profecias.

Para o maçom e escritor Felipe Cocuzza (1992) outro elemento importante da natureza é a água. Os rios assumem uma conotação sagrada pela fertilidade que levam à terra e por acontecimentos históricos que marcaram as suas margens e seus cursos. Mas alguns rios possuem um grau de sacralidade maior, como é o caso do Ganges, o Rio Negro e o Amazonas.

O Amazonas era um rio sagrado há milênios, desde que começou a correr para o Atlântico, irrigando a terra sedimentar que se formara, no lugar de um mar mediterrâneo também sagrado. [...] O mais sagrado dos rios brasileiros é o Rio Negro. Segundo mestres de Yoga, este rio é tão sagrado quanto o Ganges, ou mais, e tem os mesmos poderes de criar anticorpos para tornar sempre curativas e salubres. [...] Às margens do Negro está Manaus, a nova Manoa, a cidade sagrada de tradições milenares do mar amazônico que era conhecida no Oriente (COCUZZA, 1992, p. 136 – 137).

A questão da água é reforçada pela escritora Cláudia B. Pacheco (2000, p. 54), a respeito da simbologia da Era de Aquário. Esta Era é marcada pela abundância das águas, lembrando que o Brasil detém 12% da água doce do mundo. De acordo a cabala, nos descreve a autora, a água é um reflexo da força espiritual presente nos mundos superiores. Uma força invisível e metafísica. Essa força se torna tão densa a ponto de se transformar em matéria física,

formando as águas. Os cabalistas também acreditam no poder de restauração molecular da água, que teria o poder de curar doenças.

A peculiaridade da natureza do Cerrado é uma das explicações para as atribuições místicas sobre Brasília, começando pelas águas do Planalto Central. De acordo com Cocuzza (1992) é do Planalto Central que as nascentes de Águas Emendadas distribuem os córregos que formam os rios das três bacias do Brasil.

O homem moderno lida com a natureza de forma poética e sensibilizada. Ele se encanta perante às maravilhas da natureza. Mircea Eliade afirma que seja qual for o grau da irreligiosidade do indivíduo moderno, ele é sensível aos encantos da natureza e reconhece uma experiência que vai além da contemplação estética. “Notemos que até os nomes trazem um significado cosmológico: a Montanha, conforme vimos, é um símbolo do Universo” (ELIADE, 1992, p. 75).

A natureza se tornou um refúgio mistificado após as consequências que a modernidade e todo o seu desenvolvimento criaram no mundo ocidental. O século XX esteve progressivamente cedendo espaço para uma nova postura do homem frente à natureza, como podemos confirmar com Keith Thomas (1988, p. 257). Na opinião do historiador, nesse período a natureza passou a ser concebida como local de refúgio e meditação, emergindo representações de uma natureza como uma forma religiosa. Aquele antigo antropocentrismo renascentista abriu espaço para uma nova preocupação, como uma nova sensibilidade com o sofrimento dos animais e a preocupação com o plantio de árvores.

O ideal de beleza urbana passou incorporar elementos da natureza, o que demonstrava uma insatisfação com o ambiente urbano. “Tais sensibilidades refletem o desconforto gerado pelo progresso da civilização humana: e uma relutância a aceitar a realidade urbana e industrial que caracteriza a vida moderna” (*ibidem*, p. 302). A natureza passou a ser ambiente de fuga para os habitantes dos grandes centros urbanos. O apreço pela natureza se converteu em uma espécie de ato religioso, sendo concebida como moralmente benéfica. Isso porque o seu papel agora é salutar ao homem, exercendo um poder espiritual sobre ele.

O sentimento de pasmo, terror, e exultação, antes reservado a Deus, gradualmente ia sendo transposto ao cosmos em constante expansão, revelado pelos astrônomos, e aos objetos mais sublimes descobertos pelos exploradores na Terra: montanhas, oceanos, desertos e florestas tropicais [...] As próprias montanhas não eram mais repugnantes; tinham se tornado a forma mais elevada de beleza natural, sinal da sublimidade divina (*ibidem*, p. 309).

Antônio Carlos Diegues (2001) analisa as relações simbólicas e o imaginário entre o homem e a natureza através da noção de mito naturalista, que seria a ideia de natureza intocada. Esse mito tem raízes em várias religiões, sendo mais proeminente o paraíso perdido cristão. O autor entende essas mistificações contemporâneas da natureza como neomitos. Na sua opinião, é como se houvesse uma simbiose entre o pensamento racional e o mitológico. Esse mundo natural intocado remete à ideia de paraíso perdido, da exuberância da natureza que não foi tocada pelo homem.

Para Edgar Morin (2006, p. 181) a modernidade se apropria de simbologias arcaicas, como podemos perceber na permanência da mitologia em regiões ermas, distantes, em que a natureza predomina. A modernidade ao mesmo tempo que dissolve as antigas mitologias, agrega outras novas, realizando um processo de regeneração do pensamento simbólico / mitológico.

O homem moderno além de suas realizações tecnológicas, não deixou de perseguir as fantasias, estas que tiveram sustentação simbólica ao legitimar os antigos mitos. Por outro lado, o misticismo ecológico apresenta uma postura também político-social dentro de muitos segmentos esotéricos em sua forma de lidar com a natureza. Surgiu uma resistência ao consumismo e o materialismo que o mundo ocidental moderno nos impôs, a busca de uma vida mais simples, integrada à natureza, com a prática do vegetarianismo e o uso de fontes alternativas de energia, contestando toda uma lógica do sistema capitalista.

O homem se compreende como parte da natureza. Essa conscientização perpassa pelas etapas evolutivas da humanidade dentro dos ideais de muitos grupos esotéricos, que visam dentre os seus principais pilares a preparação da humanidade para uma Nova Era, em que é necessária uma mudança de atitude com o seu meio ambiente. O meio ambiente passa a ser concebido então como um meio mágico e misterioso que está presente para o “despertar” da humanidade.

Esses locais que escolhi para análise circunscrevem Brasília e introduzem a ideia de mistificação da natureza da região do Planalto Central brasileiro, para mostrar que Brasília não é única e faz parte de um circuito místico presente no Brasil na opinião de muitos esotéricos. Esse elemento que denominei de circuito místico trata-se de um Sistema Geográfico que une energeticamente, na opinião de muitos esotéricos, vários locais considerados centros espirituais brasileiros. Eles possuem uma missão futura importante, na qual, Brasília torna-se o elemento central, como veremos nos próximos capítulos...

1.3. A interiorização da capital federal

Procuro neste espaço reconstruir brevemente uma genealogia do pensamento mudancista, já que esse assunto específico foi tratado por muitos pesquisadores da área, mas do qual não posso me abster. Proponho uma síntese que abre um caminho para se compreender o embrionamento dessas ideias, que culminarão em representações místicas de Brasília.

Uma nova capital brasileira já era anseio político desde o período colonial, sendo este, sucedido por um tempo marcado por muitas turbulências ideológicas, claramente influenciadas pela independência dos Estados Unidos e a implantação de seu sistema republicano. Paulo Bertran (2000, p. 233) confirma que toda essa base ideológica da interiorização da capital já decorria desde o século XVIII. E dentre os inúmeros motivos, o autor destaca questões militares, projetos desenvolvimentistas e o despovoamento do Oeste, que estavam contra os ideais lusitanos de manter uma capital na região litorânea, já que seria mais conveniente para seus desagues econômicos. De tal modo, o projeto de uma capital interiorana só poderia surgir no âmbito de aspirações anticoloniais e anti-imperialistas.

É provável que tenha sido consensual a interiorização da capital no projeto político dos inconfidentes, que no ano de 1789 teriam como parte de seus planos:

[...] para darem princípio ao estabelecimento da nova república se apoderariam dos quintos e cofres reais, como consta a fl. 13v. ap. 4, fl. 6 e ap. 13 fl. 5v. da devassa desta cidade: que se lançaria um bando em nome da república, em que se ordenaria que todos seguissem o novo governo [...] e ultimamente que se fariam leis para o governo, que se daria uma Universidade em Vila Rica e se mudaria a capital para São João del-Rei [...] (MATHIAS, 2001, p. 84).

Essa sugestão da transferência da capital do Rio de Janeiro para São João Del Rei em Minas Gerais por parte dos inconfidentes se dava por duas razões, primeiro, porque a capital interiorizada estaria mais protegida geograficamente. Segundo, porque seria uma boa forma de promover o povoamento das demais províncias do país.

Era de se esperar que o Rio de Janeiro estaria mais sujeito às incursões estrangeiras, a começar pela família real portuguesa que em 1808 chega ao Brasil em uma fuga das invasões napoleônicas. O político britânico William Pitt um ano depois sugeriu a transferência da capital do Rio de Janeiro para o interior, por questões de segurança, sugerindo o nome de “Nova Lisboa”.

Adirson Vasconcelos³⁸ (1978, p. 16) acrescenta que os ideais filosóficos, humanistas e revolucionários influenciaram os inconfidentes. Muitos deles eram poetas, padres e intelectuais, que conheciam as realidades de outros países e trouxeram de lá este espírito. A própria Revolução Americana de 1776 pode ter sido uma inspiração para os mineiros.

Em 1808 o diplomata da corte portuguesa, Hipólito José da Costa, que também estabelecia relação com os inconfidentes e a Maçonaria³⁹, também teve importância na formação das bases da nova capital. Ele fundou o jornal *Correio Braziliense*⁴⁰ no mesmo ano, como parte de sua carreira jornalística, e veio para o Brasil repleto dos ideais iluministas, que foram difundidas através deste meio de comunicação. O *Correio Braziliense* tornou-se um jornal em circulação clandestina no Brasil devido a suas ideologias antiescravagistas, republicanas e defensoras da interiorização da capital brasileira, que nada agradavam a corte.

Em sua dissertação, César Agenor F. da Silva⁴¹ (2006, p. 122) afirma que Hipólito pensava que toda a civilidade das luzes deveria atingir também as cidades do interior do Brasil, não se restringindo às litorâneas. Em 1813 Hipólito divulgou seu projeto de transferência da

³⁸ Aclamado como o pioneiro da epopeia da construção de Brasília, Adirson Vasconcelos tem recebido esse reconhecimento público desde 1976 quando o presidente Juscelino Kubitschek o elogiou pelos trabalhos realizados. Percebi um fato interessante em sua obra *A mudança da capital* (1978), que apresenta um cunho ideológico indiscreto, por fazer uma honraria ao golpe militar o qual ele denomina como “A revolução democrática de 64” (p. 363), como um benfeitor, modernizador e consolidador de Brasília. Contudo, tenho que reconhecer que suas pesquisas se constituem referências para se compreender os momentos de concepção e implementação da capital e não faz parte de escopo desta pesquisa realizar debates dessa natureza. Vale a pena também citar a sua obra *Os pioneiros da construção de Brasília* (1992) volumes 1 e 2 composta por uma espécie de um Dicionário, listando os nomes dos personagens de A - Z que de alguma forma contribuíram para a epopeia da construção de Brasília, realizando uma síntese de suas identidades e atuações. Outro historiador que demonstra a mesma linha ideológica de Adirson Vasconcelos é Ernesto Silva, que em sua obra *História de Brasília* (1971) se referiu ao Golpe de 64 como uma Revolução e um novo alento para o povo brasileiro. Exaltou as ações do Presidente Castelo Branco como um benfeitor do sucesso de Brasília.

³⁹ De acordo Paulo Bertran (2000, p. 244) Hipólito da Costa aderiu à Maçonaria na Filadélfia, Estados Unidos. Se tornou posteriormente grão-mestre no Grande Oriente de Londres. Também existe a dissertação de Lamon Fernandes de Siqueira (2011) que investigou profundamente a vida de Hipólito bem como a sua ligação com a Maçonaria. O pesquisador confirma a informação de que Hipólito da Costa teve contato com o grupo nos Estados Unidos, realizando análises de seu diário, no qual, o jornalista escreveu sobre seu interesse e adesão à Maçonaria. Hipólito de acordo este autor, foi admitido como membro no dia 12 de março de 1799. Posteriormente se tornou um dos dirigentes da Maçonaria em Portugal. Seu trabalho no *Correio Braziliense* contou com a ajuda da Maçonaria inglesa, tanto por patrocínio quanto por contingência de assinantes, destacando-se seu amigo Augustus Frederick, Duque de Sussex. Assim, o jornal cresceu com seus escritos ilustrados e propagadores dos ideais maçons. José Bonifácio era um de seus ilustres assinantes.

⁴⁰ Quando se efetivou a inauguração de Brasília em 1960, o então presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira e o jornalista e embaixador Assis Chateaubriand decidiram realizar a impressão do jornal de Hipólito da Costa exatamente no dia 21 de abril, coincidindo com o dia da inauguração de Brasília para reativar a sua veiculação. O jornal estava fora de circulação desde o ano de 1822, e a partir de 1960 permanece até os dias de hoje, sendo um importante veículo midiático regional. Sobre o jornal, recomendamos a dissertação de Morelli (2002) *Correio Braziliense 40 anos: Do pioneirismo à consolidação*.

⁴¹ César Agenor F. da Silva (2006) tem como foco de sua dissertação de mestrado o jornal *Correio Braziliense* e a sua influência perante a elite intelectual brasileira e os seus ideais civilizatórios, do período compreendido entre 1808 a 1822.

capital administrativa para o interior do país, o que permitiria também o seu avanço econômico. É o que podemos verificar em um fragmento da sua publicação no *Correio Braziliense*:

O Rio-de-Janeiro, não possui nenhuma das qualidades, que se requerem, na cidade que se destina a ser a capital do Imperio do Brazil; e se os cortezãos que para ali fôram de Lisboa, tivessem assaz patriotismo, e agradecimento pelo paiz, que os acolheo, nos tempos de seus trabalhos, fariam um generoso sacrificio das commodidades, e tal qual luxo, que podiam gozar no Rio de Janeiro, e se iriam estabelecer em um paiz do interior, central, e immediato às cabeceiras dos grandes rios; edificariam ali uma nova cidade, commeçariam por abrir estradas que se dirigissem a todos os portos de mar, e removeriam os obstáculos naturaes que tem os diferentes rios navegáveis, e lançariam assim os fundamentos ao mais extenso, ligado, bem defendido, e poderoso império [...] Este ponto central se acha nas cabeceiras do famoso rio de S. Francisco. [...] e se pode comparar com a descripção que temos do paraizo terreal (COSTA, 1813, p. 374 – 375).

Hipólito afirma que o Planalto Central brasileiro muito se parece com a descrição conhecida do paraíso terreal. Sérgio Buarque de Holanda (2000, p. 75) confirma que Hipólito da Costa imaginou o local para a capital do Brasil em um sítio privilegiado a que nada faltava os elementos edênicos. Só que desta vez, teria se convertido em uma visão premonitória e futurista. Essa região seria propícia para fundar, segundo James Holston (1993, p. 23), uma acrópole em meio ao vazio. Segundo o autor, uma área de 5.802 quilômetros quadrados, envoltos por 2 milhões de quilômetros quadrados de Cerrado, se transformou em um “oásis de aço e vidro” distante de mil quilômetros do litoral brasileiro.

Hipólito nessa mesma edição do *Correio Braziliense* também critica a escolha do Rio de Janeiro, dizendo que os motivos seriam as suas comodidades, que na cidade as pessoas poderiam andar de carruagens, ir ao teatro, e assim, evitavam criar uma cidade novamente. Rio de Janeiro também estaria, na sua opinião, em um ponto do território brasileiro que tem muitas dificuldades de comunicações com as outras regiões, e estando próximo aos portos, poderia ser atacado facilmente por nações inimigas. Quanto às dificuldades de criação de uma nova capital, Hipólito dizia que se deveria olhar para o exemplo dos Estados Unidos, que edificaram novas cidades, e fundaram a sua nova capital Washington em um local que não havia casas, mas que estava no centro do seu território. Se fosse assegurada a liberdade das pessoas, a propriedade à terra e a liberdade religiosa, poderiam angariar muitos moradores para construir essa nova capital. Ele também critica a administração monárquica do país naquele momento, sempre comparando com os outros países.

Podemos perceber que a centralidade geográfica da nova capital era o elemento mais importante nos discursos mudancistas, pois em 1822, José Bonifácio de Andrada e Silva defendeu também a construção da capital no interior, mas em Paracatu, Minas Gerais. Suas

ideias influenciaram outros nomes importantes na política do período, como Francisco Adolfo de Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro (LIMA, 2010, p. 19).

Em relação à autoria do nome “Brasília”, Adirson Vasconcelos (1978, p. 33) esclarece que foi realizada uma publicação anônima no ano de 1822 defendendo a interiorização da capital e sugerindo o nome. O documento era um aditamento à constituição portuguesa, de caráter anônimo (provavelmente de autoria de José Bonifácio) que sugeria o nome da cidade: “No centro do Brazil, entre as nascentes dos rios confluentes do Paraguay e Amazonas, fundar-se-ha a capital deste reino, com a denominação – Brasília – ou qualquer outra” (FUNDAÇÃO ISRAEL PINHEIRO, 2002). Em 1823 José Bonifácio reforçou a proposta de mudança da capital quando pronunciou que ela poderia se chamar Petrópole ou Brasília (CAVALCANTI, s/d.).

Vasconcelos (1978, p. 29) acrescenta que Bonifácio fez valer de sua importância política (Presidente de São Paulo e Ministro de Estado) para dar continuidade às expressões em prol da interiorização da capital brasileira. Indicou também a posição do paralelo 15, a salubridade, fertilidade, navegabilidade e potabilidade das águas, como podemos perceber em um documento redigido em 20 de outubro de 1821 destinado a Corte de Lisboa, citado por Ernesto Silva⁴²:

Parece-nos muito útil que se levante uma cidade central no interior do Brasil para assento da Corte ou da Regência, que poderá ser na latitude, pouco mais ou menos, de 15 graus, em sítio sadio, ameno, fértil e regado por algum rio navegável. Deste modo, fica a Corte ou assento da regência livre de qualquer assalto e surpresa externa e se chama para as províncias centrais o excesso de povoação vadia das cidades marítimas e mercantis (SILVA, 1971, p. 22 – 23).

Magalhães (2010, p. 111) em sua tese acrescenta que esse desejo pelo centro de um território já mobilizou projetos nacionalistas em outras partes do mundo, em diversos momentos. Ele cita os exemplos da Cidade Sagrada do Império Chinês, São Petersburgo e Madri. Inclusive, o autor lembra que Francisco Adolfo Varnhagen morou em Madri por um tempo, e conjectura que possa ter ocorrido essa influência.

⁴² Historiador, médico e letrado. Ernesto Silva foi um dos pioneiros da construção de Brasília, na qual, teve uma expressiva participação, atuando como Secretário da Comissão de Localização da Nova Capital, Presidente da Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal, Diretor da Novacap e trabalhou no Edital do Concurso do Plano Piloto. Ernesto Silva (1971) traz uma rica pesquisa histórica, abordando os fatos ocorridos através de sua própria vivência, já que o autor fez parte do grupo de construtores da nova capital. O autor desenvolve sua análise desde as primeiras ideias mudancistas, analisando separadamente os projetos para Brasília nas áreas da educação, economia, abastecimento, saúde, dentre outros.

Em 1852, Varnhagen é o personagem que solidifica o centralismo geográfico da nova e idealizada capital brasileira, “no triângulo formado pelas Lagoas Feia, Mestre D’Armas e Formosa” (BERTRAN, 1992, p. 66). Nísia Trindade Lima (2010) concorda que ele foi um dos principais idealizadores desta mudança para o interior. A autora afirma que Varnhagen viajou ao interior e mapeou, realizando um tratado sistemático que se tornou referência para os intelectuais mudancistas. Foram as suas propostas as mais citadas no decorrer dos discursos excitados em prol da mudança da capital, justamente porque elas trouxeram à tona problemáticas que deveriam ser debatidas, como a necessidade do sentimento de nacionalidade do seu povo, obstáculos naturais e a diversidade racial. “Ali, na confluência das bacias do Amazonas, Prata e São Francisco se encontraria o coração do Brasil, imagem das mais persistentes no imaginário sobre as propostas mudancistas” (p. 19).

Varnhagen também defendia seus pontos de vantagem em relação às capitais nas regiões litorâneas, como as condições climáticas, equilíbrio do desenvolvimento econômico do país, e como os seus predecessores, a defesa em detrimento de ameaças externas. É o que podemos verificar em seu tratado *Questão da capital: Marítima ou no interior?* (1877):

Desta côrte central dever-se-hão logo abrir estradas para as diversas provincias e portos de mar, para que se communicuem e circulem com toda a promptidão as ordens do governo, e se favoreça por ellas o commercio interno do vasto Imperio (sic) do Brasil. [...] ... se deve fixar em um logar são, ameno, aprazivel e isento de confuso tropel das gentes indistinctamente acumuladas (PORTO SEGURO, 1877, p. 22).

Varnhagen também demonstrou um deslumbramento perante a natureza do Planalto Central. Chamou-lhe a atenção a região banhada pelas vertentes dos rios Santa Rita, Preto e São Bartolomeu, nos quais podemos perceber a presença da Lagoa Formosa e Lagoa Feia, atual município de Formosa (VASCONCELOS, 1978, p. 62). Varnhagen citou o exemplo de muitas outras capitais interioranas que demonstraram sucesso em relação a proteção e desenvolvimento regional, como Londres, Paris, Berlim, Madri Bogotá, Quito, Caracas e Buenos Aires.

O discurso de Varnhagen sintetizava os anseios e os ideais de um grupo dominante. A mudança da capital equilibraria o país, transformando-o em uma nação desenvolvida. Uma nova cidade marca uma nova era, um rompimento com o passado colonial. Mas ao mesmo tempo, Varnhagen e os pensadores de sua linha negavam o próprio Brasil, sua cultura rústica, sertaneja e o seu vazio demográfico. Esta seria uma forma de negação do outro, atribuindo-lhe o antônimo de progresso e civilidade. A sua proposta seria reinventar um país ideal, dentro de preceitos não menos eurocêntricos.

Varnhagen acreditava que as altitudes mais elevadas do Planalto Central compensariam todas as desvantagens de sua localização. Os trópicos estariam imersos pelas doenças e pela indolência, por estarem próximos à linha do Equador. Desta forma, os ares desta altitude seriam mais salubres e mais análogos aos encontrados na Europa. Varnhagen também determinava o local ideal para uma nova capital – 15° de latitude, com 3.000 pés de altitude – assim como a Europa, expressando o seu anseio eurocêntrico que determinava as suas escolhas além do Atlântico.

A dicotomia entre sertão / litoral⁴³ no âmbito das ideias em voga durante o século XIX representa para Nísia Trindade Lima (1997) um assunto que não pode ser dissociado da transferência da capital para o interior. Coexistiam duas correntes de pensamento, em que uma enxergava o interior do Brasil como um local desprovido de civilidade, e a outra, compreendendo o interior como um local no qual se poderia desenvolver a “autêntica nacionalidade”, pois era um espaço considerado vazio, desconhecido e repleto de riquezas naturais. Apesar de ambas as visões entenderem o interior como selvagem, é a matriz de pensamento romântica que estimula o interesse pelo conhecimento da natureza do sertão brasileiro, enaltecendo as suas peculiaridades, criando também versões míticas.

Magalhães (2010 p. 39) acrescenta a essa mitificação do espaço sertanejo a ideia de uma Odisseia brasileira. O autor lembra que o próprio Euclides da Cunha aplicou o termo “sertão ignoto” como uma das formas de mitificação do interior, o que também esteve presente em diversas narrativas de viajantes e intelectuais, que construíram o sertão com uma aura de aventura e perigo.

O século XIX foi marcado pela presença de expedições ao interior com o objetivo de delimitar fronteiras e realizar pesquisas científicas. As expedições oficiais republicanas, além disso, procuravam diagnosticar problemáticas para o seu saneamento, trazendo as linhas telegráficas e as ferrovias, o que traria a modernidade ao retrógrado. Isso tudo fazia parte dos projetos de manutenção da unidade política que perdurou durante o século XX.

[...] foram os atores políticos, portadores de diversos interesses e projetos, que recorreram à história e selecionaram do passado nacional aquelas ideias e símbolos com os quais buscaram se identificar. [...] Os projetos de transferência da capital para o interior, ou sertão, constituem-se, ao mesmo tempo, em projetos de nação e trazem um sonho feliz de país e de cidade; [...] projetos de cidades novas; uma utopia que buscou unir tradição e modernidade (LIMA, 2010, p. 18).

⁴³ “Desde o período colonial, o termo litoral não denotava simplesmente a faixa de terra junto ao mar, mas principalmente o espaço da civilização. Por seu turno, sertão era concebido como o espaço dominado pela natureza e pela barbárie” (LIMA, 2010, p. 21).

Apesar de nenhuma dessas e outras sugestões de mudança da capital resultarem em ações concretas, foram importantes para consolidar na opinião pública o ideal de mudança da capital. É evidente que outros personagens⁴⁴ do período pré-republicano também contribuíram para a disseminação dos ideais mudancistas, mas foram estes nomes os destacados por muitos historiadores regionais, como Nísia T. Lima, Adirson Vasconcelos e Paulo Bertran.

Em 1889 com a Proclamação da República, a mudança e interiorização da capital tornou-se assunto imperativo. O presidente Marechal Deodoro da Fonseca demonstrou a sua insatisfação com a capital sediada no Rio de Janeiro, o que marca a emergência de um espírito republicano que norteou o primeiro decreto de 15 de novembro de 1889, definindo que a cidade do Rio de Janeiro seria sede provisória do poder federal. Em 1890 os Decretos 510 e 914-A apresentaram o projeto de mudança da capital. Neles, o governo empregou o termo “Distrito Federal” ao invés de “Município Neutro” que era utilizado durante o Império, episódio confessadamente inspirado nos Estados Unidos (VASCONCELOS, 1978, p. 110-111).

O artigo 3º da nova Constituição Federal de 1891 estabeleceu que a capital seria transferida para o Planalto Central. Para realizar os seus primeiros mapeamentos, a Missão Cruls foi formada e incumbida de delimitar o quadrilátero que definiria o local.

Em 1892 a 1ª Missão Cruls se efetivou (no período do governo de Floriano Peixoto), estando formada por vinte e dois integrantes, contando com geólogos, astrônomos, botânicos, médicos e militares. Percorreu o Planalto Central durante sete meses, com o objetivo de demarcar a área que seria reservada ao futuro Distrito Federal. Era chefiada pelo astrônomo⁴⁵ belga Louis Ferdinand Cruls. A expedição percorreu ao todo, 14.000 quilômetros. Foi uma missão científica e exploratória que, inclusive, mediu o ponto mais alto do Planalto Central, a Serra do Pouso Alto, com 1.676 metros. Também foram realizadas pesquisas topográficas, climáticas, geológicas, sobre a flora, a fauna, solo e recursos minerais, o que resultou na demarcação de 14.400 km² de solo, compondo o Quadrilátero⁴⁶ Cruls. No relatório apresentado Cruls destaca de forma positiva as potencialidades da região:

⁴⁴ “O conselheiro Veloso de Oliveira, o padre João Ribeiro (da Revolução Pernambucana de 1817), o desembargador França Miranda, José Clemente Pereira (Manifesto do Fico), o deputado Antonio Carton Andrada [...] Marquês de Pombal, o cartógrafo Tossi Colombina, o estadista inglês Guilherme Pitt, o almirante Sidney Smith e o caso especial de uma publicação impressa da Tipografia Rolandina, sem autoria” (VASCONCELOS, 1978, p. 40).

⁴⁵ Para Vergara (2010, p. 38) a escolha de um astrônomo para integrar a missão se devia ao fato de que o conhecimento nesta área seria imprescindível na demarcação do território, já que essa ciência aplica a posição dos astros para se orientar na superfície terrestre.

⁴⁶ O quadrilátero se deve à clara influência do método de demarcação das fronteiras nos Estados Unidos, pois segundo Luis Cruls, esse formato regular evitaria no futuro contestações entre os estados. A demarcação irregular também levaria mais tempo para ser realizada. O quadrilátero foi definido a partir das longitudes e latitudes. (VERGARA, 2010, p. 39 - 40).

[...] com a mais solida e franca convicção que vos declaro que é perfeita a salubridade desta vasta planície, que não conheço no Brazil Central logar algum que se lhe possa comparar em bondade. A esta qualidade primordial do Planalto convem acrescentar a abundancia dos mananciaes d'água pura, dos rios caudalosos cujas aguas podem chegar facilmente ás extensas collinas que nas proximidades, se vão elevando com declives suavissimos (CRULS, 1947, p. 10).

Essa questão da salubridade defendida por Cruls, acompanhada por críticas às ocupações litorâneas e às dificuldades administrativas do sistema federalista, tornaram-se elementos cruciais para a aprovação do artigo constitucional para a mudança da capital (LIMA, 2010, p. 22). Moema de R. Vergara (2010, p. 36) acrescenta que a missão passou um período de interrupção que perdurou alguns meses, e após isso, os trabalhos foram retomados, mas o projeto recebeu um novo nome, Comissão de Estudos da Nova Capital da União, que trabalhou até o ano de 1895. A comissão manteve praticamente os mesmos membros da primeira comissão. Sua missão, na verdade, consistia em implementar os projetos topográficos iniciados, com o objetivo de construir estradas de ferro.

Dois membros da comissão – o naturalista Antônio Pimentel e o geólogo Eugênio Hussak – disseram que o Planalto Central não foi imerso pelas águas do dilúvio bíblico, se referindo à região como a “antiga ilha goiana” (VASCONCELOS, 1978, p. 145). Ambos também teriam demonstrado mais exemplos que evidenciam uma visão edênica:

As feições topográficas dos chapadões, ora onduladas ora extensas descortinam ao homem largos horizontes sob a abóbada de um céu muito azul e de nuvens muito brancas. A altitude de mil metros e os ventos que se sopram todo o ano e constantemente a pouca velocidade oferecem ao homem um “habitat” de um paraíso terreal. As águas, em abundância e saudáveis completam a trilogia de salubridade do meio ambiente (*ibidem*, p. 148).

Apesar de garantida no texto constitucional, a efetivação da mudança da capital para o Planalto Central só começou a ser efetivada em 1956, no governo de Juscelino Kubitschek. E depois de Floriano Peixoto, oito presidentes passaram pela administração executiva do país, e nenhum deles se preocupou com a efetivação do projeto firmado pela Constituição de 1891. Pelo contrário, se preocuparam com o desenvolvimento do Rio de Janeiro, desestimulando qualquer anseio mudancista.

Lima (2010, p. 22 – 23) ressalta que em 1910 o Instituto Manguinhos organizou algumas expedições ao Planalto Central com o objetivo de realizar inventários sobre as condições epidemiológicas e socioeconômicas. Se destacaram os médicos Arthur Neiva e Belisário Penna, que foram os responsáveis por traçar um diagnóstico oposto dos sertões brasileiros, uma visão dantesca, a partir da descoberta da epidemiologia de Chagas. Suas

constatações repercutiram negativamente a imagem do interior goiano, sendo retratado como insalubre e desprovido de estrutura necessária para uma capital federal.

O clima político no primeiro decênio do século vinte é inteiramente impróprio e até hostil ao ideal mudancista e de interiorização da capital, pretendido pela Constituição, pois os chefes de Governo são os primeiros a tomarem providências em contrário ao preceito constitucional, no que encontravam apoio de significativas correntes do Congresso (VASCONCELOS, 1978, p. 201).

Esse clima desfavorável apontado por Vasconcelos (1978, p. 202) ocorrido na década de vinte teve uma pausa quando o presidente Epitácio Pessoa sancionou o Decreto 4.494 de 18 de janeiro de 1922 que determinava:

Art. 1º A Capital Federal será oportunamente estabelecida no planalto central da Republica, na zona de 14.400 kilometros quadrados que, por força do art. 3º da Constituição Federal, pertencem á União, para esse fim especial já estando devidamente medidos e demarcados.

Art. 2º O Poder Executivo tomará as necessarias providencias para que, no dia 7 de setembro de 1922, seja collocada no ponto mais apropriado da zona a que se refere o artigo anterior, a pedra fundamental da futura cidade, que será a Capital da União.

Art. 3º O Poder Executivo mandará proceder a estudos do traçado mais conveniente para uma estrada de ferro que ligue a futura Capital Federal a logar em comunicação ferroviaria para os portos do Rio de Janeiro e de Santos, bem como das bases ou do plano geral para a construcção da cidade, communicando ao Congresso Nacional, dentro de um anno da data deste decreto, os resultados que obtiver.

Art. 4º Para a execução deste decreto fica o Poder Executivo autorizado a abrir os créditos necessarios.

Art. 5º Ficam revogadas as disposições em contrario (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 1922).

Seu projeto empreendeu a inauguração da pedra fundamental da nova capital na cidade de Planaltina, que por sua vez, fazia parte do quadrilátero. Um de seus idealizadores foi o deputado goiano e médico Antônio Americano do Brasil que apresentou o projeto no Congresso Nacional. Seu discurso ilustra as excitações em prol da transferência da capital:

O monumento singelo, mas eloquente da pedra basilar, ereto no rincão ameno escolhido para o novo Distrito Federal, a 7 de setembro, foi também uma resposta esmagadora aos paradoxais princípios dos incrédulos e a prova de que os homens de Estado já edificaram no ânimo a convicção da necessidade de agir, favorecendo o dispositivo constitucional que há três longas décadas de vida republicana espera seu cumprimento definitivo. A pedra fundamental será de hoje em diante um lembrete perene a recordar aos governos um dever irrevogável, a inspirar aos povos dos quatro pontos cardeais do país novo alento, prenunciando a vinda de dias promissores para a nacionalidade (BRASIL, 1922).

Como uma reação aos discursos desfavoráveis, Americano do Brasil e o militar Henrique Silva (ex-integrante da Missão Cruels) publicaram artigos na revista *A Informação*

Goiana com o objetivo de rebatê-los, defendendo a transferência da capital. Intelectuais e jornalistas também procuraram combater os pareceres hostis ou apáticos. Dentre os outros entusiastas Vasconcelos (1978, p. 204) destaca: “Olavo Bilac, Medeiros e Albuquerque, Silvio Romero, Azevedo Pimentel, Afonso Celso, Roquete Pinto, Gomes Camargo, Euclides da Cunha⁴⁷, Aristides Milton, João Barbalho [...] entre outros”.

Os sentimentos nacionalistas ressurgiram, provocados também pelas comemorações do Primeiro Centenário da Independência em 1922, momento em que se rememora a figura de Tiradentes e os seus três maiores objetivos: independência, Proclamação da República e interiorização da capital. Daí a ideia de Americano do Brasil em inaugurar a pedra fundamental da nova capital no âmbito dessas comemorações cívicas.

Vasconcelos (1978, p. 233 e 236) ressalta que esse empreendimento quase não vai adiante, pois seu sucesso se deve ao engenheiro Balduino Ernesto de Almeida que fora encarregado da missão dez dias antes da previsão da inauguração, dia 7 de setembro de 1922. Além da distância que eles deveriam percorrer até o local, havia outros problemas de ordem logística, como a preparação e transporte de todos os materiais e trabalhadores necessários. O local escolhido por Balduino para assentamento da pedra fundamental situava-se a 1.000 m de altitude, a 8 quilômetros de Planaltina. Isso porque o local, de acordo a sua opinião, seria o mais vantajoso e conveniente, além de pitoresco. Os dois morros do local foram batizados de “Serra da Independência” e o “Morro do Centenário”. A escolha do formato do monumento (em obelisco) e o desejo de sua inauguração ao meio-dia são fatores a serem debatidos no capítulo 4, momento mais oportuno para se entender essas simbologias frente ao fascínio pelas culturas orientais antigas. Apesar de toda pompa promovida por este ato simbólico, com o término do mandato de Americano do Brasil e o seu afastamento do funcionalismo público, o projeto da construção da nova capital foi paralisado (*ibidem*, p. 259).

O Governo Vargas demonstrou pouco interesse nesse projeto, pois estava preocupado com questões políticas internas e econômicas, embora tenha chegado a mencionar o cerrado goiano como o “miradouro do Brasil” e reconhecido a importância de se interiorizar a capital. A “Marcha para o Oeste” não estava vinculada diretamente a esse propósito (*ibidem*, p. 284).

⁴⁷ Vale a pena destacar o literato, que procurou mostrar a potencialidade dos sertões interioranos brasileiros, ressaltando os projetos das linhas férreas e de desenvolvimento industrial. Anteviu uma cidade do futuro nas zonas do interior. Também afirmava que essa separação entre litoral e interior polarizava a nação (VASCONCELOS, 1978, p. 208).

Luís Sérgio D. da Silva (2017) acrescenta que a campanha pela interiorização da capital ganhou força na Assembleia Nacional Constituinte de 1946, resgatando o interesse⁴⁸ pela região do Planalto Central. Jeronymo Bueno, governador de Goiás, promoveu uma campanha em prol da transferência da capital para o território goiano. “As regiões do Quadrilátero Cruls e da Chapada dos Veadeiros eram apresentadas como alternativas ao Triângulo Mineiro, para onde os possedistas Benedito Valadares e Israel Pinheiro queriam levar a nova capital” (p. 38).

A área determinada de 14.400 km² por Cruls sofreu algumas alterações, sendo ampliada para 77.250 km² pela Comissão de Estudos para a Localização da Nova Capital do Brasil, chefiada pelo Marechal Djalma Polli Coelho e nomeada pelo presidente Eurico Gaspar Dutra. Foi estendida a região ao norte do quadrilátero, com a justificativa de que seria necessário alcançar divisas naturais. Essa proposta incluiu os municípios de Planaltina, Formosa, Niquelândia, São João D’Aliança e toda a Chapada dos Veadeiros, e parte de Cavalcante e Posse.

Polli Coelho demonstrou muita preocupação⁴⁹ em verificar todas as condições da região, como o solo, a disponibilidade de água potável, o relevo, a altitude, as vegetações, o potencial hidrelétrico e condições para atividades agropecuárias. O geógrafo e integrante da expedição, Fábio de Macedo Soares Guimarães, acreditava que a posição geográfica seria o principal ponto de análise para a implementação da capital, pois ela deveria se localizar em uma posição central em relação às regiões mais desenvolvidas, para promover um fluxo dinâmico entre as distantes regiões. Um trecho do Relatório da Assembleia Geral do Conselho Nacional de Estatística confirma essa informação:

Considerando, pois, que constitui providência de alcance nacional capaz de efetivar tal conversão de tendências a mudança da Capital da República para um ponto de onde lhe fiquem assegurados, tanto no presente quanto no futuro, *o optimum* de atuação coordenadora sobre toda a Nação e o aproveitamento das forças propulsivas e civilizadoras, decorrentes de sua missão política, em benefício direto de ampla região central e em progressiva e equilibrada influência sobre as demais áreas do país (ASSEMBLÉIA GERAL DO CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 1948, p. 04).

⁴⁸ “Em 1947, época em que a questão da mudança da Capital volta à cena, o relatório foi editado na *Coleção Brasileira*, por iniciativa do filho do astrônomo, o literato Gastão Cruls, com o auxílio do general Hastimphilo de Moura, que participara da Comissão. Depois seria novamente editado por José Olympio, em 1957, na *Coleção Documentos Brasileiros*, estas reedições foram um fator de sua popularização. Isto favoreceu a permanência do *Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central* em inúmeros trabalhos que tratam aquela Comissão como o marco zero da história de Brasília.” (VERGARA, 2010, p. 46).

⁴⁹ A preocupação de Polli Coelho também se devia à parte de sua comissão não concordar com a transferência da capital para o quadrilátero Cruls, pois defendiam a sua transferência para o Triângulo Mineiro (LIMA, 2010, p. 27).

Em 1953 foi criada a Comissão de Localização da Nova Capital Federal, chefiada pelo general Aguinaldo Caiado de Castro. Os trabalhos da Comissão Cruls e a de Polli Coelho foram retomados com o objetivo de posicionar o local mais adequado para a instalação da capital, planejando uma cidade para 500 mil habitantes. A comissão realizou um levantamento aerofotogramétrico que compreendeu uma área de 52 mil quilômetros quadrados, entre os paralelos 15 e 17, que envolveu também grande parte de Goiás, incluindo Anápolis, Goiânia, e parte do território de Minas Gerais, em Unaí. Esse trabalho considerado moderno na época foi realizado por uma empresa americana especializada, a “Donald Belcher”⁵⁰. Um relatório preliminar foi apresentado ao Marechal José Pessoa⁵¹ no ano de 1955 (VASCONCELOS, 1978, p. 326).

A imprensa chegou a especular sobre uma hipotética viagem do presidente Café Filho à região do Planalto Central, dando o nome à nova capital de Vera Cruz, nome proclamado por José Pessoa. A repercussão atingiu a mídia internacional, o que atraiu o arquiteto Le Corbusier⁵² com a proposta de planejar a cidade. Nesse mesmo período, o candidato à presidência da república, Juscelino Kubitschek de Oliveira, pregava em seus palanques a transferência da capital como a “meta síntese” de seu governo (*ibidem*, p. 339 e 340). Esse discurso de JK não foi muito convincente para muitos jornalistas, que publicaram em vários jornais ironizando tal fato, como no *Jornal do Brasil*, *Diário da Noite*, *Diário de Notícias*, *Gazeta*, *Luta Democrática*, dentre outros. O assunto foi abordado pela primeira vez em um discurso de sua candidatura em Jataí ocorrido em 04 de abril de 1955, quando o jovem conhecido como Toniquinho perguntou a JK se ele iria cumprir de fato o que estaria previsto na Constituição, em particular a transferência da capital federal. De acordo esses noticiários, JK teria demonstrado um certo embaraço ao responder à questão, mas, no fim das contas, incluiu o projeto em suas metas principais, assim como podemos perceber no relato do fato em sua biografia:

⁵⁰ Na opinião de Ernesto Silva (1971, p. 66 – 67), o Relatório Belcher é uma preciosidade, representando um perfeito estudo do quadrilátero reservado para a capital. Dividiu o território em 18 quadrículas, apresentando mapas com indicação dos sítios, a topografia, a drenagem, solos para agricultura, engenharia e a geologia. Determinou os sítios: Castanho, verde, vermelho, amarelo e azul. Nomeados por cores para manter o sigilo necessário.

⁵¹ Encarregado pelo presidente Café Filho para presidir a Comissão da Localização da Nova Capital Federal, sucedendo Aguinaldo Caiado de Castro.

⁵² Holston (1993, p. 38) compara Brasília às duas cidades ideais de Le Corbusier “Uma cidade contemporânea para três milhões de habitantes de 1922” e “A cidade radiosa de 1930”, dizendo que Brasília tem um pedigree arquitetônico, pois pode-se perceber sua clara influência no projeto de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Em 1930 Lúcio Costa analisou os projetos de Le Corbusier tornando-os fundamentos da arquitetura moderna brasileira.

Foi nesse momento que uma voz forte se impôs, para me interpelar: "O senhor disse que, se eleito, irá cumprir rigorosamente a Constituição. Desejo saber, então, se pretende pôr em prática o dispositivo da Carta Magna que determina, nas suas *Disposições Transitórias*, a mudança da Capital Federal para o Planalto Central." Procurei identificar o interpelante. Era um dos ouvintes, António Carvalho Soares - vulgo Toniquinho -, que se encontrava bem perto do palanque. A pergunta era embaraçosa. Já possuía meu Programa de Metas e em nenhuma parte dele existia qualquer referência àquele problema. Respondi, contudo, como me cabia fazê-lo na ocasião: "Acabo de prometer que cumprirei, na íntegra, a Constituição e não vejo razão por que esse dispositivo seja ignorado. Se for eleito, construirei a nova Capital e farei a mudança da sede do Governo" [...] A afirmação do comício em Jataí fora política até certo ponto. Até então, eu não me havia preocupado com o problema. Entretanto, a partir dali, e no desdobramento da jornada eleitoral — quando percorri o País inteiro -, deixei-me empolgar pela ideia. Havia visto o Brasil de cima — a bordo de um avião — e pude sentir o problema em todas as suas complexas implicações. Dois terços do território nacional ainda estavam virgens da presença humana. Eram os "vazios demográficos" de que falavam os sociólogos (JK, 2000, p. 06).

A comissão de José Pessoa baseando-se na proposta de Belcher escolheu o sítio denominado “castanho” em seu relatório, que também era uma área anteriormente ponderada por Cruls e Polli Coelho. Por sua vez, realizou a redução da área territorial da nova capital para 5.783 quilômetros quadrados e propôs a desapropriação do sítio com o apoio do governador de Goiás José Ludovico de Almeida (VASCONCELOS, 2007a, p. 55 e 57). Esse fato balizou publicamente o apoio goiano à construção da nova capital federal, pela criação da “Comissão Goiana de Cooperação para a Mudança da Capital Federal”, trabalhando na aquisição de terras, sob a coordenação do médico Altamiro de Moura Pacheco. Inclusive, Goiânia foi escolhida para a realização da solenidade que inauguraria o projeto da mudança da capital, que foi marcada para o dia 18 de abril de 1956. Por instabilidade no clima, o que inviabilizou a aterrissagem no aeroporto de Goiânia, a solenidade ocorreu em Anápolis.

No dia 19 de setembro de 1956 o Congresso sanciona a lei N. 2.874 que propõe a construção da nova capital, e JK já empossado, convoca os interessados através do Edital “Concurso do Plano Piloto de Brasília”⁵³, no qual, vence o urbanista Lúcio Costa. O engenheiro Israel Pinheiro assume a presidência da Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital) criada por JK e da Comissão Julgadora do Concurso Público. Oscar Niemeyer é contratado para os projetos dos edifícios e Bernardo Sayão nomeado para administrar a construção da Rodovia Belém-Brasília (*idem*, p. 30-31).

Em 1956 JK e seu grupo pisam em solo planaltino para tomar uma série de decisões necessárias à implementação da nova cidade, atribuindo o período de três anos e dez meses para a sua realização. No mesmo ano, o deputado Pereira da Silva, presidente da Comissão Especial

⁵³ Oscar Niemeyer conta em seu livro *Minha experiência em Brasília* (2006), que foi convidado por JK para elaborar o projeto para participar do concurso, mas aceitou apenas a incumbência dos edifícios que fariam parte do projeto.

da Mudança da Capital, propõe o nome Brasília, por sua vez, hipotética autoria de José Bonifácio. A transferência da capital levou muitos anos para a sua conclusão, já que muitos eram os pretextos para evitar a mudança, como ressalta Lourenço Fernando Tamanini⁵⁴ (1994, p. 26) “a falta de meios, escassez de habitação, arquivos ainda no Rio, assessores presos a importantes compromissos diversos, problemas residuais”.

A arquitetura modernista de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, desde os momentos de sua concepção, demonstrou ideais do CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), assim expresso por Le Corbusier:

No dia em que a sociedade contemporânea, tão enferma, tornar-se verdadeiramente consciente de que apenas a arquitetura e o urbanismo podem receitar o remédio exato para seus males, terá então chegado o tempo de pôr a grande máquina em funcionamento (CORBUSIER *apud* HOLSTON, 1993, p. 69).

Essa proposta para Holston (1993, p. 69) é utópica, já que projeta um futuro imaginado que iria solucionar problemas do presente. Na década de 20, os arquitetos modernistas do CIAM propunham uma revolução social que poderia começar pela arquitetura e o urbanismo, pois suas propostas pretendiam desenvolver cidades pautadas na coletividade, procurando superar as estratificações geradas pela Revolução Industrial. Para Holston, essa era uma narrativa construída a serviço de seu próprio projeto: utilizando o passado para justificar sua projeção particular do futuro, “já que a experiência de tipos revolucionários de espaço e organização residenciais é vista como o meio primordial para se efetuar uma transformação em todo o campo das relações sociais” (HOLSTON, 1993, p. 70).

Gilberto Freyre (1968) não concordou que teria ocorrido uma “revolução social”, pois criticou o monumentalismo de Brasília, afirmando que seu caráter exclusivamente arquitetônico e urbanístico estava contra as tendências sociais da época. O autor apelidou de “maçônica conjuração” a preocupação arquitetônica do projeto de Brasília em detrimento das questões sociais. Para o polímata, as cidades planejadas como Goiânia e Brasília,

[...] cidades criadas para da noite para o dia se casarem com os sertões ásperos, viris, bravios, não se prepararem para tais núpcias senão fazendo-se embelezar pelos arquitetos e polir pelos urbanistas; e à revelia dos sociólogos, dos antropólogos, dos biólogos, dos psicólogos, dos geógrafos, capazes de as dotarem de aptidões para seus deveres menos ostensivos e mais terra-a-terra, porém tremendamente mais graves e mais sérios que os apenas urbanísticos [...] (p. 177).

⁵⁴ Considero Tamanini um dos importantes historiadores regionais. Em sua obra *A memória da construção* (1994) o autor analisa as diversas etapas nas quais o projeto da construção de Brasília passou até a sua concretização, reunindo documentos importantes do período de sua implementação.

Freyre enxergava em Brasília uma oportunidade de reforço a uma nova dinâmica inter-regional para o Brasil (já que articularia todos os seus “brasis”), mas seus problemas econômicos e sociais não lhe ofereciam o luxo de levantar uma cidade tão-somente monumentalista. Freyre chegou a reclamar que não fora convidado por JK a auxiliar no seu projeto, para que pudesse, conjuntamente a artistas e outros profissionais, integrar os diversos conhecimentos em prol de uma cidade moderna, que visasse o futuro ao invés da tradição, isso porque “sem a previsão de organização urbana ou rurbana do lazer, não se pode dar como moderno, ou projetado sobre o futuro social do homem civilizado [...]” (*ibidem*, p. 189). Freyre destacou desta forma os problemas socioculturais de Brasília, defendendo que as áreas de lazer foram esquecidas pelos urbanistas.

A questão é que a proposta de revolução social por parte dos modernistas estava totalmente afinada aos discursos de Juscelino Kubitschek, que por sua vez, pretendia criar uma capital para o Brasil para transformá-lo. Para o presidente, Brasília seria a causa e não a consequência do desenvolvimento econômico do Brasil. A sua estratégica localização também promoveria a interligação entre as demais regiões do país, e para isso, seria necessário que Brasília representasse uma inovação em relação às outras cidades brasileiras.

Para Luís Sérgio Duarte da Silva, um dos aspectos de destaque na construção simbólica de Brasília seria a utopia. A utopia na opinião do autor, catalisou ideologias que legitimaram a construção da capital, como o nacionalismo, o modernismo, o mudancismo e o salvacionismo.

A construção da nova capital catalisou o milenarismo ibérico presente na cultura brasileira. Simultaneamente, à espera do lugar ideal do paraíso na terra e a paciência que cria uma alternativa para o tempo anglo-saxônico (absolutizado) e burguês (relativizado) (SILVA, 2017, p. 64).

Luis Sérgio cita os exemplos das comunidades da Cidade Eclética e do Vale do Amanhecer que expressaram a busca salvacionista através da fundação da nova capital, já que ambos os fundadores, Mestre Yokanan e Tia Neiva, tipos sociais weberianos de líderes carismáticos, mostraram que religião e política compartilham de um mesmo universo simbólico: utopia, esperança e progresso. Então, aqui temos uma fusão de elementos aparentemente díspares, como nacionalismo, milenarismo, desenvolvimentismo e messianismo.

Para Hagihara (2011), a utopia se originou no imaginário popular do paraíso terreal, um imaginário que surgiu a respeito das contradições entre sertão e litoral, mas que posteriormente, deixou de ser puramente cultural, tornando-se uma série discursiva a trabalho

de ideologias e instituições. Quando se analisa a utopia em Brasília, não podemos dissociar de sua origem, as visões ocidentais de paraíso. “A visão de paraíso, não poderia morrer tão facilmente. Diante das transformações sociais, econômicas, políticas e o surgimento dos mecanismos discursivos mais eficientes, ela metamorfosear-se-ia em utopia nacional” (p. 85).

Brasília nasce como uma cidade utópica, assim denominada por Ana Queiroz (2007, p. 159), como o resultado de uma histórica busca do homem por viver em um local seguro, em harmonia com a natureza e protegido de qualquer intempérie. Desde Platão, Thomas Morus, Tommaso Campanella, Charles Fourier e Robert Owen, o desejo de uma cidade ideal está presente em diversos momentos históricos, se transformando ao longo do tempo.

A nova cidade era pensada como um instrumento não somente de mudanças sociais, mas igualmente como estímulo de uma compreensão racional da ocupação do espaço, que incitaria o advento de um bom governo e a renovação da própria vida através da arte. A urbe desse futuro potencializaria a edificação de um novo mundo, signo do progresso e da razão (*ibidem*, p. 161).

Brasília não se efetivou apenas a partir dos discursos em prol da modernidade, mas caracterizou uma zona de vários fluxos que engendraram um imaginário místico que norteou as ações de seus fundadores. Considerando os vários fatores que influenciaram na mudança da capital, pretendo durante essa tese analisar os elementos místicos que insurgiram no momento da construção e se acoplaram à identidade de Brasília. A presença de elementos de natureza religiosa foi importante para legitimar a aceitação da nova capital, sendo explorados pelos políticos e por grupos espiritualistas ligados às novas religiosidades.

CAPÍTULO 2. A TERRA PROMETIDA

E o progresso não fora apenas material, adstrito à produção de bens duráveis e de consumo, mas, também, espiritual, vinculado a uma violenta mudança de mentalidade. O brasileiro, antes desanimado, descrente da sua capacidade empreendedora, tornara-se dinâmico, orgulhoso das virtudes de que é dotado, animado do espírito pioneiro que o levaria — como acontece até hoje — a disputar com agressividade, no cenário internacional, seu lugar entre as grandes nações do mundo (JK, 2000, p. 446).

2.1. Dom Bosco e a estratégia dos mudancistas goianos

Na tentativa de apreender os fatores que fizeram de Brasília um *locus* de enunciação místico / religioso / filosófico, a partir de uma perspectiva histórica, apresento alguns fatores atrelados na consolidação do seu espaço geográfico como um catalisador de tal capital místico. Em primeiro lugar, temos que considerar que a estratégia política adotada pelos mudancistas receosos com a possibilidade de a capital ser construída em solo mineiro, fez com que seu projeto *a priori* eminentemente político, auferisse um caráter religioso.

Refiro-me ao sonho considerado profético do sacerdote italiano João Dom Bosco que se tornou a pedra angular da fundação da nova capital, constituindo-se no artifício empregado pelos seus empreendedores nos discursos. Dom Bosco reforçou ainda mais os ideais utópicos nas mentes excitadas em prol da mudança da capital. Foi o que ficou mais impregnado até os dias de hoje na mídia, nas religiosidades, nas festividades, nas solenidades, nos monumentos, no turismo, dentre outros.

No ano de 1883, na cidade de Turin, na Itália, Dom Bosco descreveu um sonho⁵⁵ no qual teria percorrido pela América do Sul guiado por um jovem desconhecido. Ele relata o diálogo que teria ocorrido entre ambos na sua obra *Memórias Biográficas*, da qual recortei um trecho para análise:

⁵⁵ Efetuei recortes dos trechos mais importantes, devido ao fato de o relato ser muito extenso e Dom Bosco tê-lo construído de forma muito detalhada. Assim, busco demonstrar a precisão da localização da região do planalto central brasileiro. Efetuei também a tradução do documento, que no original está em italiano.

[...] Em nome de Deus, gostaria de dar-lhe algum trabalho.

- Vamos ver o que é. Qual é esse trabalho?

- Coloque-se aqui nesta mesa e depois puxe essa corda para baixo.

No meio daquele grande salão havia uma mesa, na qual estava uma corda, e essa corda percebi que estava marcada como um medidor, com linhas e números⁵⁶. Mais tarde, percebi como esse salão estava localizado na América do Sul, bem na linha e como os números impressos na corda correspondiam aos graus geográficos de latitude. Então peguei o fim daquela corda, olhei e vi que, no início, marcara o número zero.

[...] - São milhares e milhões de habitantes esperando sua ajuda, esperando a fé.

Estas montanhas eram a Cordilheira da América do Sul e o mar Oceano Atlântico.

- Como fazê-lo? Eu retomei; como conseguiremos liderar tantos povos para a volta de Jesus Cristo? - Como fazer? [...]

- Este evento será obtido antes da segunda geração a ser completada.

- E qual será a segunda geração?

- Esta presente não conta. Será outra, e depois outra.

Eu falei confuso, enganado e quase balbuciando ao ouvir os magníficos destinos que estão preparados para a nossa Congregação, e perguntei:

- Mas, cada uma dessas gerações, quanto tempo você determina?

- Sessenta anos!

- E então?

- Você quer ver o que será? Vem!

E sem saber como, encontrei-me numa estação ferroviária. Muitas pessoas estavam reunidas lá. Entramos no trem. Perguntei onde estávamos. O jovem respondeu:

- Observe bem! Olhe! Nós viajamos pelas Cordilheiras.

[...] Eu vi nas entranhas das montanhas e nas planícies profundas das planícies as incomparáveis riquezas sob seu solo que um dia serão descobertas. Eu enxergava inúmeras minas de metais preciosos, pedreiras inesgotáveis de carvão, depósitos de petróleo tão abundantes como nunca se encontraram em outros locais. Mas isso não era tudo. Entre os graus 15 e 20 havia uma enseada muito grande e muito longa que partia de um ponto onde um lago se formou. Então uma voz dizia repetidamente: “Quando as minas escondidas nessas montanhas forem escavadas, a terra prometida que flui leite e mel⁵⁷ aparecerá aqui. Será uma riqueza inconcebível.

Mas isso não era tudo. O trem continuou, sempre em frente. [...] O jovem então trouxe um mapa topográfico de estupenda beleza e me disse:

- Você quer ver a jornada que você fez? As regiões onde viajamos?

- Felizmente! Eu respondi.

Em seguida, explicou o papel em que toda a América do Sul foi desenhada com uma precisão maravilhosa. Além disso, havia representado tudo o que era, tudo o que é, tudo o que haveria nessas regiões, mas sem confusão, mesmo com um brilho, de modo que, com um olhar, pudesse ver tudo [...] (BOM BOSCO. In: LEMOYNE, 1935, p. 387 - 396).

Vasconcelos (1978, p. 71 e 72) esclarece que o padre relatou sobre o sonho em uma reunião ocorrida em setembro de 1883 na Congregação Salesiana, o qual foi transcrito pelo Padre Lemoyne durante a narração. Dom Bosco teria examinado a transcrição posteriormente e realizado algumas intervenções de próprio punho. Esse arquivo ficou restrito à Congregação Salesiana durante muitos anos. Somente no ano de 1935 esse relato foi aberto a público, em uma única edição das *Memórias Biográficas* de Dom Bosco, em seu Volume XVI, cujos

⁵⁶ Como se fosse uma fita métrica (COUTO, 2009, p. 17).

⁵⁷ Referência à passagem bíblica de Êxodo, quando Deus diz a Moisés: “Certamente, vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhe o sofrimento; por isso, desci a fim de livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel [...]” (BÍBLIA SAGRADA, ÊXODO 3.7 – 8).

exemplares não foram disponibilizados à venda, permanecendo no espaço institucional religioso. Mas hoje está disponível na íntegra no site dos Salesianos de Dom Bosco de Roma.

Este relato foi considerado um sonho-profético com a sua popularização no Brasil. O dom da profecia dentro do meio católico foi analisado por Keith Thomas (1991, p. 117) que descreve que a profecia se fazia presente mesmo após a reforma da Igreja Católica, apesar de já ter se tornado no século XVI ponto de debate entre os teólogos. Mas ainda era aceitável que os sonhos de origem divina podiam existir até mesmo no meio mais ortodoxo. Acreditava-se que os eremitas e os homens que praticavam a santidade⁵⁸ teriam mais chances de possuírem dons especiais de prever o futuro do que os homens comuns.

Ernesto Silva demonstra a sua crença pessoal na profecia de Dom Bosco, interpretando-a da mesma forma que seus companheiros, parceiros de trabalho, integrando o grupo dos entusiastas de Brasília. Relatou em sua obra *História de Brasília* (1971) a respeito dos sonhos proféticos de Dom Bosco, que eram fatos frequentes na vida do sacerdote. Essa visão a respeito do Planalto Central, na sua opinião, seria um “fato maravilhoso”. Ernesto Silva (1971, p. 33) esmiúça detalhes do sonho, quando Dom Bosco se refere a selvas amazônicas e a um sacrifício que ele teria visualizado de dois missionários salesianos quando morreram nas mãos dos Xavantes, os padres Pedro Sacillotti e João Fuchs. Este fato, de acordo com o historiador, teria ocorrido posteriormente em 1934.

Dom Bosco também mencionou em seu relato que teria visualizado um mapa da América do Sul, marcando os graus em uma corda, que correspondiam às latitudes. O jovem ter-lhe-ia mostrado a Cordilheira dos Andes, e outras maravilhas da natureza, como as montanhas, planícies, rios, florestas virgens, minas preciosas e depósitos de petróleo, elementos da natureza os quais Vasconcelos (1978) alcunha de “visão telúrica”⁵⁹.

⁵⁸ Dom Bosco teve o seu processo de beatificação e canonização iniciado em 1890, mas somente foi finalizado em 1934. Esse processo levou todo esse tempo pela sua complexidade, já que era necessária a comprovação de milagres realizados após a sua morte. Para a beatificação, é necessário haver uma investigação da vida do candidato para constatar a sua santidade, verificando as suas práticas das virtudes cristãs ou do martírio. A canonização seria um passo posterior, o já declarado beato é elevado à categoria de santo pela Igreja Católica. No caso de Dom Bosco, foram comprovados quatro milagres, que se constituíam em curas através de sua invocação (OSSJB, 2015).

⁵⁹ Crença de que o Planeta Terra emite uma série de energias a partir do seu centro, incorporando os solos, os aquíferos e os minerais da superfície do planeta. Desta forma, as forças telúricas influenciam os seres vivos que habitam o planeta, podendo incidir com energias positivas ou negativas. Esse conhecimento já era praticado por alguns povos da antiguidade que construíram seus templos e pirâmides sobre locais considerados repletos de energias telúricas favoráveis, com o empreendimento de uma arquitetura sagrada. O pesquisador de ocultismo brasileiro Marcelo Del Debbio (2008, s/p) procurou descrevê-las da melhor forma: “Energia telúrica é uma corrente elétrica de baixa frequência e que percorre grandes áreas do planeta, que se movimenta debaixo da terra e nos oceanos, já fartamente comprovada pelos cientistas [...] A junção dos centros energéticos das Linhas de Ley com o fluxo das linhas telúricas produz enormes quantidades de energia, que podem ser manipuladas e controladas através de determinados monumentos. A geometria sagrada das pirâmides e dos círculos de pedra é capaz de canalizar e focar todas estas energias para usos específicos, da mesma maneira como as agulhas de acupuntura são utilizadas nos centros energéticos em um ser humano para acionar determinados tipos de energia em nossos corpos.

João Gilberto P. Couto (2009, p. 34 – 35) procurou reconstruir a ferrovia imaginária (Figura 5) percorrida por Dom Bosco a partir das minúcias de seus relatos. Ele estima que a ferrovia teria cerca de 10.777 km de percurso, tendo seu início na cidade de Cartagena (Colômbia), seguiria em direção a Caracas (Venezuela), adentrando ao Brasil, onde passaria por Roraima, Manaus, Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A partir deste último ponto, partiria para Assunção (Paraguai), Buenos Aires (Argentina) e seguiria até Punta Arenas (Chile). Em outro momento, o jovem que guia Dom Bosco ter-lhe-ia apontado um caminho para percorrer este território rumo ao leste. Couto acredita que o ponto de partida seria Porto Velho (RO) que seguiria até Pernambuco (RE). Couto também acredita que essa ferrovia transcontinental supera a Transiberiana (de 9.000 km) que interliga Moscou a Vladivostok.

Figura 5 - Ferrovia Dom Bosco



Fonte: Couto (2009, p. 34).

Para Couto (2009), Dom Bosco afirmou que o fato profetizado aconteceria a uma geração que estaria por vir em sessenta anos após o seu sonho, o que seria por volta de 1943, e se estenderia até o ano de 2003. Vasconcelos (1978, p. 76) corrobora com a hipótese de Couto (2009), afirmando que o ano de 1883 seja o início da primeira geração, e 1943 o início da segunda, que por sua vez, culmina em 2003. Colemar Elias Campos (2002, p. 23 - 32) apresenta uma visão mística dessa nova geração, pois acredita que a mudança no país partirá do Planalto

Estas energias são captadas e projetadas dentro dos círculos, nas câmaras das pirâmides ou dentro de certas cavernas, através de ajustes “fechando” determinados circuitos [...] para gerar campos eletromagnéticos muito fortes e harmônicos, que vibram em ressonância com determinados chakras nos seres humanos, abrindo-os totalmente e desenvolvendo certas faculdades.”

Central, pois o local recebe povos de diversas culturas e que seu povo contribuiu para a construção de duas grandes metrópoles em menos de meio século. Assim, esta civilização recebe uma predestinação nos discursos milenaristas.

Dom Bosco se refere a uma região situada entre os paralelos 15 e 20, e que estaria localizada entre a Cordilheira dos Andes e o Oceano Atlântico. A região apresentava rios caudalosos, florestas, minas de ouro, pedras preciosas e petróleo. Sobre a localização entre os paralelos 15 e 20, em nenhum outro ponto localizado nesta abrangência aconteceu um fato tão importante como a construção de uma cidade planejada e a transferência da capital do país. Não há registros de que Dom Bosco esteve na América, e os mapas da época, eram muito imprecisos (COUTO, 2009, p. 20 - 21). Acredita-se desta forma, que apenas uma revelação divina poderia trazer informações tão certas.

Oscar Niemeyer foi responsável, dentre outros edifícios da arquitetura monumental de Brasília, pela idealização da Ermida Dom Bosco (Figura 6), uma capela inaugurada no ano de 1957 na região do Lago Sul. Seu interior abriga uma estátua de Dom Bosco e uma placa que recorda um trecho do seu sonho. Sobre a Ermida, a Novacap publicou em seu boletim:

A Ermida é uma construção singela e pequena, pintada de branco, despida de qualquer ornamento e em forma de pirâmide com o vértice para cima. No seu interior encontra-se apenas uma pequena ara de pedra e, sobre ela, a imagem do orago do Templo. Está construída sobre uma reduzida plataforma de Lages, em uma elevação pedregosa da margem externa do lago, com sua abertura triangular voltada para o grandioso monumento arquitetônico que é o Palácio da Alvorada, que lhe fica à frente, na margem oposta. Fica colocada em ponto tal que tem e terá sempre uma dilatada visão panorâmica do Palácio, da Praça dos Três Poderes, da Esplanada dos Ministérios, do Eixo Monumental e de quase toda a Capital. A antítese das duas construções, - uma, de linhas puras, de simplicidade helênica mas de exíguas proporções, semelhando, na distância, uma ponta de lança branca perdida no verde da amplidão e apontando para o céu, - outra, manifestação da audácia e do engenho humano em cimento e ferro, - abisma o pensamento e convida à meditação. Parece querer nos lembrar a verdade eterna que o santo Salesiano de olhar humilde e sorriso manso murmurou no seu pobre nicho: as obras dos homens jamais prevalecerão sobre as coisas divinas (NOVACAP, 1957, p. 16).

Figura 6 - Ermida Dom Bosco (1957)



Fonte: Autoria própria (2016).

O engenheiro Israel Pinheiro foi o responsável pelo canteiro de obras da construção da Ermida Dom Bosco. Era um católico fervoroso e devoto de Dom Bosco, por isso, desejava construir um monumento ao seu santo, e acreditava que ele teria profetizado sobre a sua sonhada cidade. Ele propôs que a capela fosse construída sobre um morro, de forma que a estátua de Dom Bosco ficasse de frente para a cidade (VASCONCELOS, 1989, p. 71 e 75).

Treze anos depois da inauguração da Ermida Dom Bosco, em 1970, outro templo, por sua vez de caráter majestoso, foi construído em homenagem ao padre salesiano, o Santuário Dom Bosco (Figura 7). O Santuário foi iniciativa da Congregação Salesiana, e criado pelo arquiteto Carlos Alberto Naves. Foi eleito uma das sete maravilhas de Brasília⁶⁰ no ano de 2008, pelo Bureau Internacional de Capitais Culturais.

⁶⁰ Em 2008 o IBOCC (Instituto Internacional de Capitais Culturais) realizou um concurso popular com o apoio do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para eleger as sete maravilhas de Brasília, obtendo mais de 64.000 votos. A colocação se deu da seguinte forma: 1ª Catedral de Brasília; 2ª Palácio do Congresso Nacional; 3ª Palácio da Alvorada; 4ª Palácio do Planalto; 5ª Templo da Boa Vontade; 6ª Santuário Dom Bosco; 7ª Ponte JK. Ranking de outros participantes: 8ª Palácio do Itamaraty; 9ª Supremo Tribunal Federal; 10ª Fazenda Velha; 11ª Memorial JK; 12ª Museu da República; 13ª Teatro Nacional; 14ª Capela Nossa Senhora de Fátima; 15ª Catetinho; 16ª Biblioteca Nacional; 17ª Praça dos Três Poderes; 18ª Torre de TV; 19ª Palácio da Justiça, 20ª Palácio do Jaburu.

O Santuário tem 80 colunas de 16 metros e é decorado por vitrais em 12 tonalidades de azul. No interior, um lustre de 3,5 m de altura, formado por 7.400 peças de vidro murano, simboliza Jesus, a luz do mundo. Portas produzidas em ferro e bronze, com baixos-relevos, lembram a vida de Dom Bosco (SANTUÁRIO DOM BOSCO, 2018, s/d.).

Figura 7 - Santuário Dom Bosco (1970)



Fonte: A autoria própria (2018).

Em virtude das comemorações dos duzentos anos do nascimento de Dom Bosco (2015), a Congregação Salesiana realizou uma peregrinação por vários países portando as urnas que guardam os restos mortais do santo. Em 2016 uma dessas urnas foi cedida para o Santuário Dom Bosco (SANTUÁRIO DOM BOSCO, 2018).

Em 1962 Dom Bosco foi proclamado o copadroeiro de Brasília. O próprio presidente JK relata sobre o sonho do sacerdote, demonstrando sua crença na profecia, revelando também o seu conhecimento da obra *Memórias Biográficas*:

O santo Becchi, na Itália, era dado a visões, que constituíam verdadeiras antecipações do que iria ocorrer em futuro, às vezes, remoto. A 30 de agosto de 1883, passou ele por outra experiência desse gênero. Tratava-se de um sonho-visão - e desta vez referente ao Brasil - relatado numa reunião do Capítulo Geral de sua congregação alguns dias depois, ou seja, a 4 de setembro. Dom Bosco revelou que "fora arrebatado pelos anjos" e, durante a viagem, um dos guias celestiais disse-lhe de repente: "Olhai. Viajamos em direção das cordilheiras." O santo relatou, então, que viu "as selvas amazônicas, com seus rios intrincados e enormes". [...], Mas não era tudo. E o santo prosseguiu na sua narrativa: "Entre os paralelos 15° e 20°, havia um leito muito largo e muito extenso, que partia de um ponto onde se formava um lago." Então, uma voz lhe disse repetidamente: "Quando escavarem as minas escondidas no meio destes montes, aparecerá aqui a Grande Civilização, a Terra Prometida, onde correrá leite e mel. Será uma riqueza inconcebível. E essas coisas acontecerão na terceira geração." Quando li essas palavras nas suas *Memórias Biográficas*, não deixei de me emocionar. Meditei sobre a Grande Civilização que iria surgir entre os paralelos 15° e 20° -

justamente a área em que estava construindo, naquele momento, Brasília. O lago, da visão do santo, já figurava no Plano Piloto do urbanista Lúcio Costa. E a Terra Prometida, anunciada repetidamente, pela misteriosa voz, ainda não existia de fato, mas já se configurava através de um anseio coletivo, que passara a constituir uma aspiração nacional. Ali, "correria leite e mel". A visão de Dom Bosco fora, de fato, uma antecipação, uma advertência profética sobre o que iria ocorrer no Planalto Central a partir de 1956. (KUBITSCHKEK, 2000, p. 17-18).

Segundo Lourenço Tamanini (1994), a vinculação de um trecho da profecia de Dom Bosco à construção de Brasília foi obra dos mudancistas goianos, preocupados com a possibilidade de a capital ser erguida no solo mineiro. Desse modo, Segismundo Mello, sob a orientação do então governador de Goiás, José Ludovico de Almeida, organizou o livro *A nova capital do Brasil – estudos e conclusões* que reunia pronunciamentos de personalidades políticas brasileiras que defendiam a implantação da capital federal em solo goiano. Na abertura do livro, Segismundo Mello inseriu um trecho da profecia de Dom Bosco e, para reforçar a vinculação com a construção de Brasília, numa legenda da foto do sacerdote italiano, escreveu: “São João Bosco, que profetizou uma civilização, no interior do Brasil, de impressionar o mundo, à altura do paralelo 15º, onde se localizará a nova Capital Federal” (TAMANINI, 1994, p. 101). Tudo isso foi feito para impressionar Israel Pinheiro, que ainda duvidava sobre a possibilidade de construir a cidade em solo goiano. Uma vez que

Era do conhecimento de todos a devoção de Israel a Dom Bosco, o que se confirmaria mais tarde, quando determinou que a primeira edificação de Brasília fosse uma capelinha (a Ermida) dedicada àquele Santo. Tinha-se, por isso, a certeza de que Israel viesse a saber que Dom Bosco antevira o surgimento de Brasília no Planalto Goiano e não em Minas, deixaria de lado a teimosia e passaria a apoiar a solução goiana (*ibidem*, p. 102).

Couto (2009, p. 21) relata que Segismundo Mello e Bernardo Sayão arrumaram logo um pretexto para uma missa e que os salesianos do Ateneu celebraram a Primeira Missa de Brasília. Juscelino Kubitschek por sua vez, necessitando de mais apoio em seu projeto, tratou logo de expor na sala principal do Catetinho um trecho do sonho emoldurado.

Marques (2006, p. 04) também acredita que toda essa mística atribuída a Dom Bosco foi artifício dos mudancistas goianos receosos com as intervenções mineiras. Na sua opinião, o padre jamais teria mencionado uma nova capital no Planalto Central brasileiro.

Desse modo, uma estratégia política para reforçar a mudança da capital, forjada pelos principais políticos goianos, tornou-se uma representação fortemente vinculada à mudança da capital federal. Seja como for, até hoje não é consenso entre os intérpretes de que o trecho da

profecia de Dom Bosco refira-se especificamente à construção da nova capital federal no Planalto Central.

É evidente que a Igreja Católica seria um dos pilares deste novo empreendimento realizado no Brasil, já que a sua hegemonia se enxergava ameaçada na década de cinquenta. Porém, a imagem de Dom Bosco não se restringiu no simbolismo católico. No 20º aniversário de Brasília, o psicógrafo Ariston Santana Teles publicou a obra *O médium Dom Bosco* (1982), na qual, divulga a visão espírita sobre Dom Bosco. Na sua versão, Dom Bosco seria portador de uma forte mediunidade que através de sua intimidade com o mundo espiritual, e a Engenharia Sideral⁶¹ anunciou a predestinação de Brasília como um projeto sobre-humano. O escritor espírita Clóvis Tavares (2014) corrobora com essa visão mistificada de Dom Bosco, relatando que o sacerdote conversava com o espírito de Luís Comollo, um seminarista da Arquidiocese de Turim, que era um amigo. Ele também relatou que Dom Bosco teria contatos com muitos espíritos, apresentando uma mediunidade onírica, com o dom de curas e premonições.

Portanto, conjeturo que Dom Bosco evadiu do domínio do catolicismo, passando a receber significações não apenas do espiritismo, mas de várias outras correntes religiosas e filosóficas que se deslocaram para Brasília. Marcelo Reis (2008, p. 82) conclui que o fato notório é que essa profecia convenceu e se tornou uma representação clássica, que atribuiu sentidos e passou a ser reconhecida popularmente.

2.2. Narrativas fundadoras de Brasília e as tradições inventadas

Diversas são as narrativas criadas a respeito da fundação de Brasília que procuraram legitimar a sua existência, conferindo ao seu passado um aspecto mítico. Foram buscados no passado elementos de várias culturas em um processo de *bricolage*, no sentido de autenticar Brasília como uma cidade que transita passado, presente e futuro.

Apresentarei aqui, desta forma, quatro categorias que defino como narrativas fundadoras de Brasília, sendo a primeira delas a categoria que se refere a elementos das culturas regionais. Conta uma lenda que Paranoá era um pequeno órfão, da tribo dos antigos Guayazes, que estava sob a tutoria do cacique de sua tribo, e recebeu uma profecia a respeito de sua vida

⁶¹ De acordo o espiritismo, os engenheiros siderais são entidades que perfazem uma hierarquia no plano cósmico. Conhecidos também como arcanjos siderais ou espíritos construtores de mundos, estas entidades na verdade existem em todas as religiões sob diversas denominações: no Hinduísmo são os Devas, no Judaísmo são os Anjos do Senhor, no Zoroastrismo são os Senhores do Céu e da Terra, e em algumas escolas ocultistas são os Senhores Soberanos dos Quatro Elementos. Para a Teosofia são os Senhores da Chama que vieram de Vênus e participaram no processo de evolução da humanidade no Planeta Terra. “[...] seres de consciência altamente desenvolvida provindos de outras localidades do cosmo e que auxiliaram no processo de disseminação e desenvolvimento da vida em nosso planeta” (BESSA, 2012, p. 76).

adulta. A profecia advertia que o menino deveria se preparar e esperar por uma jovem que seria sua esposa, e com ela, iria gerar a sua descendência para repovoar a região na qual o seu povo habitara e fora dizimado. Mas o aconselhava para tomar cuidado para não se apaixonar pela mulher errada, pois o deus Tupã lhe prometeu uma noiva, e quando este momento chegasse, ele iria saber. Quando adulto, o solitário Paranoá aguardava ansiosamente por sua prometida. Enquanto isso, Jaci, a lua, percebeu a sua solidão e por ele se apaixonou. Todas as noites ela o acariciava com os seus raios prateados. Finalmente, em um belo dia, aparece uma mulher que possuía longas asas e uma pele de cor clara e brilhante. Se apresentou para Paranoá, seu nome era Brasília (Figura 8). Jaci por sua vez, enciumada, pois estava a perder o amor de sua vida, ofuscou o olhar de Paranoá para que ele não conseguisse enxergar Brasília. Neste momento, Paranoá se sentiu dividido entre as duas jovens. Tupã, enfurecido pelo fato de Paranoá não ter obedecido a sua profecia, como castigo, transformou Paranoá em um lago⁶², para que ele contemplasse a bela Brasília para sempre, sem poder tocá-la. Jaci, percebendo a sua grande culpa, beija e acaricia seu amado eternamente (RIBEIRO, 1996).

Figura 8 - Personificação de Brasília



Fonte: Ribeiro (1996, p. 36).

⁶² O lago Paranoá é artificial, e sua formação foi resultado de uma barragem. Mas na verdade, foi decorrente da existência de um lago natural existente de vários cursos d'água, que dividia os municípios de Planaltina e Luziânia. Sua ideia é atribuída ao botânico Glaziou, ainda no século XIX, que mais tarde ganhou adeptos de sua implantação, como o relatório Belcher, que efetuou levantamentos aerofotogramétricos, integrando-o ao plano da nova capital (LASSANCE, 2017). O engenheiro e escritor Gustavo Corção criticava sobre a possibilidade de o lago se concretizar, dizendo que a região era porosa e que nunca encheria. Quando o projeto deu certo, JK fez questão de enviar-lhe um telegrama irônico no qual escreveu: "Encheu, viu!".

Helena Maria Ribeiro (1996) apresenta outra versão, na qual, Paranoá vivia com a sua mãe, Iaracuí, que o protegia das tribos inimigas. Paranoá saiu para pescar e encontrou uma cabana de buriti, da qual ele se aproximou e escutou uma voz suave cantando. Era uma bela índia de cabelos negros, que o fitou com seus olhos encantadores. Paranoá encontrou o amor de sua vida, e de tão feliz, queria ter longos braços para abraçar toda a região na qual nasceu, cresceu e se apaixonou. Naquele instante, o deus Tupã ouviu o seu desejo, transformando-o em um grande lago com dois braços, e então Paranoá podia abençoar esta terra.

Essas duas narrativas são comumente ditas entre os brasilienses, mas se originaram da obra do escritor e político Guido Mondin⁶³ (2004) chamada *A lenda do Lago de 1960*. Essas narrativas trazem uma explicação para o formato do lago Paranoá, atribuindo-lhe uma personificação humana da mesma forma que o faz com a cidade. Brasília nasce como a mulher prometida, escolhida e portadora de luz. Alada, como um pássaro ou uma borboleta que sobrevoa livremente o cerrado, a mulher que traz a liberdade e as altivas contemplações. É também a deusa progenitora de uma nova civilização, a grande mãe grega Gaia ou egípcia Ísis.

Brasília foi pensada, na opinião de Oliveira (2005, p. 108), como o artifício para tornar o Brasil uma nação. Ao Brasil era atribuído um caráter de incompletude e vazio, que ao mesmo tempo, portava todas as condições necessárias para se construir uma nova civilização. De tal modo, aqui temos uma segunda categoria de narrativas fundadoras de Brasília – baseado na conquista colonial e na fé cristã.

Um dos nomes cogitados para Brasília, era Veracruz. Ernesto Silva descreve que o Marechal José Pessoa, ainda no tempo do Presidente Café Filho, sugeriu este nome, fato que podemos perceber no seguinte trecho de um de seus discursos:

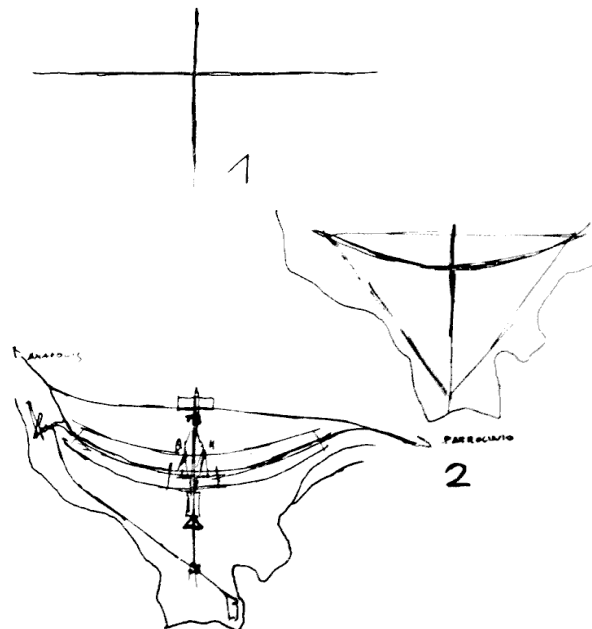
A História nos ensina que a armada de Pedro Álvares Cabral começou a avistar, desde às três horas da tarde de 22 abril de 1500 “um grande monte muito alto e redondo e outras serras mais baixas ao sul dele. E terra chã, com grandes arvoredos”. Ao monte pôs Cabral o nome de Monte Pascoal e à terra – supondo que se tratasse de uma ilha – Ilha de Vera Cruz”. [...] Vera Cruz significa, pois, uma veneranda tradição da nossa Pátria, envolve-nos carinhosamente sob o manto da fé. Relembramo-nos do primeiro nome dado ao nosso país – o título que, num momento de alegria de exaltação e de vitória, aflorou aos lábios do grande descobridor, ao contemplar a terra brasileira. Vera Cruz – a cruz verdadeira. Vera Cruz representa, portanto, para nós, a continuidade histórica da nossa Pátria civilizada, no decorrer dos séculos, à sombra do sagrado madeiro (SILVA, 1971, p. 86).

⁶³ Vice-prefeito de Caxias, RS. Também foi deputado estadual, federal e senador. Bacharel em Ciências Políticas e Econômicas (PUC). Desde a sua infância demonstrou seus talentos artísticos, levando o amor pela arte até a sua vida adulta, conciliando com seus cargos públicos. Realizou mais de 20 exposições individuais e recebeu inúmeros prêmios. É também autor de contos, poesias e memórias (SENATUS, 2004).

Veracruz imprimiria neste território, o caráter da fé cristã, a grande empreendedora desta nova civilização. A cruz passa a ser o principal símbolo da conquista do Brasil, e a do território do Planalto Central quando se funda a nova capital.

Lúcio Costa empregou o termo “sinal da cruz” para se referir à fundação da cidade, quando se toma posse de um local através do gesto primordial em se traçar uma marca. Assim definiu o urbanista em seu relatório e croqui (Figura 9) apresentado ao concurso: “Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz” (COSTA, 1991, p. 21).

Figura 9 - Croquis de Lúcio Costa



Fonte: Lúcio Costa (1991, p. 21).

De acordo com a tese de doutorado de Luisa Videsott (2009, p. 33), o ato de evocar o poder do sinal da cruz apresenta um imaginário importante para sacramentar e abençoar a posse do local. Josias A. da Costa (2014, p. 82-83) por sua vez, em sua dissertação, acrescenta que seja conscientemente ou inconscientemente, o projeto arquitetônico de Brasília cumpre o papel de sacralizar o espaço urbano.

James Holston (1993, p. 74) argumenta que a cruz é um símbolo relacionado a cristandade, e essa associação evoca a ideia de um sítio sagrado para Brasília, como uma bênção para a sua fundação. O autor também defende que a cruz circunscrita em um círculo é um símbolo icônico que representa a cidade. O círculo fica dividido em quatro através do cruzamento dos dois eixos. Representa a demarcação de um local sagrado pelos antigos

augúrios romanos. Os augúrios faziam parte dos rituais de fundação das cidades na Roma Antiga que possuíam o objetivo de trazer do plano cósmico intercessões favoráveis. A cidade nesse contexto é concebida como um espaço organizado pelas leis divinas.

Na verdade, o traço do Plano Piloto⁶⁴ suscitou diversas interpretações, que foram muito além da cruz, como o avião, a fênix ou a borboleta, começando pela constatação da pesquisadora brasileira Maria M. Oliveira (2017), que compara o traço do Plano Piloto com as linhas de Nazca no Peru (Figura 10). As figuras criadas pelas linhas de Nazca podem ser compreendidas através da visão aérea, da mesma forma que o Plano Piloto (Figura 11). Configuram-se em desenhos que definem as suas respectivas culturas locais. Aqui Brasília começa a ser comparada a grandes civilizações antigas, a partir de traços arquitetônicos.

Figura 10 - Linhas de Nazca



Fonte: Cultura Mix (2010). Disponível em: <http://meioambiente.culturamix.com/natureza/linhas-de-nazca>

⁶⁴ O Plano Piloto só saiu do papel quando o engenheiro da Novacap e maçom Jethro Bello Torres desenvolveu um trabalho científico com o objetivo de implantar o projeto em solo planaltino. As constelações foram utilizadas na coordenação dos pontos de demarcação do território, sendo o Vértice n. 8 o marco inicial. Assim, todo o Plano Piloto foi medido pelas estrelas. “Um pequeno deslize e, talvez, os eixos não se encontrassem. Ou então, o Lago Paranoá poderia invadir a cidade. E era assim. Após um dia de trabalho, cálculos e caminhadas no cerrado, depois de o sol se pôr, engenheiros deixavam outra vez as barracas de lona. Atulhados de equipamentos astronômicos, consultavam o céu para conferir no espaço as posições de cada ponto calculado no solo em relação aos astros” (CALCAGNO, 2017). Sobre esse assunto em particular, recomendamos o artigo de Maria Manuel Oliveira (2017) intitulado *Construída na linha do horizonte: Brasília, o Plano Piloto e a manipulação do chão*.

Figura 11 - Visão aérea do Plano Piloto de Brasília



Fonte: NBN (2017). Disponível em: <https://nbnbrasil.com.br/ha-60-anos-lucio-costa-vencia-concurso-para-escolha-do-projeto-de-brasilia/>

Muitos pesquisadores defendem a tese de que Lúcio Costa não atribuiu o formato de avião ao Plano Piloto. A dissertação de Josias A. Costa (2014, p. 90) é uma delas, que defende que Lúcio Costa pensou no formato de uma borboleta. Essa ideia representaria a beleza e a harmonia do voo de uma borboleta, e que se tratava de uma cidade que ainda não estava completa, isto é, iria desabrochar como uma borboleta. Josias A. Costa relata que na reunião em que foi apresentado o projeto, Lúcio Costa disse que aquele era um ‘projeto piloto’, utilizando também as palavras ‘asa norte e sul’, do local do qual se iria ‘pilotar’ o país, quando suscitou em muitas mentes a ideia de que a cidade seria um projeto de um avião. ‘Projeto piloto’ também significa que este é um projeto de caráter experimental, até chegar a uma implementação. O autor ainda afirma que observou muitos discursos de Lúcio Costa para corroborar com a hipótese de que o Plano Piloto foi inspirado no formato de uma borboleta.

Quando efetuei a leitura do relatório de Lúcio Costa apresentado ao *Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil* (divulgado no dia 30 de setembro de 1956), percebi que no documento não há qualquer menção ao formato de borboleta ou pássaro, nem tampouco o formato de avião. Outros pesquisadores⁶⁵ de diversas áreas mencionam a tese de que o Plano Piloto é inspirado em uma borboleta, a partir de uma hipotética entrevista para um jornal na qual o urbanista teria exposto a questão, ou em uma reunião na qual ele teria

⁶⁵ Barki (2014), Carvalho (2008), Batista (2008), Terra (2015), Behr (2014) e Ribeiro (2010).

demonstrado a sua insatisfação quando ficou sabendo que as pessoas atribuíam o formato de avião aos seus croquis.

Lendo o Relatório de Lúcio Costa apresentado ao Concurso, encontrei as informações de que primeiramente ele concebeu o formato da cruz, como quem demarca um local, assim como foi dito anteriormente. Depois Lúcio Costa adaptou esse traçado à topografia local, ao escoamento natural das águas, arqueando-se os dois eixos com o objetivo de contê-lo em um triângulo equilátero que envolveria essa cruz. A partir desse esboço o urbanista desenvolveu o planejamento dos setores, bem como da circulação rodoviária, criando os eixos urbanísticos.

Posteriormente, busquei outros documentos oficiais e encontramos uma exploração demasiada da teoria da borboleta por parte das instituições, como no site da Administração Regional do Plano Piloto (2018, s/p.):

Em 1957, Lúcio Costa foi o vencedor do concurso para o projeto urbanístico da Nova Capital, o Plano Piloto de Brasília. Inspirado pelo sinal da Cruz e popularmente conhecido ao de um avião, Lúcio Costa criou o projeto da capital federal para ser comparada a uma borboleta.

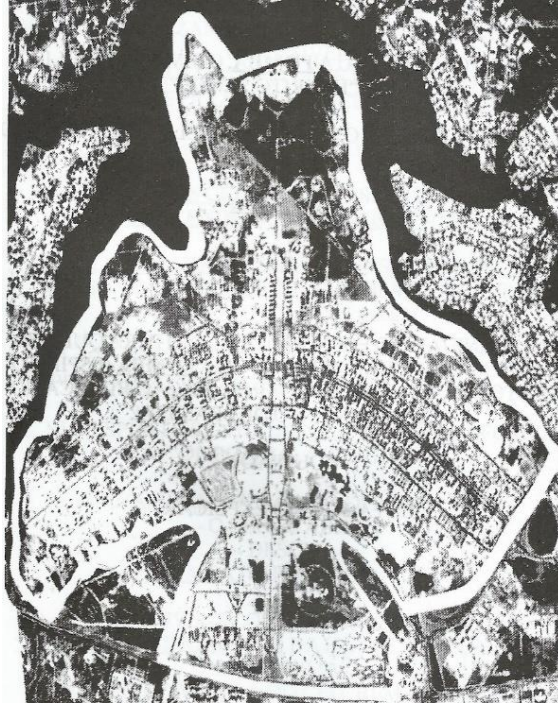
Outras instituições que exploraram esse assunto confirmando a hipótese da borboleta foram: o Museu Virtual de Brasília (2018), o *Diário do Senado Federal* (2005) e o *Diário da Câmara dos Deputados* (1998). Mas foi o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (2016) que esclareceu a questão: “[...] no projeto de Lúcio Costa era uma cruz, mas o imaginário popular transformou em um avião. O poeta Nicolas Behr afirma que o urbanista ficava irritado quando faziam tal comparação e dizia que uma borboleta ficaria melhor [...]” (CAU/BR, 2016).

Concomitantemente a essa polêmica, as interpretações cristãs afloraram. O espiritualista brasileiro Sérgio Trombelli (s/d., p. 153) interpreta o Plano Piloto como o formato de uma pomba, se referindo à pomba que pairou sobre a cabeça de Cristo no seu batismo, que simboliza o espírito santo. Na interpretação do espiritualista, Brasília é abençoada pelo espírito santo, é o centro das decisões nacionais e a capital do terceiro milênio. Aqui lembro-me do Panteão da Pátria que foi concebido por Oscar Niemeyer com o formato de uma pomba. O maçom brasileiro João Baptista Bellavinha (2006) concorda com a tese de Sérgio Trombelli, procurando provar através de seus estudos que o Plano Piloto possui o formato de uma pomba (Figura 12). O autor cita algumas passagens bíblicas que fazem a referência da pomba como representação do espírito santo, como:

Abriam os céus e viu o espírito santo de Deus descendo como pomba (Mt 3:16)
O céu se abriu e o espírito santo desceu sobre ele (Jesus Cristo), em forma corpórea como pomba (Lc 3:22)

Viu Jesus os céus rasgarem-se e que o espírito descia em figura de pomba (Mc 1:10)
(BELLAVINHA, 2006, p. 106)

Figura 12 - Leitura do Plano Piloto com o formato de uma pomba



Fonte: Bellavinha (2006, p. 108).

De acordo com Holston, Lúcio Costa através de um exercício de retórica, apresentou o Projeto⁶⁶ do Plano Piloto aplicando essas narrativas com o objetivo de realizar uma “[...]reiteração do precedente mítico na prática presente, como no caso dos mitos de fundação de cidades, onde tais instruções servem de guia para futuras decisões de planejamento” (HOLSTON, 1993, p. 71). Para o autor, essa atitude funcionou como uma metalinguagem, utilizada como instrumento de legitimação dos interesses de determinado grupo, que oculta e ao mesmo tempo procura validar seus interesses.

O discurso de Lúcio Costa na opinião de Holston (1993, p. 73) sugere a fundação da capital como um ato civilizador, tarefa que deve ser empreendida por heróis, o que manteria traços colonizadores. Adotar Juscelino Kubitschek, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa como heróis, representaria a concepção de uma nação predestinada, na qual esses homens seriam seus emissários do futuro, pessoas escolhidas pela providência divina, pois eram homens que se fizeram de esforços sobre-humanos (MAGALHÃES, 2010, p. 183). Também foram alcunhados

⁶⁶ Indico a dissertação de Mara Souto Marquez (2007) a respeito dos projetos de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, pois trata-se de um estudo na área da Arquitetura, que pretende identificar as referências e matrizes urbanísticas nestes projetos.

de “bandeirantes modernos” por Ernesto Silva (1971, p. 09), que acreditava que a diferença dos bandeirantes modernos para os antigos seria que a sua luta era mais árdua, porque a busca não era por pedras preciosas, mas por uma redenção do país, resolvendo o problema de sua estagnação. Brasília não representaria apenas uma nova capital, mas uma reforma no país. De tal modo, seus concretizadores, para Ernesto Silva, teriam os atributos de heróis de romances:

Tornou-se imperativo, portanto, que cada soldado dessa primeira linha de batalha se armasse de bravura absoluta, se revestisse da desambição e se empolgasse no renovado espírito de pioneirismo que deu corpo e alma ao perfil lendário do Bandeirante. Qualidades positivas de operosidade e de renúncia, capacidade realizadora, ânsia de progresso, fé nos destinos do Brasil, se apresentariam libertas das antigas restrições, em toda a sua plenitude, na arrancada inicial. [...] Daí a dureza das obrigações, QUASE DESUMANAS⁶⁷, que todos sentiram, nos regimes de serviço e na exigência da rapidez e da perfeição da obra (*ibidem*, p. 09).

Ernesto Silva em sua epopeia da construção de Brasília, não dessemelhante de Vasconcelos, também construiu uma narrativa inspirada na Odisseia, realizando paralelos com mitos fundadores do Ocidente. O emprego do termo “epopeia” para designar a trajetória histórica do nascimento de Brasília foi empregado por Ernesto Silva, Juscelino Kubitschek, dentre outros entusiastas e participantes do projeto. De acordo com Thiago Perpétuo (2015, p. 48) em sua dissertação, a epopeia é um gênero literário caracterizado pela narrativa de feitos heroicos e memoráveis. O herói protagonista representa a coletividade, perfazendo uma trajetória de fundação de um povo ou uma nação. Essa narrativa é carregada de simbolismos com o objetivo de atribuir características extraordinárias dos heróis fundadores. O autor analisa a utilização do termo “epopeia” por JK, no qual, ele atribui a si próprio a condição de herói. JK apresenta-se como o governante responsável por libertar a cidade de contestações e torná-la bem-sucedida como uma estratégia empregada desde os seus primeiros discursos. É atribuído um caráter mítico ao passado da cidade, procurando elucubrar um passado glorioso.

Ao mencionar o paralelo com a Odisseia feito por Ernesto Silva, apresento uma terceira categoria de narrativas fundadoras de Brasília, aquelas oriundas das culturas ocidentais. Temos o exemplo da lenda de Rômulo e Remo que foi rememorada na Praça do Buriti. O monumento apresenta uma coluna greco-romana e uma escultura presenteada pelo governo da Itália à nova capital brasileira (Figura 13). Essa escultura é uma réplica da obra *Loba capitolina* (Figura 14), uma escultura de bronze datada do século XII⁶⁸.

⁶⁷ Grifo do autor.

⁶⁸ Sua datação não é consenso entre os pesquisadores. Até o ano de 2009 acreditava-se que essa estátua era de origem etrusca, mas após muitas pesquisas dos especialistas da Universidade de Salento, a obra passou a ser considerada medieval, e que seria uma cópia de uma estátua etrusca. A questão é que a estátua sempre foi um

Figura 13 - Réplica da Loba Capitolina no Palácio do Buriti



Fonte: Benevide Rocha (s/d). Disponível em:
<http://arrumamalaai.blogspot.com/p/brasilha.html>

Figura 14 - Loba Capitolina



Fonte: Sobre Itália (s/d). Disponível em:
<https://sobreitalia.com/2010/01/05/la-loba-capitolina-monumento-emblematico-de-roma/>

Ernesto Silva imprime em sua obra a ideia de que a nova capital seria o berço de uma nova civilização, relacionando a importância da fundação de Roma para o mundo antigo.

ícone cultural de Roma, por reproduzir uma cena mítica fundadora da cidade, a loba amamentando os irmãos Rômulo e Remo, que representava o fascínio italiano pela cultura etrusca, uma das bases culturais de sua civilização.

No dia 21 de abril de 753 a. C., Rômulo fundava, no monte Palatino, uma cidade que queria ser o marco de uma nova era no Mundo Pagão – a Roma dos Césares – o berço da civilização cristã. Quis a Providência Divina que, no mesmo dia, 27 séculos mais tarde, uma plêiade de homens destemidos desse Brasília ao Brasil [...] (SILVA, 1971, p. 07).

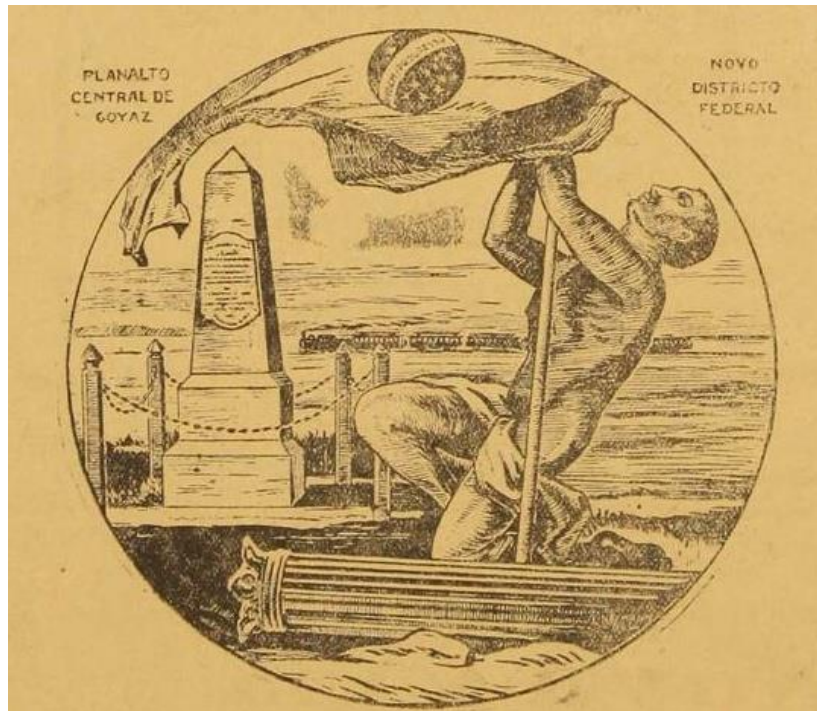
A mídia⁶⁹ esteve presente no período que antecedeu a construção de Brasília e nos primeiros anos de seu nascimento. Andreza L. da Silva (2016, p. 79) nos mostra que o governo se valeu do aparato midiático para veicular suas justificativas para a construção da nova capital. Os cinejornais, objeto de pesquisa da autora, eram exibidos no Brasil obrigatoriamente antes das sessões de longas-metragens, projeto de Vargas. Assim, no findar da década de 50, o governo federal contratava produtoras para registrar a construção de Brasília. De forma geral, estes cinejornais do período procuravam mostrar boas qualidades do território, exaltando a sua natureza, e por outro lado, exaltando a rapidez e a modernidade do seu projeto. Dom Bosco também era empregado como uma justificativa da escolha certa do local.

O *Diário da Manhã* publicou um fac-símile (Figura 15) em 18 de outubro de 1927, que apresenta, na opinião de Magalhães (2010, p. 93-94), a imagem de um trabalhador nu sustentando a bandeira do Brasil, representando o Adão bíblico, evocando a narrativa cristã do Gênesis. Esse simbolismo teria a função de informar aos brasileiros que a construção e mudança da capital seria um ato inaugurador de uma nova nação. Ao lado de Adão está uma coluna greco-romana, o que confirmaria, na opinião do autor, a fundamental influência da civilização ocidental na nova capital do Brasil. Em segundo plano está a pedra fundamental, e em terceiro plano uma locomotiva, representando a chegada da modernidade. Sob a imagem está a seguinte frase:

O symbolo do progresso vencendo todos os obstaculos para a sua entrada triumphal no Planalto Central de Goyaz. Goyaz!! Goyaz!! Arteria do Brasil, propulsor fecundo da grandeza e do orgulho de todos os brasileiros! Goyaz!! Coração do Brasil, onde será concentrado fatalmente o invejável progresso da nossa amada e querida pátria! (DIÁRIO DA MANHÃ, p. 09, 18 de out. 1927).

⁶⁹ Outro exemplo interessante foi citado na tese de Luisa Videsott (2009, p. 44): A revista *Manchete* que em 1956 publica um artigo intitulado: *Deus também quer a mudança da capital*, com uma fotorreportagem enaltecendo as paisagens do Planalto Central, reforçando as suas cachoeiras, sua flora, e a abundância de água. O mesmo artigo menciona as profecias de Dom Bosco e o trabalho da Missão Cruls no sentido de sua conquista do território. Essas e outras reportagens faziam parte de uma intensa campanha publicitária promovida pelo próprio presidente JK, com títulos evocativos favoráveis à construção da capital. Indico a leitura da tese de Luisa Videsott que aprofunda nas representações de Brasília através das revistas e dos jornais nos primeiros anos do nascimento de Brasília.

Figura 15 - Fac-símile do Diário da Manhã (1927)



Fonte: Diário da Manhã (1927).

Interpreto essa figura de uma outra forma, que complementar a hipótese de Magalhães (2010) a respeito da influência da cultura greco-romana. A imagem me remete à obra do artista alemão John Gast *O progresso americano* (1872) (Figura 16) que representa o papel do nascimento da sociedade norte-americana ao trazer o progresso para o mundo. Na imagem aparecem alguns elementos que confirmam a chegada da modernidade aos Estados Unidos, como o telégrafo e o trem, fazendo uma clara referência à ‘Marcha para o Oeste’ que ocorreu no país durante o século XIX. A mulher em trajes greco-romanos que aparece em primeiro plano, da mesma forma que o homem do fascículo do *Diário da Manhã*, é, por sua vez, a Columbia, a personificação feminina dos Estados Unidos no século XIX, que na verdade foi uma adaptação da deusa romana Britânia. Essa deusa era uma personificação feminina das ilhas britânicas dada pelos romanos no período de sua conquista.

Figura 16 - O progresso americano (1872), John Gast



Fonte: Picturing History (2018).

Disponível em: <http://twixar.me/2rhn>

Essa personificação de cidades ou países é muito comum História da humanidade, e se apresenta tanto através do feminino como do masculino. No caso dos Estados Unidos, a personificação feminina (Columbia) foi substituída posteriormente pela masculina (Tio Sam) conforme os interesses políticos dos seus períodos respectivos. No caso de Brasília, a sua personificação pode ser vislumbrada através da narrativa do Lago Paranoá que analisei no início deste tópico, em que Brasília é a mulher prometida de Paranoá pelo deus Tupã.

De acordo Gilberto Freyre (2013) a personificação feminina presente no Brasil é resultado de um processo histórico de insatisfação em relação ao paternalismo autoritário e o predomínio da mariolatria. Se criou uma mística republicana através dessa identificação messiânica da figura da mulher ideal, como podemos perceber nos versos do poema *A República* (do jornalista Ricardo Magalhães, 1887) citado por Freyre:

Ela – a vítima constante,
Do ódio, da perversão,
Tem para o triste – um sorriso,
Tem para o cego – um clarão.
Sempre grande, airosa e boa
Sofre, sofre, mas perdoa
Aos judas, como Jesus.
Também como ele traída,
Como ele também vendida,
Tem um calvário, uma cruz. [...]
Levantemos a essa deusa
Em nosso peito um altar.
Por sobre nossas cabeças

Possa seu trono afirmar.
 Quando da grimpada dos montes
 À água pura das fontes
 Raiar o fiat lux –,
 Nós, de pé na praça pública,
 Diremos: viva a República
 Na terra de Santa Cruz!
 (MAGALHÃES *apud* FREYRE, 2013, p. 88).

Aqui temos uma exaltação da República como a Virgem Imaculada, a protetora da nação. O culto à Maria ou à mulher, na opinião de Gilberto Freyre, representaria a proteção materna procurada por Benjamin Constant, que propagou essa imagem platônica ou ideal da República dentro dos ideais positivistas, representando o amor a uma “causa-mulher”. No caso da mulher-Brasília, também temos uma figura platônica da mulher ideal, por sua vez, fertilizadora de uma nova civilização, já que ela e seu prometido foram incumbidos desta missão, imposta pelos deuses.

[...] Brasil representado por uma índia, pela nação, pela própria República: símbolos todos femininos em torno dos quais uma só ideia ou sentimento parecia afirmar-se: o de ternura filial por uma deusa protetora que por vezes – raros momentos, esses – precisava de ser protegida. Nesses momentos, muitos dos brasileiros seus entusiastas souberam defendê-la, às vezes com bravura e até com uma tenacidade insuspeitada neles [...] a pátria, a nação, a República – misticamente cheias de amor pelos seus filhos; e por eles amada, venerada e adorada – tudo a um só tempo – como supraMulheres ou supraMães (*ibidem*, p. 213).

A literatura também procurou empregar elementos de diversas culturas antigas, como é o caso do poeta Nicolas Behr que em sua obra *Brasília* (2010) apresenta a fundação de Brasília em paralelo às culturas indígenas americanas. Conjecturo desta forma a quarta categoria de narrativas fundadoras, as que realizam uma retomada das culturas americanas pré-colombianas:

Brasília são as ruínas de Machu Picchu invertidas,
 Cuzco reconstruída, Tiahuanaco inacabada,
 pirâmide de Teotihuacán ao contrário,
 palácio do altiplano atlântida cerratense,
 cidade perdida dos candangos
 a esfinge fita seu espelho: JK
 as linhas do eixo monumental
 são continuação das linhas de Nazca (BEHR, 2010a, p. 34).

A Brasília do poeta é a Cuzco reconstruída, ou seja, o centro do império, ou a Tiahuanaco, um dos grandes feitos do Império Inca e seu maior símbolo solar. Brasília também representa a Atlântida cerratense, já que muitas teorias místicas procuram defender que a

Atlântida tem uma ligação com o nosso Planalto Central. Outra poesia de Nicolas Behr relaciona a fundação de Brasília à cidade Asteca Tenochtitlan (atual cidade do México):

A profecia dizia que quando JK
visse uma coruja buraqueira,
pousada num cupinzeiro,
devorando um rato
que segura um carimbo,
aí seria o sítio ideal
para erguer sua capital
e assim se fez (*ibidem*, p. 30).

Segundo a mitologia asteca, povos nômades do Norte buscavam um local apropriado para se estabelecer. Quando encontraram uma águia que capturava uma serpente e em seguida pousava em um cacto, interpretaram o fato como uma síntese de suas profecias, assim como nos mostra Jacques Soustelle:

Foi lá que, em 1325, segundo a tradição, Uitzilopochtli falou ao grande sacerdote Quauhcoatl ("Serpente-Águia"). Revelou-lhe que seu templo e sua cidade deveriam ser construídos "em meio ao bambuzal", sobre uma ilha rochosa na qual se veria "uma águia devorando alegremente uma serpente". Quauhcoatl e os demais sacerdotes puseram-se à procura do sinal prometido pelo oráculo; e viram uma águia pousada sobre uma figueira-do-inferno (tenochtli) tendo no bico uma serpente. Lá foi erigida uma simples cabana de bambus, primeiro santuário de Uitzilopochtli e núcleo da futura cidade de Tenochtitlán (SOUSTELLE, 1987, p. 15).

Esse é considerado o mito fundador da Cidade do México, rememorado pela bandeira do país. Então é interessante perceber esse paralelo que Behr faz com a fundação de Brasília, como uma cidade também predestinada pela vontade divina, não deixando de trazer uma certa acidez. Aqui temos a coruja pousada em um cupinzeiro devorando um rato. Percebemos a ironia do poeta em trazer os termos “rato” e “carimbo”, emblemáticos para se entender de forma crítica a capital federal do país onde as principais decisões são tomadas e a atuação de seus burocratas.

O que me apetece neste momento é mostrar que as narrativas fundadoras de Brasília se valeram de um imaginário simbólico diversificado para legitimar a sua construção⁷⁰. Brasília representava a ruptura com o arcaico, já que seu projeto vislumbrava um oásis futurístico em

⁷⁰ Outro exemplo disso é a região de Sobradinho que também apresenta uma narrativa fundadora. Ribeiro (1996) conta que os antigos moradores das fazendas da região recebiam um padre duas vezes por ano, improvisando um altar para as missas. Um João-de-Barro começou a construir uma casa no local para a sua amada. Quando a casinha ficou pronta, o incansável João-de-Barro quis construir outra parede por cima, arquitetando uma casa de dois pavimentos. Quando chegou o dia da próxima festa, os religiosos encontraram essa casinha que lhes chamou muito a atenção. Todos diziam que ela se parecia com um sobrado, mas como era bem pequena, todos a chamavam de Sobradinho. A partir daquele dia, o Sobradinho do João-de-Barro passou a ser o ponto de referência dos fiéis, surgindo assim a região do Sobradinho, que antes, era chamado de Cruzeiro. Dentro do projeto da construção da nova capital ele foi aglutinado e passou a fazer parte da nova configuração urbana.

meio ao Cerrado. Porém, questiono o porquê de o governo JK e seu grupo buscarem a legitimação da construção da nova capital empregando elementos do passado, como vislumbramos nas diversas narrativas analisadas. Para isso, aplico o conceito de Eric Hobsbawm e Terence Ranger, denominado tradição inventada ao caracterizar a história como legitimadora de ações no presente.

Ana Lúcia de Abreu Gomes (2008) em sua tese de doutorado analisa que essa aparente contradição quando se fala em *tradições inventadas* na verdade é porque o senso comum entende a palavra ‘tradição’ como algo permanente, cuja permanência se mantém pela manutenção de traços originais. O adjetivo ‘inventada’ por sua vez, caracteriza o que seria o oposto da tradição, pois determina uma descontinuidade. O passado não é algo morto, inerte, imutável, mas algo que persiste, em aberto, se reconstruindo progressivamente. Assim, a autora propõe a ideia de uma tradição dinâmica. “E é esta possibilidade que dá dinamicidade à tradição: a origem etimológica mesma da palavra já nos alerta: tradição é aquilo que é dito através do tempo e não por meio dele” (p. 41).

Para Hobsbawm e Ranger (1997) são novas situações que assumem uma forma retomando elementos antigos em uma ritualização caracterizada pela repetição. Os autores definem a *tradição inventada* como:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM & RANGER, 1997, p. 09).

A importância do estudo dessas tradições pelos historiadores se justifica pelo fato de que elas podem esclarecer as relações humanas com o passado. “Isso porque toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal [...]” (*ibidem*, p. 22).

Segundo a dissertação de Antônio C. Pinheiro (2003) as narrativas sobre a origem das cidades são uma forma de reconstrução da memória, podendo-se nelas detectar a tradição inventada, que seria a construção do tempo mítico de suas origens. No caso de sua dissertação, que enfoca nas cidades do interior goiano, o autor analisa as reconstruções das memórias das cidades goianas através destas narrativas, que também servem como uma afirmação de sua identidade. Essas reconstruções elaboram na maioria das vezes, uma narrativa romântica, que introduzem elementos míticos e imaginários. Pinheiro (2003) nos alerta que é importante

conhecer como essas narrativas se originaram, quais os objetivos e elementos revelaram o interesse de seus autores (p. 13).

[...] no tocante à tradição inventada, é certo que não é só graças ao arcabouço idiossincrático do reconstrutor, mas também em virtude de uma intenção planejada, adrede preparada para com ela se conseguir algo, quase sempre a manipulação da memória de um grupo. Outro aspecto da tradição inventada é que ao manipular a memória e a tradição ela é crítica, mas não autocrítica; se segue métodos, não o faz por se orientar por critérios científicos, mas sim, para dar um verniz à sua reconstrução (*ibidem*, p. 70)

Um adequado exemplo que Pinheiro (2003, p. 13) apresenta é o caso da reconstrução da memória da cidade de Itaberaí. O vilaboense Derval Alves de Castro morou muitos anos em Itaberaí e criou uma narrativa sobre a cidade, reconstruindo liricamente os seus tempos míticos. Derval, na opinião de Pinheiro, foi um homem de seu tempo. Buscava respostas para várias indagações, quanto à origem da cidade, quem a fundou e quando. Seus fundadores passam a ser também heroicizados pelos seus feitos, como os novos bandeirantes. De tal modo, uma tradição coletiva já existente é apropriada, e reformulada pelo poder, que pode apagá-la ou transformá-la. Esse também é o caso de Brasília. Aqui a tradição inventada recorre a vários artifícios como o esquecimento proposital e manipulação de fontes. A reconstrução das origens de Brasília utiliza-se da *tradição inventada* para legitimar um projeto, no qual, se apropriou do imaginário como um coadjuvante (*ibidem*, p. 70), assim como o fizeram com o sonho de Dom Bosco que veremos adiante.

Ocorreu uma *bricolage* de elementos buscados nas tradições greco-romanas, cristãs e nas tradições locais. Essa imputação de ideias, que aqui denomino de *tradição inventada*, visa construir uma nova tradição, que se aproveita de alguns suportes históricos. Desse modo, James Holston (1993) mostra que essas narrativas “apresentam Brasília como um agente civilizador do Planalto Central, como prenunciadora de um desenvolvimento invertido no qual a capital cria a civilização sobre a qual exerce uma radiosa soberania” (p. 24).

Brasília se legitima a partir de uma miscelânea de elementos de antigas civilizações ocidentais e orientais. Toda a sua centralidade, futurismo e ideia de progresso só seriam possíveis, se possuísse bases firmes nestes conhecimentos da Antiguidade. Tantas referências ao passado não surgiram apenas como explicações posteriores às construções, mas estavam presentes na própria fase de idealização dos projetos, como foi percebido pela tese de doutorado de Luis A. Abraham (1989). O autor lembra que esses arquétipos são reconhecíveis pela população, memoriando as origens culturais, sociais e cívicas antigas do país. A estética de

Brasília apresenta essa “intencionalidade simbólica” (p. 156). Brasília articula entre os diversos espaços e tempos, que ao serem imbrincados, definem um novo contorno por sua vez híbrido.

2.3. O Batismo espiritual de Brasília e os imaginários urbanos

Para os estudos culturais, a cidade representa um campo de pesquisa interdisciplinar, em que se investiga as representações que se constroem na e sobre a cidade. Parto dos estudos da historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2008, p. 03-04), que entende as cidades como espaços dotados de uma carga simbólica, evocando lugares de memória. Na perspectiva da autora, as identidades das cidades são construídas, como elaborações imaginárias em busca de uma sensação de pertencimento. As identidades nesse processo anunciam um sistema de imagens que perpetuam determinados elementos do imaginário, assim como o Plano Piloto de Brasília, que carrega símbolos do seu passado, articulando as dimensões espaço e tempo.

Uma cidade possui seus mitos, suas lendas, suas histórias extraordinárias, transmitidas de boca em boca, de geração em geração, através da oralidade. A história e a memória de uma cidade é também o boato, o ouvir dizer, o relato memorialístico que se apoia não só na lembrança pessoal de quem evoca, mas também naquilo que foi contado um dia por alguém cujo nome não mais se sabe (*ibidem*, p. 07).

Pesavento (2002, p. 08), propõe desta forma, o estudo do imaginário urbano, estudando a cidade através de suas representações. O imaginário urbano se refere às práticas de percepção, identificação e atribuições de significados. As representações são partes constituintes da realidade, pois atribuem significações. Pesavento em sua obra *O imaginário da cidade*, propõe uma análise da cidade a partir de suas representações, especialmente as literárias. Como historiadora, ela propõe que aceitemos que o texto-documento possa “falar”, já que ela entende a literatura como uma fonte que pode fornecer elementos que os documentos oficiais não nos fornecem.

Um exemplo empírico que ilustra a literatura como atribuidora de representações místicas sobre Brasília, é a obra *Nosso Lar – Brasília*, resultado das pesquisas do artista holandês Jonas Staal (2014), que faz um paralelo entre *Nosso Lar*, cidade espírita projetada pelo médium Chico Xavier, e Brasília. Embora ambos os projetos possam parecer antagônicos, de acordo Staal, eles apresentam muitas semelhanças. Sua tese é que ambos teriam funcionado como projetos de engenharia social. O autor entende a cidade como ideologia em ação e ideias manifestos na concretude arquitetônica. “O espiritismo e o modernismo não são a mesma coisa,

apesar de alguma tendência esotérica estar sempre presente no modernismo europeu a despeito de sua estética administrativa formal” (p. 153).

A primeira planta de *Nosso Lar* foi publicada em 1944 através da transcrição de um livro⁷¹ de Chico Xavier⁷², de mesmo nome. A obra descreve a cidade como moradia dos espíritos que teriam apresentado vidas honradas na Terra, passando por uma jornada a partir da morte a caminho do mundo espiritual, muito parecido com o Inferno de Dante, até mesmo porque, no caso do espírito do médico André Luiz, ocorreu uma fase de limbo entre a Terra e o mundo espiritual, para que ele se redimisse de seus pecados.

Após um período de preparação em *Nosso Lar*, o espírito desencarnado estaria pronto para reencarnar na Terra. A cidade apresentaria uma estrutura futurista, como uma colônia de regeneração destes espíritos, com governo próprio, estrutura econômica, arte, cultura, infraestrutura, tecnologias avançadas (como ônibus espaciais). Sendo assim, existiria uma estrutura social, na qual os indivíduos trabalham, consomem, e se sujeitam a regras. A cidade flutuaria sobre a Terra, se localizando sobre a região do município do Rio de Janeiro, com mais de um milhão de habitantes.

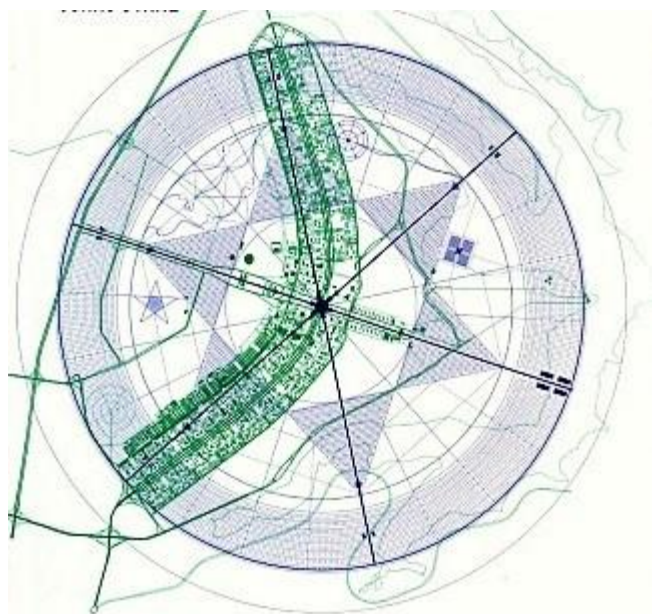
O paralelo entre *Nosso Lar* e Brasília toma forma quando Staal (2014) propõe algumas semelhanças: ambas as cidades teriam passado por grandes planejamentos, sendo *Nosso lar* criada por André Luiz e concretizada por Chico Xavier, e Brasília concebida por Juscelino Kubitschek e concretizada por Niemeyer e Lúcio Costa; um processo de recolonização teria ocorrido em ambas, já que Chico Xavier impõe o Espiritismo frente ao Catolicismo, enquanto JK impõe o modernismo em uma região considerada “vazia” no centro do Brasil; ambas seriam cidades colônias, já que *Nosso Lar* foi construída por espíritos pioneiros e Brasília por políticos pioneiros; as plantas de ambas as cidades apresentariam formatos de símbolos religiosos (Figura 17): O *Nosso Lar*, com o formato de hexagrama, e Brasília, com o formato de cruz; as cidades também possuiriam em suas bases narrativas fundadoras, tanto elementos religiosos quanto políticos; ambas seriam cidades capitais; seriam projetadas para o desenvolvimento e evolução das pessoas; ambas formariam periferias, já que *Nosso Lar* possui o Umbral, e

⁷¹ “Xavier escreveu *Nosso Lar* durante 700 dias, psicografando o que era ditado pelo espírito do falecido médico brasileiro André Luiz [...] Durante essas sessões de psicografia, que um surrealista reconheceria como a experiência de escrita automática, Xavier manteve seus olhos fechados ou cobertos, enquanto um assistente constantemente colocava mais folhas em branco sob seu lápis que não parava de se mover” (STAAL, 2014, p. 14).

⁷² “Xavier alegava ser contatado por espíritos desde que era um menino. Ele cresceu em uma família pobre de nove filhos na região rural de Minas Gerais, um estado no sudoeste do Brasil. Perdeu a mãe em tenra idade e teve de suportar o abuso físico a que foi submetido pela madrinha, antes de ter sido escolhido pelo plano espiritual para se dedicar integralmente à carreira de médium profissional. Sua trajetória começou em 1927, aos dezessete anos, quando curou sua irmã, mentalmente doente. Chico Xavier se tornaria o médium mais famoso da história do Brasil, com 458 livros psicografados em nome do mundo espiritual, e mais de cinquenta milhões de cópias vendidas. [...] No ano 2000, Chico Xavier foi nomeado para o Prêmio Nobel da Paz”. (STAAL, 2014, p. 11 – 12).

Brasília, as cidades satélites; ambas evidenciariam a arquitetura e a arte como controles estetizantes do espaço.

Figura 17 - Nosso Lar, Brasília



Fonte: STAAL (2014, p. 89).

Além da literatura, proponho uma análise de diversas formas iconográficas produzidas na e sobre a cidade, dando foco à arquitetura, já que ela se torna um suporte de memória social da cidade.

É, pois, na capacidade mobilizadora das imagens que se ancora a dimensão simbólica da arquitetura. Um monumento, em si, tem uma materialidade e uma historicidade de produção, sendo passível, portanto, de datação e classificação. Mas o que interessa a nós, quando pensamos o monumento como um traço de uma cidade, é a sua capacidade de evocar sentidos, vivências e valores (PESAVENTO, 2002, p. 16).

O formato de Brasília evocou diversas simbologias, apropriadas por discursos místicos que iniciaram paralelos com outras cidades sejam elas presentes no misticismo, como o *Nosso Lar*, ou outras cidades presentes no território brasileiro e em outros países. O imaginário que edificou Brasília como um local sagrado ou místico realizou um longo percurso.

Brasília foi alimentada por muita religiosidade desde os momentos de sua consolidação. Juscelino Kubitschek (2000) em sua autobiografia⁷³ relatou que desde os primeiros momentos da construção de Brasília até a sua inauguração, todos empenhavam-se

⁷³ O Senado Federal publicou o livro *Porque construí Brasília* (2000) no aniversário de 40 anos da cidade, que se constitui em uma autobiografia do presidente JK.

“trabalhando arduamente”, por espírito de cooperação, assim como o presidente narra: “Era a ‘mística de Brasília’, que atuava no espírito daqueles milhares de pioneiros” (p. 365). Podemos perceber no relato de JK o caráter místico atribuído à construção de Brasília, reforçando que essa aura influenciava os trabalhadores, atribuindo ao seu papel uma espécie de missão divina.

JK mantinha amistosas relações com a Igreja Católica, procurando manter uma diplomacia entre as congregações cristãs e estimulando a comunicação entre todas. Chegou até a convidar igrejas evangélicas para participarem dos momentos solenes, recebendo a visita de três pastores evangélicos (John Miller⁷⁴, Ricardo Venderos e Stephen Sloop) que o presentearam com uma Bíblia. O pastor Elias Brito Sobrinho, de Anápolis, foi o responsável pela Primeira Igreja Batista de Brasília, em 1957. No mesmo ano, o padre salesiano Roque Valiatti Baptista inaugurou a Igreja de Dom Bosco e o padre Primo Scusollino fundou a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida. Aos domingos, estas três igrejas eram frequentadas pelos trabalhadores de Brasília. Inclusive, o padre Roque e o pastor Elias que eram os representantes das duas correntes religiosas mais representativas daquele momento, tornaram-se grandes amigos, indicando uma relação amigável entre ambos os grupos religiosos (VASCONCELOS, 1989, p. 137 - 139).

Ernesto Silva (1971) relata que o Plano Piloto de Lúcio Costa previa diversos locais para a instalação das igrejas. Mas havia uma demanda muito grande partindo de grupos cada vez mais heterogêneos. A Igreja Católica reivindicava grande parte destes terrenos, mas outras denominações, como os protestantes, os ortodoxos, judeus e anglicanos também entravam nessa competição. De tal modo, Lúcio Costa precisou repensar partes de seu projeto, e em 1959 a NOVACAP reservou na Avenida W-4 áreas de 15.000 metros quadrados para a construção dos conjuntos paroquiais, satisfazendo os desejos da Igreja Católica. Esse ato foi representativo da espiritualidade da nova cidade, como podemos perceber no telegrama de Dom Fernando Gomes, arcebispo de Goiás:

⁷⁴ Magalhães (2010, p. 220) acrescenta que o pastor John Miller foi dos Estados Unidos para Brasília com a missão de criar núcleos evangélicos presbiterianos, como o resultado de sua decepção com o imperialismo norte-americano, principalmente a partir dos traumáticos episódios de Hiroshima e Nagasaki. Ele acreditava que a América do Sul era uma região promissora. Antes de chegar a Brasília, o pastor passou um tempo no Rio de Janeiro e em São Paulo, adequando-se à cultura brasileira, até aventurar-se pelo sertão, local que lhe representava grande desafio, por contrapor-se a toda modernidade a qual ele estava acostumado, afinal, foi no ano de 1950 que ele chega pela primeira vez em solo planaltino.

Ao ensejo da assinatura, entre a NOVACAP e a Arquidiocese de Goiânia, da escritura de doação das áreas destinadas aos Centros Paroquiais e de opção da compra para Colégios Religiosos, quero expressar a V. Revma. o meu entusiasmo e a certeza de que, com a união de todos os cristãos de boa vontade, poderemos construir a BRASÍLIA ESPIRITUAL, que sustentará a BRASÍLIA MATERIAL⁷⁵ que ora se ergue[...] (SILVA, 1971, p. 203).

Vasconcelos (2007a, p. 67) expõe que, um dos acontecimentos importantes ocorridos durante o que ele chama de “epopeia da construção de Brasília”, foi o “batismo espiritual” da cidade em 1957. Foi a realização da Primeira Missa com a cruz trazida da Diocese de Braga (Portugal), evento que atraiu cerca de 15 mil pessoas e contou com a presença dos índios carajás. Ernesto Silva (1971) por sua vez acredita que a cruz é a verdadeira pedra fundamental de Brasília.

Ao ler a narrativa de Vasconcelos sobre A Primeira Missa de Brasília (1957) (Figura 18), me veio à mente a cena recriada por Victor Meirelles, em sua tela *A Primeira Missa no Brasil* (1861) (Figura 19), que por sua vez chegou a ser exposta em Brasília em uma exposição itinerante no mês de julho de 2012. A tela é carregada de uma ótica cristã europeia e enfatiza a presença indígena. O artista, carregado do espírito imperialista de sua época, idealizou um momento em que a civilização desbrava e traz as luzes do cristianismo para a barbárie, assim como os concretizadores de Brasília pensavam que estavam fazendo, trazendo as luzes da modernidade para o sertão arcaico. De acordo Hagihara (2011) ocorre uma reinvenção do mito fundador nos diversos momentos históricos.

Mesmo que de formas distintas, a reinvenção do mito fundador aparece no imaginário das elites em momentos históricos decisivos. No caso da reinvenção do Brasil na era JK, o mito torna-se visível através da construção de uma cidade em forma de cruz. A associação desse ícone ao significado da tomada de posse aparece como exemplo paradigmático de rememoração e recriação simbólica da tradição brasileira (p. 47).

⁷⁵ Grifos do autor.

Figura 18 - A Primeira Missa de Brasília (1957)



Fonte: Adirson Vasconcelos (1989)

Figura 19 - A Primeira Missa no Brasil (1861), Victor Meirelles



Fonte: Instituto Brasileiro de Museus (2012). Disponível em: <http://www.museus.gov.br/a-primeira-missa-no-brasil-de-victor-meirelles- chega-a-brasilia-para-exposicao/>

Apesar de a fotografia mostrada por Vasconcelos (1989) não apresentar de forma clara a presença indígena, ela enfatiza o número expressivo de pessoas participantes do momento solene, o que a relaciona à tela de Vitor Meirelles. A cruz, em ambas as imagens, recebe uma atenção no canto superior esquerdo, envolta por dezenas de pessoas. Vitor Meirelles imprime o espírito barroco em sua obra, ao empregar a luz como recurso estético para enfatizar o ato do padre frente à cruz, assim como os artistas barrocos faziam ao destacar um determinado

elemento na cena em detrimento daquilo que fica na sombra (no caso, os indígenas). Em se tratando de Barroco, na maioria das vezes, esses elementos de destaque estavam relacionados às ritualidades e símbolos cristãos, o que mostra que a arte estava em função da religião. Vitor Meirelles apesar de sua formação academicista deixou claro as suas referências artísticas e ideologias colonialistas.

Juscelino Kubitschek em sua autobiografia relata que a cruz de Braga era reverenciada como uma relíquia. Diz também que: “Essa cruz constitui a verdadeira pedra fundamental da cidade. É, sem dúvida, seu marco histórico, e muito mais expressivo do que a placa, fundida no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo [...] (KUBITSCHKEK, 2000, p. 32-33).

JK descreve que, após estabelecer as bases materiais e humanas da cidade, seria necessário proporcionar às pessoas um conforto espiritual, e, para isso, surgiu a ideia da realização da Primeira Missa. A data de sua realização deveria ser próxima do dia em que se recorda a missa realizada pela excursão de Pedro Álvares Cabral, fazendo uma analogia entre ambas: a primeira missa que ocorreu no Brasil assinalava o descobrimento da Nova Terra, e a segunda missa, realizada em Brasília, marcaria a posse do território nacional em sua íntegra (*ibidem*, p. 87).

Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota pronunciou durante a realização da Primeira Missa de Brasília, que esse momento seria ímpar na História do Brasil, e que Brasília seria um artefato mágico para a integração da Amazônia ao país (SILVA, 1971, p. 152). A imagem de Nossa Senhora Aparecida foi levada de São Paulo, percorrendo todo o Brasil, passando por todos os Estados, representando a integração nacional, até chegar a Brasília. JK em discurso disse que aquela missa seria o plantio da semente espiritual de Brasília. Adirson Vasconcelos (2007a) conta que JK, meses antes de seu falecimento, disse-lhe: “Adirson, Brasília será a Capital do Terceiro Milênio. Viva e verás” (p. 121).

Dois anos depois da Primeira Missa, o Ministro da Cultura da França, André Malraux, visitou Brasília e proferiu algumas palavras que se tornaram grande inspiração a todos, apelidando Brasília de “a capital da esperança”, que se tornou um slogan (VASCONCELOS, 2007a, p. 71). Segue um trecho do depoimento de André Malraux:

Salve, capital intrépida, que recordas ao mundo estarem os teus monumentos ao serviço do espírito. O espírito que esta cidade evoca é o de nobreza que sob muitos aspectos a fez nascer, pois a nobreza a que se referem os seus fundadores mergulha profundas raízes no tempo. [...] um murmúrio de glória acompanha o bater das forjas que saúdam vossa audácia, vossa confiança, e o destino do Brasil, enquanto vai se erguendo a capital da esperança (MALRAUX. In: ASSOCIAÇÃO DE CULTURA FRANCO-BRASILEIRA DE BRASÍLIA, 1959, p. 27-28).

No dia 21 de abril de 1960 o sonho se concretizou – JK foi recebido por uma legião de pessoas na Praça dos Três Poderes para receber a chave simbólica de Brasília. Um trecho do discurso de JK demonstrou os ideais místicos presentes em todas essas ações:

Quando aqui chegamos, havia na grande extensão deserta apenas o silêncio e o mistério da natureza inviolada. No sertão bruto iam-se multiplicando os momentos felizes em que percebíamos tomar formas e erguer-se por fim a jovem cidade. [...] Somente me abalei a construí-la quando de mim se apoderou a convicção de sua exequibilidade por um povo amadurecido para ocupar e valorizar plenamente o território que a Providência Divina lhe reservara (JK. In: BRASIL, 2009, p. 51).

Quando comecei a analisar a arquitetura de Brasília, verifiquei que depois do Catetinho, os primeiros edifícios eram religiosos: a Loja⁷⁶ Maçônica Estrela de Brasília (1956), a Ermida Dom Bosco (1957), a Primeira Igreja Batista (1957) e a Igrejinha de Fátima (1958). Ainda no ano de 1956 chegaram os espíritas, que construíram o Centro Espírita Sebastião, e o mestre Yokaanam e seus seguidores fundaram a Cidade Eclética.

Até o Catetinho para JK simbolizava a mística de Brasília, pois ele relatou em uma de suas autobiografias que a edificação seria o símbolo do milagre e a chama inspiradora que expandiu o otimismo entre os construtores de Brasília. Um grupo de amigos ergueu esse prédio de madeira em dez dias, como um presente surpresa, em um momento em que não havia estruturas necessárias para edificações. Ele acredita que essa força que levou estes homens a erguer esse edifício seria a mesma que ele como presidente da república iria empregar no país e em sua nova capital. JK (2000) relata que:

A mística do Catetinho foi, pois, precursora — dada a emulação que provocou - da mística de Brasília, consubstanciada em pioneirismo, em espírito de criação e na determinação de enfrentar e vencer o que parecia impossível. E a mística de Brasília, por sua vez, contagiando o País inteiro, realizou o milagre da construção de uma metrópole revolucionária, em três anos e dez meses (JK, 2000, p. 60 - 61).

No caso da Igrejinha de Fátima (1958) (Figura 20), a iniciativa foi da esposa de JK, Sarah Kubitschek, como uma gratidão pela graça recebida por sua filha Márcia que estivera doente. Inclusive, Vasconcelos (1989, p 155) conta que Sarah Kubitschek foi à Cova da Ira (Portugal), realizar preces à Virgem das aparições, recebendo a bênção. Oscar Niemeyer foi o responsável pelo projeto da Igreja, na qual cultivou a sua estética moderna, empregando o

⁷⁶ De acordo com Luz (1986, p. 43) as lojas e grupos de estudos se diferenciam, visto que a primeira possui “uma hierarquia administrativa, seus membros fazem parte da Sociedade e têm direito a voto no Conselho Nacional (o que preside todas as lojas no país) e na escolha do Presidente Mundial da organização. Os Grupos de Estudo recebem orientação permanente da organização; seus membros, no entanto, só se tornam integrantes da Sociedade e adquirem os mesmos privilégios dos outros, quando o grupo tem dois anos de atividades, comprovadas”.

formato⁷⁷ de um chapéu de freira. Na fala de Kubitschek: “Impunha-se como um marco de fé. Era um oásis de recolhimento, encravado no tumulto da cidade que brotava do chão” (JK, 2000, p. 123). Aquele centro seria o irradiador da vida cristã no Planalto Central brasileiro, tendo recebido a bênção apostólica do Papa Pio XII através de Dom Armando Lombardi, embaixador do Vaticano no Brasil, que disse para a senhora Sara Kubitschek: “Na certeza de que a Igreja Nossa Senhora de Fátima, de Brasília, será o centro irradiador de intensa vida cristã, concedemos a Vossa Excelência e demais pessoas presentes nossa bênção apostólica” (SILVA, 1971, p. 154).

Figura 20 - Igrejinha de Fátima (1958)



Fonte: Portugal Digital (2018). Disponível em: <https://portugaldigital.com.br/projetada-por-niemeyer-igrejinha-de-fatima-em-brasilia-comemora-60-anos/>

A Catedral Metropolitana de Nossa Senhora Aparecida (1970)⁷⁸ (Figura 21), também obra de Niemeyer, surgiu da necessidade de servir a todas as religiões, não se restringindo ao

⁷⁷ “Na igreja a cobertura é triangular com três pontos de apoio. A cobertura em concreto armado do edifício possui a forma de um triângulo abaulado no centro, com desenho que lembra a cobertura utilizada por Le Corbusier em Ronchamp” (SCOTTÁ, 2010, p. 74).

⁷⁸ Teve sua construção iniciada em 1958. Sua estrutura já estava pronta em 1960 “onde apareciam somente a área circular de setenta metros de diâmetro, da qual se elevam dezesseis colunas de concreto (pilares de secção parabólica) num formato hiperboloide, que pesam noventa toneladas” (CATEDRAL METROPOLITANA NOSSA SENHORA APARECIDA, 2015), mas só foi inaugurada em 1970. Um estudo interessante sobre a Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida é de autoria de Rachel Filgueiras Paschoalin (2012) intitulada: *Restauração da Catedral de Brasília: desafios e conflitos na restauração da arquitetura moderna*. A autora analisa a prevalência da arquitetura moderna como um grande desafio na atualidade, pelo seu rompimento com o passado tradicional, criando novas linguagens. O edifício passou por restaurações ao longo dos anos devido a alguns problemas em sua estrutura, como infiltramentos, retração / dilatação dos vitrais, e falta de ventilação adequada. A partir dessa problemática, a autora procurou investigar as implicações das reformas quanto ao funcionalismo,

catolicismo. Aconteceu uma reunião de cinco igrejas – Católica, Luterana, Ortodoxa, Metodista e Anglicana – em nome da unidade cristã, fato defendido pelo Papa João XXIII. A reunião aconteceu em um templo metodista, na qual todos rezaram o pai nosso, leram a Bíblia juntos, comentaram trechos, entoaram cânticos e celebraram o ecumenismo. Esse fato foi fundamental para a construção da Catedral Metropolitana, que foi concebida como um templo de meditação sem distinção de religião (SILVA, 1971, p. 205).

Figura 21 - Catedral Metropolitana de Nossa Senhora Aparecida (1970)



Fonte: Curta Mais (2019). Foto de RaioXDF.
Disponível em: <http://twixar.me/5Wvn>.

A Catedral de Brasília permuta entre a modernidade e o sagrado. O edifício se destacou entre a arquitetura monumental por caracterizar um efeito escultórico, trazendo a visão gótica da luminosidade e uma busca pela perfeição nas formas (MARQUEZ, 2007). A presença das esculturas de Alfredo Ceschiatti (Figura 22) demonstram a sua influência barroca, mas rompe também com as suas regras, mudando formas e criando uma estética moderna (VIDAL, 2009, p. 231).

Figura 22 - Os Anjos (1970), Alfredo Ceschiatti



Fonte: Autoria própria (2012).

Lúcio Costa planejou a localização da Catedral em uma praça autônoma e lateral em relação ao Eixo Monumental (Figura 23), para representar a separação entre a Igreja e o Estado. O Eixo Monumental tampouco se esqueceu de demonstrar a hierarquia dos poderes, afinal, é o Estado que regula todas as instituições e é ele quem deve estar na centralidade do Plano Piloto.

Figura 23 - Disposição da Catedral Metropolitana no Eixo Monumental



Fonte: Biblioteca do IBGE (s/d.). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/bibliotecacatalogo.html?id=441712&view=detalhes>

Como podemos ver, a Catedral não está em uma posição central como as igrejas coloniais, porém, ela integra o eixo principal em que o poder executivo reside. Essa atitude marcou a presença da Igreja reformada do século XX, que teve um papel importante na fundação da cidade.

Sugiram diversas interpretações⁷⁹ de suas formas, como vários braços elevando-se em busca do céu, o “desabrochar de uma flor tropical ou de lótus” (*ibidem*, p. 30), uma coroa, que poderia ser a de espinhos de Cristo, ou uma gigantesca tenda. Sua forma circular advém de uma tradição religiosa, pois o círculo simboliza os ciclos da vida e o infinito. O edifício representa uma reinvenção da arquitetura religiosa na modernidade (*ibidem*, p. 30).

Luis A. Abraham em sua tese de doutorado exemplifica que o acesso à Catedral pela rampa subterrânea, escura por sua vez, que conduz o visitante ao local extremamente luminoso e colorido, traz a ideia de que o fiel percorre um caminho pelas sombras, até chegar à verdadeira luz, quando obtém o contato com Deus. Também é uma referência às catacumbas dos cristãos primitivos, no sentido de recolhimento, e posterior momento de êxtase. “Sintetizam, a partir da sua sintaxe, a essência do ato religioso” (ABRAHAM, 1989, p. 156). Na verdade, essa ideia de anteceder o espaço iluminado por um caminho subterrâneo e escuro remonta há tempos anteriores ao cristianismo, como no Egito Antigo.

Oscar Niemeyer procurou mostrar que suas propostas estão relacionadas à técnica e à liberdade plástica, sabendo conciliar com a influência das vanguardas artísticas, mas não deixa de transparecer minúcias de misticismo. Ele acreditava que a realização de uma arquitetura modernista em um país do terceiro mundo seria possível por trazer inovações e por ter liberdade de experimentação. De tal modo, ele publica em um artigo *Forma e Função da Arquitetura* (1959) discorrendo a sua liberdade plástica e a sua relação com a fantasia e o êxtase:

Uma liberdade plástica quase ilimitada, liberdade que não se subordine servilmente às razões de determinadas técnicas ou do funcionalismo, mas que constitua em primeiro lugar, um convite à imaginação, às coisas novas e belas, capazes de surpreender e emocionar pelo que representam de novo, criador; liberdade que possibilite – quando desejável – as atmosferas de êxtase, de sonho e poesia (NIEMEYER, 1959, p. 03).

⁷⁹ Surgiram interpretações místicas a seu respeito. As suas dezesseis colunas curvas representam os dezesseis planetas (Missal, Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Dóton, Júpiter, Io, Veldha, Ganímedes, Saturno, Urano, Titânia, Netuno, Caronte e Kao). Do alto da Catedral descem três emissários (os anjos). A água que circunda a catedral simboliza a revelação dos anjos aos seres humanos, e o túnel de acesso à Catedral representa a escuridão do interior do ser que necessita da luz divina. A Catedral possui a forma de um cálice emergindo da terra. Seus três anjos representam arqueus, arcanjos e anjos - a trindade eterna (ADRIÃO, 2017, s/p.).

Niemeyer em seu livro *Minha experiência em Brasília* (2006, p. 09-10) relata que procurava mostrar simplicidade e nobreza ao mesmo tempo. Procurava trazer uma surpresa e emoção aos futuros visitantes da Nova Capital de forma a engrandecê-la e caracterizá-la, da mesma forma que a Praça de São Marcos na Itália e a Catedral de Chartres na França, que são obras que causam um impacto de beleza, audácia e reafirmam os seus aspectos técnicos.

Niemeyer propõe dois tipos de edifício: o público, que teria caráter monumental, localizado em áreas livres, e as residências comuns localizadas em superquadras. Esses monumentos públicos possuem visibilidade, apresentando um caráter escultural. Sua arquitetura pretendia subverter o cotidiano:

Formas novas, que surpreendessem pela sua leveza e liberdade de criação. Formas que não se apoiassem no chão rígidas e estáticas, como uma imposição da técnica, mas que mantivessem os Palácios como que suspensos, leves e brancos, nas noites sem fim do Planalto. Formas de surpresa e emoção que, principalmente, alheiassem o visitante – por instantes que fossem – dos problemas difíceis, às vezes invencíveis, que a vida a todos oferece (*ibidem*, p. 07).

Apesar de se autoafirmar como ateu, Niemeyer empreendeu muitos trabalhos na arquitetura religiosa. Esse interesse se explica pelo fato de que, desde a sua infância, o arquiteto esteve intimamente em contato com o catolicismo, pela influência de seus avós. Durante a sua adolescência, passou a questionar os dogmas da igreja católica e conheceu o espiritismo, mas foi o ceticismo que lhe trouxe mais sentido para o mundo (SCOTTÁ, 2010, p. 34).

Para compreender a relação de Niemeyer com a religião, Luciane Scottá (2010) em sua dissertação de mestrado procurou a partir dos escritos do arquiteto elementos que confirmam o seu interesse pela arquitetura religiosa. A dissertação tem como objeto a arquitetura religiosa de Oscar Niemeyer em Brasília. Além disso, a autora afirma que Niemeyer foi convidado por JK para projetar os edifícios de Brasília, incluindo também os religiosos, já que naquele momento (1956), o arquiteto já possuía um reconhecimento internacional por vários de seus trabalhos realizados anteriormente em Minas Gerais, e dentre eles, as edificações religiosas.

Scottá (2010) catalogou os edifícios religiosos de Brasília projetados por Niemeyer, realizando descrições técnicas: Capela Nossa Senhora da Alvorada (1958); Igreja Nossa Senhora de Fátima (1958); Catedral de Brasília (1970); Igreja do Instituto de Teologia (1962); Capela do Palácio Jaburu (1973); Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Antioquina de Brasília (1988); Catedral Santa Maria dos Militares Rainha da Paz (1994); Capela do Anexo IV da Câmara dos Deputados (1994); Capela de Dom Bosco (2006).

Sobre suas relações particulares com a arquitetura religiosa, Niemeyer esclarece em uma entrevista publicada pelo *Correio Braziliense*:

[...] ao desenhar uma igreja, o arquiteto sente, surpreso, como esta é generosa como tema arquitetural. Com que prazer desenhei as colunas da Catedral de Brasília, a subirem em círculo, criando a forma desejada! E lembro os contrastes de luz que adotei, tão importantes no interior de uma catedral. Quando projeto uma catedral, reconheço que o prazer que sinto em ver uma obra bem realizada é muito menor do que a importância que lhe dão aqueles que vão frequentá-la, pois é ali que acreditam estarem perto de Deus. Para eles, o ser supremo que, onipotente, tudo criou. Eis como eu posso justificar essa contradição que alguns levantam entre a minha posição de comunista e o meu interesse em desenhar obras de caráter religioso (NIEMEYER, 2009, s/p.).

Niemeyer também projetou outras edificações dentro da arquitetura monumental de Brasília que apesar de não serem religiosas, dialogam com seu longo portfólio religioso, como é o caso do Panteão da Pátria. É um edifício construído com o objetivo de eternizar a memória de homens que contribuíram para a história do país, como Tiradentes, Zumbi dos Palmares, Dom Pedro I e Tancredo Neves. Foi construído na Praça dos Três Poderes e inaugurado em 7 de setembro de 1986. A data da sua inauguração revela o desejo de expressar o patriotismo que toma como heróis estes personagens históricos. A ideia de se construir um monumento dedicado a estes personagens políticos do Brasil surgiu quando o ex-presidente Tancredo Neves veio a falecer, fato que causou comoção nacional. O monumento guarda um livro de aço chamado *Livro dos heróis e das heroínas da Pátria*, que alista os nomes de muitos destes personagens⁸⁰. O formato do Panteão (Figura 24) se assemelha ao de uma pomba, representando a paz e a esperança, símbolo cristão que provém de uma passagem bíblica do livro de Gênesis. A passagem narra sobre Noé, que após o dilúvio soltou uma pomba para encontrar terra firme. A

⁸⁰ Suas dez páginas de aço listam os nomes oficialmente reconhecidos por se destacarem por ações em prol da pátria. Para que um nome seja incluído, é necessário que o Senado Federal e a Câmara dos Deputados aprovem uma lei com a solicitação da inclusão. É necessário também que se tenha decorrido pelo menos 10 anos da morte do homenageado. Os atuais homenageados: Alferes Joaquim José da Silva Xavier, Zumbi dos Palmares, Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, Dom Pedro I, Marechal Luís Alves de Lima e Silva, Francisco Alves Mendes Filho, Coronel José Plácido de Castro, Almirante Joaquim Marques Lisboa, Almirante Francisco Manuel Barroso da Silva, Marechal-do-ar Alberto Santos Dumont, José Bonifácio de Andrada e Silva, Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo, Brigadeiro Antônio de Sampaio, Cacique José Tiaraju, Anna Justina Ferreira Nery, Hipólito da Costa, São José de Anchieta, Getúlio Vargas, Heitor Villa-Lobos, Mário Martins de Almeida, Euclides Bueno Miragaia, Dráusio Marcondes de Sousa, Antônio Américo Camargo de Andrade, Domingos José Martins, Leonel Brizola, Ana Maria de Jesus Ribeiro, General Francisco Barreto de Meneses, João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros, Henrique Dias, Capitão-Mor Antônio Filipe Camarão, Antônio Dias Cardoso, Bárbara de Alencar, Marechal Cândido Rondon, Clara Camarão, Sargento Antônia Alves Feitosa, Zuleika Angel Jones, Machado de Assis, Maestro Carlos Gomes, João Pedro Teixeira, José Feliciano Fernandes Pinheiro, Euclides da Cunha, Joaquim Francisco da Costa, Luís Gama, Miguel Arraes, Antônio Vincente Mendes Maciel, Ulysses Guimarães, Dandara dos Palmares, Luiza Mahin.

pomba retorna e lhe traz um ramo de oliveira, representando a esperança de se encontrar um local para fundar uma nova civilização, e o selamento da paz entre Deus e os homens.

Figura 24 - Panteão da Pátria (1986)



Fonte: Governo do Brasil (2010). Disponível em: <http://www.brasil.gov.br>

A atribuição do nome – panteão⁸¹ – me chama a atenção pelo fato de que essa é a designação atribuída aos templos erigidos aos deuses na cultura greco-romana. O Panteão Romano (27 a.C.) se destacou por sua arquitetura que traz para o interior do edifício a luz solar, que ilumina estátuas de divindades. Apesar de seu projeto original se dedicar ao politeísmo, o Panteão Romano posteriormente foi transformado em uma igreja dedicada a Santa Maria e aos mártires no ano de 609 pelo papa Bonifácio IV. No período renascentista, tornou-se túmulo de renomados artistas, como Rafael Sanzio. Mas seu projeto original, de autoria do cônsul romano Marco Agripa, tinha a intenção de rememorar o mito fundador de Roma, no qual, Rômulo teria sido levado aos céus por uma águia, tornando-se uma divindade. A águia com as asas abertas se tornou o símbolo presente no frontão do edifício, que posteriormente foi retirado (IACUZIO, 2015). Mas pode ter sido nele que Oscar Niemeyer se inspirou ao imaginar o formato de uma pomba para o Panteão brasileiro, que por sua vez, também segue a tradição de rememorar os mártires ou personalidades da pátria. Outros panteões fazem parte dessa tradição, como o Panteão de Paris (1790), o Panteão dos Homens Ilustres na Espanha (1899) e o Panteão Nacional de Portugal (1966).

⁸¹ Do grego Πάνθεον que significa “todos os deuses”.

Ao lado do edifício do Panteão da Pátria, uma torre guarda a chama eterna, que representa a liberdade do povo brasileiro e a democracia, dois elementos que nunca poderão se apagar. Percebo dessa forma a presença de mais simbologias do cristianismo na arquitetura monumental de Brasília. Essa discussão procurou elucidar a formação de Brasília enquanto cidade sagrada, como podemos verificar em várias ações nesse sentido. O rito de inauguração, o chamado batismo espiritual, e a importância dada às edificações religiosas mostram que os concretizadores de Brasília se preocuparam em legitimar a nova capital empregando o discurso religioso. Isso me levou a questionar a diferença de Brasília em relação a Goiânia, que por sua vez também procurou se afirmar sob a bênção da Igreja Católica, mas ao longo do tempo se mostrou mais presa a essa tradição religiosa, assim como analisarei no próximo tópico.

2.4. Brasília e Goiânia nos debates sobre tradição

As diferenças entre as consolidações de Brasília e sua irmã mais velha, Goiânia, nos leva a um debate a respeito de contextos históricos e políticos divergentes, o que ocasionou uma diferença identitária entre ambas. Brasília nasceu em um período de turbulências sociais e filosóficas, momento em que há uma emergência de revisões epistêmicas e políticas (em escala mundial) no cenário histórico na passagem da década de cinquenta para sessenta. Goiânia, por sua vez, nasceu em um período marcado pela permanência da tradição. Em Brasília, as religiosidades sincréticas encontraram um terreno fértil para proliferar.

Primeiramente, proponho um debate sobre essa disputa entre Brasília e Goiânia pelo protagonismo da modernidade em solo goiano, já que “Goiânia é um pedaço de modernidade, cravado no sertão goiano” (CHAUL, 2015, p. 11). Goiânia também surgiu dentro de discussões contrárias à sua efetivação, protagonizando turbulências utópicas e projetos políticos intervencionistas. Goiânia era um divisor de águas na História de Goiás entre o velho e o novo, e para Nasr Fayad Chaul, foi o argumento do progresso que sustentou a efetivação da mudança da capital. Da mesma forma que Brasília era celebrada como um oásis de aço e vidro em meio ao Cerrado, Goiânia era a “modernidade na selva” (*ibidem*, p. 19).

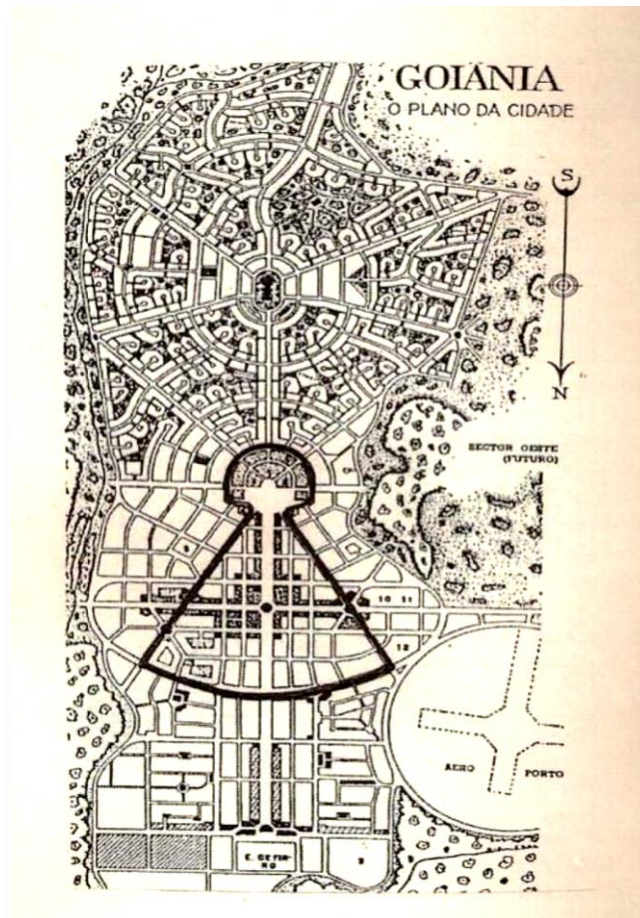
Os mudancistas goianos promoveram o “Batismo Cultural” de Goiânia em 05 de julho de 1942, colocando no programa de eventos da inauguração da cidade a celebração de duas missas. Brasília por sua vez teve como data primordial dentro das solenidades de sua inauguração o que Adirson Vasconcelos (2007a) chamou de “Batismo Espiritual” ocorrido em 03 de maio 1957, a sua primeira missa.

Edson D. de A. Júnior (2011) em sua dissertação defende que apesar dos objetivos dos idealizadores de Goiânia estarem elencados nos preceitos modernistas, a cidade passou por um processo de desconstrução da identidade de seu projeto original. Sua tese afirma que existiu uma coexistência contraditória entre elementos simbólicos modernos e tradicionais na consolidação de Goiânia.

A presença da Igreja Católica no conjunto de rituais que inauguraram a nova capital do Estado goiano surge, dessa forma, como o momento propício para a consolidação da restauração católica em Goiás [...] Mais uma vez, a assertiva da cidade abençoada pela graça de Deus, ressurgiu no discurso dos que se fizeram presente no evento. Isso demonstra, que embora o batismo cultural seja um evento de caráter predominantemente laico, ocorre durante os festejos populares e cerimônias oficiais, uma intensa recorrência ao elemento “sagrado”, como forma, talvez, de busca por afirmação e legitimidade religiosa às inúmeras festividades (ARAÚJO JÚNIOR, 2011, p. 112).

Um dos aspectos frisados pelo autor que denuncia o aspecto religioso na consolidação de Goiânia esteve presente no imaginário goianiense, que associou o traçado urbanístico do município à imagem de Nossa Senhora Aparecida (Figura 25), como uma forma de ressignificação de seus espaços.

Figura 25 - Imagem de Nossa Senhora Aparecida no traçado urbanístico de Goiânia



Fonte: (MELLO, 2006, p. 50).

A imagem nos mostra que a cabeça da santa circunscreve o centro administrativo, estando no núcleo central da cidade, o que mostra que os poderes político e religioso se permutam nas projeções simbólicas sobre Goiânia. Para Edson A. Júnior, a projeção da figura de Nossa Senhora Aparecida no traçado urbanístico de Goiânia não se apagou com o passar do tempo, pois permaneceu nas décadas posteriores, estando presente simbolicamente no imaginário das novas gerações. Ele permanece vivo e discutido nos meios populares e acadêmicos. Muitos questionam se no projeto de Atílio Corrêa Lima existia esse propósito, se houve uma intencionalidade por parte do urbanista ou o que permitiu que essas representações emergissem e se sustentassem por tanto tempo.

Percebo que não houve essa intencionalidade do urbanista e que as igrejas não constituíam o interesse do plano diretor de Goiânia. Os espaços religiosos foram relegados a segundo plano. Não encontrei no acervo dos documentos de Atílio Corrêa Lima uma referência aos espaços para a construção de igrejas ou catedrais. Mas o que o imaginário popular nos traz é que a santa abençoa a cidade.

Essas representações sacralizadas de Goiânia remetem, na opinião de Araújo Júnior (2011, p. 69-72) à forte tradição católica que remonta a períodos anteriores a sua construção. O autor acredita que a presença da Igreja Católica foi muito forte em Campinas, pela atuação dos padres redentoristas e das irmãs franciscanas, contribuindo para a preservação das tradições católicas após a fundação da cidade. Para o autor, as tradições religiosas foram importantes no processo de consolidação da nova capital goiana.

A arquidiocese de Goiânia apregoou que a Igreja Católica apoiou a consolidação da capital, enfatizando a importância da sua presença na cidade naquele momento:

A Matriz, a primeira de Goiânia, que também é o primeiro templo religioso da nova capital do estado, foi erguida nas proximidades do Palácio do Governo à Rua 19, Qd. 31. A Igreja, portanto, apoiou a construção da nova capital, dando a sua importante presença na nova cidade. Em 24 de outubro de 1933, é lançada a Pedra Fundamental da cidade. No dia 24 de maio de 1935, um ano e meio depois, é lançada a Pedra Fundamental da primeira Igreja. E, no dia 24 de dezembro de 1937, pouco mais de quatro anos da Pedra Fundamental da nova capital, já se fez a bênção da Igreja provisória, criou-se a Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora [...] (ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA, 2019).

Por outro lado, Eduardo Gusmão de Quadros (2017, p. 186 - 187) juntamente a Vinicius A. Teixeira analisa que apesar da laicidade do estado, a Igreja Católica possuía certas vantagens, além da mobilização das camadas populares. Com o estabelecimento da nova capital, era necessário que a igreja criasse laços para não perder sua influência política. Assim, em 1935 houve o que os autores chamam de aproximação simbólica entre as esferas religiosa e política. Antes disso, o arcebispo Dom Emanuel G. de Oliveira não esteve presente nas primeiras missas de Goiânia, demonstrando confessadamente suas discordâncias com os rumos que tomava a nova capital, como por exemplo, a sua preferência pela cidade de Bonfim⁸². Essa reaproximação ocorreu, de acordo os autores, no advento da terceira missa, que celebrava o lançamento da pedra fundamental da Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora.

Apesar das contraditórias relações entre a Igreja Católica e o projeto da nova capital goiana, Clarissa Ulhoa (2011) em sua dissertação nos mostra que o catolicismo permaneceu em mais de 50% da população goianiense até a década de sessenta. Somente a partir dessa década se percebeu mudanças que permitissem o adentramento do candomblé⁸³ em Goiânia, tema de

⁸² “[...] em Bonfim, Dom Emanuel Gomes de Oliveira gozava de indiscutível prestígio, por estimular diversos melhoramentos, a exemplo da construção do Ginásio Anchieta, sem contar a efetivação, no dizer de Ronaldo Vaz, da ‘transferência branca’ da Diocese para a cidade [...] o arcebispo era considerado o ‘segundo fundador’ de Bonfim, sendo reconhecido como o principal responsável pelo prolongamento da estrada de ferro até o município.” (MENDONÇA, 2012, p. 173).

⁸³ Clarissa Ulhoa (2011) esclarece que o estabelecimento progressivo do candomblé que se iniciou na década de sessenta ocorreu concomitantemente às reivindicações da umbanda, já que, até aquele momento, estes últimos

sua investigação. Para a autora, isso se deve ao contexto histórico permeado pelos movimentos de contracultura e reorientação política internacional, aliado ao desfecho do período varguista que efetuava a repressão das religiosidades afro-brasileiras.

Embora pensada para atender aos desígnios da modernidade, bem como para se mirar em importantes centros urbanos europeus, a capital goiana permaneceu perpassada, especialmente em suas três primeiras décadas de existência, por características que, de acordo com o discurso moderno, são consideradas tipicamente provincianas ou mesmo retrógradas. Baseados no depoimento das pessoas que viveram os primeiros anos da cidade, percebemos impedimentos relacionados a uma infraestrutura urbana insatisfatória e “uma descrição de Goiânia bem longe de uma cidade moderna e cosmopolita e bem próxima dos valores provincianos das pequenas cidades (ULHOA, 2011, p. 101).

A década de 60 foi decisiva pelas transformações que possibilitaram a aproximação da capital goiana de uma metrópole, principalmente após a inauguração de Brasília que desencadeou uma epidemia de otimismo. Brasília e Goiânia começaram a ser vistas como cidades irmãs, que possuíam a mesma missão de trazer o progresso e a modernidade para o Estado de Goiás (ULHOA, 2011).

Eliézer Cardoso de Oliveira (1999, p. 29) em sua dissertação acrescenta outros elementos além da política que nos mostram as relações tradicionais típicas das cidades do interior goiano que se mantiveram presentes em Goiânia até a década de sessenta, como as casas em estilo colonial, ranchos e uma sociabilidade provinciana⁸⁴ que sobrevivia em paralelo a todo o discurso modernizante. Campinas contribuiu para uma dualidade, entre o moderno e o tradicional, pois, a presença de famílias provenientes das cidades do interior de Goiás também garantiu a permanência da tradição rural.

Outra análise de Eliézer C. de Oliveira (1999) é a questão demográfica como normalizadora de condutas sociais. Nas pequenas cidades há uma padronização maior na conduta social, elemento que predominou em Goiânia nas suas primeiras décadas, diferente de Brasília. A partir deste ponto debato a respeito dos elementos que diferiram ambas as capitais para compreender a peculiaridade de Brasília como um campo possibilitador de novas religiosidades e filosofias.

existiam de forma “invisível” ou estrategicamente sob o rótulo de centros espíritas desde a década de quarenta como modo de sobrevivência perante às repressões. A umbanda abriu as portas para que o candomblé conseguisse se estabelecer em Goiânia.

⁸⁴ Eliézer C. de Oliveira (1999) justifica o uso do termo “provinciano”: “Poderia ter utilizado o termo *cidade tradicional* nesta parte, mas preferi a utilização do adjetivo *provinciano*, pois ele semanticamente aproxima-se mais de *interiorano*, em oposição à capital, dando um efeito estilístico interessante: *uma capital provinciana*” (p. 66).

Enfim, pode-se dizer que havia uma Goiânia bem diferente daquela dos discursos ufanistas de políticos e de jornalistas. Esta Goiânia era habitada por pessoas de origens provincianas com seus costumes tradicionais; era uma cidade pequena na qual todos se conheciam e a exuberância da natureza adentrava os limites definidos como urbanos (*ibidem*, p. 64).

De tal modo, para Oliveira (1999), a tradição permaneceu em Goiânia até meados da década de sessenta, apresentando-se mais próxima desse conceito do que da ideia de modernidade. “Ouso dizer que a modernidade não é a energia que movia esse universo de valores e ações dos sujeitos. E, portanto, se considerá-los somente – e não os seus produtos materiais – tradição é a meu ver o conceito mais adequado para analisá-los” (p. 70).

Os novos tempos em Goiás, assim possibilitados pela construção de Brasília, marcaram o crescimento de uma elite consolidada pelo seu carisma, construído a partir dos seus discursos de predestinação divina, bem como, dos mitos dos heróis nacionais. Essa postura veio confrontar a politicagem coronelista de forma mais significativa. “O discurso historiográfico tem derogado clássicas alusões ao coronelismo como algo preso exclusivamente à tradição, e, por isso, paradigma de um passado cabalmente superado pelas conformações sociais permitidas pela onda modernizante” (MAGALHÃES, 2010, p. 138). Dessa forma, percebo algumas mudanças no campo do domínio político regional, no qual entraram em cena novos atores.

Além disso, Goiânia se transformou em questões demográficas, culturais e econômicas com o nascimento de Brasília, graças à sua proximidade, tornando-se um verdadeiro centro urbano com características metropolitanas (OLIVEIRA, 1999). O contexto histórico, político e cultural de Brasília foi decisivo para que a cidade não possuísse de modo significativo uma sociabilidade tradicional. Goiânia por sua vez, manteve-se atrelada em suas tradições, pelo menos, até o final de sua terceira década, como nos mostrou Ulhoa (2011), ao passo que Brasília nasceu em um contexto mais favorável para renovações sociais, políticas e religiosas.

JK e seus companheiros cercaram-se de personalidades influentes a nível nacional e internacional, como John F. Kennedy (Figura 26), além dos representantes religiosos das mais variadas filosofias, como a Maçonaria, o Espiritismo, dentre outros, não restringindo-se aos líderes católicos, como ocorreu em Goiânia.

Figura 26 - JK e JFK



Fonte: Vitruvius (2011)⁸⁵. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/jornal/agenda/read/1777>

Brasília tornou-se um centro cosmopolita devido às condições históricas dadas no momento de sua construção e inauguração. Condições essas, advindas do contexto internacional das décadas de cinquenta e sessenta, em que efervesciam reivindicações sociais por questões como o feminismo, a contracultura e o ambientalismo.

O movimento feminista ganhou força a partir dos anos sessenta, trazendo à tona discussões como a liberdade sexual, o direito de trabalhar e conquistar a sua independência, a superação dos casamentos opressores, do patriarcalismo e da discriminação social. Esses debates ganharam força a partir dos estudos da filósofa francesa Simone de Beauvoir. Outro movimento que teve muita força nessa década foi a contracultura, que emergiu com o objetivo de questionar os valores tradicionais ocidentais como a religião, a família, as relações afetivas, além do consumismo, agregando os movimentos estudantis e *hippies*. O movimento *hippie* teve como o seu marco o *Festival Woodstock*, ocorrido no Estado de Nova York em 1969. O festival mobilizou mais de 400 mil pessoas, durante três dias de evento. O ambientalismo por sua vez, teve como ícone o conceito de Gaia de James Lovelock (2010), embrionado nos anos sessenta. Gaia na opinião do cientista, é um organismo vivo que está respondendo às ações humanas ao

⁸⁵ Esta foto está no acervo do Memorial JK junto a outras fotos de JK com várias personalidades.

longo de sua história, a caminho de um ambiente inabitável para a vida. A cultura do “ser verde” emergiu como uma consciência e preocupação com o meio ambiente, rejeitando as consequências da Revolução Industrial e o consumismo desenfreado. Outro fator que merece destaque nesse contexto histórico é o programa espacial da viagem à lua e desenvolvimento de satélites em órbita da Terra. A NASA enviou sondas robôs à superfície lunar entre os anos de 1965 e 1968 mostrando detalhes nunca vistos antes, excitando a sociedade da época. Em 1964 os EUA tiveram seu primeiro sucesso com as sondas enviadas à Marte, realizando fotografias de sua superfície.

O conceito de *tradições inventadas* abordado por Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1997) neste caso nos permite entender que a invenção de tradições realiza uma adaptação das antigas tradições, já que pode ser interessante conservar alguns dos antigos costumes ou antigos modelos. Novas tradições podem tomar empréstimos de ritos, simbolismos e princípios morais, como no caso da Igreja Católica ao ser denominada como a instituição religiosa oficial da inauguração de Brasília. Hobsbawm e Ranger (1997) determinam como *tradições inventadas*:

a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento (p. 18).

Análise que a “categoria A” prevaleceu em Brasília à medida que foi realizada uma tentativa de coesão e aceitação social para a criação de uma nova cidade dentro do interior do território goiano. Essa tradição inventada iria contrastar com o isolamento e cultura local, atribuindo novas significações a essa região, de cunho místico-esotérico (uma cidade ecumênica e sede do terceiro milênio) e político (um projeto social e econômico rumo ao progresso e a modernidade; uma cidade futurística). Também não deixou de lado elementos do cristianismo tradicional, como a visão de um santo na predestinação de uma região, a realização de ritos religiosos⁸⁶ comemorativos, a celebração de datas oficiais e a criação de monumentos como lugares de memória.

⁸⁶ Podemos exemplificar com o caso das Folias de Reis, que eram praticadas em Goiás mesmo antes da construção de Brasília. As manifestações brasilienses incorporaram essas festividades no seu calendário oficial, e foram incluídas no aniversário de 50 anos de Brasília. O *Correio Braziliense* escreveu uma matéria a respeito e entrevistou o organizador Volmi Batista, que disse: “Esse projeto quer dar apoio, e revelar, especialmente, para os grandes centros urbanos, um pouco dessa arte, que é bem forte no interior e nos seios das comunidades rurais. A cultura popular tem tido mais visibilidade, as pessoas têm tido mais oportunidade de se conhecer” (CORREIO BRAZILIENSE, 2010).

2.5. O processo de desterritorialização / reterritorialização dos candangos e o seu impacto nas identidades religiosas

Outro fator importante presente na rede que tece Brasília como um local propício ao desenvolvimento de novas culturas e religiosidades é o processo de *desterritorialização* dos candangos em sua readaptação em um novo lugar, possibilitando os seus dinamismos identitários. Os movimentos migratórios são facilitadores de uma convergência de culturas, originando novos perfis identitários.

Os candangos adentraram nesse dinamismo identitário como resultado de seus processos de *desterritorialização* e *reterritorialização* ao migrar de suas cidades natais para Brasília, com o objetivo de construir uma nova vida. A construção de uma cidade, principalmente se tratando de uma capital do país, era um projeto novo e atrativo para as famílias que buscavam melhores oportunidades. Mas esse processo acarretou uma série de transformações a nível social e cultural. Para embasar essa discussão, recorri a autores que tratam do processo de desterritorialização, dialogando com os estudos de *identidade* e dados coletados em pesquisas de campo. Estes dados se constituem em entrevistas com pessoas que se mudaram para Brasília neste contexto e dados estatísticos do IBGE.

O processo de *desterritorialização* dos migrantes ocasionou um desenraizamento de suas origens, gerando uma reorganização de sua identidade, processo no qual eles podem perder elementos e manter outros. Brasília foi um meio próprio para isso, por ser um território desvinculado das tradições, recebendo uma população heterogênea.

A *desterritorialização* causa um desenraizamento de vínculos tradicionais, espaciais e religiosos. Rogério Haesbaert analisa que quando o indivíduo passa pelo processo de desterritorialização, “[...] manifesta-se um processo de reterritorialização espacialmente descontínuo e extremamente complexo” (HAESBERT, 1994, p. 214).

Para analisar o processo de *reterritorialização* vivido pelos migrantes em Brasília, é importante esclarecer o conceito de “território”. Para isso, o autor explica que o termo território tem a ver com poder, em relação a dominação e apropriação. Ao estar imerso nessas relações de dominação e/ou apropriação entre sociedade e espaço, o território “desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’” (*ibidem*, p. 95 - 96).

Haesbaert (2004) analisa que o território deve ser distinguido a partir dos sujeitos que os constituem, sejam eles determinados grupos sociais, o Estado, ou a Igreja. Então devemos compreender o território a partir de uma dimensão além da política, pois diz respeito a questões

culturais, sociais e econômicas, estando ligado ao modo como os sujeitos se organizam esse espaço e de que forma eles atribuem suas significações.

O termo território é concebido por muitos especialistas como um instrumento para se compreender o espaço habitado e construído pelo homem, analisando as problemáticas que concernem a questões econômicas e políticas. Para Antônio Carlos Moraes (2002) um território é formado a partir da ocupação do espaço por grupos sociais, pois ele acredita que não é possível pensar em território sem o grupo social que ocupa e explora este espaço, inexistindo como um espaço puramente natural. Já para Milton Santos & Maria Laura Silveira (2001) o território é resultado do processo de colonização, tornando-se agente de transformação permanente. O território passa também a receber uma conotação política, pois é necessário existir um território para se construir um Estado. Na verdade, território para Milton Santos não pode ser encarado como uma noção engessada, pois foi configurado historicamente, como um conjunto entre os sistemas naturais existentes em uma dada área juntamente à atuação do recurso humano.

Marcos Aurélio Saquet (2013, p. 122) faz uma síntese entre o pensamento destes autores citados, entendendo que Milton Santos elabora uma abordagem materialista, elencando a natureza e os processos sociais como elementos do território. Haesbert por sua vez, apresenta uma perspectiva híbrida entre as dimensões material e ideária do território, dando destaque os processos culturais e políticos. Saquet, a partir dos estudos de Henri Lefebvre, apresenta sua posição, construindo uma abordagem (i)material do território, analisando as forças econômicas, culturais e políticas que agem sobre o espaço. Na sua perspectiva, o território é construído socialmente, sendo produto das relações entre sociedade e natureza. Essas mesmas forças (econômicas, políticas e culturais) determinam a desterritorialização, a reterritorialização, e a formação de novas territorialidades⁸⁷.

Para compreender o processo de *reterritorialização* dos indivíduos, encontro em Saquet (2013, p. 150) uma interessante síntese das quatro definições de território a partir de Claude Raffestin (2003, p. 06) e que podemos aplicar a Brasília, por constituir-se em uma abordagem múltipla do território: o território do cotidiano, das trocas, de referência e o território sagrado.

⁸⁷ “A territorialidade significa as relações diárias, momentâneas, que os homens mantêm entre si, com sua natureza interior e com sua inorgânica, para sobreviverem biológica e socialmente. A territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas, seja no espaço do trabalho, do lazer, da igreja, da família, da escola, etc., resultado e determinante do processo de produção de cada território, de cada lugar; é múltipla, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social e, ao mesmo tempo, as relações de dominação de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos, relações” (SAQUET, 2013, p. 129).

Raffestin (2003) propunha uma abordagem múltipla do território, reconhecendo que há interfaces entre os territórios, que podem ser simultâneos e superpostos em uma mesma zona (economia – política – cultura – história [E – P – C – H]). Nesse lugar há múltiplas atividades, identidades e territorialidades [...] (SAQUET, 2013, p. 151).

O *território do cotidiano*, que fora mencionado primeiramente por Henri Lefebvre, é o chamado “arquipélago de lugares”, que se constituem em locais de mobilidade, a partir de fatores econômicos, políticos e culturais. Esse momento poderia ser aplicado aos anos da construção de Brasília, em que a mobilidade marcou o surgimento de uma nova cidade. A mobilidade entre várias culturas, que se uniram em função de um projeto comum, que representava as aspirações políticas, culturais e econômicas do período.

A segunda análise do território para Raffestin (2003, p. 06) é a de *território das trocas*, em que existe uma articulação entre o regional, o nacional e o internacional. Formado a partir de uma articulação multiescalar, o território de Brasília se formou a partir de dimensões políticas nacionais (as aspirações pela interiorização da capital federal), dimensões políticas regionais (as aspirações dos mudancistas goianos por possuir a capital federal em seu território), dimensões políticas internacionais (revoluções feministas, ambientalistas, antifascistas, pacifistas e contraculturais ocorridas no Ocidente).

O terceiro elencado pelo autor é o *território de referência*. É aquele que aglutina o material e o imaterial. É uma visão subjetiva e imaginária do território, constituindo-se nas imagens que alimentam essa identidade construída. Percebo que Brasília assumiu as aspirações brasileiras desde o final do século XVIII em representar as suas utopias, primeiramente, pela ideia de representar o paraíso terrestre, segundo por representar a terra prometida de Dom Bosco, terceiro por representar a capital do terceiro milênio. Essas três imagens se fundiram no território de referência de Brasília.

Por último, a concepção de *território sagrado*, em que Raffestin (2003) se refere a Jerusalém, Roma e Meca como exemplos de territórios sagrados, como destinos de peregrinações. O autor aponta também para questões políticas: “Territórios e linguagens, políticas ‘sagradas’ são relacionadas por ocasião de festas, cerimônias e desfiles grandiosos, organizados segundo liturgias cujo papel é libertar ou entreter a ‘fé’ do povo, na grandeza e poder das instituições” (p. 09)⁸⁸. Essa referência me lembra claramente o caso do projeto mudancista ao atribuir ao sonho de Dom Bosco uma premonição sobre Brasília. Esse elemento

⁸⁸ Tradução realizada de um trecho do original em italiano de Claude Raffestin (2003, p. 09): “Territori e lingue politiche ‘sacri’ sono messi in relazione in occasioni di feste, cerimonie e sfilate grandiose, organizzate secondo liturgie il cui ruolo è liberare o intrattenere la ‘fede’ del popolo, nella grandezza e potenza delle istituzioni”.

foi inserido nos aparatos e nas solenidades estatais, permanecendo até a atualidade. Brasília se tornou um território sagrado a partir dessas referências.

Ao aplicar os quatro territórios de Raffestin (2003) no contexto histórico-político-social do nascimento de Brasília, conjecturo que a nova capital se tornou território de múltiplas significações em função das altas mobilidades socioculturais. Primeiramente, um território de mobilidade; segundo, de articulação entre elementos regionais, nacionais e internacionais; em terceiro, formação de um imaginário a respeito de seu território (acredito que tenha se fragmentado em três partes: paraíso terrestre, terra prometida de Dom Bosco e Capital do 3º Milênio); e em quarto lugar, sacralização do espaço. Essa abordagem múltipla do território de Brasília nos leva a uma discussão a respeito das continuidades e descontinuidades de elementos constituintes das identidades dos indivíduos que migraram para a região. As discussões sobre território neste contexto devem ser conectadas ao conceito de dinâmismos identitários.

Há um processo de desenraizamento, próprio da Globalização, que tende a desenraizar os indivíduos. Ao se desterritorializar, os indivíduos passam por rompimentos de fronteiras e relações sociais, o que demanda uma discussão sobre *identidade*. Para Saquet (2013) a *identidade* nessa perspectiva é analisada a partir da adaptação do indivíduo em situações novas, podendo participar de um modo de ser coletivo. “A identidade se refere à vida em sociedade, a um campo simbólico e envolve a reciprocidade” (p. 147).

A *identidade* a partir dos estudos de território é tratada como uma continuidade histórico-cultural, simbólica e inerente à vida de um grupo social. A partir dessa concepção, formularam-se outras abordagens da identidade como uma unidade transescalar, entre sujeitos e lugares, que é um fator constantemente reconstruído.

O fenômeno social presenciado em Brasília pode ser compreendido como um balanço entre a *tradição* e *tradução* conforme Stuart Hall (2006, p. 89). A *identidade*⁸⁹ concebida como “pura” em suas raízes, começa um processo de assimilação e homogeneização. Os indivíduos que saíram de suas terras natais, carregando toda uma bagagem de tradições, passam a conviver em outras sociedades nas quais eles negociam uma coexistência. Eles carregam traços de suas culturas e linguagens, passando a absorver elementos de outras identidades. Em Brasília se formou o que o autor denomina de cultura híbrida que “são os produtos das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais [...] constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia” (*ibidem*, p. 89).

⁸⁹ Stuart Hall (2006, p. 09) nos adverte que quando discutimos o conceito de “identidade”, estamos lidando com um conceito complexo, assim, o autor acredita que não é possível fazer alegações e proposições teóricas seguras, pois elas se baseiam em uma hipotética mudança estrutural que está transformando a sociedade moderna.

Stuart Hall (2006, p. 01) denomina de *crise de identidade* esse fenômeno de surgimento de novas identidades, por sua vez, fragmentadas, vistas como parte de um processo mais amplo de mudanças, resultados de deslocamentos de estruturas e processos centrais das sociedades modernas. Desta forma, ocorre uma reorganização das relações sociais que se deslocam de seus contextos locais para estabelecer novas interações.

Os indivíduos passaram a buscar uma emancipação dos regulamentos hegemônicos, a partir do contexto da globalização que tem reestruturado a sociedade, afetando a vida cotidiana. As estruturas sociais e as tradições iniciaram um processo de reformulação. O processo da globalização – caracterizado por Giddens (2002) como um distanciamento entre tempo e espaço, um emaranhado de eventos e relações sociais que acontecem em contextos locais distantes geograficamente – atravessa as fronteiras nacionais. O que acontece em um determinado contexto local pode afetar as outras regiões do mundo, como é o caso de uma guerra nuclear ou as catástrofes ambientais. Esse fator altera as identidades nacionais, dando lugar às identidades híbridas, partilhadas, mesmo que os indivíduos estejam distantes em questões de espaço e tempo.

Nesse contexto social instável ou “líquido” como apresentou Zygmunt Bauman (2007), as estruturas formativas sociais que determinam os comportamentos dos indivíduos se reorganizam. Esse fator problematizado por Bauman me remete ao que Stuart Hall denomina de *tradução cultural*. “Tradução” etimologicamente do latim significa “transferir, transportar entre fronteiras” (HALL, 2006, p. 89). O termo foi utilizado pela primeira vez na Antropologia por Bronislaw Malinowski. Ao tentar aprender uma cultura estrangeira, é como se fosse traduzir uma nova cultura para a sua própria. Compreender uma nova cultura seria equivalente ao ato de tentar traduzir uma língua estrangeira para termos familiares à sua língua (BURKE, 2004, p. 56). Os encontros culturais podem produzir novas formas híbridas, porém, pode-se perder nesse processo raízes culturais regionais.

Entrevistei uma atual moradora de Brasília, que se mudou para a região no ano de 1974 com sua família, da cidade do Rio de Janeiro. Essa moradora é aracajuana e é adepta da religião espírita. Perguntei qual o motivo da mudança para a capital e ela respondeu o seguinte: “Acompanhei minha família quando meu pai veio transferido. Não foi escolha, foi compulsório” (Entrevista com L. Z⁹⁰., 2019). Perguntei também sobre o que mudou na sua vida e/ou da sua família com essa mudança, em vários aspectos, sejam eles positivos ou negativos (no sentido religioso, cultural, econômico, social, familiar):

⁹⁰ Optei em colocar apenas as iniciais dos entrevistados para garantir o seu anonimato conforme proposto no projeto ao Comitê de Ética.

Como foi uma mudança um tanto quanto abrupta, perdi meu núcleo de amizade, dentro e fora da casa religiosa que frequentava. Eu tive que recomeçar meus estudos acadêmicos, por causa da diferença do currículo universitário. Economicamente a mudança foi vantajosa e com isto mais acessível ao lado cultural. Socialmente, tenho muita dificuldade de adaptação, mas acredito que a culpa é minha, não da cidade (Entrevista com L.Z., 2019).

No seu relato percebi que foi uma mudança abrupta que causou mudanças extremas na sua vida em vários aspectos. Em primeiro lugar, ela cita que frequentava uma instituição religiosa, e que naquele local mantinha laços sociais. Essa mudança para Brasília acarretou uma necessidade de se readaptar a uma nova instituição e de estabelecer novos laços sociais. A entrevistada relatou que não se fixou em uma instituição religiosa específica, tornando-se uma peregrina por vários locais sagrados em Brasília:

Já fui a muitos, por curiosidade ou turismo, entre eles Ermida de Dom Bosco, Catedral, Templo Budista, LBV [...] Frequentei a FEB e a Comunhão Espírita, além de outras casas espíritas em busca do "meu lugar". Continuo procurando. Cada lugar que fui, eu senti uma vibração boa, positiva, independentemente do motivo de minha ida, ao chegar eu doava e recebia boas energias. Sempre fui de coração aberto e alma desprovida de sentimentos negativos, então [...] (Entrevista com L.Z., 2019).

A respeito de sua religiosidade, ela descreve: “Espiritismo, ingressei aos 8 anos, através do meu pai. Encontro todas as respostas nesta doutrina (Entrevista com L.Z., 2019). Apesar de essa pessoa ter mantido a sua visão religiosa, desde os 8 anos de idade, tendo o Espiritismo como a sua religião praticante, em Brasília ela sentiu a necessidade de transitar por vários locais sagrados para buscar novas experiências transcendentais, já que o local dispunha de uma variedade de opções. Ela mesmo afirma que buscou alguns locais por curiosidade, para turismo, e que frequentou por um tempo a Comunhão Espírita, além de outros locais, mas que continua “procurando”, porque ela não se fechou em sua visão religiosa, está sempre aberta para receber e doar boas energias. Ela sentiu em Brasília uma predestinação para um diálogo inter-religioso, apesar de todas as suas negatividades (acreditamos que ela possa estar se referindo à política), pois nos relatou que:

Eu acredito que Brasília está predestinada a ser um grande celeiro de luz. Uma energia espiritual e cósmica paira pela cidade, mas nuvens negras de várias origens estão impedindo o progresso e o avanço desta Luz Maior. Mas um dia a religiosidade, sem religiões, sem conflitos vencerá, acredito (Entrevista com L.Z., 2019).

A postura dessa pessoa que entrevistei me remete aos novos dinamismos identitários caracterizados pelo movimento entre diversas práticas religiosas. A religiosidade é praticada de forma autônoma, variável e móvel.

Outros moradores de Brasília com quem tive contato através de conversas informais, demonstraram uma mesma aspiração: Brasília é predestinada a ser um polo irradiador de luz, de energias e transformações, mas atualmente está passando por um período nebuloso por questões políticas, além de seus problemas sociais, econômicos e estruturais, necessitando de muita intercessão espiritual. Contudo, esses problemas não os desanimam, pois eles demonstram um otimismo que vem justamente de sua espiritualidade, pois seria a partir dela que Brasília superaria de seus karmas negativos. Um karma negativo também não existe por acaso, é o resultado de muitas ações realizadas em outros tempos, como a lei de causa e efeito, e fazem parte de um processo de superação para o aperfeiçoamento e o alcance da sabedoria.

Outra fonte que pode nos auxiliar na compreensão do panorama histórico-social de Brasília ao longo de sua história são os dados do Censo do IBGE. Os pioneiros grupos populacionais de Brasília tratava-se de grupos sociais heterogêneos, como nos mostram os dados do *Censo experimental de Brasília; população, habitação* efetuado pelo IBGE no ano de 1959. A área recenseada abrangeu todo o território do futuro Distrito Federal e partes dos municípios de Planaltina, Formosa e Luziânia. Os instrumentos de coletas de dados eram questionários, listas de domicílios coletivos e cadernetas do recenseador (OLIVEIRA, 2010, p. 124).

Esse levantamento demográfico foi importante para se constatar a expansão que estava ocorrendo no Estado de Goiás principalmente pelos efeitos das interligações ferroviárias e rodoviárias, expansão agrícola e pecuária. A construção de Brasília incidiu sobre uma área até então estagnada, pois estava pouco integrada aos novos eixos de desenvolvimento do Estado, possibilitando um novo ciclo de crescimento (*ibidem*, p. 124 - 125).

Luiz Antônio P. de Oliveira (2010, p. 128) analisa que os dados do censo que a população da futura capital se elevava a 64.314 habitantes, tratando-se de um crescimento intenso. Dentro deste número, eram 42.332 homens e 21.982 mulheres. Esse alto índice de homens se devia obviamente pelas demandas de trabalho na construção civil e outros serviços de forte conotação masculina. 57,5% da população possuía a faixa etária entre 20 e 59 anos de idade, que é a idade potencialmente ativa para o trabalho. Outro fator aliado a essa problemática era a dificuldade de alojamento para as famílias.

Luiz Antônio P. de Oliveira (2010, p. 129) mostra também que o Censo Demográfico de 1960 detectou o crescimento da população para quase o dobro, chegando a 140.164 habitantes, dentro de um ano. Isso porque a partir a inauguração da cidade, os novos fluxos migratórios eram destinados à fixação e formação de núcleos familiares, aliado às condições estruturais que estavam intensificando-se.

Sobre as características migratórias, o censo mostrou que menos de 12% da população era natural da região, cerca de 86% eram de outros Estados brasileiros, e 2% de outros países. Dentre os migrantes brasileiros, 23,3% eram provenientes de Goiás, 20,3% de Minas Gerais, e 13,5% da Bahia. O último censo (de 2010) mostrou que 44% da população era migrante da região Nordeste, 29,4% da Região Sudeste, 24,2% da Região Centro-Oeste, 1,3% da Região Sul e 0,6% da Região Norte. A partir destes últimos dados o autor confirma a consideração do nordestino como o principal núcleo candango⁹¹ (*ibidem*, 2010).

Sobre a questão espiritual, foco desta pesquisa, a partir dos dados do Censo de 1959, 88,4% dos moradores se declararam católicos apostólicos romanos. Em segundo lugar estavam os protestantes, 5,5%. Em terceiro lugar, as pessoas sem religião, com 2,4%. Em quarto lugar, os espíritas, com 2,3%. O próprio relatório afirma que era de se esperar que a religião católica predominava, mas percebeu que ao longo dos recenseamentos realizados nas décadas seguintes, que este número tendeu a reduzir em vista do crescimento de evangélicos e outras religiões.

Desta forma, elaborei uma tabela com base em todos os recenseamentos realizados em Brasília até o momento para vislumbrarmos esse panorama que estamos debatendo, a respeito do processo de flexões identitárias frente aos processos de reterritorialização:

⁹¹ “Um breve exame histórico do significado da palavra candango revela que a mesma estava carregada de sentido depreciativo. Durante a construção da Capital as pessoas que migravam para o Planalto Central, composta em grande parte por trabalhadores rurais empobrecidos ou mesmo sem-terra e que foram encaminhados para os canteiros de obra, passaram a ser progressivamente chamados de “candangos”. A grande seca de 1958 no Sertão do Nordeste teve uma repercussão direta na construção de Brasília, através do fluxo de milhares de nordestinos, trabalhadores itinerantes/retirantes da seca. Parte deles foi abrigada às pressas no recém-criado povoado e futura cidade-satélite de Taguatinga. Esses retirantes que se engajaram na construção de Brasília, passaram a ser chamados de candangos, palavra que, advinda da escravidão (origem angolana), em algumas regiões do Brasil referia-se às pessoas pobres e que praticavam a agricultura itinerante no interior do País (sertão), pessoas distintas daquelas do litoral. Através das correntes imigratórias do sertão esse termo chegou a Brasília. O candango, termo que se consolidou e estendeu-se para todo o morador da cidade, foi paulatinamente mudando de conotação, passando gradativamente a ser identificado como o trabalhador que construía a cidade, que civilizava e civilizava-se. Nesta operação ideológica, seu perfil, atributos e missão foram sendo reavaliados, transformando-os paulatinamente na figura de um verdadeiro pioneiro. Não mais um peão de obras, mas sim um trabalhador com carteira de trabalho e segurança social. Um dos símbolos plásticos de Brasília, um emblema reconhecido internacionalmente, é o monumento “Os Candangos”, na Praça dos Três Poderes, obra do escultor Bruno Giorgi. (OLIVEIRA, 2010, p. 132).

Tabela 1 – Estatísticas das religiosidades no Distrito Federal através do Censo do IBGE

Religião	1959 64.314 hab.	1960 140.164 hab.	1970 537.492 hab.	1980 1.176.935 hab.	1991 1.601.094 hab.	2000 2.051.146 hab.	2010⁹² 2.570.160 hab.
Católicos	88,4%	89,4%	86,6%	84,3%	78,1%	66,6%	57,1%
Protestantes	5,5%	8,4%	7,2%	7,5%	10,1%	19,5%	26,8%
Espíritas	2,3%	1,6%	2,2%	2,1%	2,8%	2,6%	3,4%
Afro-brasileiras	Sem dados	Sem dados	Sem dados	0,9%	0,7%	0,2%	0,2%
Orientais	Sem dados	0,18%	Sem dados	0,4%	0,4%	0,5%	0,3%
Judeus	Sem dados	0,09%	Sem dados	0,05%	0,02%	0,03%	0,04%
Outras religiões	Sem dados	0,24%	1,5%	1,34%	0,2%	0,1%	1,4%
Sem religião	2,4%	1,6%	2,2%	2,8%	6,2%	8,6%	9,2%
Sem declaração	Sem dados	0,29%	0,005%	0,2%	0,2%	0,5%	0,1%
Espiritualistas	Sem dados	Sem dados	Sem dados	Sem dados	Sem dados	0,2%	0,06%
Tradições esotéricas	Sem dados	Sem dados	Sem dados	Sem dados	Sem dados	0,1%	0,1%
Testemunhas de Jeová	Sem dados	Sem dados	Sem dados	Sem dados	Sem dados	0,6%	0,5%

Fonte: Autoria própria, baseada nos dados dos Censos do IBGE.

Os dados nos mostram que o catolicismo, ainda presente em mais da metade da população, tem demonstrado uma queda progressiva entre os anos de 1959 até 2010, caindo de 88,4% para 57,1%. A média da população católica no Distrito Federal em 2010 está abaixo dos percentuais no Estado de Goiás que apresentou 65,42% e no Brasil 64,6%. Por sua vez, os evangélicos que ocupam o segundo lugar, estão despontando com um crescimento vertiginoso nas últimas décadas. Em terceiro lugar estão as pessoas que afirmam não possuir uma religião, cujas porcentagens também têm aumentado ao longo dos anos. O que pretendo mostrar com essa tabela é a tendência na queda dos percentuais de católicos, mesmo sabendo que eles ainda são a maioria. Essa queda está ocorrendo a nível nacional e tende a se intensificar. O pesquisador em demografia José Eustáquio D. Alves (2017, p. 220) prevê que a porcentagem de católicos até o ano de 2030 estará abaixo de 50% e que serão ultrapassados pelos evangélicos.

Outra questão que deve ser levada em consideração é o crescimento do número de “crentes não praticantes” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 42) que apesar da maior parte da população se autodenominar católica, boa parte dela passa por um processo de ruptura entre crença e prática. O catolicismo vem perdendo espaço para os grupos neopentecostais, o que mostra a emergência de pluralização, fragmentação e adaptação das religiosidades. A pluralização religiosa só começou a ser abordada pelo Censo a partir da edição de 1980, por

⁹² O último censo realizado foi no ano de 2010, por isso, os dados estatísticos de religiosidades não estão atualizados, podendo apresentar variações.

incluam as estatísticas de religiões afro-brasileiras e orientais, e somente a partir de 2000 incluiu espiritualistas, testemunhas de Jeová e tradições esotéricas.

Menezes & Teixeira (2013) reuniram em uma obra várias pesquisas que analisam os dados do Censo de 2010 sobre as religiões no Brasil. Estas pesquisas analisaram esses resultados do Censo dialogando também com o panorama internacional, a partir das análises dos dados apresentados pelo *Pew Research Center*⁹³, que por sua vez, realizou pesquisas sobre as religiões mundiais. As pesquisas mostram o panorama de um país que tem surpreendido em sua dinâmica de transformações no campo religioso. Apesar de seus limites, o Censo apresenta dados que comprovam a intensificação do trânsito religioso, adesões voluntárias e flexíveis. Essa liberdade de escolha religiosa representa um período em que

Os indivíduos fazem valer sua liberdade de escolha, cada qual retendo para si as práticas e as crenças que lhe convém [...] elas são triadas, remanejadas e, geralmente, livremente combinadas a temas emprestados de outras religiões ou de correntes de pensamento de caráter místico ou esotérico (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 43)

Neste contexto, emerge uma autonomia do homem em relação a sua espiritualidade. Apesar de o indivíduo nascer em uma família em que possa existir uma predeterminação religiosa, no contexto da modernidade temos percebido uma mobilidade intensa das suas identidades religiosas. Para Bauman (2007) o indivíduo pode também mudar de crenças e valores, na medida em que desenvolve a sua fé sem a necessidade de uma doutrina específica, interpretando o mundo que o cerca de uma forma pessoal. Esse fato representa o enfraquecimento das tradicionalidades religiosas e a proliferação de migrações religiosas.

Nesse processo de flexibilização religiosa, o indivíduo também opta por não participar de qualquer desses agrupamentos. São indivíduos que se desprenderam dos vínculos institucionais, em um processo de redefinição de identidade. Muitos destes se desligaram de uma religião tradicional, buscando por uma religiosidade própria. Isso porque as prioridades mudam durante as fases da vida. Um fiel ou um adepto pode aderir a variadas formas de religiosidade e a partir daí as instituições religiosas têm procurado adaptar-se a essas mudanças (BAUMAN, 2007, p. 89).

Esses intensos dinamismos identitários, por sua vez, vinculados aos processos de reterritorialização dos indivíduos, fazem parte de um processo de desvínculo das tradições. O que pretendo debater neste tópico é que a reconfiguração múltipla do território de Brasília ocasionou esse dinamismo, e essas transformações causam um impacto muito forte nas

⁹³ Organização sem fins lucrativos norte-americana que desenvolve pesquisas sobre várias tendências da sociedade.

identidades religiosas como podemos perceber nos exemplos empíricos analisados. Contudo, para compreendermos esse fenômeno religioso, é necessário partir de um contexto mais amplo que se iniciou na Europa, tendo seus adentramentos na América Latina e no Brasil, o processo de pluralização religiosa na contemporaneidade. O fenômeno que ocorre em Brasília não é isolado, já que se mostra como uma ressonância de elementos que estão se transformando desde o início do século XX.

PARTE II

QUANDO O MISTICISMO SE ACOPLA À POLÍTICA (1962 – 1990)

CAPÍTULO 3. A CAPITAL DO TERCEIRO MILÊNIO

Yuri Gagarin, o famoso astronauta, disse-me ao ver Brasília pela primeira vez: "A ideia que tenho, Presidente, é a de que estou desembarcando num planeta diferente, que não a Terra". De fato, o cenário de Brasília tem aspectos realmente singulares (JK, 2000, p. 10).

3.1. Renovações espiritualistas no âmbito da modernidade

Considero importante neste momento desenvolver uma discussão teórica que trata das reviravoltas, ou negociações, que as sociedades vêm fazendo diante das novas demandas de consumo espiritual. Para isso, partimos da ideia de que o homem moderno não abandonou o seu lado espiritual, demonstrando uma forte tendência pela busca por uma sacralidade nos espaços de seu cotidiano. Isso significa que a modernidade não implica no decréscimo da religiosidade, mas em uma turbulência de transformações. A discussão acerca da *modernidade religiosa* torna-se um dos conceitos importantes que basilará esta pesquisa.

Mircea Eliade (1992) se destaca nas pesquisas que se debruçam sobre a relação entre o homem e o sagrado, na qual, em primeiro lugar, surge o conceito de hierofania, que indica a “manifestação do sagrado”. A hierofania está presente na história das religiões chegando até o mundo ocidental moderno, representando a manifestação do sagrado em qualquer objeto ou elemento da natureza. “Toda a natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania” (ELIADE, 1992, p. 13).

Para o homem das sociedades pré-modernas, alcunhado por Eliade como *homo religiosus*, toda a sua realidade estava sustentada pelos mitos, símbolos⁹⁴ e ritualidades, cuja liderança estava nas entidades superiores. O homem moderno por sua vez, alcunhado pelo autor de a-religioso, lida com a hierofania de uma outra forma, já que ele procura desmistificar a sua existência e tudo ao seu redor. O homem moderno dessacralizou e profanou os elementos da natureza e determinados ritos, mas não aboliu completamente o comportamento religioso. A essa prática Eliade atribui o termo *cripto religioso*. De certa forma, ele descende do *homo*

⁹⁴ Para Eliade, os símbolos sagrados aparecem nos rituais e nos mitos, representando a forma de o homem ver o mundo, representam o *ethos* de um povo, significando determinados aspectos para cada sociedade, como as abstrações de suas experiências, ideias, crenças, atitudes. Quando falamos em *ethos*, referimo-nos, a partir de Geertz (2008, p. 93) a uma conjuntura de aspectos morais e estéticos de um determinado grupo ou uma determinada cultura. Esse termo é recente na Antropologia e tornou-se central para entender as religiões, pois ele se constitui a base delas.

religiosus, conservando vestígios de seu comportamento. Ele não pode negar o seu passado, pois é produto dele. Apesar de suas negações, continua se portando religiosamente, mesmo que seja um autodeclarado “sem religião”. O homem a-religioso é aquele que carrega um bojo de mitologias e simbolismos ainda que camuflados sob ritos de passagem, como o Ano Novo, o casamento, ou o nascimento de um novo membro da família.

O homem moderno, inserido no contexto de uma cidade moderna, sente-se atraído pelo turismo místico da região. A Secretaria de Turismo do Distrito Federal (2017) definiu seis modalidades de Turismo, estando dentre elas, o Turismo Místico e Religioso. O *Guia de Roteiros de Brasília* traz a lista dos templos, dos monumentos e das comunidades religiosas: Capela São Francisco de Assis, Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida, Catedral Santa Maria dos Militares - Rainha da Paz, Comunhão Espírita, Ermida Dom Bosco, Federação Espírita Brasileira, Igreja Messiânica Mundial do Brasil, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Igreja Batista Central de Brasília, Igreja Nossa Senhora de Fátima (Igrejinha), Mesquita do Centro Islâmico do Brasil, Mosteiro de São Bento, Paraíso na Terra (Instituição Teosófica), Oratório do Soldado, Santuário Dom Bosco, Santuário Menino Jesus de Praga, Santuário da Mãe Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt, Templo Shin Budista da Terra Pura, Templo da Boa Vontade, Templo da Rosa-Cruz, Templo Seicho-No-Ie do Brasil, Cidade Eclética, Cidade da Paz (UNIPAZ), Vale do Amanhecer (SECRETARIA DE TURISMO, 2017, p. 92 – 93). A instituição também informa que existem mais de oitocentos templos das mais diversas doutrinas. Dentre todas as categorias de pontos turísticos, o Complexo da Legião da Boa Vontade é um dos mais visitados, tendo cerca de cem mil visitantes por mês, segundo dados da Secretaria. O TBV foi eleito entre as Sete Maravilhas de Brasília, juntamente com Catedral Metropolitana e o Santuário Dom Bosco, o que mostra a forte presença da religiosidade no segmento turístico. Esses dados nos mostram que o homem a-religioso revela uma capacidade para se reintegrar a novas experiências religiosas durante sua vida, assim como debate Eliade (1992).

Gabriel Frade (2007) acrescenta que, quando o homem constrói um templo, ele está se referindo a um simbolismo cósmico. A ereção de um altar, ou algum outro tipo de ritualização efetuada em algum lugar, representa a consagração de um território, assim como foi realizada a Primeira Missa de Brasília. O que quero dizer com esse assunto é que o comportamento religioso não é restrito aos homens pré-modernos, pois permaneceu até os tempos modernos, assim como nos mostram os autores.

É importante compreender que a cosmização dos territórios desconhecidos é sempre uma consagração: organizando um espaço, reitera-se a obra exemplar dos deuses. A relação íntima entre cosmização e consagração atesta-se já aos níveis elementares de cultura [...] (ELIADE, 1992, p. 23).

Para Peter Berger & Anton Zijderveld (2012, p. 11) a modernidade foi equivocadamente associada ao declínio da religião, em vista do crescimento da fé na ciência. Essa crítica dos autores parte do pressuposto de que ao longo do século XX ocorreu uma explosão de movimentos religiosos, principalmente no continente americano. Os autores esclarecem que a Europa seria o único local em que a teoria da secularização⁹⁵ seria possível. Mas essa secularização na Europa esteve relacionada ao declínio progressivo do cristianismo, já que outras religiosidades poderiam ser presenciadas também neste continente.

Então Berger & Zijderveld (2012, p. 12) deixam claro que a modernidade não gerou o declínio da religião, mas a sua pluralização. Isso porque a modernidade e a globalização possibilitaram o trânsito e o dinamismo urbano, aliado ao advento da informatização, que possibilitou o acesso das pessoas à informação. Todos esses processos levaram a uma pluralidade inédita na história.

Na verdade, é útil mencionar que os primeiros trabalhos de Peter Berger se debruçaram sobre a secularização no mundo moderno, entendendo que estaria ocorrendo um progressivo declínio da religião na esfera pública, como podemos perceber na sua obra *O Dossel Sagrado* (1985). Nessa obra, o autor analisa que por secularização “entende-se a libertação do homem moderno da tutela da religião” (p. 118), em um processo de descristianização e surgimento de uma situação de perda de plausibilidade das instituições religiosas. O autor acreditava que a religião se preservaria na esfera cotidiana, mas limitar-se-ia a domínios específicos. Depois de muitos anos, após várias constatações empíricas, Berger refutou sua própria teoria, dando-se conta de que a religião está, no mundo moderno, vigorosa e pluralizada, como afirmou em sua obra *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista* (2017, p. 11 - 12):

⁹⁵ De acordo Eduardo Rodrigues da Cruz (2004, p. 16) “o termo secularização indica, primeiramente, o esvaziamento dos regimes de crmandade, a aceleração desse esvaziamento nos dois últimos séculos no Ocidente levou a religião cristã e sua representante oficial, a Igreja, a deixar gradualmente a esfera pública e a ingressar no domínio privado. Isso não significa que não haja expressões religiosas públicas, mas, de modo mais importante, significa que: 1 – as religiões deixam de importar para a economia, política, a ética, as artes e as ciências. 2 – mais do que isso, as religiões são censuradas quando tentam interferir na esfera pública”.

Com algumas exceções, particularmente a Europa e uma determinada intelectualidade internacional, o nosso mundo não é nada secular; ele é tão religioso como outrora, e em alguns lugares mais ainda [...] Eu também não estava sozinho na minha mudança de pensamento. Quase todos aqueles que estudam a religião contemporânea a reproduziram.

Igualmente, no caso de desistir da teoria da secularização, Berger acreditava que seria necessário aplicar uma teoria do pluralismo. No artigo publicado com a coautoria de Grace Davie e Effie Fokas, intitulado *Religious America, Secular Europe?* (2008) Peter Berger se apoia na teoria de Einsendat. Os autores acreditam que as experiências históricas particulares dos continentes criaram diversas experiências religiosas no período de modernização. De tal modo, existem particularidades religiosas locais, e diversas modernidades. Essa ideia das modernidades alternativas ou múltiplas problematiza a narrativa da secularização europeia, que procurou impor seu modelo às demais regiões. Várias obras do autor se ocuparam em aprofundar na sua mudança de conjectura:

Estou convicto de que hoje em dia a Sociologia deve ser uma disciplina transcultural e transnacional, não por causa de algum propósito moral de compreensão e tolerância que abrangem tudo, mas porque não é mais possível entender uma sociedade sem entendê-la em comparação com outras. Este tipo de Sociologia, porém, de fato se torna uma crítica geral da Modernidade (*idem*, p. 11).

Em sua obra *Rumor de Anjos* (2018) Berger afirma que a vida humana mesmo em aspectos seculares mantém traços da transcendência religiosa, e que esta obra seria o resultado da sua insatisfação com a sua teoria da secularização. No âmbito dessa nova perspectiva, o autor esclarece que as tradições religiosas podem estar perdendo o sentido para seus praticantes, mas o protestantismo em particular sempre esteve aberto ao espírito da modernidade. Inclusive, o período entre guerras foi marcado pela ascensão do neoprotestantismo. O catolicismo por sua vez, teria encarado a modernidade desde o início com mais suspeita. “Como vimos, a crise é refratada de maneiras diferentes pelos vários prismas das tradições religiosas, mas nenhuma tradição, dentro das modernas sociedades ocidentais, está livre dela” (*idem*, p. 39). O homem moderno, arremata Berger, não perdeu a sua propensão para o misterioso e o transcendental. Apontou estudos realizados entre jovens norte-americanos, em que 80% dos entrevistados se declararam com “necessidade de fé religiosa”, enquanto 48% admitiam a crença no Deus judaico-cristão. Na Alemanha Oriental, por sua vez, 68% dos entrevistados afirmaram acreditar em Deus. Na Inglaterra, 50% dos entrevistados já haviam consultado uma cartomante, e um a cada seis pessoas acreditava em fantasmas. O autor confirma desta forma, a sua crença na redescoberta do sobrenatural. O indivíduo moderno, para Berger (2018, p. 77), existe numa

pluralidade de mundos, migrando entre várias estruturas antagônicas. Então estaria ocorrendo uma decrescente plausibilidade das tradições religiosas, e uma tendência à pluralidade religiosa.

Apesar de a modernidade simular um caráter irreligioso, concebendo o indivíduo como aquele que possui uma identidade flexível diante da diversidade de escolhas pessoais que ele tem durante a sua vida, o que percebo no contexto latino-americano é que a Igreja manteve certo domínio no decorrer de todo o século XX (GOMES FILHO, 2014, p. 134). Inclusive, Magnani (2000, p. 40) entende que essas mudanças no campo filosófico e religioso provêm das consequências da modernidade, como o individualismo, os declínios das ideologias, das instituições, e da esfera pública a favor do privado.

O desencantamento do mundo weberiano teria estabelecido uma separação entre os poderes, principalmente quando se fala em Estado e Religião. Não teria se desenrolado uma autonomia completa, mas uma menor área de intersecção entre elas (QUADROS, 2015, p. 86). A religião cada vez mais foi sendo alocada no campo do sobrenatural e irracional. No caso do Brasil precisamos enxergar de forma diferenciada a partir de suas especificidades por termos um Estado separado da Igreja recentemente na História. Na opinião de Eduardo Quadros (2015, p. 85) seria um etnocentrismo da teoria weberiana, ao estabelecer um determinado padrão de desenvolvimento para os diversos países.

Eliézer Cardoso e Ivoni Richter Reimer (2018, p. 03-04) esclarecem que Max Weber nunca afirmou que a religião iria desaparecer, mas a partir da sua postulação do desencantamento do mundo, muitos acreditaram que a religião se refugiaria na vida privada. Outros fundadores das Ciências Sociais, como Émile Durkheim, acreditavam em uma racionalização da religião. Mas na opinião de Cardoso e Reimer, o contexto do início do século XXI demonstra que a religião não desapareceu e nem tampouco se racionalizou, mas iniciou um processo de deslocamento da margem das instituições, englobando matizes populares e alternativas. Persiste a crença no milagre, a superstição, certas ritualidades e retomadas de práticas ancestrais. Os autores acreditam que Weber e Durkheim acabaram por subestimar as diversas práticas populares.

Eduardo R. da Cruz (2004, p. 17) acrescenta que o “desencantamento do mundo” weberiano foi muito comum nos círculos intelectuais entre as décadas de cinquenta e sessenta, mas que hoje tem sido contestado por muitos pesquisadores que acreditam em uma “revanche do sagrado” ou até mesmo no “reencantamento do mundo”. Mas não podemos entender esse fenômeno religioso como um retorno ao passado, e quando analisamos o contexto brasileiro, podemos perceber que o interesse religioso já ocorre em um Brasil secularizado. Mas, continuam tendo importância social o casamento religioso, a missa de sétimo dia, e os feriados

religiosos. “[...] Tanto a secularização de nossa sociedade quanto nossa forma de religião civil reafirmam o nexos íntimo entre religião e cultura” (*ibidem*, p. 23).

Foi a própria modernidade que contribuiu para que ocorresse uma autonomia do homem, tendo sido firmada quando o pensamento iluminista propôs a emancipação do homem em relação à religião. A própria modernidade tem ao longo do século XX possibilitado novas descobertas científicas anteriormente questionadas pela Igreja Católica, estimulando a curiosidade do homem contemporâneo na busca por respostas a fatos sobrenaturais. Esse seria um dos paradoxos da modernidade, que apesar de sua racionalidade científica e técnica, têm libertado o espaço para o imaginário porque também se mostrou um universo de incertezas. Os homens procuram preencher determinadas lacunas e criam expectativas que se desenvolvem através de novas formas de religiosidade. Assim, ele realiza “[...] novas apropriações das tradições das religiões históricas” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 40).

Por um lado, a modernidade desqualifica as grandes narrativas religiosas do mundo, e por outro, possibilita a expansão de diversas crenças. Por isso a socióloga Danièle Hervieu-Léger julga importante esclarecer que secularização não significa o esvanecimento da religião, mas um processo de reconfiguração das crenças.

Hervieu-Léger pesquisa sobre a dinâmica religiosa na modernidade, os seus processos de construção e transmissão de identidades, postulando o conceito central de sua obra: *Modernidade religiosa*⁹⁶. Há uma recomposição de um imaginário religioso no decorrer do século XX marcado pela crise das religiões institucionalizadas aliado a uma religiosidade individual, surgindo a figura do que a autora denomina como “crentes passeadores” (p. 08).

O bojo de publicações da autora e a sua obra *O peregrino e o convertido* remontam a um contexto marcado pela laicidade francesa, em que várias manifestações religiosas têm se mostrado com um caráter diferenciado das convencionalidades (principalmente quando se percebe a perda das identidades herdadas do contexto familiar). Modernidade para a autora pressupõe uma religião presente e em movimento, pois se tem verificado um levante de denominações religiosas diversas e o fascínio por assuntos espirituais e sobrenaturais.

⁹⁶ Hervieu-Léger relata uma experiência que vivenciou durante um curso de verão em um pequeno Estado chamado Principauté, localizado nos Pireneus, os vales de Andorra. Na região existem vilarejos isolados que já foram povoados no século passado, então a autora ficava imaginando como seria essa vida isolada dessas comunidades, principalmente no inverno. Cada um desses vilarejos possui uma igreja, que seria o ponto central das comunidades, pois elas eram o centro de suas existências. Hoje, as igrejas se tornaram verdadeiros museus, lugares de memória dessas comunidades, que atraem um público diferente daqueles que as frequentavam: turistas ambientalistas, viajantes sem destino, e pessoas em busca de uma peculiar espiritualidade com a inspiração dos Pireneus. Hoje as vilas são apenas a memória daquelas comunidades religiosas fervorosas cuja vida era regulada pela igreja. Hoje, esses visitantes que se sentem atraídos pela região, são aqueles oriundos de centros urbanos próprios da modernidade. Esse exemplo citado pela autora é crucial para entendermos a sua tese. Esse caso de Andorra é uma parábola da modernidade religiosa.

Os anos 70 foram marcados por mudanças nos estudos de sociologia da religião, ao se deparar com a modernidade secular, que ao mesmo tempo em que a ciência estava no seu altar, as crenças apareciam de forma flexível e ululante. Ao mesmo tempo em que as mudanças ocorriam em velocidade inalcançável, crescia uma aparente incerteza da sociedade. Na França, os estudos sobre religião no campo da Sociologia já auferiam destaque após a Segunda Guerra Mundial, quando a França, imergindo no ambiente moderno, percebeu que estava ocorrendo um declínio paroquial.

Esses estudos passaram a analisar a religião na modernidade além do desencantamento weberiano, analisando que existe um processo de recomposição de crenças a nível individual, com um caráter fluído e disperso. “A secularização dessas sociedades não se resume unicamente, já sabemos disso, ao encolhimento de uma esfera religiosa diferenciada. Ela se faz notar, igualmente, na disseminação dos fenômenos de crença [...]” (*ibidem*, p. 25).

Em relação ao contraponto entre religião e ciência, Hervieu-Léger acredita que existe uma nova aliança entre ambas. A autora propõe que o objetivo científico vai ao encontro ao objetivo da religião no contexto do século XX para o XXI: as novas práticas religiosas buscam a realização total das capacidades físicas humanas, como as experiências extracorporais, comunicação com espíritos ou seres extraterrenos.

O fato de o homem poder aceder a isso desenvolvendo suas capacidades espirituais próprias não contradiz o projeto da ciência. Ao contrário, ele o completa, pois constitui para o indivíduo uma maneira de entrar no projeto de conhecimento e de poder sobre o mundo que a ciência desenvolve por outras vias (*ibidem*, p. 144).

As correntes religiosas contemporâneas demonstram essa tendência a combinar a busca espiritual com um poder sobre o mundo e si mesmo, sendo para a autora, um aspecto essencial da reestruturação do individualismo religioso na modernidade. Hervieu-Léger esclarece que ocorre uma “bricolagem de crenças”, que caracteriza um período de desregulamentação da religião por parte das instituições tradicionais. As instituições perdem a cada dia a sua capacidade de controle social. Esse fenômeno é assinalado pelo movimento e mobilidade de crenças, que possibilitou o surgimento de dois sujeitos distintos: o peregrino e o convertido. São ambos os personagens deste novo panorama sociológico que fizeram o título da obra de Hervieu-Léger. O peregrino, como analisei anteriormente, além de assumir uma postura individual, passa a adentrar em formatos coletivos, podendo agrupar-se com outros

indivíduos por afinidades. Esses novos agrupamentos⁹⁷ representam novas comunidades que se formam por afinidades sociais, espirituais e culturais. A questão da individualidade do peregrino proposta por Hervieu-Léger não anula a sua jornada espiritual coletiva.

A segunda é a figura do convertido, que na visão da autora, é aquele que muda de religião, adere ao caminho da religião ou se reafilia⁹⁸ a uma religião que já praticou antes:

As conversões nas sociedades modernas são inseparáveis, a um tempo, da individualização da adesão religiosa e do processo de diferenciação das instituições que faz emergir identidades religiosas distintas das identidades étnicas, nacionais ou sociais. Em uma sociedade em que a religião se tornou assunto privado e matéria de opção, a conversão assume antes de tudo a dimensão de uma escolha individual, na qual se manifesta, por excelência, a autonomia do sujeito crente (*ibidem*, p. 108 – 109).

A autora traçou esse segundo perfil porque percebeu que existe uma visível retomada das conversões a partir do final do século XX. Poderia aparentemente parecer um paradoxo, mas existem religiosos que buscam uma identidade religiosa, realizando a conversão. Essa conversão é marcada por uma “paisagem móvel de nossa modernidade religiosa” (*ibidem*, p. 108). Assim, percebo que o convertido também usufrui da liberdade oferecida pela modernidade, ao mudar de religião seja por rejeitar uma identidade religiosa herdada ou por simplesmente abandonar a sua religião por não concordar em alguns aspectos, por se decepcionar com algo, e adotar uma nova. Outro exemplo de indivíduo convertido pode ser aquele que nunca pertenceu a uma tradição religiosa e afirma uma nova identidade específica.

Pode-se perceber que a grande diferença entre ambos os indivíduos – peregrino e convertido – é que o convertido abraça integralmente uma religião (p. 133), ao passo que o peregrino demonstra uma intensa mobilidade. Contudo, o que os une é a questão da identidade religiosa que pode ser remanejada ou reconstruída a partir de “diversos recursos simbólicos colocados à sua disposição e/ou aos quais eles podem ter acesso em função das diferentes experiências em que estão implicados” (*ibidem*, p. 64). Os indivíduos passam a rejeitar identidades pré-definidas, construindo por conta própria seus caminhos. Essas duas figuras sociais ilustram o panorama religioso contemporâneo que está centrado no indivíduo.

⁹⁷ Dentro da perspectiva pós-moderna, esses agrupamentos são denominados por Michel Maffesoli (2014) de tribos pós-modernas. É o que caracteriza a sociabilidade no final do século XX, o fenômeno das massas em constante dinamismo, em que as pessoas podem mover-se entre grupos identitários. As sociedades contemporâneas estão passando por um novo entrelaçamento social, a emoção compartilhada coletivamente. Um emaranhado de situações, experiências e diversidade de ações que caracterizam a sociedade pós-moderna. Esses grupos sociais assim agregados através da emoção e da sensibilidade comum, ao realizar atos e hábitos em conjunto permitem criar uma “aura específica que serve de cimento para o tribalismo” (p. 38).

⁹⁸ Nesse caso a autora cita o exemplo do protestantismo, em que o indivíduo possui essa mobilidade de transitar entre as suas vertentes.

A secularização nos países latino-americanos refere-se a um aspecto da modernidade que pulverizou o monopólio religioso institucional permitindo a pluralização da fé. Assim, a busca que nós presenciamos por tradições antigas, principalmente as orientais, fazem parte de uma atitude romântica de experimentação religiosa, com uma nova ótica, por sua vez, individual e menos pragmática (SILVEIRA, 2016, p. 51).

Compreender a especificidade brasileira no âmbito das discussões a respeito da modernidade é importante para vislumbrarmos o contexto em que a pluralização religiosa encontrou terreno fértil para crescer.

3.2. Catolicismo, pluralização religiosa e o movimento *New Age* (Nova Era) no Brasil

O fenômeno religioso contemporâneo advém de uma progressiva queda do monopólio religioso do catolicismo, que já demonstrava no Brasil seus primeiros sinais ao final do século XIX. Primeiramente, o clero era um dos pilares do império, e com a sua respectiva queda, o Estado começou a enveredar-se pelo caminho da secularização.

Após a Proclamação da República, o Estado se tornou laico⁹⁹ e garantiu a liberdade religiosa no país através da Constituição de 1891 em seus Artigos 11 e 72. Esta foi uma abertura legal para a prática de outras religiões, tornando a luta ainda mais ferrenha da Igreja Católica frente às suas crescentes ameaças. Essa disputa, na opinião de Robson Gomes Filho (2014, p. 151), é uma clara contestação por legitimidade, não apenas por questões religiosas, mas políticas, sociais e econômicas.

A própria perseguição da Igreja Católica ao Espiritismo que também data do final do século XIX e perdura até as primeiras décadas do século XX, foi permeada por esses diversos fatores apontados. Um grande paradoxo era que o Espiritismo não estava protegido pela Constituição, já que não era considerado uma religião e foi condenado como crime para a saúde pública pelo Código Penal de 1890. Foi denominado como “magia”, “sortilégios”, “cartomancia” e “charlatanismo” (GOMES FILHO, 2014). O Espiritismo foi relacionado à superstição, tanto por parte da Igreja Católica, quanto por parte da Medicina, que por sua vez, tornou-se aliada dos católicos contra os espíritas em Goiás nas primeiras décadas do século XX.

⁹⁹ A Igreja Católica, em pleno início do século XX, precisou se aliar ao Estado mesmo que de maneira informal, procurando impor a sua presença política na sociedade e obtendo privilégios políticos e econômicos (GOMES FILHO, 2014, p. 135).

Nesse sentido, uma religião de culto racional, cuja mistificação permanecia praticamente ausente, como é o caso do catolicismo das igrejas e breviários, não teria qualquer incidência sobre os problemas psicológicos acusados pela Medicina, tampouco sobre os crimes registrados pelo Estado. Quaisquer formas de misticismo, curas, milagres ou qualquer “excesso impressionável”, como o foi o caso de Santa Dica, condenado pelo mesmo periódico, teria como resultado a doença e o crime. (*ibidem*, 2014, p. 246).

Toda e qualquer prática curandeirística ou não católica era combatida como se fosse um obstáculo ao progresso da região. Gomes Filho (2012) analisa que a chegada das ferrovias em Goiás representou a chegada da modernidade, rompendo com o seu passado de isolamento. Junto a esse levante migratório chegaram novas ideias e práticas que vieram se confrontar com o tradicionalismo goiano, gerando colisões e fusões.

O Catolicismo era imposto como uma religião racional, e o Espiritismo e seus correlatos, tratados como irracionalidade e loucura. Essa seria uma estratégia da Igreja ao atribuir seu domínio à racionalidade, relacionando-se ao “progresso”, travando uma guerra contra aqueles considerados irracionais. Não apenas os espíritas, como os protestantes, que também representavam uma ameaça ao monopólio católico, foram combatidos fortemente pelo jornal *Santuário da Trindade*, uma arma da Ordem Redentorista para manter sua hegemonia em Goiás, incentivando os seus fiéis contra “falsas religiões”.

Desde a década de 30 o espiritismo kardecista se mostrava em crescimento no Brasil principalmente a partir da publicação da obra do médium Chico Xavier¹⁰⁰ - *Brasil: Coração do mundo, a Pátria do Evangelho*, em sua primeira edição de 1938. A história do Espiritismo no Brasil foi tema da dissertação de mestrado de Paulo César da C. Fernandes (2008) que nos mostra que o espiritismo tem sido foco de muitas polêmicas, sendo visto como uma seita místico-cristã com elementos orientais. No Brasil, o Espiritismo chegou juntamente com a Modernidade, ao final do século XIX. Na verdade, ao analisar o surgimento desta doutrina na França, Fernandes (2008, p. 12) esclarece que foi esse contexto de modernização, marcado pela urbanização e expansão dos meios de comunicação, que favoreceu a explosão de novas questões sociais e movimentos de cunho intelectual, que faziam parte de um novo tempo, em crítica ao Antigo Regime. O Espiritismo acabou ganhando força entre os intelectuais da época. As histórias das mesas que giravam nos salões franceses chegaram ao nosso país suscitando opiniões científicas sobre o magnetismo em oposição às crenças de que existiam “espíritos das mesas” (*ibidem*, 2008). Esse debate causou uma verdadeira cisão intelectual entre os grupos “místicos” e “cientificistas”. Aqui nós não tínhamos burgueses entediados que se reuniam em

¹⁰⁰ Proclamado o “maior brasileiro de todos os tempos” por um concurso promovido pela rede televisiva SBT ocorrido em 2012. Obteve 71,4% dos votos na disputa com Santos Dumont e Princesa Isabel.

salões, mas possuíamos uma elite intelectual que também trabalhou na divulgação da doutrina espírita no Brasil. Seus primeiros adeptos brasileiros eram acadêmicos, cientistas e outros intelectuais. As elites buscavam no Espiritismo amuletos contra o azar, o que contaminou as práticas de seus subordinados. Assim, ela foi se difundindo entre as demais camadas sociais.

Fernandes (2008) analisa que uma das diferenças entre a modernidade brasileira e a europeia seria que a urbanização no Brasil não efetuou uma ruptura com a cultura do campo, com o nosso passado colonial e com a tradição. Enquanto alguns aspectos se modernizavam, outros resistiam. “A permanência da tradição brasileira no trato com a religião, a sua quase que naturalidade com o sobrenatural, facilitava um não estranhamento da doutrina quando aqui chegou” (FERNANDES, 2008, p. 19).

Na década de 40, olhando o contexto geral brasileiro, encontrei a informação de que 97,93% dos brasileiros se autodenominavam católicos (IBGE, 1940) (comparados aos 64,6% do Censo de 2010), e a laicidade existia apenas na teoria. De acordo com Ari Pedro Oro (2005) a Constituição de 1946 reafirmou a laicidade do Estado brasileiro, porém, ele ainda mantinha privilégios da Igreja Católica através de colaborações mútuas, o que dificultou o crescimento e aceitação social das demais vertentes religiosas.

José P. de Sousa Júnior (2015, p. 87) acrescenta que as autoridades eclesiásticas cientes dessa hegemonia do catolicismo entre a população brasileira, utilizavam-se desse número de fiéis para se impor frente ao Estado, que por sua vez, sabia da influência potente que a Igreja exercia em seu contexto sociopolítico, procurando também estabelecer boas relações. Por outro lado, era a Igreja quem determinava os princípios morais sociais. Entre os anos de 1916 e 1945 muitos clérigos procuraram se envolver na política brasileira. Alguns eventos como a inauguração do Cristo Redentor e a consagração de Nossa Senhora Aparecida como a padroeira do Brasil contribuíram para a posição da igreja no cenário brasileiro.

O Brasil, na opinião de Emerson Giumbelli (2012), na década de 50, contexto da construção de Brasília, o catolicismo no Brasil ainda era dominante, mas ao mesmo tempo, ameaçado. Iniciou essa década com a filiação de 94% da população e depois de dez anos reduziu, mas não significativamente. Mas ao lado dessa hegemonia, havia a previsão de uma crise, sentimento esse causado por uma série de fatores: morte do Cardeal Sebastião Leme em 1942 que não teve um substituto com a sua mesma força; o déficit de sacerdotes; o crescimento de outros cultos; enfraquecimento do compromisso de seus fiéis. Esses problemas sintomáticos representariam mais tarde, um problema estrutural. Surgiram disputas internas entre os que defendiam a secularização e os que não a admitiam (*ibidem*, p. 82).

A partir da metade do século XX percebemos uma flexibilização do quadro religioso no Brasil, como nos mostra Antônio Flávio Pierucci (2004). O autor analisa o decréscimo ocorrido no número de católicos no Brasil, de 1940 a 2000, entendendo esse fenômeno como um fato típico das sociedades pós-tradicionais, nas quais os laços tradicionais decaem em um processo de desfiliação cultural dos indivíduos.

Na década de 50 a Umbanda já se destacava, se institucionalizando e se firmando como a única autêntica religião nacional (GIUMBELLI, 2012, p. 91). O Candomblé no mesmo período começou a ter forte visibilidade no país. Então podemos perceber que a década de 50 é um momento importante no âmbito religioso no Brasil e se reflete em Brasília.

Na década de 60 a série de conferências promovidas pelo Concílio do Vaticano II possuía o objetivo de modernizar a Igreja Católica, atrair os cristãos afastados, repensar a sua relação com as outras religiões, resultando em 16 documentos que geraram profundas transformações: abraçar os fiéis de outras denominações cristãs; importância do ecumenismo; aceitação do hinduísmo, budismo, islamismo e judaísmo, reprovando qualquer perseguição contra seus seguidores; liberdade religiosa do indivíduo (VATICANO, 1965).

Essa relação da Igreja Católica com as novas religiosidades é analisada por Peter Berger & Anton Zijderveld (2012) como um dos fatores do processo de pluralidade religiosa, pois esse processo de pluralização altera as relações das instituições religiosas umas com as outras. “Agora elas se veem como concorrentes em um mercado livre, ou relativamente livre. Assim que desistem do projeto de restaurar ou criar um monopólio religioso, elas devem, de alguma forma, reconhecer seus concorrentes” (p. 22). O que surge em decorrência desse processo são inúmeras atividades de cunho ecumênico ou inter-religiosas entre essa “concorrência”. Uma dinâmica pluralizante, dentro de um Estado que garante a liberdade religiosa do indivíduo, que é o caso do Brasil. Percebo em Brasília essa convivência do catolicismo com as demais religiões nesse processo de negociação de coexistência.

A relativização esteve enfraquecendo o status absoluto de algumas ideologias e instituições, gerando um diálogo “inter-religioso”. Berger & Zijderveld determinam três posicionamentos típicos a respeito da relativização: exclusivista, pluralista e inclusivista. A posição exclusivista dá poucas concessões à relativização, reafirmando o cristianismo como a verdade absoluta. A posição pluralista reconhece todas as religiões, realizando uma barganha entre elas. A posição inclusivista por sua vez está entre ambas, afirma a verdade de uma tradição, mas se mostra aberta a dialogar com outras, realizando concessões.

Pensando em Brasília a partir da teoria de Berger & Zijderveld (2012) proponho que ocorreu uma posição inclusivista por parte do poder católico, que faz questão de afirmar a sua

verdade, através dos monumentos, da memória, das solenidades, mas em vista do caráter plural das comunidades que migraram para a região, precisou realizar algumas concessões. Berger & Zijderveld acreditam que a posição inclusivista também é a mais comum na sociedade.

Aliado a esse fator, olhando para o contexto goiano João Paulo Silveira (2016, p. 13) acredita que seja possível que o goiano possua um interesse pelo que ele chama de “experimentalismos mágico-religiosos”, já que se tratava de um ambiente extremamente religioso e ligado às tradições católicas principalmente. O uso das “garrafadas” e “benzeções” lhes despertaram o flerte com a meditação ou outras terapias holísticas. Isto porque as novas religiões, na opinião do autor, são além de construções, mas recriações da experiência religiosa, a partir de sua discussão com a visão construcionista de Peter Berger. Desta forma, estas novas religiosidades permutam elementos das religiões tradicionais. “Isso significa que tradições do passado são rearranjadas diante de circunstâncias que não faziam parte da realidade social pretérita, mas que servirão de matéria prima para novos arranjos em afinidade com as demandas e expectativas de um contexto” (p. 28).

Segundo Negrão (2005, p. 33 – 34), formou-se no Brasil um catolicismo popular de caráter mágico, no sentido de se procurar controlar os males do mundo. Este catolicismo, ao contatar com as religiões afro-brasileiras e indígenas, passou por um processo de metamorfose, permutando elementos de crenças e rituais, formando uma religiosidade híbrida e mágica. O autor acredita que o mistério, o milagre e a magia permaneceram no cotidiano da maior parte das religiões no Brasil, que se esquivam das convencionalidades religiosas.

Fernandes (2008) mostra que a insegurança social, a turbulência política e ideológica e a Guerra do Paraguai ao final do século XIX, foram fatores que impulsionaram o misticismo, a vidência e o curandeirismo popular no Brasil. Não se trata simplesmente de uma continuidade de ritos do catolicismo popular, mas de um processo de crescentes elementos mágicos e místicos, conforme as transformações que estavam ocorrendo desde o fim do século XIX no país. A urbanização possibilitou o surgimento de muitas vertentes espiritualistas, que se mesclaram às tradições existentes. Entre tantas turbulências políticas e sociais, as camadas urbanas encontraram no espiritualismo um refúgio dentro da frieza da modernidade. Esse caráter místico e pluralizado do espiritualismo pode ser exemplificado a partir da análise dos movimentos *new age*.

A Sociologia da Religião desde os anos 50 tem sido praticada como uma sociologia do catolicismo em declínio, fato que tem ocorrido não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina. Os estudos têm focado no crescimento das novas religiosidades baseados nos dados censitários, que por sua vez, apresentam muitas limitações, como as questões oferecidas aos

participantes, que não possuem opções de respostas múltiplas, o que exclui a possibilidade de o indivíduo possuir diversas filiações. Nesse processo de transição religiosa temos o crescimento do neopentecostalismo, por sua vez mais evidente a partir da década de 90, e das religiões mediúnicas (kardecismo, a umbanda e o candomblé).

Estamos presenciando um campo religioso cada vez mais diversificado, que supõe a mobilidade religiosa dos crentes. Para Navarro (2018, p. 27), devemos repensar as definições clássicas de autores como Durkheim, Geertz, Hevieu-Léger e Weber, para atualizá-las ao nosso contexto. Particularmente, posiciono-me junto ao autor citado, e aos nossos correligionários latino-americanos, entendendo que é necessário perpassarmos por estes clássicos, procurando entendê-los de forma crítica, compreendendo a importância de seus estudos para os seus respectivos contextos e procurando mostrar que eles não se aplicam universalmente às nossas especificidades. Para Navarro (2018, p. 34):

Nos nossos países da América Latina, cuja cultura foi fortemente influenciada pelo catolicismo, o papel de especialistas neutros em questões de crenças e práticas é essencial ter opiniões equilibradas sobre tais temáticas. Se atualmente nos governos e na academia se reconhece cada vez mais a utilidade de ter informações sobre a diversidade religiosa, esta é uma conquista que se deve aos esforços de muitos estudiosos e analistas. Faz parte da nossa tarefa esclarecer o papel indispensável que os pesquisadores do fenômeno social têm cada vez mais relevante e pertinente.

A partir dos anos 90 o Brasil tem sido palco de uma emergência de novas espiritualidades neo-esotéricas, *new age*, orientais¹⁰¹, e neoxamânicas. Práticas estas, pautadas em reapropriações de religiosidades milenares, a partir de leituras particulares de seus textos sagrados. Esse autodidatismo parte dessa experiência intelectual para experiências espirituais próprias a cada indivíduo. Esse é o panorama religioso contemporâneo estudado por muitos pesquisadores, como a antropóloga brasileira Leila Amaral.

Um evento representativo da cultura *new age* no Brasil foi o *Encontro para a Nova Consciência*, realizado no município de Campina Grande (PB), cujo codinome é *Carnaval da Alma*, pelo fato de o evento ter ocorrido no carnaval. O termo inspirou a obra de Leila Amaral: *Carnaval da Alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era* (2000). Se tratou de um encontro religioso macro ecumênico que reuniu grupos religiosos (Igrejas Presbiterianas, Batistas, Fé Baha'i, Hare Krishna, Tradição de Orixás, Seicho-no-ie, Islamismo, Axé Epô Afonjé, Daime, Igreja Messiânica), grupos denominados pela autora de não estritamente religiosos (Cidade da paz, Maçonaria Grande Oriente do Brasil, Ordem Rosa Cruz) e

¹⁰¹ “[...] resultado de reapropriações livres de uma cultura oriental milenar, produzidas por interesses e expectativas do contexto ocidental moderno” (CAMURÇA, 2018, p. 238).

participantes do Movimento Nova Era (AMARAL, 2001, p. 153). No caso da Nova Era, a autora esclarece que os adeptos dessa filosofia religiosa não se identificam como integrantes de um grupo específico, já que Nova Era se refere a práticas que visam o autoconhecimento e não seguem doutrinas específicas, adotando elementos de diversas religiões de forma flexível.

Ao tratar das filosofias da Nova Era, que adoto como um dos termos empíricos mais importantes para a pesquisa, recorro à definição de Deis Siqueira:

[...] um conglomerado de tendências que não teria textos sagrados ou líderes, nem organização fechada ou estrita, nem dogmas. Tratar-se-ia, segundo alguns autores, de mais uma sensibilidade espiritual, do que de um movimento espiritual estruturado. Expressaria atitude ou desejo de integração e harmonia, buscando articular o pessoal e o privado com o ecológico e o cósmico [...] Alguns métodos, técnicas e práticas muito diversas têm sido apontados na literatura como atividades que tendem a ser utilizadas pelas pessoas que apresentam alguma afinidade com o movimento *New Age*: métodos esotéricos (como astrologia e cartas do *Tarot*); práticas espirituais (*Yoga*, diferentes técnicas de meditação); medicina não-convencional (homeopatia, iridologia) (SIQUEIRA, 2003b, p. 19).

A Nova Era é uma aglutinação de várias tendências que escapam da religiosidade doutrinária e tradicional. Configura-se como uma prática que visa uma melhor relação e integração do homem com a questão ambiental e com uma dimensão cósmica. Leila Amaral (2000) complementa que a Nova Era é uma “cultura religiosa errante” (p. 187), na qual existe uma experimentação de diversas crenças, constituindo-se em um caráter heterogêneo. A religiosidade passa do domínio institucional para o domínio privado, em um processo de construção particular. Desta forma, trata-se de uma prática sem contornos definidos ou sem regras pré-definidas, de caráter efêmero.

A Nova Era é tendência religiosa não doutrinária, que busca uma nova relação entre o homem, o planeta e o universo, com orientações holísticas¹⁰². Suas práticas permutam elementos de religiosidades ocidentais, bem como as orientais. Esse processo metamórfico se aproxima do paganismo e da magia, abandonando também os laços tradicionais da Igreja. Não existe uma identidade fixa do indivíduo, à medida que ele pratica determinadas ações que levam à sua espiritualidade, não necessitando rotular-se com uma religião específica.

José G. Magnani (2000) acrescenta ao caráter sincrético da Nova Era a ideia de imanência: “diferentemente da crença judaico-cristã ocidental em um Deus pessoal e transcendente, a Nova Era recupera a visão de um princípio superior ou divino, mas não separado do mundo e do homem”. O autor quer dizer que essa ideia implanta a perspectiva

¹⁰² “O ser como um todo, numa perspectiva integral”, ou “O universo como um todo que está presente em tudo” (SIQUEIRA, 2003a, p. 38 – 39).

holística, segundo a qual, todos os elementos se integram, sejam o corpo, a mente e o espírito, seja a relação entre homem – divindade e homem – natureza, que são ideias mais presentes no âmbito da tradição oriental. “Todos os seres participam de um mesmo movimento cósmico” (*ibidem*, p. 38).

Leila Amaral (2000) esclarece que o trajeto de tudo que representa a Nova Era nunca demonstrou uma liderança ou uma organização central, mas começou a ter uma visibilidade de publicações, eventos e centros holísticos¹⁰³ a partir do ano de 1968. Ela acredita que é difícil definir esse fenômeno por conta de sua intensa mobilidade e heterogeneidade. Mas, pode-se dizer que a década de 70 foi marcada por movimentos como o Transcendentalismo e a Teosofia¹⁰⁴ nos Estados Unidos, que foram os grandes influenciadores de todo o pensamento novaerista, estabelecendo diálogo com as sabedorias orientais. A teosofia não desacredita a ciência, pelo contrário, propõe uma adaptação, para corroborar com a ideia de evolução espiritual a partir do estudo das várias antigas filosofias.

O musical de sucesso no ano de 1967 nos Estados Unidos, *Hair*, com o hit “*Age of Aquarius*” representou a efervescência de um novo movimento filosófico, juntamente ao crescimento do movimento *hippie* e o Festival de *Woodstock* (1969). De acordo Magnani (2000, p. 11) *Age of Aquarius* retratava o choque de valores que deram condições para o surgimento desse fenômeno social, com a contestação de valores vigentes, com a denominação de contracultura, uma reação aos problemas políticos internacionais, a Guerra do Vietnã, os movimentos ambientalistas, movimentos em prol dos direitos civis, a Primavera de Praga, dentre outros. Depois de sua popularização nos Estados Unidos se difundiu por todo o mundo.

No Brasil, a Nova Era se inicia com um caráter mais politizado no âmbito de movimentos populares, com uma estética libertária própria do Tropicalismo. Emergiram as comunidades rurais alternativas como uma forma de recusa dos valores vigentes, propondo um estilo de vida contrário ao meio urbano e industrial. Esses grupos, de acordo Magnani (2000, p. 21) espalharam-se pelo país sobretudo nas regiões da Chapada dos Veadeiros (GO), Chapada

¹⁰³ Leila Amaral (2001, p. 153) define as seguintes práticas como novaeristas: terapias de vidas passadas, florais, tai’ chi ch’ uan, tarot, yoga, chakras, dança da paz, bioenergética, biodança, energia radiônica, hipnose, dentre uma infinita gama de atividades centradas no bem-estar humano.

¹⁰⁴ Contemporânea ao transcendentalismo norte-americano do século XIX, a Teosofia tem bases filosóficas na médium russa Helena Blavatsky, o norte-americano Henry S. Olcott e a britânica Annie Besant. “De forma bastante sintética podemos afirmar que a Teosofia se origina de dois grandes troncos iniciáticos: o Budismo Esotérico do norte da Índia e as tradições também esotéricas ligadas ao Cristianismo, a principal delas relativa ao Culto do Santo Graal. A tradição teosófica foi mantida na íntegra até 1969, quando a então Sociedade Teosófica Brasileira transformou-se em Sociedade Brasileira de Eubiose. Isso não significa que os ensinamentos teosóficos foram banidos. Pelo contrário, eles foram ressignificados com o novo hábito trazido pelos conhecimentos legados pelo seu fundador, Henrique José de Souza”. (REVISTA DHĀRANĀ, 2015, p. 02).

Diamantina (BA), Chapada dos Guimarães (MT) e o Planalto Central, pelo fato de considerarem que esses locais são potencialmente energéticos.

Sandro Martins Santos (2013) em sua tese que abordou as famílias transnacionais¹⁰⁵ em Alto Paraíso de Goiás, relaciona a Nova Era também com as *trances*, festivais de música eletrônica que surgiram nos anos 70 em festas realizadas nas praias indianas paradisíacas no estado de Goa, na Índia. Esses festivais foram marcados pelos movimentos de contracultura, que reuniam jovens que procuravam uma fuga da sociedade ocidental, com objetivo de transcender, alcançar uma espiritualidade dando origem ao estilo *Goa Trance*, que influenciou os jovens alemães e foi se difundindo pelo mundo ocidental. Essa nova formação social reuniu diversas nacionalidades, criando comunidades espirituais sob a influência dos ensinamentos de Osho e chegou ao Ocidente na década de 90. O estilo de música eletrônica simula os efeitos neurológicos de um LSD, em batidas repetitivas e efeitos sonoros que acreditam ser hipnotizantes e que trazem uma experiência de transe (em inglês, *trance*) (SANTOS, 2013).

Santos chegou a estas conclusões a partir de pesquisas realizadas em uma comunidade situada no município de Alto Paraíso de Goiás, a qual ele denomina como uma família transnacional. Alto Paraíso se tornou um polo atrativo de misticismo devido a muitos fatores como a concentração dos cristais de quartzo e a localização no paralelo 14, que muitos erroneamente acreditam que conecta Alto Paraíso à Machu Picchu no Peru. Contudo, toda essa mística na Chapada dos Veadeiros se deve a princípio, pelo movimento esotérico ocorrido no Distrito Federal brasileiro.

A Nova Era em suas crenças religiosas realiza um sincretismo de elementos budistas, hindus, cristãos, xamânicos, dentre outros. Um dos aspectos importantes a se destacar é o resgate das culturas antepassadas e os seus conhecimentos, considerados muito avançados para a sua época, como os egípcios e os maias. Assim, é creditado a esses povos um caráter mágico e profético. Magnani (2000, p. 39) acrescenta que no caso das referências dos povos tradicionais, as referências provêm geralmente dos povos andinos, os indígenas norte-americanos e o xamanismo clássico da Ásia. Os cultos afro-brasileiros por sua vez, não são incorporados pela Nova Era, com raras exceções. A maior aproximação que existe seria pela pajelança e o Santo Daime.

¹⁰⁵ Os indivíduos membros das famílias transnacionais demonstram determinadas características próprias da contracultura, como a emancipação dos regulamentos hegemônicos ocidentais, à medida em que vivem em uma comunidade de cooperação coletiva, possuem uma maior ligação à terra e seus respectivos frutos, passando a estabelecer laços fortes com essa nova família recentemente construída, que não necessita necessariamente ser formada pelas predeterminações biológicas (SANTOS, 2013, p. 38).

Para Magnani (2000, p. 09-10) a Nova Era provém da cosmologia astrológica. Se refere a uma mudança astrológica que está inserindo o homem em uma nova era, que acarretará importantes mudanças. O sistema solar caminha por um zodíaco projetado no espaço cósmico, passando por cada Era, como por exemplo, a Era de Touro, que correspondia às civilizações mesopotâmicas, a de Áries por sua vez, correspondia à religião mosaico-judaica, e a de Peixes, correspondia ao cristianismo. A Nova Era corresponde à Era de Aquário, também conhecida como Quinto Império, Idade de Ouro ou Millenium (PACHECO, 2000, p. 50), que carrega profundas alterações na religião e no modo de pensar da humanidade. Essas mudanças consideram um equilíbrio entre polos, como o espírito e a matéria, o corpo e a mente, o masculino e o feminino, a ciência e a tradição.

Alguns místicos acreditam que a Nova Era começou na virada do milênio, apesar de não haver consenso entre os astrólogos a respeito do exato ano inicial, pois não existe um marco definidor, porém muitos acreditam que ela se inicia no atual milênio, sucedendo a Era passada, que seria a Era de Peixes. A Nova Era de Aquário representaria uma nova postura da humanidade frente à fraternidade universal, uma fase de descobertas e mudanças utópicas.

O astrólogo francês Yves Christiaen (1981) em sua obra *A mutação do mundo* afirma que Brasília foi o marco da chegada da Nova Era. Ele também se baseou nas profecias de Dom Bosco, afirmando que o Plano Piloto de Brasília apresenta o formato de uma cruz por sua vez consagrada pelo sacerdote. Ele parte da hipótese de que os países, de acordo a sua posição geográfica e o deslocamento dos polos, podem receber a missão de guiar outros povos, e que determinados homens também são escolhidos para efetivar essas ações, alcunhados pelo autor de “missionados”. Na Era anterior, a de Peixes, a líder das nações seria a França. A centralidade de Paris seria pelo fato de que o ponto zero, ou o ponto vernal¹⁰⁶, antes de 1911, se localizava no meridiano desta cidade. “Há dois mil anos se achava efetivamente sobre Greenwich (e nisto, também sobre Paris), mas que agora se aproxima do território brasileiro, para ser coroado em Brasília, e sob uma nova glória Querubínica, a do signo central de Aquário” (SALVI, 2007a, p. 94).

Para Christiaen (1981), Cidade Luz que no ano de 1789 representava a cidade de Paris, hoje, se encontra sob a cidade de Brasília. Paris foi considerada a “Cidade Luz” quando teve o seu ápice cultural, sendo considerada a capital da arte. O Iluminismo foi o resultado de um

¹⁰⁶ “Ponto da esfera celeste que é definido pelo cruzamento de três linhas: Equador Celeste, Meridiano Zero e Eclíptica, cruzado pelo Sol na sua passagem equinocial do hemisfério sul para o norte e que marca o início da primavera para este hemisfério. Também chamado de Ponto Gama [...] Quando falamos em Era Equinocial ou Zodiacal queremos dizer o período em que o Ponto Vernal passa por uma constelação ou por um signo do zodíaco” (DUARTE, 1999, p. 01 - 02).

conjunto de energias que ali operavam. Muitos ocultistas e esotéricos são provenientes da França, como Serge Raynaud de la Ferrière, o fundador da Grande Fraternidade Universal e o Marquês de Saint-Yves d'Alveydre, pregador da Sinarquia¹⁰⁷. A França seria, a “nação-piloto”, isto é, Deus guiava a sua história. Um exemplo disso seria a guerreira Joana D'Arc que foi incumbida por Deus para colocar o rei legítimo em vista da ameaça ao reino. Herdeira de Roma e de Judá, essa nação seria obra por Deus, com a missão de propagar o seu reino.

Christiaen (1981, p. 47 - 48) e outros astrólogos acreditam a humanidade tem passado ao longo de sua história por várias Eras, representadas pelos signos do zodíaco. Essas teorias astrológicas centralizaram o Brasil e Brasília como protagonistas de uma Nova Era e os motivos de tantas expectativas. Não citei datações porque elas variam muito entre os astrólogos. Christiaen reconhece essas teorias astrológicas possuem suas limitações. Mas o que ele pretendeu mostrar é que existe um deslocamento do polo das civilizações, em que um “país-piloto” emerge acima dos outros, e polariza o desenvolvimento. O Brasil estaria dessa forma predestinado a se tornar a nação-piloto da Era de Aquário.

A partir da década de 50 muitos grupos espiritualistas e filosóficos se instalaram em Brasília e outras regiões do Distrito Federal, começando um período de evidentes representações místicas como esse exemplo acima. Muitos deles expuseram a sua missão de desenvolver projetos filantrópicos, no que resultou na criação de muitas ONGs em prol de questões ambientais, educacionais e sociais (BANDEIRA & SIQUEIRA, 1998, p. 269).

Esses grupos indicam a emergência de uma nova consciência religiosa, pautada no ecumenismo, propondo uma nova utopia salvacionista centralizada em Brasília. Essa projeção utópica atribui à capital federal adjetivos tais como a peculiaridade cultural e geográfica, que propiciará o surgimento de uma nova civilização.

3.3. Teosofia, Eubiose e a Geografia Sagrada do Planalto Central

A partir da análise do contexto favorável ao surgimento e/ou expansão de diversas representações místicas de Brasília, apresento neste momento minhas investigações empíricas sobre um grupo espiritualista muito importante na região, a Eubiose.

¹⁰⁷ “A Sinarquia é um regime que vê a sociedade como uma realidade orgânica, e onde as funções do Sábio, do Juiz e do Economista, correspondem aos centros principais da cabeça, do coração e do estômago, ou seja, ali onde podemos efetivamente localizar certos plexos. Saint-Yves d'Alveydre analisa esta instituição, como um sistema misto onde interagem os princípios da Teocracia, da Monarquia e da República, regendo respectivamente as suas três instituições capitais da Ciência, Justiça e a Economia” (SALVI, 2007a, p. 104).

A Eubiose é uma instituição espiritualista brasileira inspirada na Teosofia, por sua vez, fundada em Nova Iorque no ano de 1875 pela médium russa Helena Blavatsky¹⁰⁸. Blavatsky teve a sua iniciação esotérica no Tibete. Foi para os Estados Unidos em 1875, fundando um grupo em Nova York, apesar de muitos adeptos acreditarem que a Sociedade tem suas origens na Índia Antiga. A Teosofia (do grego “sabedoria divina”) possui três fundamentos:

Primeiro - Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, cor, crença, sexo ou casta. Segundo - Estimular o estudo de Religiões comparadas, filosofia e ciência. Terceiro – Estudar as leis ainda não explicadas da natureza e os poderes latentes do homem (LUZ, 1986, p. 43).

Blavatsky ministrava ensinamentos baseados nas sabedorias transmitidas pela Grande Fraternidade Branca¹⁰⁹, escrevendo vários livros, dentre os quais destaca-se *A Doutrina Secreta* em seus seis volumes. Suas crenças chocam diretamente contra os paradigmas ocidentais.

De acordo Maria Barroso (1999, p. 23-25) em sua dissertação a respeito do *Siddha Yoga*, a Teosofia se interessa pelo Oriente como um meio de encontro com o sobrenatural, como uma alternativa ao cristianismo. Desenvolveu diálogo com a ciência moderna e buscou na Índia a formação de mestres ocidentais dentro das tradições orientais. Sua doutrina foi baseada em diversos pensamentos filosóficos e doutrinas, sendo o Hinduísmo preponderante.

A Sociedade Teosófica se espalhou para mais de sessenta países, organizando-se por Seções Nacionais, que se compõem em Lojas e Grupos de Estudos. Estes grupos oferecem reuniões, cursos, debates e palestras públicas. A primeira loja teosófica brasileira foi fundada em julho de 1902 na cidade de Pelotas-RS, sob a influência dos teosofistas argentinos.

¹⁰⁸ Nasceu em 1831 na Rússia, e durante a sua vida viajou por várias partes do mundo conhecendo várias escolas ocultistas, de preferência, as orientais e começou a demonstrar poderes paranormais. Foi responsável pela fundação da Sociedade Teosófica da qual, a Eubiose demonstra uma orientação direta no Brasil. Em 1873 foi para os Estados Unidos tornando-se conhecida pelos seus estudos e seus dons sobrenaturais, sendo lá que a médium conheceu Henry Olcott, e juntos fundaram a Sociedade mencionada. O sucesso de Blavatsky se deve ao seu contexto histórico marcado pelo descrédito do cristianismo frente ao avanço científico. Ela agregou estudos científicos, filosóficos e esotéricos, e isso a fez se diferenciar dos demais médiuns de seu tempo.

¹⁰⁹ “A Grande Fraternidade Branca é a fraternidade dos Santos, Sábios e Mestres Ascensos, de todas as eras oriundos de todas as nações raças e religiões que tornaram a unir-se ao Espírito do Deus vivente e que formam os exércitos dos céus, juntamente com os 144.000 seres de Vênus que se juntaram ao amado Sanat Kumara para libertar a terra das trevas. O termo branca refere-se a aureola de luz branca que envolve os seus corpos por serem seres iluminados. [...] A Grande Fraternidade Branca, patrocinou as escolas de mistérios na Lemúria e na Atlântida, onde as verdades espirituais superiores eram ensinadas àqueles que quisessem seguir as disciplinas dos adeptos. [...] Outras escolas localizavam-se nos Himalaias, no Extremo Oriente e no Egito, bem como na Europa e na América do Sul. Uma a uma, estas escolas de mistérios foram destruídas ou dispersadas. Sempre que estas escolas são destruídas, os Mestres Ascensos que as patrocinam, retiram suas chamas e santuários sagrados para seus retiros no plano etéreo, onde os discípulos continuam sendo treinados entre as encarnações e em seus corpos mais sutis (durante o sono ou no samadhi), para que possam alcançar o conhecimento do EU Divino” (GRANDE FRATERNIDADE BRANCA, s/d.).

O Professor Mauro Montagna, cego, diretor do Instituto Benjamim Constant, estagiando na Argentina sentiu-se entusiasmado com a Teosofia. De regresso ao Rio, funda numa residência particular de Botafogo um Grupo de Estudos Teosóficos do qual participavam, entre outros, o Dr. Cincinato Henrique da Sila, médico militar, e o então Tenente Mário Clementino de Carvalho. Ao mesmo tempo, em Campinas, Henrique Serra traduz e publica o livro 'Aos que sofrem', de Aimée Blech, dando-lhe o título de Princípios Teosóficos. Assim, pode-se dizer que, no Brasil, foram decisivos para a Teosofia tanto o Centro de Estudos de Mauro Montagna como a obra de Aimée Blech (O TEOSOFISTA, 1975, p. 84).

No ano de 1921 o médium baiano Henrique José de Souza através de seus estudos teosóficos e da leitura de Helena Blavatsky em que se destaca a obra *Doutrina Secreta* (1888) fundou a Sociedade Brasileira de Eubiose (SBE) em São Lourenço-MG. A Sociedade se expandiu para várias cidades consideradas místicas, como Brasília.

Atualmente a SBE alcançou cerca de quatro mil adeptos em todo o Brasil, alcançando também outros países: Chile, França, Inglaterra, Itália e Portugal. É uma instituição pouco conhecida popularmente em Brasília, que não se destaca no seu circuito turístico, estando mais restrita à participação de membros e simpatizantes. A sua comunidade é unida, cada um cumpre um papel para o desenvolvimento e manutenção da instituição. Eles atribuem grande importância para as várias linguagens artísticas. Realizam rituais específicos para os afiliados, e algumas palestras públicas.

Etimologicamente, a Sociedade explica que

Eubiose [do gr. eu (bem, bom) + bios + osis (modo de viver)] é um neologismo criado e difundido pela Sociedade Brasileira de Eubiose. Seu significado, embora muito abrangente, relaciona-se com o processo de evolução humana, entendido como transformação de energia em consciência. Tal processo, longe de se identificar com as religiões dogmáticas, aponta no caminho de uma construção crítica do autoconhecimento. Trabalhando, portanto, para além dos estudos de religiões comparadas, a Sociedade Brasileira de Eubiose apresenta manancial próprio de saberes que segue do conhecimento sobre a natureza oculta do corpo humano às visões sobre a cosmogênese [...] (SBE, 2012, p. 01).

Durante a minha pesquisa de campo fui bem recebida por seus adeptos e diretores, podendo participar de reuniões abertas ao público, palestras e vivências junto aos membros da comunidade de Brasília. Percebi a presença de classes intelectualizadas e de poder aquisitivo médio a alto. Entrevistei um adepto, frequentador desde o ano de 1992, a respeito do trabalho que a instituição vem realizando e a sua importância:

Para mim, a Eubiose possibilita conexão com o sagrado. O envolvimento com as atividades da Eubiose (ritualísticas, leituras das cartas escritas pelo mestre JHS, aulas, palestras, encontros sociais) permite, além da possibilidade de socialização e convivência, estabelecer relação com o nível transcendente, fora da esfera profana ou cotidiana. Além disso, permite acesso ao conhecimento esotérico, teosófico que visa (não à erudição) mas a busca do autoconhecimento, à transformação espiritual, à conexão com o Divino (Entrevista com M.F., 2019).

Em relação à busca pelo conhecimento, aspecto trabalhado ao longo das experiências dentro da instituição, o entrevistado esclarece que:

O discípulo, no seu processo de conscientização, recebe treinamento. A iniciação eubiótica é composta por 4 graus iniciáticos que antecedem ao ingresso na Série Interna. Geralmente, por meio de aulas e ritualísticas, é transferido conhecimento sobre sabedorias, filosofias, tradições iniciáticas. O conhecimento tem a função de evidenciar que a tarefa da Eubiose é continuação de trabalho que vem sendo desenvolvimento há milênios. Eubiose é vista como estrutura material que serve de suporte institucional ao chamado “Trabalho de Obra” que consiste na disseminação de novos padrões de consciência, na superação de mentalidades materialistas (que enfatizam consumismo exagerado, promovem degradação ambiental e realçam valores de vida excessivamente autocentrados e imediatistas) (Entrevista com M.F., 2019).

Percebi que o projeto da Eubiose se faz a nível coletivo, partindo do individual. O indivíduo tem a possibilidade de trabalhar seus aspectos íntimos, sociais e espirituais, mas se prepara para apreender e lidar com um conhecimento transformador da realidade que vivemos. Por isso a presença da instituição em Brasília. A Eubiose visa uma transformação a nível planetário, que é uma característica comum entre as práticas novaeristas, essa consciência ecológica e social. Outro trecho da entrevista esclarece melhor o papel da Eubiose quanto ao seu projeto para Brasília:

Na visão da Eubiose, segundo eu entendo, Brasília é polo de desenvolvimento espiritual. Cabe-lhe sediar a capital do Brasil, que é considerado país no qual emergirá a raça “dourada”, dotada de estado de consciência avançado, portadora de estrutura psíquica diferenciada. Brasília é vista como síntese de trabalho já acumulado (nas raças e sub-raças anteriores, para usar a linguagem teosófica) e o local de transição para despontar de nova civilização cuja tarefa é disseminar os valores da Era de Aquarius (Entrevista com M.F., 2019).

O reconhecimento da Eubiose em Brasília se mostrou evidente quando no dia 10 de agosto de 2012 na 216ª Sessão da Câmara dos Deputados, o Sr. Presidente declarou que a sessão se destinaria em homenagem ao aniversário da Sociedade Brasileira de Eubiose, saudando convidados membros da sociedade que estavam presentes. Convidou o Sr. Hélio Jefferson de Souza, Presidente da SBE, a sua esposa, o vice-presidente, assessores e administradores de departamentos. O Sr. Presidente da Câmara dos Deputados proferiu a seguinte homenagem,

homenageando a Eubiose e a sua importância em Brasília e no país todo, enfatizando o seu papel em relação à evolução da humanidade.

Sras. e Srs. Deputados, consta que em um dos pórticos do Oráculo de Delfos, na Grécia antiga, uma inscrição expressava a essência da filosofia de Sócrates: “Conhece-te a ti mesmo”, como o caminho único pelo qual o homem chega à plena compreensão, de si mesmo e do universo de que é parte. Esse, o princípio fundamental da Sociedade Brasileira de Eubiose, cujos 88 anos, que se completam exatamente no dia de hoje, a Câmara dos Deputados comemora nesta sessão solene, requerida pelo nobre Deputado William Dib. Em 10 de agosto de 1924, o Professor Henrique José de Souza e Dona Helena Jefferson de Souza, marido e mulher, fundavam, na cidade fluminense de Niterói, aquela que viria a ser a Sociedade Teosófica Brasileira, com o objetivo, como o próprio nome já sugere, de promover a comunhão da criatura humana com a divindade, pelo aperfeiçoamento progressivo do espírito, até à iluminação completa, à sabedoria total, ao conhecimento absoluto. Em 1969, passa a instituição a chamar-se Sociedade Brasileira de Eubiose, termo que, apesar de não dicionarizado, remete-nos à origem grega de “eubiótica”, a arte de viver bem. Longe dos grupos religiosos e das seitas esotéricas, nossa homenageada caracteriza-se pela ascendência filosófica, pelo exercício do pensar, pela valorização das ideias, do diálogo, da troca de experiências, que ensejam ao homem aprimorar-se como indivíduo e como ente social. São edificantes e enobrecedores os objetivos da Sociedade Brasileira de Eubiose: cultivar a fraternidade universal; desenvolver o espírito da livre investigação e da crítica; incentivar o estudo comparativo das ciências, das artes, das filosofias e das religiões; favorecer a investigação das leis da natureza; combater o analfabetismo, a violência e a deterioração social; empreender ações educativas, sociais e de lazer que beneficiem a criança e ao adolescente — tudo em prol da evolução espiritual, mental e cultural do povo brasileiro (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2012, p. 04-05).

No dia 27 de dezembro de 2017 o Congresso Nacional sancionou a Lei n. 125 de 2017 que posteriormente se converteu na Lei 13.626 de 2018 (CONGRESSO NACIONAL, 2018) que institui o Dia Nacional da Eubiose, celebrado no dia 10 de agosto de cada ano.

Muitos intelectuais esotéricos brasileiros desenvolveram pesquisas e consequentes publicações a respeito da centralidade de Brasília no quesito místico a nível planetário baseados em astrólogos, médiuns e ocultistas de várias partes do mundo. Essa literatura tão vasta e heterogênea apresenta um ponto em comum. Brasília recebe o protagonismo de uma revolução nacional que ecoaria internacionalmente a partir de determinados aspectos de seu passado e de sua geografia, como a sua história de dominação através da colonização, que merece a redenção da justiça divina.

O maçom Felipe Cocuzza (1992, p. 19) sintetiza que essas várias profecias, como as de Dom Bosco, dos templários, astrológicas e hindus, remetem a uma teoria geopolítica sobre a Ilha Imperecível. Quem mencionou essa Ilha Imperecível ou Ilha Sagrada, foi Helena Blavatsky em sua obra *Doutrina Secreta vol. III* (1973, p. 29), que influenciou a maior parte dos esotéricos contemporâneos além dos teósofos que seriam a sua descendente linha direta. A médium explica que este seria o primeiro continente em que os progenitores divinos

evolucionaram a primeira raça terrena. Esta região seria o berço do primeiro homem e a morada do último. A ilha teria recebido a visita do grupo liderado pela divindade hindu Sanat Kumara¹¹⁰, que vieram de Vênus com o objetivo de orientar a recém-criada humanidade (COCUZZA, 1992, p. 59).

A Teosofia considera o povo sul-americano a sétima sub-raça árya¹¹¹. Se trata de uma teoria baseada no livro de Gênesis que relata o trabalho de Deus na criação do mundo em seis dias, e no sétimo, o seu descanso. Esses dias são considerados etapas de criação, em que cada etapa representa uma sub-raça. Assim, a sétima é aguardada como a civilização que receberá o Buda Maitreya. “A filosofia esotérica ensina que o próximo Buda aparecerá durante a sétima (sub)raça desta Ronda” (BLAVATSKY *apud* SALVI, 2010, p. 27). O número 7 representa a síntese final do processo de criação, a revelação, a etapa evolutiva e a reconstrução cíclica do paraíso. Essa busca pelo paraíso está muito presente quando se fala em Agharta¹¹² e Shamballa¹¹³, os mundos subterrâneos. Agharta emana energias para pontos diversos da Terra, locais nos quais surgiram cidades místicas, possibilitadas pelo magnetismo destes lugares.

¹¹⁰ “Sanat Kumara figura em vários papéis nas tradições religiosas do Leste. Cada um revela uma faceta do seu lado Divino. Em cada papel, ele nos ensina algo diferente sobre Deus e sobre o nosso caminho para Deus. Sanat Kumara é venerado no Hinduísmo como um dos quatro ou sete filhos de Brahma. Eles são retratados como jovens que permaneceram puros. Em Sanscrito, o nome Sanat Kumara significa "Sempre Jovem". No Hinduísmo, Sanat Kumara é algumas vezes chamado de Skanda, ou Kartikeya, o filho de Shiva e Parvati. [...] Escrituras hindus também descrevem Sanat Kumara como o "primeiro dos sábios". [...] O Mestre ascenso Sanat Kumara é a hierarquia máxima de Vênus. Há muito tempo, durante a hora mais escura de Terra, Sanat Kumara veio aqui para manter a chama trina da vida, em nome do povo de Terra. [...] Depois que Sanat Kumara fez seu compromisso de vir para Terra, 144.000 almas de Vênus ofereceram-se para vir com ele e apoiar a sua missão. Quatrocentos que formaram a vanguarda foram enviados na frente para construir o magnífico retiro de Shamballa, em uma ilha no Mar de Gobi, onde hoje é o deserto de Gobi”. (CLARE, 1993, s/p).

¹¹¹ Sete raças ocuparam e ocuparão o planeta Terra em um processo de sucessão e cada uma delas subdivide-se em sete sub-raças. A 1ª raça-raiz seria a polar, seres semi-físicos e andróginos; a 2ª raça-raiz seria a hiperbórea, também andróginos e semi-físicos, por isso é impossível encontrar vestígios destas raças, apenas os clarividentes podem encontrar seus rastros; a 3ª raça-raiz seria a lemuriã, segunda classe de andróginos, porém, com corpos físicos e gigantes, que habitaram o continente Mu, no Oceano Pacífico; a 4ª raça-raiz seria a atlante, isto é, habitantes de Atlântida, que se localizava no Oceano Atlântico, seres portadores de alta tecnologia e espiritualidade; a 5ª raça-raiz ou ária, seria a atual que gerou sete sub-raças, que nasceu após o dilúvio (Onaissi, 2017). Sobre esse assunto recomendo a leitura de Luis P. S. Castro (2016) *A origem das raças pela Sociedade Teosófica: Uma análise da literatura teosófica* que realiza uma análise crítica da literatura produzida pela Teosofia no que tange a suas teorias sobre as raças, cujo teor se enquadra em aspectos evolucionistas e racistas segundo o autor, pois existe uma exaltação da raça branca ou ariana, não menosprezando as africanas e americanas, mas pregando que existe uma evolução gradual das raças que se dá por meio dessas sínteses.

¹¹² A Eubiose acredita que *Agharta* é um mundo intraterreno. *Agharta* e seus habitantes estão presentes em um universo subterrâneo dos continentes do planeta Terra, que possui cidades sob regiões como o Himalaia, no Oriente, ou na Serra do Roncador, no Brasil. Acreditam que as cavernas podem ser portais dimensionais (SALVI, 2007a, p. 10 – 13). Os esotéricos que popularizaram *Agharta* foram Saint Yves D’Alveydre, René Guenon e Helena Blavatsky. “Nele só entram aqueles que tenham se destacado da humanidade vulgar pela aquisição dos mais elevados princípios e descoberta a estreita vereda que lhe dá acesso, lhes não faleça o ânimo para a percorrer com passo seguro. Sua representação na face da Terra está no Brasil, a nova Canaã ou Terra da Promissão para todos os povos que como tal a considerem” (LUZ, 1986, p. 50).

¹¹³ Shamballa em sânscrito significa “reino da paz”. É uma cidade mítica que se localiza no interior da Terra, parte da *Agharta*, proveniente das culturas orientais, nas quais se destaca a budista. Muitos estudiosos procuram conjecturar a sua localização, que poderia ser sob o Himalaia. Habitada por seres iluminados, considerada um

O território sagrado da Agarta é independente, sinarquicamente organizado e composto de uma população constante de cerca de vinte milhões de almas. A constituição da Família, com igualdade de sexos, no lar; a organização da comuna, do cantão e das circunscrições, que vão desde as Províncias até o Governo Central, conservam, ainda hoje, em toda sua pureza, os sinais do gênio celta de Ram, qual um selo impresso pela divina sabedoria nas instituições do Manu [...] Em torno do território sagrado e de sua população, já considerável, se estende uma confederação sinárquica de povos, composta de mais de quarenta milhões de almas. Essa cúpula, como aliás toda a Agarta, é obra da arquitetura mágica. Sua iluminação provém de cima, através de registros catóptricos que só permitem a passagem da luz vinda da escala enarmônica das cores, das quais o espectro solar de nossos tratados de física nada mais é que a diatônica. É ali que a hierarquia central dos Cardeais e dos Archis, disposta em hemicírculo perante o Soberano Pontífice, se nos depara iridescente qual visão supra-terrena, na qual as formas e aparências corpóreas dos Mundos se confundem fazendo desaparecer, sob as irisações celestes, toda distinção visível de raças, numa só vibração de croma e de som, da qual as noções conhecidas de perspectiva e de acústica se encontram, singularmente distantes (SALVI, 2004, p. 14-16).

A Eubiose acredita que Brasília é a porta de entrada para estes mundos subterrâneos, assim como podemos verificar em uma de suas publicações:

E o Brasil, face ao trabalho que lhe cabe realizar em relação ao ciclo futuro, possuindo tais entradas ou embocaduras para os Mundos Subterrâneos, inclusive em Brasília, onde, conforme dissemos em trabalho recente, COMEÇA A ENTRADA¹¹⁴ para esses Mundos, muito terá que batalhar e sofrer os ataques dos que não se encontram no estado de consciência para entender tais problemas (REVISTA DHÂRANÂ, 2018, p. 07).

Profecias aguardam a vinda dos aghartianos quando a humanidade estiver em uma grave crise. Estes povos se deslocarão para locais remotos, que serão portadores do desenvolvimento do mundo. Por isso a criação de muitas cidades nestas regiões, como é o caso de Brasília que tem se interligado com outros centros urbanos através de linhas telúricas. Esse intercâmbio que será estabelecido pelos aghartianos prioriza o acoplamento de culturas, pois acredita-se que o choque cultural é capaz de renovar o homem através da união de elementos opostos, resultando em uma síntese fecunda (SALVI, 2010).

Esses segmentos espiritualistas e esotéricos também acreditam em um passado oculto do mundo. Acreditam que o Brasil quando foi colonizado recebeu uma herança espiritual da

centro de luz e poder, Shamballa também pode ser entendida como um centro multidimensional, já que os humanos mais espiritualizados e preparados podem contatá-la. É relacionada ao mito de Shangri-la, da criação literária do britânico James Hilton, um utópico paraíso terrestre. “Shamballa terrestre corresponde, neste caso, aos centros e regiões matematicamente vinculados às humanidades em ascensão, seja em termos de longitude ou de latitude. Já a Shamballa celeste, possui uma posição relativamente fixa no globo, sujeita também às coordenadas geográficas, porém alteráveis em medida mínima [...]” (SALVI, 2009, p. 13-14).

¹¹⁴ Grifo dos autores.

Ordem dos Templários. O rei D. Diniz¹¹⁵ (1261 – 1325) teria protegido os templários que estavam em solo português, colocando o nome nestes remanescentes de Ordem de Cristo. Esta ordem possuía a missão de preparar economicamente e espiritualmente o Brasil. Com a sua cruz, as primeiras caravelas chegaram ao Brasil. Essas teorias sabem que muitos erros foram cometidos, e que ainda continuam sendo praticados, por isso é necessário que as autoridades sejam guiadas. Para isto, está havendo uma preparação, um projeto a longo prazo de se construir uma civilização em que todos servem a benefício da coletividade. Assim nos mostra o autor destas teorias, o esoterista português Henrique Rosa:

É sinal de que uma grande força positiva está se movendo *de dentro para fora* para que a justiça, a plena liberdade com responsabilidade e a fraternidade universal, onde todos possam viver com tranquilidade, amor, paz e felicidade, finalmente surjam dentro e fora de todos aqueles que vivem nesta nação. Tendes que confiar na enorme capacidade espiritual que o povo brasileiro tem, empregá-la em todos os setores da vida humana, inclusive na política e na economia (ROSA, 1998, p. 157).

Mestres espirituais estão incumbidos de realizar esta missão no Brasil, como Saint Germain¹¹⁶ e El Morya¹¹⁷, que irão criar condições para que as autoridades políticas que atuam de forma corrupta sejam desmascaradas. Mas, de acordo Henrique Rosa, a revolução da

¹¹⁵ “Afonso III expandiu Portugal para o tamanho que tem hoje. D. Dinis, seu filho, inaugurou o reinado de ouro e o Projeto Áureo. Foi na sua época que teve de mudar o nome da Ordem do Templo para Ordem de Cristo a fim de salvar os cavaleiros templários das perseguições movidas pelo rei da França Filipe, o Belo, e pelo papa Clemente V. Afonso IV, filho de D. Dinis, cavaleiro da Ordem de Cristo (novo nome da Ordem do Templo) inaugurou oficialmente o período das navegações, sendo em sua época que o navegador Sancho Brandão chegou pela primeira vez às costas do Brasil (1343)”. (PACHECO, 2000, p. 117).

¹¹⁶ Entidade cultuada por segmentos místicos, que acreditam que ele tem reencarnado por várias gerações em importantes figuras históricas como o profeta Samuel, José - pai de Jesus, o mago Merlin, Cristóvão Colombo, Allan Kardec, Francis Bacon, tendo também nascido durante o século XVIII ou XIX como o Conde de *Saint Germain*, na França. O Conde foi uma figura histórica controversa, que até mesmo nem se tem concordância entre os historiadores da sua existência. Ele tem suscitado inúmeras lendas, as quais alegavam a sua imortalidade, talento nato para as artes e fortunas, fluência de inúmeros idiomas, conhecimento da Alquimia e que também seria o portador da pedra filosofal e do elixir da vida, além de outras peripécias. É consagrado pelos místicos como o profeta da Era de Aquários, que ainda estaria a reencarnar, da mesma forma que Jesus Cristo veio sobre a Terra em sua respectiva Era de Peixes (AFIUNE, 2016).

¹¹⁷ Mestre Ascenso, da mesma categoria de Saint Germain. Se especula que ele teria sido também uma figura histórica e/ou que reencarnado em várias delas, como o marajá Ranbir Singh e o imperador e idealizador do Taj Mahal, ShahJahan. Assim o definem muitos místicos: “O Mestre El Morya é o Mentor dos governantes, executivos, líderes, conquistadores e pessoas que, como Ele, têm uma visão mais avançada da realidade e atuam nesta para mudá-la, quando necessário, e fazem a sua a história mundial. Foi Matusalém, filho de Enoch e Abraão, patriarca do povo hebreu na civilização da Suméria; ambos são mencionados na Bíblia. Foi Nabucodonosor, rei da Babilônia; Leônidas, rei de Esparta; Melchior, um dos três reis magos do Oriente; Rei Arthur, da escola de mistérios de Camelot, na Grã Bretanha; Thomas Becket, arcebispo de Cantebury, na Inglaterra, que foi canonizado pela igreja Católica; Thomas Morus, pensador e estadista inglês, também um santo da igreja católica. *Escreveu A Utopia*. Foi também Akbar, o Grande, o maior imperador mongol conhecido, que unificou os diferentes povos que constituíam o império; Shah Jahan, (neto de Akbar), foi também imperador mongol na Índia. Construiu o Taj Mahal. Em sua última encarnação foi El Morya Khan, herdeiro do trono, que dispensou o poder e foi ser líder religioso” (CURA E ASCENÇÃO, 2018).

consciência no Brasil já está em curso, pelo fato de que a Nova Era Aquariana se iniciou. E será ela o pano de fundo de toda a evolução do Brasil.

Assim, na opinião de Henrique Rosa, a redescoberta do Brasil pelos portugueses não seria obra do acaso. Dom Henrique na sua teoria, teve a prévia informação da existência da América do Sul e da sua missão no futuro. Seres espirituais estavam presentes com o objetivo de revelar os focos energéticos do território brasileiro para que sejam reativados. “Para isso, grandes conhecimentos do passado estão guardados, preservados no Brasil e em outras partes da América do Sul. São como santuários da velha sabedoria que ajudarão muito no surgimento da nova raça [...]” (ROSA, 1998, p. 159).

Muitos eubiotas se baseiam na pesquisa de Ludwing Schwennhagen, intitulada *Os fenícios no Brasil* (1976), que traz os resultados de suas pesquisas realizadas na Amazônia, acreditando que os fenícios¹¹⁸ chegaram ao Brasil por volta do ano 1.100 a.C. Os sinais encontrados na Pedra da Gávea¹¹⁹ (RJ) seriam, na opinião do pesquisador, inscrições fenícias. O historiador também defende que os hebreus por sua vez teriam chegado no Brasil no ano 993 a.C. durante o reino de Salomão. Ele acredita que através da interpretação da bíblia hebraica, pode-se chegar à informação de que Salomão estava ciente destas informações sobre as navegações, inclusive mapas, que poderiam ter chegado posteriormente às mãos dos templários, o que ocasionou as rotas portuguesas em busca destas terras. Nessa perspectiva, os templários, que depois se transformaram na Ordem de Cristo, eram colonizadores e navegadores, e quando os portugueses tomaram posse do território brasileiro, acreditaram que teriam encontrado o

¹¹⁸ De acordo a Eubiose: “[...] os Fenícios, que, por terem técnicas avançadas de navegação para a época, dedicaram-se a comercializar produtos encontrados em terras de além-mar, conhecendo, dessa maneira e muito bem, as Américas, onde tentavam fundar uma colônia. A capital da Fenícia, Tiro, naquela época, era governada pelo Rei Badezir. Conta a história oculta que o rei tinha oito filhos, cujo primogênito se chamava Yetbaal (o Deus branco). Seus irmãos, devido ao rei dedicar especial atenção a ele, pelos seus dotes espirituais e por sua alta inteligência, por inveja, tramaram contra o Rei e conseguiram destroná-lo, expulsando-o junto com dois de seus irmãos diletos, Yetbaal e Yetbaal-bey. [...] Todos tinham como destino o Brasil e, aqui, plantaram as sementes transformadoras do Brasil Fenício em Brasil Ibero-Ameríndio, um cadinho, originando o maior caldeamento de raças de que se tem notícia em toda a história universal. Assim, as duas cortes ficaram constituídas: a Temporal, pelo rei Badezir, pelos sacerdotes da sua antiga corte, alguns militares etc., ocupando toda a região, que vem do Amazonas até Salvador, na Bahia. Daí até onde é, hoje, o Rio Grande do Sul, ficava a corte espiritual, dirigida por Yetbaal, na sua forma dual, acompanhada pelos escravos núbios, pelos 222 elementos da elite fenícia e algumas outras pessoas, que não vem ao caso apontar” (REVISTA DHÂRANÂ, 2014, p. 29).

¹¹⁹ “A esfinge da Gávea representou o testemunho do grande avanço adquirido pela civilização desaparecida no Brasil, seja ela fenícia ou atlante. Assim, uma alegoria ambígua entre a ciência e o misticismo, pois na antiguidade tanto a filosofia quanto a ciência foram unidas pela religião, formando um só conhecimento que a civilização moderna perdeu devido ao materialismo [...] Gigante que dorme, uma imensa figura formada pelas montanhas da Gávea, da Tijuca e Corcovado, à entrada da baía do Rio de Janeiro. Heranças da fusão entre a cultura atlante e a indígena seriam encontrados [...] Dario Vellozo identificou nos motivos decorativos da arte cerâmica indígena, símbolos perdidos do conhecimento secreto atlante. Também as inúmeras pinturas rupestres realizadas nas cavernas, rochedos e rios - motivo de tantas discussões entre os pesquisadores - seriam uma forma primitiva de escrita, mais um patrimônio cultural do extinto continente platônico” (LANGER, 1996, p. 129 – 130).

paraíso terrestre. Acrescenta a escritora Cláudia B. Pacheco (2000, p. 80) que o próprio templo de Salomão teria se concretizado através da riqueza das pedras preciosas encontradas no Brasil, pois as frotas de Hirão e de Salomão teriam navegado pelo rio Amazonas, daí a origem do nome Rio Solimões (Salomão).

Para Johnni Langer¹²⁰ (1996, p. 92), os argumentos apresentados por esses tipos de pesquisa baseiam-se na literatura clássica e em vestígios arqueológicos, mas criam uma história fantástica ou alternativa do Brasil ao manterem-se dentro do circuito do imaginário ocidental. “O mito, mais uma vez, com a linguagem simbólica, desempenhou um papel de veracidade na História, terminando por ser, com Schwennhagen, a própria História” (p. 94). Assim, eles acabam perpetuando uma tradição europeia de se associar a história americana ao povoamento de civilizações ocidentais e orientais. O historiador acrescenta que: “Certamente para esses arqueólogos do irreal, existiram motivações psicológicas e inconscientes que forneceram subsídios para a convicção de sua realidade” (*ibidem*, p. 106).

O médium Chico Xavier também relatou a respeito da centralidade do Brasil em algumas de suas profecias, no seu livro *Pátria do Evangelho* (2011), uma obra psicografada, concebida em 1938, a partir das revelações do espírito Humberto de Campos. A proposta da obra é esclarecer as origens remotas da formação do Brasil, a pátria do evangelho, mostrando que existe uma falange de espíritos atuando em prol deste país. Nesse primeiro trecho que retiramos, Chico Xavier aponta para o passado do Brasil e toda a sua história de injustiças como promissora do desenvolvimento futuro:

[...] Havia eu determinado que a Terra do Cruzeiro se povoasse de raças humildes do planeta, buscando-se a colaboração dos povos sofredores das regiões africanas; todavia, para que essa cooperação fosse efetivada sem o atrito das armas, aproximei Portugal daquelas raças sofredoras, sem violências de qualquer natureza. A colaboração africana deveria, pois, verificar-se sem abalos perniciosos, no capítulo das minhas amorosas determinações. O homem branco da Europa, entretanto, está prejudicado por uma educação espiritual condenável e deficiente. Na sua sede nociva de gozo, os homens brancos ainda não perceberam que a evolução se processa pela prática do bem e que todo o determinismo de Nosso Pai deve assinalar-se pelo “amai o próximo como a vós mesmos”. Ignoram voluntariamente que o mal gera outros males com um largo cortejo de sofrimentos. Contudo, através dessas linhas tortuosas, impostas pela vontade livre das criaturas humanas, operarei com a minha misericórdia. Colocarei a minha luz sobre essas sombras, amenizando tão dolorosas crueldades. Prossegue com as tuas renúncias em favor do Evangelho e confia na vitória da Providência Divina [...] poderemos mudar o curso dos acontecimentos, a fim de que o povo lusitano aprenda, na dor e na miséria, as lições sagradas da experiência e da vida. (XAVIER, 2011, p. 36)

¹²⁰ Historiador e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UFPB. Em sua dissertação de mestrado, Langer pesquisou sobre as cidades imaginárias no Brasil através da análise da literatura de viagem, procurando entender as relações entre a imaginação e a História.

Chico Xavier relata a respeito da localização geográfica do Brasil no mundo, que seria o seu coração, mostrando que cada estado brasileiro terá o seu papel nestas mudanças.

Cada Estado do Brasil tem a sua função essencial no corpo ciclópico da pátria que representa o coração geográfico do mundo; mas, em S. Paulo e em Minas Gerais se assentaram, por determinação do invisível, os elementos indispensáveis à organização da pátria esplêndida. Ambos serão ainda, por muito tempo, as conchas da balança política e econômica da nacionalidade e os dínamos mais poderosos da sua produção. Obedecendo aos elevados propósitos do mundo oculto, ambos ficaram irmanados junto do cérebro do país, por indefectíveis disposições do determinismo geográfico, que os reúne para sempre (*ibidem*, p. 43 - 44).

Salvi (2000) em seus estudos relata que durante toda a história, cada parte do mundo está determinada a ser um centro espiritual em um determinado período histórico, para que o planeta alcance um equilíbrio frente às forças cósmicas. Nesse contexto, “a América está predestinada a manifestar uma nova Civilização mundial, trazendo referenciais globais para o futuro da humanidade” (SALVI, 2000, p. 15). Essa postura representa uma forma de resgate a todo o processo histórico de injustiças no qual a América fora subjugada e teve grande parte de sua população nativa dizimada. O autor defende que o Brasil, em seu processo histórico, está passando por sete etapas evolutivas: a partir do ano de 1500, a 1ª etapa representaria a unidade, o encontro entre duas culturas distintas, o nativo e o europeu. A 2ª etapa representaria a polaridade, as lutas por terras, expansão bandeirante e jesuítica. A 3ª etapa representaria o ternário, que seria a formação do povo brasileiro. A 4ª etapa representaria o quaternário, a consolidação da ordem e das leis no país. A 5ª etapa representaria o pentagrama, o estudo da natureza do país, a importância da ciência, e o início do processo de independência do Brasil em relação a Portugal. A 6ª etapa representaria a estrutura sêxtuple, que se relacionaria à liberdade, ao período democrático, à liberdade dos escravos, proteção ao indígena, e à República. A 7ª etapa, o setenário, abordaria o equilíbrio das relações sociais e a eliminação de todo o carma gerado no processo histórico brasileiro (SALVI, 2000, p. 25 – 27).

O Brasil, na sua opinião, possui um caráter integrador, que a todos recebe e une, e a sua nação é um “povo eleito”, lembrando que “a nação sagrada das profecias será um povo tirado de muitos povos” (*ibidem*, p. 126). Essa evolução será conquistada quando o país expiar o seu próprio karma, ação possível com a ajuda de um guia iluminado. O encontro de culturas, na opinião do escritor, gera uma mística no sentido de representar um novo degrau na evolução mundial. Tal como os Reis Magos vieram de países diversos a oferecer dádivas a Cristo, representavam o símbolo de uma nova humanidade. Já que o Brasil dentro dessa teoria mística recebe uma centralidade, o Cerrado emerge como um protagonista:

O Cerrado é o grande sistema de transição que existe na América do Sul. Por isto, em termos de Cerrado, podemos falar de Biocentrismo. O Cerrado é uma “Terra do Meio”, o ecossistema central onde se encontram todos os outros. Por sua diversidade estrutural, o Cerrado era chamado pelos índios da região de “a casa de todos”. Com efeito, aqui se permanece porque se sente em casa. É o lugar dos grandes encontros, no tempo e no espaço. Quem quer se encontrar a si mesmo e ao próximo, que busque as grandes regiões centrais. Porque este é o verdadeiro centro da terra, o seu coração de cristal. É o meio do continente, a terra interior, a Terra-Crista [...] O Cerrado é denso. É o lugar dos guerreiros, o berço das tribos, raiz das nações fraternas [...] (*Idem*, p. 37 – 38).

O Cerrado para Salvi (2004) é um dos locais cujo potencial minerador é muito grande, pois já foi durante muito tempo o polo de extração mineral maior do país. Por isso, o Cerrado na sua opinião, é uma das regiões mais magnéticas da Terra, mas devido a essas intensas explorações, o magnetismo da Terra esteja em declínio progressivo. Mas muitas experiências foram relatadas na região, consideradas mistérios terrenos ou naturais, “mediante formações magnéticas visíveis, chamadas mães-do-ouro ou boitatá, além da percepção de forças elementares, chamadas ondinas, salamandras, sílfides e gnomos” (p. 144). O magnetismo da Terra, além de influenciar fenômenos naturais como a aurora boreal, também pode influenciar a cultura e a espiritualidade.

A região Sul também é potencial profético por seu histórico de exploração, pois dela foram usurpadas todas as suas riquezas em benefício de países do Norte. É como se essa Nova Era desenvolvesse uma espécie de resgate histórico a todo o processo padecido por estes grupos populacionais. Por isso essa profecia não se estende ao Novo Mundo em sua vertente do Norte, já que os Estados Unidos emergiram como uma nova nação dominadora, como se tivesse se tornado uma repetição do Velho Mundo.

De acordo o fundador da Eubiose, prof. Henrique José de Souza, de tempos em tempos existe um foco de evolução no mundo, que muda de uma região para outra. No atual momento, este foco estaria no Brasil, especificamente no seu centro. Seria o resultado de um movimento que viria de Oriente para Ocidente (TROMBELLI, s/d.). A *Revista Dhâranâ* (1960), em muitas das suas edições, analisou a importância de Brasília em um futuro próximo, cujo objetivo seria irradiar a paz e o protagonizar um novo ciclo sobre as suas ruínas materiais. Assim a Eubiose demonstra as suas interpretações numerológicas a respeito de Brasília:

Entremos no significado esotérico de ter sido Brasília fundada precisamente no dia 21 de abril de 1960 ($21+4+1960 = 3+4+16=23$) Primeiro Arcano Menor relacionado com o atual 23º Presidente da República. E a data que coincide com a da fundação da Roma – Cidade Eterna – no dia 21 de abril do ano 753 a.C., como a querer demonstrar que a nova capital brasileira também se eternizará para a concretização de seus altos desígnios (REVISTA DHÂRANÃ, 1960, p. 02).

A interiorização da capital brasileira atendeu ao propósito de configurar Brasília como foco de uma evolução da humanidade. A Sociedade Brasileira de Eubiose acredita na existência de um sistema geográfico (Figura 27) que possui o objetivo de projetar em Brasília um apoio espiritual¹²¹, por este ser o centro das decisões nacionais. Segundo Salvi (2007a) esse sistema estabelece um elo entre a antiga capital e a nova, através de um eixo mágico que une as cidades de Alto Paraíso-GO e São Lourenço-MG. Esse sistema equilibra as forças no país e descentraliza o poder. Itaparica-BA está próximo a primeira capital federal, Salvador. São Lourenço-MG está próximo ao Rio de Janeiro, a antiga capital. Xavantina-MT atua no sentido de interiorizar as energias para o país, lembrando que está próximo à Barra do Garças-MT, local também permeado por misticismo. Alto Paraíso-GO está próximo a Brasília. Do mesmo modo, um triângulo une as três capitais federais históricas. “E com isto se abre um amplo corredor de integração espiritual, denotando a reabertura dos caminhos das poderosas energias atlantes, ao longo da faixa tropical brasileira” (SALVI, 2007a, p.17).

Em entrevista, um adepto da Eubiose nos esclarece sobre as questões geográficas:

Brasília é ponto de intersecção de 3 polos sagrados (Itaparica, Roncador e São Lourenço). Sendo a confluência desses 3 Sistemas Geográficos, Brasília possui energia diferenciada, bem como papel (social, político e espiritual) de destaque na construção de País melhor. Brasília, portanto, exerce papel importante na “orquestração cósmica”, ou seja, busca consciente de promover avanços individuais e coletivos que permitam a realização dos valores da Era de Aquarius. Creio que o Centro-oeste brasileiro é polo de atração mística. Talvez o fascínio se deva à geografia (região distante dos centros urbanos) ou à fixação de grupos portadores de visões não convencionais, como seitas, movimentos esotéricos (Entrevista com M.F., 2019).

¹²¹ O caso de suporte espiritual a Brasília por parte de grupos esotéricos não é inédito, vários casos já tornaram-se famosos na mídia nacional e internacional. A médium brasileira Adelaide Scritori se tornou conhecida por incorporar o espírito do Cacique Cobra Coral para intervir no clima. Há histórias sobre a sua atuação em Londres, elevando o clima para 29 graus, em Santa Catarina e no Rio de Janeiro, interrompendo tempestades, e sua ligação com as autoridades políticas de vários países. Ela seria convocada pelas autoridades quando necessário, como por exemplo, para impedir as tempestades no Réveillon de Copacabana. A prefeitura de São Paulo também estaria envolvida com a médium, convocando-a para atuar no período de resgate de vítimas no metrô, a recepção do papa, a Virada Cultural e desfile de 7 de setembro para que as chuvas não atrapalhassem.

Figura 27 - O Sistema Geográfico de Alto de Paraíso (SIGEAP)



Fonte: Salvi (2007a, p. 15).

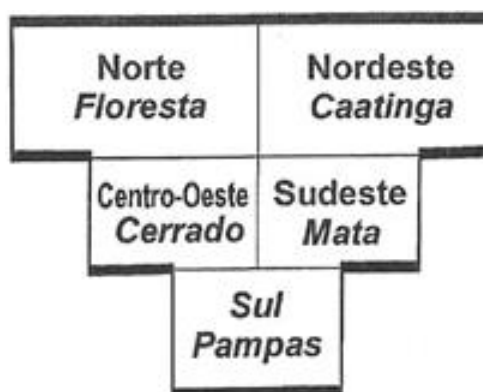
Outros elementos da chamada Geografia Sagrada¹²² ou Geosofia também indicam a centralidade de Brasília. O Planalto Central seria um refúgio para dilúvios que viriam a ocorrer conforme algumas profecias já alarmaram. A Geosofia menciona locais como colinas, chapadas ou acrópoles, localizadas sobre planaltos ou altiplanos. Formam-se centros geográficos que funcionam como portais interdimensionais que são “portas de criação e absorção das energias e da matéria cósmica” (SALVI, 2010, p. 63). Salvi explica que a Terra é formada por um campo magnético que é enfraquecido nos polos e fortalecido nas regiões centrais do globo. Tradições xamânicas entendem as regiões centrais como centros de poder, que oferecem energia para as demais. O Brasil assim possui oito centros telúricos: 1° Porto Alegre (RS), 2° São Lourenço(MG), 3° Cuiabá(MT), 4° Alto Paraíso(GO), 5° Barra do Garças(MT), 6° Palmas(TO), 7° Brasília(DF) e 8° Macapá (AP). Inclusive, o autor aponta para uma mudança de capital para a região Norte do país, para o século XXII, provavelmente Manaus, ou Macapá (conhecida

¹²² Salvi (2009, p. 12) fornece uma definição adequada para a Geografia Sagrada “É a concretização das potencialidades do espaço dentro das fases do tempo. É a conexão dos arquétipos do ocultismo com os processos evolutivos [...] Espaço sagrado não é apenas geográfico, ele é uma condição, um acontecimento, conectado também a um tempo sagrado. Por lei, toda a ordem superior está edificada em um contexto espaço-temporal escolhido e revelado, por questões de evolução cultural local, mas de potencialidade universal [...] A possibilidade de se vir a definir um Eixo histórico está, contudo, vinculada às necessidades evolutivas do planeta, e condicionada a questões de tempo e espaço”.

como a Quito brasileira), por esta última estar situada exatamente sobre a linha do Equador¹²³, e em um eixo central do Brasil.

Salvi (2009) em outra obra realiza estudos de geografia humana e espiritual, em que os biomas exercem influência na formação do caráter dos povos. Ele nos mostra um esquema no qual o Brasil é representado por uma pirâmide escalonada invertida, simbolizando na opinião do autor, a posição de Cálice, isto é, receptiva ou passiva (Figura 28). Isso quer dizer que o Brasil é um país em formação, em preparação, com uma influência colonial muito forte, a partir da qual, teve pouco controle sobre os seus destinos.

Figura 28 - O Brasil e a simbologia do cálice



Fonte: Salvi (2008, p. 99)

Portanto, essas teorias têm apontado o Brasil como um país preparado espiritualmente para ser a nova civilização do Terceiro Milênio. A nossa diversidade étnica, mineral, a riqueza da terra, a abundância das águas, a fertilidade do solo, e toda a natureza são utilizadas como argumento para uma potencialidade profética. A miscigenação de raças teria gerado uma nova raça, mais forte e mais bela. O Brasil possuiria todas as riquezas necessárias para a escassez que estaria a ocorrer no próximo milênio (TROMBELLI, s/d.).

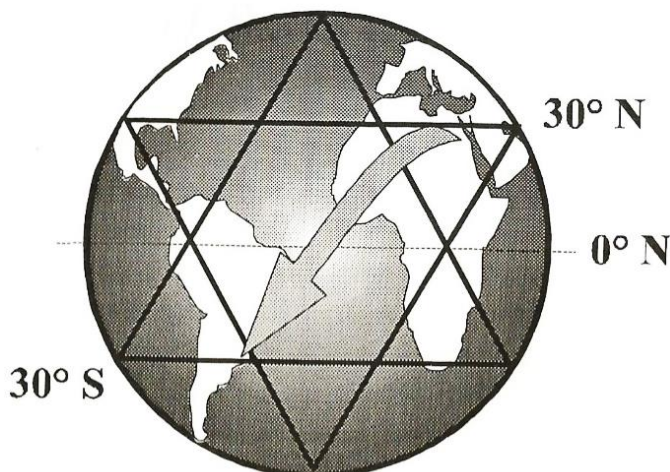
¹²³ O Marco Zero do Equador é um monumento criado em Macapá, de 30 metros de altura, que se tornou um ponto turístico famoso por celebrar a divisão do Brasil nos dois hemisférios pelo fato de a linha do Equador cortar a cidade. Surgiram relatos de que um ovo, se colocado sobre essa linha, ficaria equilibrado. Muitos cientistas buscaram quebrar esse mito ou entender o fenômeno. Alguns acreditam que o ovo não sofre qualquer influência da linha, e que se por acaso ocorreu em algum momento, pode ter sido por questão de probabilidade, pois ali também o ovo está sob as regras da gravidade como em qualquer outro ponto do planeta. Outro cientista afirma que existe um fenômeno conhecido como coriolis, que é uma força inercial devido à rotação da Terra, dependendo da velocidade de seu movimento, como por exemplo, a causa dos furacões no hemisfério norte. Independente da polêmica, os equinócios podem ser presenciados na região, quando o dia e a noite são iguais, e acontece um alinhamento do sol no monumento e projeta um raio de luz sobre a linha imaginária do Equador. Ali, a latitude é 0°, como pode ser comprovado com GPS (PUCCI, 2013).

Hermes Trismegisto¹²⁴ foi um intelectual e ocultista egípcio que supostamente viveu há mais de 1.500 anos antes de Cristo. Entre os seus estudos ocultistas, alquímicos e filosóficos, em sua obra *Corpus Hermeticum* proferiu uma “profecia” que inspirou muitos intelectuais esotéricos:

[...] existem ainda outros deuses cujas virtudes ativas e cujas operações vão distribuir-se através de tudo o que existe. Esses deuses cujo domínio se exerce sobre a terra serão restaurados qualquer dia e instalados numa cidade no limite extremo do Egito, uma cidade que será fundada do lado do sol poente e à qual afluirão, por terra e por mar, as raças dos mortais (TRISMEGISTO, s/d., p. 49).

Luís A. W. Salvi (2000, p. 98) analisa esse discurso de Hermes Trismegisto, procurando interpretar qual cidade poderia se identificar com essas características. Ele acredita que o “limite extremo do Egito” e da África é o paralelo 30 e as suas proximidades, explicando que a África se localiza entre os dois paralelos 30 do globo terrestre. De tal modo, o paralelo 30 Sul seria o exato extremo do paralelo 30 Norte, que é o paralelo que perpassa o Egito, assim como nos mostra o mapa de Salvi (Figura 29).

Figura 29 - Paralelo 30 Norte e Sul



Fonte: Salvi (2000, p. 99).

¹²⁴ Hermes Trismegisto desenvolveu os estudos ocultistas conhecidos como hermetismo, que foram difundidos por vários países nas práticas dos seus mestres e sábios, influenciando outras religiões pelo mundo. Hermes é considerado o “Mestre dos Mestres”, criador da Alquimia, e recebeu muitas representações místicas, sendo associado aos deuses Hermes grego e o Thoth egípcio. Recomendamos a tese de doutorado de David Pessoa de Lira (2014) intitulada *O batismo do coração no vaso do conhecimento: uma análise do Corpus Hermeticum IV.3-6a* que aprofunda no hermetismo de forma categórica. Quando falamos em ocultismo, nos referimos à conceitualização de Campos & Silva (2015, p. 365): “O termo Ocultismo, mais comum nas escolas esotéricas do século XIX, tem o mesmo sentido. Esse conhecimento oculto, de tipo superior, teria estado presente em todas as grandes culturas do passado (egípcios, persas, gregos, maias, chineses, hindus, etc.), sendo sempre transmitido por um grupo de iniciados”.

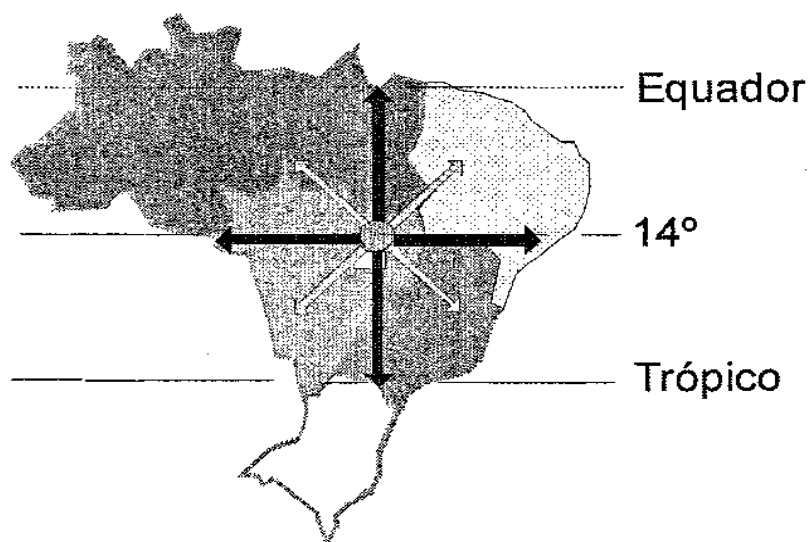
O lado do sol poente é a América, a região a ser alcançada por mar e por terra, sintetizando todas as raças. O paralelo 30 Sul como se pode ver, perpassa a região sul do Brasil, particularmente a capital Porto Alegre. Salvi (2000, p. 99) afirma que esta cidade, por esta questão, é a “Nova Heliópolis” que emitirá a luz e a orientação para o mundo. O paralelo 30 N atravessa locais espiritualizados como a Índia, o México e o Nepal. Essas profecias que procuram deslocar o eixo místico para o hemisfério sul centralizam as forças telúricas em locais nos quais os paralelos percorrem, por serem uma espécie de linhas imaginárias que carregam uma determinada energia. Os paralelos são alinhamentos de centros etéricos que através das energias telúricas formam um canal de transmissão, uma rede energética. O paralelo 30 percorre a região em que o magnetismo é mais baixo em todo o planeta, tornando-a em um maior foco de penetração de ondas e energias cósmicas.

O paralelo 14 por sua vez, perpassa a região de Alto Paraíso de Goiás. O número 14 adotado isoladamente carrega muitas interpretações no ramo da numerologia, e muitos místicos interpretam este paralelo começando por este caminho. O quatorze simboliza o Arcano XIV (A Temperança) no Tarô, o Arcano da inspiração e da Alquimia. Representa as polaridades, a transmutação dos elementos, bênção celeste, flexibilidade, renovação da vida, harmonia e equilíbrio. O Arcano representa uma fusão alquímica do fogo e da água, simbolizando a fusão entre os opostos para chegar ao equilíbrio. Representa também a deusa grega Íris, personificação do arco-íris, que por sua vez, é a expressão da fusão da água e do fogo, visto que o fogo nesse caso representa a luz solar. Na astrologia este Arcano está relacionado às representações aquarianas, ligadas ao simbolismo de Indra, divindade hindu que representa a purificação. O número quatorze reflete outras interpretações místicas, como o fato de o corpo do deus egípcio Osíris ter sido dividido em quatorze partes, e Jesus, que atravessou as quatorze estações da cruz (AFIUNE, 2016).

Acredita-se também que há uma ligação entre a Chapada dos Veadeiros com *Machu Picchu* no Peru através do paralelo 14, fato que corroboraria uma visão maravilhosa e encantada da Chapada. *Machu Picchu*, a cidade sagrada dos incas, teria sido construída calculadamente no paralelo 14, pelo fato de estes povos acreditarem que esta é uma linha portadora de um ambiente metafísico diferenciado de outros locais. Ao conferir a localização de *Machu Picchu*, os dados de latitude nos mostram que a cidade está situada no paralelo 13. A cidade peruana que se encontra no paralelo 14 é *Nazca*. Portanto, se Alto Paraíso possui uma hipotética ligação dimensional com alguma região, seria com *Nazca*, não menos importante que *Machu Picchu*, visto que a cidade possui toda uma história marcada por vários mistérios sobre os seus geóglifos (*ibidem*, p. 61).

Essa posição de Alto Paraíso no paralelo 14 também possui outra interpretação mística, que a coloca em uma dupla centralidade no Brasil, à medida que centraliza o país no sentido latitudinal e longitudinal. Essa posição simboliza o “Império das quatro direções”, como foi *Cuzco* para os incas, pois esta cidade inca está próxima ao paralelo 14. A Figura 30 apresenta a natureza dessa centralidade, que invoca as cinco regiões do país, mostrando também que o Brasil nesta divisão do paralelo 14 apresenta uma forma de cruz, algo que indicaria mais uma vez, uma importância mística simbólica (SALVI, 2007a, p. 86 – 87). A região dentro desses ideais místicos estaria predestinada a se tornar uma cidade-portal, por confluir energias da Nova Era, que teriam o objetivo de unificar as dimensões e projetar uma civilização futura (*ibidem*, p. 61).

Figura 30 - O paralelo 14 no Brasil



Fonte: Salvi (2007a, p. 87).

O paralelo 15 que atravessa Brasília representa o Arcano XV, o Diabo. Salvi (2007b, p. 47) interpreta esse simbolismo da seguinte forma: “A palavra *diabolos* significa em grego separatividade. Representa, portanto, o exercício da dualidade e do livre-arbítrio, desta feita numa tentativa “tântrica” de não necessitar fazer eleições, mas de agarrar as polaridades conjuntamente”. A ligação que Brasília efetua a partir do paralelo 15 é o Lago Titicaca, no Peru.

De acordo o pesquisador de ocultismo Marcelo Del Debbio (2014), esses alinhamentos são também explicados a partir dos estudos das Linhas de Ley (Figura 31), dentro da Geografia Sagrada. Essas são linhas energéticas que percorrem o planeta e os seus pontos de cruzamento são chamados de “node” ou “ponto focal”, que são considerados pontos especiais. Cidades

como o Cairo, Londres, Paris, Berlim, Moscou, Washington e Brasília, foram projetadas de acordo estes alinhamentos energéticos do planeta. Outras cidades importantes por sua vez sob o ponto de vista religioso, como Jerusalém, Meca e Ifé, ou templos e locais sagrados como o complexo de Gizé, Stonehenge e Machu Picchu, estão localizados nesses nodos.

Figura 31 - Linhas de Ley



Fonte: Del Debbio (2019). Disponível em: <https://www.deldebbio.com.br/linhas-de-ley/>.

A junção dos centros energéticos das Linhas de Ley com o fluxo das Linhas Telúricas produz enormes quantidades de energia, que podem ser manipuladas e controladas através de determinados monumentos. A geometria sagrada das pirâmides e dos círculos de pedra é capaz de canalizar e focar todas estas energias para usos específicos, da mesma maneira como as agulhas de acupuntura são utilizadas nos centros energéticos em um ser humano para acionar determinados tipos de energia em nossos corpos. Estas energias são captadas e projetadas dentro dos círculos, nas câmaras das pirâmides ou dentro de certas cavernas, através de ajustes “fechando” determinados circuitos para gerar campos eletromagnéticos muito fortes e harmônicos, que vibram em ressonância com determinados chakras nos seres humanos, abrindo-os totalmente e desenvolvendo certas faculdades (DEL DEBBIO, 2014, p. 67).

Essas faculdades mencionadas pelo autor, desenvolvidas nos seres humanos, podem ser a clarividência, a telepatia, a projeção astral, dentre outras, conforme explica Del Debbio. Brasília fazendo parte deste circuito, possuiria uma predisposição à mediunidade.

A Eubiose lida com estes conhecimentos se baseando em evidências científicas. Os próprios membros procuram sempre deixar isso claro, que tudo na Eubiose tem bases em estudos de historiadores e cientistas. A instituição promove vários momentos culturais e filosóficos no sentido de mobilizar não apenas seus adeptos, mas a qualquer pessoa que esteja

interessada no assunto, alimentando e divulgando as discussões sobre a consciência do seu papel na capital federal. A sua busca espiritual, além de ser praticada para benefício interior, parte para um projeto maior, de transformar toda uma nação.

Essa análise da literatura esotérica produzida a respeito de Brasília, bem como, do Brasil, como protagonistas de uma transformação a nível planetário se faz importante para mostrarmos que elas fazem parte de uma dinâmica de pensamento que ainda se faz presente no território brasiliense, sendo retomadas por vários grupos espiritualistas. Essa literatura não ficou presa no tempo quando vários destes grupos começaram a se fixar na região, pois, ao demonstrarem seu ideal ao se estabelecer ali, colocaram em prática várias ações no sentido de contribuir para esta transformação imperiosa que deve começar primeiramente por Brasília. Este é o objetivo destes grupos que estão até o presente momento instalados na região desde a primeira década da existência de Brasília, e que apesar de todos os problemas enfrentados nas questões políticas, econômicas e sociais, acreditam que essa é uma fase passageira e até mesmo necessária para se alcançar patamares maiores. Pude presenciar isto quando realizei as pesquisas de campo, participando como ouvinte em palestras e desenvolvendo conversas com adeptos a respeito destes assuntos.

3.4. As faces de JK: Entre a política e o esoterismo

Durante as pesquisas de campo, a cada nova fonte encontrada, foram surgindo pistas de uma mistificação da figura de Juscelino Kubitschek, como um homem que portava um espectro de crenças a partir de seus discursos, biografias e autobiografias. Comecei a investigar essas questões que pouco aparecem nas pautas oficiais, mas que estão evidentes no discurso de muitos grupos espiritualistas e místicos. Então, aqui estabeleço um paralelo entre o que está oficialmente publicado, procurando mostrar que alguns elementos místicos já estavam revelados, e o por outro lado, o que muitos místicos têm a dizer a respeito do presidente. Essa investigação se tornou imprescindível durante o desenvolvimento da pesquisa, pois a cada leitura das bibliografias esotéricas, a cada visita e a cada conversa, encontrei novas e curiosas informações que fazem de JK um homem a quem foi atribuído uma mística muito grande. Essa mística que envolve o espírito de JK sem dúvida tornou-se uma das questões a serem pensadas quando procuro compreender os elementos que fizeram de Brasília uma cidade mística. JK foi um de seus idealizadores, e a partir dessa afirmativa começo a efetuar alguns questionamentos: Em que medida JK teria se apropriado do imaginário místico que envolvia a construção de

Brasília para reforçar sua agenda política? Até que ponto JK atraiu os variados grupos místicos e espiritualistas?

Começando pelas publicações oficiais a respeito de JK, início pelas biografias, que já foram desprezadas pelos historiadores, sobretudo pelos Annales. Isso se devia em parte, pelas biografias que estavam sendo desenvolvidas até então, com uma exaltação de grandes heróis na história. A partir da década de 80, dentro do contexto da Nova História Cultural e o retorno da narrativa, que passou a admitir novas fontes de pesquisa, a biografia começou a ganhar espaço dentro da historiografia.

O uso da biografia é importante para se compreender o contexto histórico-social no qual o indivíduo estava inserido. Apesar das críticas estruturalistas, como é o caso de Pierre Bourdieu, que dizia que o gênero biográfico é repleto de imprecisões, a utilização da biografia como fonte histórica tem o objetivo de mostrar que o indivíduo é um agente histórico transformador de sua realidade. No caso das biografias de Juscelino Kubitschek, a tese de doutorado de Maria Leandra Bizello (2008, p. 18) nos alerta que, em geral, elas são superlativas, e que contribuíram para a propagação da imagem otimista e glamourizada do presidente. Isso se deve ao fato de que entre as suas fontes estão os meios de comunicação em massa, em especial, o *Cruzeiro* e a *Manchete*, as fotografias, e os filmes que também se valeram da preocupação em construir uma imagem pública positiva de JK¹²⁵.

Por certo a figura de JK é sedutora, um homem que parece tirar do nada forças para mobilizar inúmeras pessoas na direção de ações que transformariam e transformaram a vida de cidadãos e da nação. Sua determinação e seu pragmatismo ainda impressionam. A memória coletiva agarrou-se a alguns adjetivos e a um determinado período de sua história e o monumentalizou. Por outro lado, o processo de monumentalização foi iniciado em seu próprio tempo e Brasília é, com certeza, o monumento que atinge não apenas Juscelino, mas Oscar Niemeyer e Lúcio Costa para ficarmos em seus idealizadores [...] (BIZELLO, 2008, p. 19).

O historiador e ex-governador do Distrito Federal, Ronaldo Costa Couto, escreveu uma biografia¹²⁶ de Juscelino Kubitschek com o objetivo de procurar compreender como um garoto pobre de Diamantina conseguiu conquistar o governo de Minas Gerais e a Presidência

¹²⁵ Recomendo a tese de doutorado de Maria Leandra Bizello (2008) intitulada *Entre fotografias e fotogramas: a construção da imagem pública de Juscelino Kubitschek (1956-1961)* que se debruçou sobre várias fontes históricas, como documentos, fotografias, jornais e documentários, para compreender de que forma ocorreu a construção da imagem pública de JK no período de seu mandato. As imagens da construção de Brasília também contribuíram para a legitimação de sua autoridade, como um novo presidente, visionário e moderno.

¹²⁶ A obra de Couto (2011) foi apoiada pelo Senado Federal e a Câmara dos Deputados, sendo uma das mais atualizadas. Não me adentrarei a tantos detalhes da vida de JK, e sim, investigar nessas obras de cunho biográfico algumas pistas de suas religiosidades e das suas aparições dentro do projeto estadista.

da República. O biógrafo descreveu JK em seu patriotismo, otimismo, dinamismo e carisma, sendo ressaltados os seus aspectos religiosos e até mesmo a sua suposta origem cigana:

Místico, católico fervoroso, devoto de Nossa Senhora da Luz, confiava também no espiritismo. Apesar de político intuitivo e seguro, recorreu ao médium mineiro Chico Xavier em momentos especialmente difíceis de seus mandatos de governador e de presidente da República. Médico, pediu socorro ao legendário médium Zé Arigó, de Congonhas, Minas, no tratamento da filha Márcia, vítima de crônico problema na coluna vertebral. Homem de fé, confiava numa força interior que às vezes se manifestava, a que chamava de *instinto kubitschekiano*. A ele atribuía muitas de suas principais decisões. Lado cigano da alma de JK? (COUTO, 2011, p. 27).

Brigitte G. Cairus (2015) debate sobre a suposta ciganidade de JK através da análise de discursos do presidente, das origens de sua família (tcheca), seus contatos com comunidades ciganas e o seu misticismo particular. Esse fato é controverso, já que se desconhece a respeito da sua autoafirmação como cigano, mas esteve presente em relatos de muitos de seus contemporâneos.

De acordo o historiador Rodrigo Corrêa Teixeira (2008) que pesquisou a história dos ciganos no Brasil, Jan Nepomuscky Kubitschek migrou da Boêmia (parte do Império Austro-Húngaro) para o Brasil, instalando-se em Diamantina-MG por volta de 1830 a 1835. Casou-se com uma brasileira, tendo neste matrimônio dois filhos: João Nepomuceno Kubitschek e Augusto Elias Kubitschek. Augusto teve uma filha chamada Júlia Kubitschek, que por sua vez, foi a mãe de Juscelino Kubitschek. “Um dos mais conhecidos e mais famosos presidentes do Brasil do Século XX foi um cigano, ou pelo menos um descendente de ciganos, fato que, obviamente, nenhum livro didático nem historiador algum menciona” (p. 28).

Outra fonte que admite a origem cigana de JK é um artigo de autoria de Helena D. Pontual (s/d.) no site do Senado Federal:

Nascido no dia 12 de setembro de 1902 em Diamantina (MG), JK se casou com Sarah Gomes de Lemos, em 1931, com quem teve duas filhas: Márcia e Maria Estela. Seu pai, João César de Oliveira, foi caixeiro-viajante, tendo exercido também outras profissões. A mãe de JK, Júlia, era professora, tinha ascendência checa e etnia cigana, de onde vem o sobrenome Kubitschek, uma germanização do nome original Kubíček. (s/p.)

Couto afirma em entrevista concedida ao *Programa Roda Viva da TV Cultura* ocorrido em 18 de novembro de 2013, que JK e Chico Xavier mantiveram uma relação de amizade, na qual JK desfrutava de apoio espiritual em suas decisões políticas. Estas relações foram

comprovadas pelo pesquisador a partir da leitura de cartas psicografadas¹²⁷ recebidas pelo presidente. Ambos teriam amizade desde o governo de JK em Minas Gerais (1951 – 1955).

Alexandre Nonato (2010), outro biógrafo de JK, conscientologista¹²⁸ e jornalista, também investigou a relação entre JK e Chico Xavier, confirmando com Couto (2011) sobre a amizade entre ambos. O pesquisador acredita que quando ocorreu a inauguração de Brasília Chico Xavier foi convidado por JK a conhecer os edifícios da cidade, momento no qual ele teria recebido presentes. O autor afirma que essas informações são escassas nas biografias, e a partir de inúmeras pesquisas, descobriu que os coronéis Jofre Lellis e Nélio Cerqueira (assessores do presidente) efetuavam a entrega das cartas psicografadas a JK.

Nonato (2010) investigou também a relação entre JK e Zé Arigó, e constatou que o presidente conheceu o médium através de Jango e algumas lideranças do PTB que o enxergavam como um potencial político, pela sua atuação no sindicalismo na cidade de Congonhas (MG). Zé Arigó teria realizado uma cirurgia espiritual no senador de Minas Gerais Lúcio Bittencourt, fato que lhe atribuiu uma projeção nacional na mediunidade, lembrando que ele também ficou conhecido por encarnar o espírito do Dr. Fritz. O biógrafo narra que em 1958 Zé Arigó foi preso sob a acusação de falsa medicina e JK assinou a sua liberação da prisão. Zé Arigó anos depois teria retribuído o favor quando Márcia Kubitschek, filha de JK, teve um problema de saúde, e o médium teria realizado a cura de sua coluna vertebral.

Outras amizades da mesma natureza desenvolvidas por JK foram investigadas por outros pesquisadores, como é o caso de Santa Dica¹²⁹, em que se acredita, dentro de escassas

¹²⁷ Sobre a psicografia, Allan Kardec (2003, p. 231) esclarece que: “O Espírito que se comunica atua sobre o médium que, debaixo dessa influência, move maquinalmente o braço e a mão para escrever, sem ter (é pelo menos o caso mais comum) a menor consciência do que escreve”. Allan Kardec era pedagogo e um intelectual de reconhecimento, e procurou mostrar que a religião deveria andar juntamente com a ciência e a filosofia. Em 18 de abril de 1857 publicou a obra *O Livro dos Espíritos* na França, considerado o marco de fundação do Espiritismo.

¹²⁸ Conscientologia é considerada uma pseudociência, que estuda a manifestação da consciência humana, pesquisando desde a sua dimensão física até a sua dimensão energética, visando a aplicação de técnicas para contribuir para a sua saúde e bem-estar. Criada no Brasil pelo médium Waldo Vieira, a conscientologia é conhecida por aplicar o parapsiquismo e a viagem astral.

¹²⁹ Benedita Cipriano Gomes respondeu a um processo criminal em 1925 acusada de práticas de bruxaria, estelionato, perturbação da ordem pública e desrespeito às autoridades por ter sido líder de um movimento social e político que se desenvolveu nas dependências da Fazenda Monzodó (40 km de Pirenópolis), um vilarejo que agregava seus seguidores. Segundo relatos, chegou a ter cerca de 500 seguidores / habitantes. Veio para confrontar os objetivos modernizantes de Goiás, já que as superstições seriam consideradas indicativas de uma região atrasada, inculta e que representava uma ameaça ao poder eclesiástico (FILHO, 2012, p. 61). Santa Dica assim conhecida popularmente, passou a ser conhecida por possuir dons curativos, autorregeneradores e proféticos, sendo procurada para benzeções e até mesmo abençoar casamentos. As forças policiais invadiram a Fazenda para conter o movimento, resultando em mortos e feridos. Mas relatos apontam que Santa Dica não teria sido morta, nem capturada, e que as balas não a atingiam, pois, seus cabelos serviam como uma blindagem, ou que então, as balas caíam no chão em forma de grãos de milho. Esses foram alguns relatos dentre vários outros que evidenciavam os dons sobrenaturais de Santa Dica (*ibidem*, 2012). A ação do Estado resultou em uma pena de prisão para Santa Dica e outros acusados, que posteriormente foi declarada improcedente, o que levou à soltura e apenas uma

fontes, que ambos teriam se conhecido muito antes de ele se tornar o presidente do Brasil. Ambos teriam participado da Revolução de 32 tendo trabalhado juntos, já que Santa Dica teria atuado como enfermeira. Santa Dica também teria nesse mesmo período apresentado uma profecia, que JK seria o presidente do Brasil (REZENDE, 2011, p. 80).

Aspectos místicos contornam JK¹³⁰ desde o seu nascimento. O biógrafo Couto narra uma versão sobre o fato: No dia 12 de setembro de 1902, no Vale do Jequitinhonha, João César de Oliveira gritava para todos que o encontravam “Nasceu Juscelino Kubitschek de Oliveira, futuro presidente do Brasil!”. Outra versão narra que João César de Oliveira teria enviado um bilhete a um comprador de pedras com quem iria se encontrar, dizendo que não poderia ir porque a sua esposa teria dado à luz ao futuro presidente da República (COUTO, 2011, p. 35). Esse fato foi abordado até pela minissérie *JK* da TV Globo (2006)¹³¹.

A biografia de Couto traz outro episódio místico. JK quando se candidatou à Presidência da República¹³² estava repousando em uma tarde de sábado no ano de 1954 no Palácio das Mangabeiras, quando viu um frade barbudo que esperava por ele na sala. Ele não esperava visitas. No encontro o frade o aconselhou que era perseverar em seus propósitos

proibição de retorno do funcionamento do vilarejo. Santa Dica foi para o Rio de Janeiro e começou a ter uma visibilidade muito maior a nível nacional após seus contatos com a Federação Espírita Brasileira (*ibidem*, 2012).

¹³⁰ Couto (2011) narra o crescimento de JK como um período conturbado, pelo fato de a família ter perdido o pai. JK crescia engajado nos estudos sob a educação rígida e preocupada de sua mãe, Júlia Kubitschek, que teria feito muitos sacrifícios para cuidar de seus filhos devido aos problemas financeiros. Aos dez anos de idade encantou-se com todo o caminho percorrido pelo prefeito Cosme do Couto, assistindo às solenidades, e disse a sua mãe que um dia seria prefeito. Com quinze anos completou o seminário e surgiu um novo sonho, ser médico. Conseguiu fazer aulas de francês e inglês. Aos 19 anos, depois de tanto procurar emprego, se empenhou nos estudos e passou em um concurso para telegrafista em Belo Horizonte. Dois anos depois ingressou na Faculdade de Medicina. Mas a sua dura rotina de trabalho e estudos rendeu-lhe problemas de saúde, precisando se licenciar do trabalho, obtendo ajuda de seu tio paterno e padrinho, Zino, para permanecer na faculdade. Quando se formou, começou a atuar na Medicina e docência no ensino superior. Conseguiu uma bolsa na Escola de Medicina de Paris, aperfeiçoando-se em sua profissão e conhecendo o exterior. Quando retorna, casa-se com Sarah Luísa Gomes Lemos. Em 1932 adentra em sua carreira política, quando foi nomeado capitão-médico da Força Pública de Minas Gerais, trabalho no qual se destacou e se aproximou de personalidades políticas. Foi nomeado Secretário da Interventoria de Minas Gerais. Em 1934 foi eleito deputado federal pelo Partido Progressista de Minas Gerais. Em 1940 foi nomeado prefeito de Belo Horizonte pelo interventor Benedito Valadares. Em 1951 chegou ao governo de Minas Gerais, conquistando a confiança de Vargas e de vários brasileiros. Em 1954 se candidata à presidência da República pelo PSD e PTB. Em 1955 vence a eleição com 36% do total de votos.

¹³¹ Recomendo a leitura do artigo *Acontecimentos históricos x conflitos amorosos: o caso da minissérie JK* de autoria das pesquisadoras Paula R. Puhl, Cristina E. da Silva e Valesca S. da Fonseca (2010) que analisa as representações do período histórico retratado na minissérie e a sua relação com a inclusão de conflitos amorosos na trama.

¹³² JK era também alcunhado como o “presidente da bossa nova”, já que no seu governo o país entrou em um período marcado pelo destaque nas artes, música, cinema, literatura, quando surgem grandes escritores como Carlos Drummond de Andrade e João Guimarães Rosa. A fundação da Universidade de Brasília em 1960, o desenvolvimento da educação e da pesquisa também foram fatores de destaque nesse período conhecido como “os anos dourados” (COUTO, 2011). Todo esse progresso cultural e econômico mais tarde se viu em um campo sem saída com a elevação inflacionária. Mas ao final de seu governo, JK em um trecho de um dos seus discursos, insistia em seu otimismo: “O que eu deixava era um país em ordem, pacificado espiritualmente, próspero, confiante em si mesmo e cômico do seu destino de grandeza” (*ibidem*, p. 156).

porque seria o Presidente da República, conferiu-lhe a bênção e foi embora. JK após o ocorrido perguntou aos seguranças do prédio sobre o homem que apareceu e quem poderia ter autorizado a sua entrada, mas ninguém teria visto a figura misteriosa (COUTO, 2011).

Dialogando essas fontes com as publicações de grupos espiritualistas, de acordo a *Revista Dhâranâ*, JK foi amigo do professor Henrique José de Souza, fundador da Eubiose. A confirmação dessa amizade seria possível através de um livro de autoria de JK, *A Marcha do Amanhecer* (1962), oferecido de presente para o professor, no qual, teria colocado uma dedicatória¹³³: “Ao caro amigo, Professor Henrique José de Souza, a homenagem da admiração e do apreço de Juscelino Kubitschek. Rio, 1-6-1963” (ADRIÃO, 2017; BORGES, 2002, p. 27).

O professor Henrique José de Souza acreditava que JK¹³⁴ era um homem predestinado a uma missão especial no Brasil e ter-lhe-ia enviado várias cartas durante as fases de sua vida, oferecendo apoio político e espiritual. Inclusive, a *Revista Dhâranâ* publicou um trecho de uma carta que seria de autoria de JK destinada ao Professor Henrique:

Ao aproximar-se o término do meu mandato, venho manifestar-lhe, de modo espectral, o meu reconhecimento pelo seu patriótico apoio à luta que travei para conduzir a pleno êxito a causa do desenvolvimento nacional. Sinto-me satisfeito em poder proclamar que, na Presidência da República, não faltei a um só dos compromissos que assumi como candidato. Mercê de Deus, em muitos setores realizei além do que prometi, fazendo o Brasil avançar, pelo menos, cinquenta anos de progresso em cinco anos de governo. Pude, ainda, através da Operação Pan-Americana, despertar as esperanças e energias dos povos americanos para o objetivo comum do combate ao subdesenvolvimento. E todo esse esforço culminou no cumprimento da meta democrática, quando o nosso País apresentou no Mundo um admirável espetáculo de educação política, que me permite encerrar o mandato, num clima de paz, de ordem, de prosperidade e de respeito a todas as prerrogativas constitucionais. Sejam quais forem os ritmos da minha vida pública, levarei comigo, ao deixar o honroso posto que me confiou a vontade popular, o firme propósito de continuar servindo ao Brasil com a mesma fé, o mesmo entusiasmo e a mesma confiança fitos seus altos destinos. Juscelino Kubitschek, Brasília – 1961 (REVISTA DHÂRANÂ, 1960, p. 77).

Em 1960 o Prof. Henrique homenageou JK, conferindo-lhe a Comenda e Grã-Cruz da Ordem do Santo Graal¹³⁵ (seria a mais alta condecoração que poderia ser outorgada a um Chefe

¹³³ JK havia presenteado muitos de seus amigos com exemplares de seu livro, colocando dedicatórias, conforme o que encontramos, tendo como alguns dos destinatários Maestrina Cláudia, Brito Pereira, Donatello Grieco e Affonso Heliodoro dos Santos.

¹³⁴ Algumas conexões de JK com a Maçonaria também já foram cogitadas, mas não há evidências de que JK seria maçom. O maçom João Baptista Bellavinha (2006) acredita que a Maçonaria já era antiga na cidade do nascimento de JK e que ele recebera muitos convites para aderir, mas que não chegou a se tornar um deles, podendo até ter frequentado muitos templos e festividades. O autor acredita que JK possuía um conhecimento muito grande de templos maçônicos e da Bíblia, o que o levaria a participar ou pelo menos, aprovar, o projeto de construir Brasília como uma cidade baseada na Bíblia e nos símbolos maçônicos.

¹³⁵ Verifiquei durante as pesquisas de campo que a Grã-Cruz está exposta no Memorial JK juntamente com condecorações recebidas por outras ordens, como a Maçonaria. “Segundo uma interpretação da tradição lendária teosófico-eubiótica, o Graal tem origem – por assim dizer – interplanetária. Foi trazido de Vênus pelo Quinto

de Estado pelos seus serviços prestados ao país). Na ocasião, o Prof. Henrique o presenteou com um diploma que confere esse título, pelo Diretor da Sociedade Teosófica Brasileira, Dr. César do Rego Monteiro Filho, em uma cerimônia realizada no Palácio Guanabara (Figura 32):

Figura 32 - Cerimônia de condecoração de JK pela Eubiose (1972)



Fonte: Borges (2002, p. 66).

JK teria proferido um discurso durante essa solenidade. Recortamos um trecho que fora transcrito e divulgado na *Revista Dhâranâ*:

Dentre as inúmeras manifestações que recebi pela construção de Brasília, nenhuma me tocou mais ao coração do que esta, por partir de uma Instituição, que não se acha vinculada a nenhum grupo político ou religioso, nem possui nenhuma discriminação racial e por ter sido talvez aquela que melhor entendeu o meu esforço na consecução desta grande obra” (JK *apud* REVISTA DHÂRANÃ, 1960, p. 02).

Na mesma edição da *Revista Dhâranâ*, a Sociedade Teosófica publicou as informações da solenidade, proclamou sua admiração por JK e a sua crença profética sobre Brasília:

Planetário (potestade cósmica, uma das sete consciências regentes da evolução), que o portava na testa em forma de imensa e preciosíssima esmeralda. Quando o Quinto divergiu de seus seis irmãos por considerar a Evolução humana demasiado lenta – o que na tradição oral cristã aparece como sendo a Queda – a joia desprendeuse e caiu na Terra [...] Segundo a revelação do fundador da Eubiose, a Taça foi recolhida a uma dimensão paralela, simultânea a esta nossa, chamada por muitos nomes orientais e ocidentais: Agharta, Shamballah, Eldorado, Misteriosa Z, Manoa, sede do Governo Oculto do Mundo (GOM). Desse refúgio escondido no interior da Terra, ela é conduzida periodicamente à superfície [...] Na região onde a Taça passa um tempo, funciona como a cornucópia mitológica, trazendo abundância material, riqueza cultural e força espiritual” (BORGES, 2002, p. 13).

[...] Felizmente, para todos os brasileiros, surgiu no cenário nacional a figura de Vossa Excelência, o homem Providencial que realizaria a imortal tarefa da terceira capital – BRASÍLIA – concretizando o nosso sonho, a esperança de milhões, de patrícios e completando, no cenário do século XX, aquilo que está escrito para milênios, no Livro da Eterna Sabedoria. Vossa Excelência, não medindo sacrifícios, não poupando energias, sem desfalecimentos, arrostando ainda a incompreensão, a injustiça e até a injúria, meteu ombros à Obra e construiu Brasília, a empresa do século – numa prodigiosa aventura que pode emular com as façanhas mitológicas do Hércules grego. [...] Quis o nosso Grão Mestre, professor Henrique José, de Souza, que fosse Vossa Excelência a primeira personalidade a receber a consagração honorífica da nossa Ordem no seu mais alto grau: a GRÃ-CRUZ, pelos notáveis serviços prestados ao Brasil, à Humanidade e ao Mundo, ao lançar-se à imortal empresa de BRASÍLIA. Desejamos que Vossa Excelência sinta, no ouro e nas pedras preciosas que ornam esta condecoração, não o valor material de uma joia, mas o símbolo da gratidão e do reconhecimento de todos os brasileiros, de todos aqueles que, como nós, da SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA¹³⁶, antecipamos no tempo a semente que frutificará em BRASÍLIA, na certeza de que está inaugurada a jornada final que nos levará à meta da grandeza do Brasil, que queremos seja farol de luz intensíssima a iluminar os caminhos da paz, da fraternidade, da justiça e da liberdade para todos os povos do mundo (*ibidem*, 1960, p. 03 – 04).

O eubiota Miguel Henrique Borges (2002) publicou a obra intitulada *JK JK! A conexão esotérica*, que traz informações sobre as conexões que JK possuía com a Eubiose. O autor descreve que JK visitou o templo da Eubiose de São Lourenço (MG) e que possuía íntimas relações com esta instituição. A obra traz fotografias dessas visitas de JK que ocorreram durante a década de 70 (Figura 33):

Figura 33 - JK no Templo da Eubiose de São Lourenço (1972)



Fonte: Borges (2002, p. 74).

O livro, de acordo palavras do então Diretor da SBE Elielson Vianna Gomes:

¹³⁶ Todos os grifos da citação foram feitos pelo autor.

[...] apresenta a trama que envolveu o Presidente Juscelino como própria de um gênio transcendente, o que se justifica pelas grandes realizações de seu governo, sobretudo a inauguração de Brasília, construída num período de quatro anos. Como pôde fazê-la, sendo o País tido como pobre, sem verbas especiais e no regime democrático? Daí a inclinação de Juscelino Kubitschek para a espiritualidade e sua ligação com ordens esotéricas, em nível discreto [...] Interpretações de muitos atos do Governo Juscelino são colocadas de maneira diferente pelo Autor [...] descartando o estigma de mero capricho ou interesse menor, costumeiramente lançado sobre grandes decisões dos governantes (BORGES, 2002, p.05).

Percebi a importância desta obra como uma fonte que traz informações não oferecidas pelos aparatos estatais de Brasília a respeito do nosso ex-presidente. É uma obra rara, escrita por um eubiota que obteve o apoio da Sociedade Brasileira de Eubiose para a sua realização, pois para tal tarefa, concedeu-lhe acesso aos seus arquivos, como fotos e depoimentos dos fundadores da SBE.

Dentre estes depoimentos, estava o de Hélio Jefferson de Souza, filho do fundador da SBE, que relatou a respeito da estadia de JK em São Lourenço e a sua participação em alguns ritos no Templo em São Lourenço (sede da Eubiose) no ano de 1972:

[...] E lá no Templo ele contou que tempos atrás estava em Paris e uma astróloga francesa lhe disse que a letra K dominava o mundo. (Papai inclusive escreveu sobre isso: os três KKK, Kennedy, Kubitschek e Kruschew. JK era o ponto de equilíbrio entre Kennedy e Kruschew). JK se referia ao assunto momentos antes, dizendo que, uns anos depois, o presidente dos EUA estava morto, o premier soviético desterrado¹³⁷ e ele mesmo crivado de problemas. (SOUZA *apud* BORGES, 2002, p. 20).

Essa questão dos três “K” s é popularmente conhecida entre os eubiotas, e alguns deles me disseram que existem alinhamentos políticos que não existem por acaso. Nesse caso, JK estaria alinhado espiritualmente com ambos os líderes políticos dos Estados Unidos e da União Soviética no período, que estariam nestas posições para realizarem ações importantes afinadas entre os três países. Lembrando que historicamente estes dois líderes estavam em posição antagônica entre si, frente a uma iminente guerra, e JK seria um ponto de equilíbrio necessário. Mas o que havia em comum entre eles é que “tinham em suas mãos, quase que o destino da humanidade” (*ibidem*, p. 23).

¹³⁷ JK se referia à queda de Nikita Khrushchev em 1964 e a sua consequente expulsão política da URSS. Então podemos perceber que os anos de 1963 a 1964 foram complicados para os três líderes políticos, já que Kennedy foi assassinado em 1963 e JK teve seus direitos políticos cassados através do Golpe de 64 e se exilou em Paris, Lisboa e Nova York, retornando em 1967, sendo aqui vigiado e proibido de atuar na política. “Angustiado pela mordada que o obrigava a se calar, Juscelino Kubitschek, agora apenas um velho fazendeiro, morre a 22 de agosto de 1976 em um acidente automobilístico na Via Dutra, próximo à cidade de Rezende, no Rio de Janeiro. O acidente nunca foi bem aceito pela opinião pública que até hoje levanta a suspeita de uma possível sabotagem, já que semanas antes do acidente, havia se espalhado pela mídia um boato sobre a morte de JK em condições semelhantes ao que aconteceu a seguir” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2006).

Hélio relata ao autor do livro, Miguel Borges, que JK ministrou uma palestra na Sede da Eubiose (Figura 34), e que proferiu algumas palavras de preocupação com a sua situação política naquele momento e a sua certeza de que realizara ações espirituais em prol do Brasil:

Eu me sinto, neste momento, profundamente emocionado, porque vejo em torno de mim homens, mulheres e crianças que me saúdam com um afeto especial, afeto que tem se transformado numa verdadeira proteção contra os temporais que me assaltaram neste mundo e na minha vida pública. [...] erguemos a cidade que vai ser a sede espiritual da civilização no Terceiro Milênio. Considero-me feliz porque pude realizar, em vida, profecia de um Santo, feita em 1882, na qual se afirmava que, na terceira geração, surgiria naquele Planalto, entre os paralelos onde justamente se encontra Brasília, a cidade que viria a ser a capital do mundo latino no Terceiro Milênio. (JK *apud* BORGES, p. 21).

Figura 34 - Palestra de JK na Sede da Eubiose em São Lourenço (1972)



Fonte: Borges (2002, p. 83).

Na mesma palestra, JK demonstra uma autoimagem de predestinação, como podemos perceber neste outro fragmento de seus depoimentos:

Ao chegar certa vez a Paris, fui procurado por pessoas da mais alta responsabilidade, que me convidavam para reunião de cunho espiritual. Compareci. E lá me disseram eles que vinham estudando a marcha da civilização do mundo. Da Grécia, de Roma, da França, e que, num determinado momento, esta civilização saltaria o Atlântico e desabrocharia num território até então desconhecido, inteiramente misterioso para eles. Supunham que eles estavam errados nas previsões que haviam feito, mas, subitamente, aparece um homem que anuncia a construção de uma cidade, e mais do que uma cidade – diziam eles – é esta área que vai conter toda a espiritualidade no Terceiro Milênio, e que esta cidade era Brasília. [...] ali estavam para saudar o homem que havia realizado uma aspiração de tantos e tantos milhões de pessoas distribuídas não apenas no Brasil, mas em toda a superfície da Terra (*ibidem*, p. 21 – 22).

Vale a pena citar a dissertação de Andreia Jordânia M. Soares (2011) intitulada *Juscelino Kubitschek e Salomão: A força de uma ideologia* que procura fazer uma comparação entre ambas as personalidades e os seus empreendimentos. De forma similar, ambos teriam, na hipótese da autora, obtido reconhecimento internacionalmente por suas políticas construtoras, riqueza, sabedoria, dedicação, e ao mesmo tempo, os seus bastidores, opressão e dominação de milhares de trabalhadores que serviram em seus empreendimentos. A autora defende que:

Tanto Juscelino quanto Salomão entraram para os compêndios da História oficial como figuras célebres, grandes personalidades dotadas de um espírito empreendedor. Porém, a ideologia propagada por Juscelino e Salomão mascarou e silenciou todo um sistema de opressão, miséria e segregação social (p. 63).

Assim, a autora traz um crítico debate do que foi oculto pela história oficial de Brasília, que enfatiza a monumentalidade e a opulência da nova capital brasileira, escondendo a situação de pobreza e segregação social sofrido pelos candangos. Não entrarei nesse pormenor, pois o objetivo em citar esta pesquisa é a sua relação entre ambas as personalidades, o que aloca JK mais uma vez ao campo místico.

A autora compara os desejos de JK e de Salomão¹³⁸ em relação às suas formas de governar, influenciados por grandes reis do Oriente. Salomão organizou seu governo sob os moldes da burocracia egípcia, dividindo o território em doze distritos, cada qual com seu administrador. A construção do templo teria influências sírias e palestinas. Assim também foi JK quando visitou o Egito e ficou fascinado por sua cultura e pela história do faraó Akhenaton.

Andreia Soares (2011) procurou estabelecer um crítico debate entre a monarquia dadívica e a política de JK, encontrando elementos em comum nas suas formas de lidar com grandes empreendimentos. O que eu achei interessante é que JK suscitou esse tipo de comparação a personagens míticas, algo que tenho encontrado com muita frequência. JK é

¹³⁸ O maçom João Baptista Bellavinha (2006) realizou um estudo procurando estabelecer relações entre o planejamento de Brasília com o Templo de Salomão. Sua tese é a de que Brasília foi inspirada na Bíblia e na Maçonaria. Tudo começa pela determinação de três personagens responsáveis pelas construções de ambos os empreendimentos. O principal destes três personagens, que no Templo de Jerusalém, era o rei Salomão, este que forneceu todo o material necessário para a construção e acompanhou todo o trabalho. O segundo personagem, um artífice, conhecedor da arquitetura e da ciência, Hiram Abiff. O terceiro personagem foi aquele que planejou e colocou o projeto inicialmente no papel, o Rei Hiram. Aqui Bellavinha (2006) relaciona JK com o rei Salomão, o Oscar Niemeyer com o Hiram Abiff e Lúcio Costa, com o Rei Hiram. Ele coloca algumas passagens bíblicas sobre orientações que Deus teria fornecido quanto às construções dos templos destinados a seu culto, sendo o primeiro deles, o tabernáculo, missão esta, destinada a Moisés. O Templo de Salomão veio substituir o tabernáculo trezentos anos depois, e para ele, as ordens de Deus determinavam a construção de duas colunas de bronze para ficarem em frente ao templo “destacando-se de todas as demais obras existentes pela grandiosidade e adornos luxuosos” (p. 44). Depois da destruição do Templo de Salomão, o Templo de Zorobabel foi construído, sendo o segundo templo. O Templo de Herodes foi o terceiro, mais luxuoso que o de Salomão, construído pelo rei Herodes I para agradar os judeus, mas também foi destruído em 70 a.C. pelos próprios romanos. O terceiro templo, era a própria cidade de Jerusalém, o Templo de Jesus Cristo, que foi incendiado pelos romanos.

comumente comparado a diversos líderes políticos, e até mesmo religiosos, como é o caso do faraó Akhenaton, que analisarei oportunamente no capítulo 4, já que nele tratarei especificamente das representações egiptomaníacas a respeito da construção de Brasília.

A biografia de autoria de Alexandre Nonato (2010) merece destaque no quesito místico. Foi baseada em uma extensa pesquisa ao longo de seis anos entre biografias, cartas, entrevistas, bibliografias e diversas fontes, procurando deixar de lado as características descritivas das biografias, inserindo suas próprias análises psicológicas e espirituais. A partir da conscientologia, Nonato analisa aspectos físicos e extrafísicos de JK, realizando uma projeção astral, a partir da qual, ele acredita ter identificado que JK permanece, em espírito, intercedendo por Brasília. Chico Xavier teria incorporado uma personalidade política brasileira importante, que não é mencionada, e teria orientado JK como ele deveria proceder.

A médium Irene Pacheco Machado publicou uma psicografia, que seria uma revelação do espírito de um homem chamado Luís Sérgio, na qual, existe uma transcrição que os médiuns acreditam ser uma mensagem do espírito de JK:

[...] Sou um homem que lutou por um ideal e que contou com grandes amigos. Como cidadão, brasileiro e homem público, acreditei na justiça de Deus, na intimidade de minha fé. Graças a ela hoje aqui me encontro na Colônia dos Velhos Patriotas, ainda lutando por minha Pátria. Guardo na lembrança a força do homem, obra divina, quando precisei de seus braços para concretizar um sonho. Às vezes, o travesseiro era o único companheiro das minhas noites de insônia, dado o acúmulo de preocupações. Porém, ao presenciar a luta do homem levando o progresso até o chão ressequido, sentia que Deus reservara um plano para mim e que eu precisava realizá-lo, mesmo contra a vontade de inúmeras pessoas. As vitórias foram maiores do que os ataques, e vimos surgir no Planalto Central, Brasília, a capital do Brasil. [...] Na Colônia dos Velhos Patriotas reencontramos vários amigos e companheiros de ideal, mas também nos defrontamos com ferrenhos adversários que hoje, longe da matéria física, ainda guardam na lembrança as injustiças do ataque, por não comungarem dos nossos ideais. Mesmo assim, unidos estamos por um só objetivo: o crescimento espiritual do nosso País. [...] Brasília é uma cidade diferente, edificada num cenário que lembra a paisagem espiritual, digna, portanto, da audácia dos seus arquitetos, dos candangos, enfim, dos seus construtores. Brasília é um cântico de amor; nela, tudo se transforma em alvorada e, de braços abertos, ela espera o futuro. [...] O meu eterno agradecimento ao nosso povo simples e bondoso, que sempre se recorda deste servo de Jesus com saudade e respeito. Um candango (SÉRGIO, 2000, p. 247 - 248).

Esse depoimento que seria de autoria de JK, por sua vez presente em um plano superior, de acordo os espíritas, reforça a presença do espiritismo e da mediunidade nas representações da personalidade de JK, atribuindo-lhe uma predestinação divina. JK recebeu uma aura diferente de todos os demais presidentes do Brasil. Talvez pela sua missão, pela concretização de um sonho brasileiro, e pela sua vida que foi conhecida pela intensa relação com o caminho espiritual.

Outra representação mística de JK, uma das mais popularizadas atualmente, é aquela que faz uma relação entre o presidente e o faraó Akhenaton, assim como podemos encontrar na poesia de Nicolas Behr:

jotakamon, último faraó, inaugura o deserto
 junto à tumba foram encontrados
 uma máquina de escrever discursos
 um fusca em miniatura
 duas dentaduras
 cinco pares de sapatos
 ó grande faraó, jotakamon
 teus hieróglifos são siglas
 tuas siglas, nossos enigmas
 nossos enigmas para sempre soterrados
 (BEHR, 2010, p. 61).

Com um tom cômico, Nicolas Behr relaciona JK a um faraó, e que sua tumba seria um museu com máquinas de escrever discursos, fuscas em miniatura, dentaduras e pares de sapatos. Essa representação se deve à popularização das pesquisas dos egiptólogos Iara Kern e Ernani Pimentel que desenvolveram uma teoria cujo teor é mais encarado como místico do que científico, auferindo importância dentro dos meios ufológicos e esotéricos. Um exemplo disso foi uma palestra que ocorreu no Departamento da Eubiose de Brasília, da qual participei como ouvinte, na data de 26 de janeiro de 2019, com o tema “Fundação de Brasília e a Conexão JK-Kunaton”. O palestrante é um eubiota e traz uma discussão baseada no livro de Iara Kern a respeito das relações de Brasília com o Egito Antigo, cujo teor será analisado no capítulo 4.

O palestrante relatou sobre episódios sobrenaturais que teriam ocorrido na vida de JK como um fato que ele chama de “whisky on the rock”. Em um dia de festa, entre os construtores da capital, na qual JK estava presente, não havia gelo para a bebida. Entre o incômodo que isso provocou entre as pessoas, todos perceberam, de repente, que começou a chover granizo, e com este gelo, garantiram as bebidas refrescantes. Procurando por registros desta história, encontramos o seguinte relato do próprio JK em uma de suas autobiografias:

Mais ou menos à meia-noite, os pioneiros, exaustos, resolveram tomar um uísque, antes de se recolherem para um descanso de umas poucas horas. Mas não havia gelo para refrescar a bebida, ainda morna da longa exposição ao sol do Planalto. Mal encheram os copos, o céu enfarruscou e uma violenta tempestade de granizo desabou sobre o acampamento. "Milagre!" "Milagre!" — gritavam os construtores, recolhendo as pedras de gelo, maiores do que uma bola de gude, caídas das nuvens. E o uísque, gelado com granizo, correu de mão em mão, festejando, com alvoroço, aquele primeiro dia de trabalho (JK, 2000, p. 58 – 59).

No relato autobiográfico JK não deixou claro a sua impressão sobre o ocorrido, dizendo apenas que os homens espantados diziam que aquilo era um milagre. A partir de

elementos como este, muitos espiritualistas e esotéricos buscam imputar misticismos em diversos momentos da sua biografia. Um fato relevante neste contexto foi o depoimento de uma adepta da Eubiose com quem tive a oportunidade de ter uma conversa informal. Ela me contou que sua avó teria conhecido JK pessoalmente e que sabia de sua intimidade religiosa. Ela disse que JK era muito místico, crédulo de casos sobrenaturais e confirmou sua estreita relação com os membros da Eubiose. A narradora em questão não confirmou que JK tenha aderido à Eubiose oficialmente, mas que ele participava frequentemente de reuniões e ritos, e possuía um ideal místico para Brasília.

Por meio destas pesquisas em várias fontes, analiso que diante de tais circunstâncias em que viu sua imagem relacionada a misticismos de toda ordem, é possível que JK tenha passado a valer-se de tais volições a fim de garantir controle político de seus projetos. É nesse aporte espiritual que ele se apoiava. Não estou julgando que isso se tratava de pura estratégia política, pois JK era um homem religioso e não é possível saber a respeito de suas crenças íntimas. Contudo, essas fontes corroboraram com a hipótese inicial da pesquisa que considera a religião como um fator preponderante na construção do projeto da nova capital. Após a morte de JK, essas representações místicas fortaleceram-se e disseminaram-se de forma pluralizante e é essa questão que me interessa enquanto pesquisadora, entender de que forma essas representações surgiram e encontraram força para permanecer até a atualidade.

3.5. O fenômeno UFO em Brasília na esteira do esoterismo

A ufologia teve uma notável importância no âmbito das representações místicas de Brasília por seus episódios ocorridos no decorrer de sua história. Muitos moradores ou visitantes relataram a respeito de alguma experiência ufológica dentro de Brasília ou nas suas redondezas. A mídia, pesquisadores da Universidade de Brasília e a Força Aérea Brasileira apresentaram suas abordagens e/ou investigações sobre alguns casos.

A partir da década de cinquenta surgiram relatos a respeito de visitantes de outros planetas em céus brasileiros. Fatos como o Caso Antônio Villas Boas em 1957¹³⁹ (MG), a

¹³⁹ Antônio Villas Boas era um agricultor que morava na cidade de São Francisco de Sales, interior de Minas Gerais. Teve a sua história publicada no ano de 1957 que relata sobre os seus primeiros avistamentos em sua fazenda, também presenciados por sua família. Depois de muitos dias avistando luzes pairando na fazenda, Antônio relata que foi abduzido por estranhas criaturas, descrevendo ricos detalhes. Ele teria passado por exames físicos e se submetido a relações sexuais com uma alienígena, em uma espécie de programa de reprodução híbrida, demonstrando sinais em seu corpo. Se tornou um dos casos mais famosos do Brasil e ficou conhecido internacionalmente (AFIUNE, 2016).

Operação Prato¹⁴⁰ em 1977 (PA), o Caso Casimiro de Abreu¹⁴¹ em 1980 (RJ), a Noite oficial dos ÓVNIS no Brasil¹⁴² em 1986 (SP, GO, RJ, PR) e o Caso Varginha¹⁴³ em 1996 (MG), popularizaram no país casos de avistamentos de óvnis e seres, contato telepático e abdução.

O Distrito Federal se destacou nesse contexto. Desde os anos de sua construção, popularizaram-se relatos de trabalhadores a respeito de objetos metálicos de vários formatos sobrevoando os céus da região. Um dos primeiros casos conhecidos foi a história do padre Raimundo N. Teixeira, ex-diretor do Colégio Dom Bosco, que realizou registros fotográficos em uma câmera “lambe-lambe” de um óvni em 1958 sobrevoando o Núcleo Bandeirante. O padre teria alegado que, em um primeiro momento, achou que seria um balão do Ministério da Aeronáutica, mas depois percebeu que não poderia ser, pois o objeto possuía um brilho muito intenso. O padre também teria exposto que a crença em extraterrestres não contradiria o discurso da igreja, porque a vida no Universo só reforçaria a existência e o poder de Deus. A frase de Jesus “Na casa de meu pai há muitas moradas”, para o padre, comprovaria a existência de vida em outros planetas.

Atualmente, o acesso é livre aos documentos de órgãos oficiais do governo que apresentam investigações de óvnis no território brasileiro e casos específicos no Distrito Federal. O Arquivo Nacional criou o Fundo Objeto Voador Não Identificado - OVNI que é um acervo produzido pelo Comando da Aeronáutica do Brasil, composto por 743 registros, que

¹⁴⁰ Investigação militar realizada no ano de 1977 a respeito de relatos de avistamentos de óvnis em cidades do litoral do Pará. Muitos moradores relatavam avistamentos de luzes não identificadas e demonstravam escoriações na pele. O caso foi analisado pelo comandante da Força Aérea Uyrangê Hollanda e o sargento João Flávio de Freitas Costa, que faleceu depois de muitos anos, tendo a sua morte alvo de especulação por parte da comunidade ufológica (AFIUNE, 2016).

¹⁴¹ No dia 6 de março de 1980 uma notícia estourou nos jornais: o município de Casimiro de Abreu, no Rio de Janeiro, iria receber dentro de dois dias a visita de um disco voador. Edílício Barbosa, conhecido como o “mensageiro de Júpiter”, era o responsável por tal acontecimento. Avisou que teria recebido mensagens de jupiterianos e que haviam marcado um encontro na fazenda Nossa Senhora da Conceição. A informação atraiu milhares de pessoas para o pequeno município, que aguardavam o grande acontecimento, recebendo até repercussão internacional e mobilização da prefeitura. Grande decepção foi o aviso de Edílício, os jupiterianos teriam desistido do pouso, porque o local estava muito tumultuado. O caso foi abordado no documentário *Efeito Casimiro* (2013), de Clarice Saliby (AFIUNE, 2016).

¹⁴² No dia 19 de maio de 1986 mais de vinte objetos voadores não identificados foram relatados nos Estados de Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. A Força Aérea Brasileira enviou caças para persegui-los. O ex-ministro da Aeronáutica Octávio Júlio Moreira Lima confirmou o ocorrido na imprensa. O ufólogo Marco Petit considera um dos eventos mais importantes da ufologia internacional. A partir de 2009 alguns relatórios da FAB foram revelados sobre o caso (AFIUNE, 2016).

¹⁴³ O município de Varginha, localizado no sul de Minas Gerais, foi o palco de um acontecimento importante na história da ufologia. Três meninas teriam passado por um contato de terceiro grau, que seria o avistamento de um ser alienígena que estava em um terreno baldio. Elas podiam descrever seus detalhes físicos. Fato paralelo ocorreu nos arredores da região, muitos moradores relataram o avistamento de luzes nos céus da cidade e até mesmo teriam encontrado destroços de uma nave. Apareceram outras testemunhas também relatando que visualizaram um ser similar em um parque da cidade. O corpo de bombeiros e os militares teriam participado de uma captura de dois seres e teriam mantido estas investigações em segredo. O caso atraiu muitos ufólogos para a região, um deles está desaparecido. Ufólogos especulam que teria acontecido um envolvimento até mesmo do exército dos Estados Unidos (AFIUNE, 2016).

incluem relatos, fotografias, desenhos, vídeos e notícias de casos de avistamentos de óvnis entre os anos de 1952 e 2016 em todo o território brasileiro. Muitos destes documentos eram confidenciais da Força Aérea Brasileira e foram liberados a público a partir do ano de 2010 e desde então têm sido um dos acervos mais consultados do Arquivo Nacional, o que mostra a relevância do assunto atualmente no Brasil.

Efetuei a pesquisa neste acervo e coletei documentos para desenvolver pesquisas futuras¹⁴⁴ sobre a questão, já que é uma fonte pouco explorada até o momento. Parte destes documentos revelam as pesquisas realizadas pela Força Aérea Brasileira e o Grupo de Estudos Ufológicos (GEU)¹⁴⁵ sobre os casos ocorridos na região desde o ano de 1968. Esse grupo iniciou suas pesquisas em 1986, quando foi fundado o Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília. O objetivo do GEU era trabalhar assuntos que não se enquadram nos limites acadêmicos¹⁴⁶, trazendo muitas polêmicas entre os professores da instituição.

O GEU pesquisou um dos casos ufológicos mais conhecidos de Brasília ocorrido na Papuda em 1991. O Grupo enviou um ofício solicitando apoio às investigações por parte do Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo (CINDACTA) conforme mostra a documentação disponível no Arquivo Nacional. O CINDACTA esclareceu que sempre que possível, é realizado um questionário com os informantes para que sejam coletadas informações tais como o tamanho do objeto, a sua altura, a distância do informante, se tem alguma fotografia ou vídeo ou as coordenadas geográficas.

Segundo os documentos, a Papuda localiza-se a 950m acima do nível do mar, em um local isolado do meio urbano e com pouca iluminação, que fazem com que o local seja privilegiado para observação da guarda aérea de segurança. Alguns agentes chegaram a mencionar que o local possuía um “clima carregado”. A documentação apresenta relatos de fatos estranhos que ocorriam no local:

¹⁴⁴ É um dossiê longo. Não será possível desenvolver uma pesquisa aprofundada neste momento.

¹⁴⁵ O GEU fazia parte do Núcleo de Estudos de Fenômenos Paranormais (NEFP) que além de ter causado muitas polêmicas dentro da UnB desde a sua criação, foi envolvido em um caso de uma mulher médium que realizou um curso no Núcleo acusada de envolvimento em assassinato, o que foi o estopim para a sua extinção. Foi realizado um abaixo-assinado contra o fechamento do NEFP contendo 43 assinaturas cujo teor é questionador das definições sobre o que é ciência, acusando o que estava ocorrendo de uma verdadeira inquisição, já que o núcleo objetivava quebrar paradigmas acadêmicos.

¹⁴⁶ A UnB não deixou de abrir suas portas para pesquisas relacionadas à Ufologia. A tese de Rafael Antunes Almeida (2015) do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social foi resultado de um estudo etnográfico que acompanhou ufólogos brasileiros em suas pesquisas frente aos documentos governamentais e estudos de casos. O pesquisador participou de vários eventos e congressos ufológicos brasileiros, grupos ufológicos e debateu a conturbada relação entre ufologia e ciência. Outra pesquisa que merece destaque é a dissertação de João Francisco Schramm (2016) do Programa de Pós-Graduação em História também da UnB, que procurou investigar o envolvimento da FAB no estudo e na investigação de fenômenos compreendidos como óvnis, como é o caso da Operação Prato, através do viés do imaginário social.

[...] Segundo depoimentos do Sd, Reynaldo e alguns de seus colegas, ali acontecem coisas estranhas, como por exemplo, descargas elétricas em pleno dia ou à noite com céu claro, como exemplifica o depoimento dos Soldados [...] O rádio também, para fazer contato com o Plano Piloto, muitas vezes teve que ser deslocado do perímetro da delegacia e os telefones não funcionam satisfatoriamente (GEU, 1991, p. 06).

É bom lembrarmos que essas informações contidas no relato se referem às condições do presídio no ano de 1991. Mas é interessante perceber que essas características citadas a respeito do local quanto ao seu isolamento, pouca iluminação externa e a sua altitude são elementos favoráveis às aparições de óvnis ou de elementos considerados sobrenaturais. Assim segue a transcrição do fato ocorrido:

Foi nesse ambiente que no dia 11.04.91 das 19:00 h às 22:40 h aproximadamente, foi observado um Objeto Voador Não Identificado-OVNI. A observação fora feita por Ten. D¹⁴⁷. e os Soldados que cuidavam da guarda naquela noite. Encontravam-se na 3^aCPMInd aproximadamente 25 policiais quando do primeiro avistamento [...] O tenente D. saiu da 3^aCPMInd, e ordenou ao motorista Sd. R., que preparasse a viatura para fazer a ronda pelos postos do presídio, um procedimento de rotina. Ao se virar para retornar à Companhia, nota a uns 300 ou 400 metros de altura, um objeto estranho, que se destacava no céu. Imediatamente, chamou a aguardar para ver, uns 20 policiais, naquele momento. Segundo os depoimentos, o objeto mantinha uma constante variação de cores, azul, vermelho, amarelo e um pouco de verde, sendo que de vez em quando ele dava uma piscada muito forte que tornara todo o objeto vermelho. As observações foram feitas de três posições diferentes, todas no perímetro da área de segurança, além destas observações, foram recebidos informes de que havia outras testemunhas em áreas próximas (*ibidem*, p. 06 – 07).

De acordo com o relato do tenente, cerca de vinte e cinco policiais são testemunhas do avistamento de óvnis nos arredores da Papuda. O relato mostra também que outras pessoas nas redondezas relataram o mesmo avistamento. Alguns agentes da FAB procuraram esclarecer que seria um balão meteorológico, enquanto pesquisadores procuraram provar o contrário. O episódio ficou imerso em grande polêmica. O fato foi abordado em jornais impressos e televisivos.

Ressaltar o número de pessoas que testemunham um fenômeno desse tipo oferece um grau de legitimação maior. Carl Jung (1991, p. 597) analisa que essas visões coletivas existem quando várias pessoas veem algo que fisicamente não existe. A partir do provérbio “Pela boca de duas testemunhas, revela-se toda verdade”, Jung analisa que o aparecimento do que ele chama de *boato visionário* é a existência de uma emoção incomum, bastada pela curiosidade popular e sensacionalismo. Os casos de avistamentos de óvnis fazem parte de uma “coletânea impressionante de observações e conclusões errôneas, nas quais se projetam condições psíquicas subjetivas” (*ibidem*, p. 607).

¹⁴⁷ Escolhemos ocultar a identidade dos agentes mencionados no caso, colocando apenas suas iniciais.

Ao se tratar de projeções psicológicas, Jung (1991) analisa que os boatos visionários podem ser acompanhados por possíveis circunstâncias externas, mas sua existência está baseada em um fundamento emocional, isto é, uma tensão emocional que tem a sua origem em uma situação de calamidade coletiva. “Os conteúdos estranhos não podem ser integrados de forma direta e consciente, mas procuram expressar-se indiretamente, produzindo opiniões, convicções, ilusões e visões inesperadas e, por enquanto, inexplicáveis” (p. 608).

A tentativa de aproximação de seres de outros planetas em uma época em que a fantasia humana se prepara para discutir a possibilidade de viajar no espaço, representa para Jung (1991), as nossas aspirações que vão além do sensacionalismo. Os impulsos para essas fantasias baseiam-se em uma causa subjacente, uma situação aflitiva de perigo.

No caso de estarmos tratando de relatos oficiais de agentes do governo, João F. Schramm (2016, p. 20) analisa que as Forças Armadas são encarregadas em manter uma ordem social vigente. Por outro lado, é responsabilidade do Estado promover segurança à população. Portanto, enquanto o relato de um cidadão civil possa elencar aspectos de fascínio e curiosidade, o agente militar procura manter uma postura distinta devido a suas responsabilidades. Além do risco de ridicularização por tratar de um tema controverso e o desafio da segurança do espaço aéreo, o discurso militar procura ser sigiloso para evitar possíveis distúrbios sociais, sensacionalismos e histeria coletiva.

Mais um dos fatos abordados pela mídia e que está documentado no dossiê do Arquivo Nacional é o caso de dois deputados que alegaram ter visualizado óvnis em região próxima a Brasília. Em 1969 o *Diário de Notícias* publicou a seguinte notícia: *Deputados também veem*, a respeito do caso dos Deputados Paulo Pinheiro Chagas e Bias Fortes, que teriam visualizado no dia 17 de janeiro de 1968 um objeto voador não identificado na estrada de Brasília para Belo Horizonte. Um jornalista entrevistou um dos deputados, que relatou:

Estávamos eu e o Deputado Bias Fortes, por volta das 18 horas de quarta-feira em meu carro, viajando em direção a uma pequena propriedade que possuo próxima à Granja do Ipê. Em dado momento, o Bias Fortes pediu que eu parasse o carro, pois ele estava vendo uma luz muito intensa na direção Oeste. Paramos o automóvel, e ao saltar, olhei na direção indicada. Havia um objeto parado no céu, intensamente luminoso, de forma triangular. Estávamos assim, observando, cerca de quatro minutos, quando o engenho se deslocou na direção da cidade de Goiânia, numa velocidade incrível! Nós, então, não tivemos mais dúvidas de que vimos um objeto que todos classificam como disco voador (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1969).

Esse caso é importante para o contexto ufológico de Brasília em sua primeira década de existência, já que pela primeira vez o relato é proveniente de personalidades políticas. O deputado descreveu o objeto visto como “disco voador”. Isso nos mostra que o termo já era,

naquele momento, comumente praticado pelos brasilienses da época, em vista de tantos relatos que popularmente se difundiam. É interessante analisar também o título que o *Diários de Notícias* conferiu ao episódio: “Deputados também veem”. Então agora não temos apenas cidadãos comuns relatando que viram discos voadores, pois temos os próprios políticos presenciando os fatos, então isso pode ser concebido como “verdade”. Soou como uma validação do aparelho estatal para esses elementos místicos, fato que já decorria desde os primeiros anos do projeto de Brasília sair do papel, como analisamos anteriormente.

No final da década de 90, o ufólogo Roberto Beck¹⁴⁸ publicou um artigo na *Revista UFO* realizando uma síntese dos casos ufológicos ocorridos em Brasília e os resultados de suas pesquisas. O ufólogo afirmou que:

Alguns ufólogos dizem que Brasília é predestinada e altamente mística, a ponto de ser a escolhida por seres espaciais físicos e extrafísicos, de todo o gênero de evolução, para suas constantes visitas – daí o grande número de observações de objetos e luzes percorrendo seu espaço aéreo. Isso é discutível (BECK, 1998).

A opinião do ufólogo apresenta uma desmistificação dessas crenças a respeito de uma região “predestinada” pela vontade divina ou cósmica. A questão é que ele procura esclarecer que esteve durante muitos anos investigando casos, mas que Brasília não difere de outras regiões do Brasil, onde também aconteceram muitos casos conhecidos e que a visão que temos do seu céu aberto em Brasília é que nos proporciona tantos avistamentos. Pela primeira vez, temos um artigo na mídia que procura desmistificar os fatos. A *Revista UFO*, onde ele publicou o artigo, é até hoje uma referência nos estudos da área, pois agrega os ufólogos famigerados do Brasil, apesar de não ser reconhecida pela academia e pelos jargões científicos.

A Ufologia no Distrito Federal também é popularizada entre visitantes e moradores da região atualmente. Muitos são os relatos a respeito de experiências de visualizações de óvnis, vídeos no *youtube*, venda de *souvenirs* e eventos sobre a temática (em 2018 aconteceu o *UFO Summit Brazil*, evento que reuniu os grandes nomes da ufologia internacional, como Giorgio Tsoukalos e Erich von Däniken). Coletei um relato através de entrevista realizada com um morador de Planaltina:

¹⁴⁸ Roberto Affonso Beck foi Presidente da Entidade Brasileira de Estudos Extraterrestres. A instituição é sediada em Brasília, e foi inaugurada oficialmente em 1995, mas com atuação na região desde 1968. Foi também consultor da Revista UFO, tornando-se um dos ufólogos mais reconhecidos do Brasil.

Foi em Planaltina-DF, não exatamente no centro de Brasília, só não lembro as datas exatas de cada ocorrido, só lembro que foi durante o dia uma das vezes, a nave parecia camuflada entre nuvens com reflexo estilo aurora boreal acima das nuvens. Em outro momento foi a noite, aqui em Planaltina também, em movimentos rápidos de um lado para outro e com brilhos coloridos ao redor dela toda (Entrevista com D.N., 2019).

Esse é um típico relato ufológico em meio a vários existentes na região e em todo o Brasil, pois estes apresentam elementos comuns: nave camuflada entre as nuvens, emissão de luzes, movimentos rápidos e a diversidade de cores. Quando estamos lidando com a oralidade como fonte de pesquisa, imputamos à narrativa uma nova significação através de uma postura metodológica da historiografia em contraposição àquela antiga história baseada nos documentos oficiais. A narrativa também é um documento histórico que nos auxilia a compreender o imaginário, assim como nos mostra Peter Burke (1992, p. 15): “Nossas mentes não refletem diretamente a realidade. Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra [...]”. A subjetivação do sujeito nos possibilita analisar as estruturas e os acontecimentos através de suas experiências. Por isso o estudo das representações e do imaginário tornaram-se fundamentais para compreender esse fenômeno.

Chartier (2002) afirma que as representações coletivas nos mostram que os indivíduos representam o mundo tal como eles pensam ou desejam. Aqui entendemos a representação como um conhecimento que reconstrói um objeto ausente através da substituição por uma imagem que carrega categorias psicológicas. O homem se apropria das ideias e das crenças de seu tempo, deformando-as. É necessário esclarecer que o objeto de discussão em questão não é o real, e sim, as maneiras com que os homens recriam a sua própria realidade. Desta forma, os estudos na área de psiquiatria de Carl Jung se tornam úteis para a análise.

Jung (1991) também nos auxilia a compreender que esses tipos de relatos sempre ocorreram na história da humanidade. Pela primeira vez em que o homem associa um evento místico a um ovni, há uma constituição particular do substrato psíquico do inconsciente coletivo, isto é, o inconsciente ofusca o consciente. O homem passou a projetar conteúdo do seu inconsciente sobre fenômenos inexplicáveis vistos no céu.

A região do Planalto Central brasileiro e as suas Chapadas são comumente permeadas por esses tipos de relatos. A Chapada Diamantina, a Chapada dos Guimarães e a Chapada dos Veadeiros tornaram-se polos de atração mística e a sua vertente ufológica por algumas características: sítios localizados acima de oitocentos metros em relação ao nível do mar em seus maiores platôs e distante de regiões costeiras, de mineradoras ou hidrelétricas.

Os casos de aparição de óvnis no Brasil e no mundo atraem, além de curiosos, esotéricos que apresentam suas próprias teorias a respeito. Muitos deles se referem aos extraterrestres como “Eles”, os espaciais, os interplanetários e Ets. Acreditam que estes seres teriam deixado construções em pedra em algumas regiões brasileiras, como Paraúna (GO), Serra do Roncador (MT), Serra do Cipó (MG), Morro do Chapéu (BA), Montalvânia (MG) e Sete Cidades (PI).

Segundo interpretações místicas, existiria um alinhamento que favoreceria uma troca de energia entre a Serra do Roncador e Terra Ronca, que passaria pela Chapada dos Veadeiros. Em Barra do Garças, situada na Serra do Roncador, existe um discoporto (Figura 35), idealizado em 1996 pelo vereador Valdon Varjão. Até hoje o local atrai visitantes em função dos relatos ufológicos e de lendas regionais. São comuns entre os moradores relatos a respeito de seres intraterrenos e de portais dimensionais nas grutas.

Figura 35 - Discoporto em Barra do Garças-MT



Fonte: G1 (2015). Foto de: Edson Rodrigues / SECOM-MT. Disponível em; <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2015/11/cidade-de-mt-tem-estacionamento-de-ovni-e-dia-de-homenagem-et.html>.

A ufologia esotérica ou mística surgiu com a necessidade de oferecer explicações aos mistérios que envolvem esses fatos ufológicos. Ela se baseia em leituras das mitologias de culturas antigas, dentre as quais destacam-se os *vimanas* hindus. Segundo interpretações dos

textos hindus *Vedas*¹⁴⁹, *Mahabharata*¹⁵⁰ e *Ramayana*¹⁵¹, existiu uma avançada civilização na região atual da Índia. Esses povos possuíam uma engenharia e tecnologia repleta de alta energia, aviões e espaçonaves. Os *vimanas* teriam quatro modelos de aparatos tecnológicos criados para viagens no espaço, sendo um deles similar ao clássico disco voador – circular, com um domo, luzes, faziam movimentos verticais e pairavam no ar. A obra que trata os *vimanas* com propriedade é o *Vyamaanika-Shaastra*¹⁵², que traz diagramas sobre vários tipos de espaçonaves (Figura 36), uma espécie de um manual técnico para a construção e o uso desses aparatos.

Figura 36 - Vimana

RUKMA VIMANA



Fonte: *Bharadwaja* (1973, p. 107).

Esotéricos também acreditam que os *vimanas* transcendem o mundo físico, sendo “naves de luz” tripuladas por espíritos evoluídos. Acreditam também que eles podem ser vistos apenas por clarividentes, apesar de que transitariam entre as dimensões, podendo ser vistos de alguma forma por pessoas comuns, mas sem serem compreendidos. Eles já teriam transposto as barreiras entre a matéria e o espírito.

¹⁴⁹ Livro sagrado que registra crenças transmitidas oralmente de geração em geração por muitos séculos. Uma junção de hinos e preces hindus, tendo sua origem no século II a.C, quando os povos hindus desenvolveram a escrita. Sua leitura permitiu uma variedade de interpretações e surgimento de ramificações religiosas díspares. Acredita-se que *Vyasa*, um sábio que seria a reencarnação do deus *Vishnu*, teria elaborado o livro sagrado (AFIUNE, 2016).

¹⁵⁰ Epopeia hindu que remonta ao século IV a.C; narra a “Grande História dos *Bharatas*” (tribos que invadiram a Índia por volta de 1.700 a.C.).

¹⁵¹ Clássico hindu que narra a vida do avatar *Rama* [...] que apresenta guerreiros voando em pássaros sagrados e aeronaves (SALVI, 2009, p. 55 – 56).

¹⁵² Um antigo manuscrito em sânscrito, publicado pela primeira vez em 1973 na Índia, traduzido para o inglês. O documento é controverso por não se saber a sua verdadeira origem e datação, acredita-se que sua autoria seja de um sábio vidente hindu, *Bharadwaja*. Está presente no acervo da Academia Internacional de Pesquisa em Sânscrito de Mysore (Índia) (AFIUNE, 2016).

No âmbito dessas crenças, acredita-se que antes do dilúvio bíblico, seres evoluídos espiritualmente e tecnologicamente, oriundos de outros planetas, teriam habitado a Terra e convivido com os humanos. Os humanos teriam trabalhado na fabricação dos *vimanas* com a orientação destes seres. Porém, com o passar do tempo, eles teriam começado a ocultar-se, sendo “caçados” por alguns humanos até desaparecerem. Seria este o momento de o homem viver sozinho, experimentando e arcando com as consequências de seus próprios atos, aprendendo a cuidar uns dos outros.

No Distrito Federal destacaram-se dentro da vertente ufológica esotérica pessoas que revelaram um dom mediúnic em algum momento de sua vida, e durante suas atividades, acabaram se destacando como curandeiros, dentre outros trabalhos de caráter esotérico oferecidos à comunidade. Muitos deles fundaram no Distrito Federal grupos ufológicos místicos e relacionavam-se com aspectos do que se conhece por Ufologia Esotérica ou Mística, como é o caso do general Moacir Uchoa.

O general Moacir Uchoa¹⁵³, em sua obra *Mergulho no Hiperespaço: Dimensões Esotéricas na Pesquisa dos Discos Voadores* (1976), relatou um caso ufológico em Alexânia (cerca de 95 km de Brasília) na Fazenda Vale Rio do Ouro. Ele defende que existe uma quarta dimensão do espaço – o hiperespaço – não percebido pelos cinco sentidos humanos, mas que é possível ao homem atingi-lo a partir da ciência esotérica.

O general relata um episódio que teria ocorrido em uma madrugada, ao olhar os céus com poucas estrelas, em julho de 1968. Sua experiência teria se aproximado a uma visão espiritual, na qual o general teria dialogado com um ser iluminado e recebido uma missão – investir na pesquisa ufológica e escrever um livro. Avistamentos de luzes no céu e fatos similares foram se repetindo com a estadia do general na fazenda. Esses acontecimentos de visões e contatos dialogados com seres que vieram em naves teriam sido vivenciados por outras pessoas. Dentre seus relatos estavam:

¹⁵³ De acordo Luz (1986, p. 109) Uchoa era um curandeiro, telepata, paranormal, escritor e um contatado por extraterrestres. Se tornou um dos personagens mais famosos da Ufologia na região do Planalto Central. Nasceu em Mucuripe (AL) em 1906. Estudou Engenharia na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e a partir desta formação acadêmica seria difícil de se imaginar que o rapaz iria se desbravar por estes caminhos do misticismo. Quando adentrou na carreira militar, em 1922, Uchoa foi professor da Escola Militar de Realengo e Catedrático na Academia Militar das Agulhas Negras. Também foi engenheiro da Companhia Brasileira de Armazenamento, do GDF, e assessor do MEC. Nos caminhos místicos, primeiramente, Uchoa começou a se interessar pela Ufologia internacional, quando assistiu a um documentário sobre o caso de aparições de óvnis em Washington, e começou a participar de um grupo de pesquisas sobre paranormalidade em Belo Horizonte em 1940.

Um objeto branco, acinzentado, flutua a certa distância sobre um pequeno bosque. Súbito, começa a emitir, mui rapidamente, densa luz, dimensionada, de arestas definidas, em rápida sequência como se fora um poste, tendo a ele ligada uma estrela de cinco pontas, tudo perfeitamente nítido: os pontos internos e externos do contorno das estrelas, suas arestas e os postes bem notáveis. Sucedem-se essas emissões aqui e ali (sempre partindo do objeto) com rapidez incomum e excepcional claridade. [...] Senti-me estranhamente atraído, como se para um encontro com aquela “coisa”, o qual se deveria dar bem abaixo da encosta, depois daquela luz presumivelmente transpor o bosque pelo alto. Desci rapidamente enquanto a tal luz se aproximava celeremente pelo campo do lado oposto do bosque. Lá, bem embaixo, sob estranha impressão de extraordinária expectativa, postei-me aguardando o que poderia ocorrer. [...] Desci rápido e compulsivamente até aquele local. Qual seria a razão? Súbito minha percepção auditiva como que se ampliou e tive a forte impressão de ouvir de forma estranha: - “A luz não veio, mas estou aqui e tenho o que dizer”. Seguiu-se uma série de instruções sobre nosso procedimento durante tais pesquisas (UCHOA, 1976, p. 59).

Esse é apenas um dos exemplos citados no livro, entre as experiências de natureza telepática e de avistamentos vivenciadas pelo autor em Alexânia. Ele descreveu os seres vistos:

Um ser de aspecto humano, à feição de um homem da terra, alto, tipo atlético, com vestimenta verde escuro brilhante, à forma de túnica justa ao corpo, apresentando uma cobertura de um prata acinzentado transparente, dando ao conjunto muito agradável aspecto. Calças discretas, marrom claro, um tanto justas, controladas em botas amareladas. Sua face branca, muito branca, como cera ou louça bem clara, olhos bem azuis, nariz grande e uma cobertura escura, lisa, ajustada à cabeça (*Ibidem*, p. 70).

Uchôa se tornou membro da Sociedade Teosófica, e fundou a Associação Universal Morya em 1972 com o objetivo de pesquisar ciência, filosofia e espiritualidade, difundindo os conhecimentos da Teosofia. Em 1978 criou o Centro de Estudos Ufológicos, com o objetivo de integrar as pessoas interessadas no fenômeno (LUZ, 1986, p. 109).

Após os episódios ocorridos na Fazenda, Uchôa também teria presenciado outros fenômenos da mesma natureza em fazendas próximas. Luz (1986, p. 109-110) conta que uma certa vez, a moça que trabalhava na residência de Uchôa apresentou a doença de Chagas, ficando internada durante três meses. Uchôa teria visualizado um ser, provavelmente um venusiano, que teria aplicado algumas técnicas para curar a moça.

Em 1973 Uchôa organizou em Brasília o Primeiro Congresso Internacional de Ufologia, a partir do qual foi criado o Centro Nacional de Estudos Ufológicos. De acordo seu filho, o general Paulo Roberto Yog de Miranda:

[...] a magia de Brasília se resume na responsabilidade para com seu próprio futuro, que previa luminoso e promissor no concerto das Nações. Quantas vezes o ouvimos dizer que “aqui está o berço e será o polo de irradiação da chamada Nova Grande Raça - segundo a terminologia Teosófica - que há de conduzir a humanidade terrestre ao longo dos amplos caminhos dos próximos milênios!” (SIQUEIRA & REIS, 2010, p. 82).

Outro episódio expressivo de mediunidade foi o caso da Efigênia Dias Bicalho, que tinha o passatempo de fotografar óvnis, que de acordo seus relatos, somente ela conseguia visualizar e observar, da mesma forma que a aura das pessoas ao seu redor. Dizia-se que Efigênia possuía uma terceira visão, um dom recebido por seres extraterrestres, e sua missão na Terra era preparar a humanidade para a Nova Era. As pessoas mais próximas acreditavam que ela estava visualizando demônios, e precisava ser exorcizada. Um padre disse que o caso era de paranormalidade e não de possessão demoníaca.

A médium contava que quando nasceu, a sua avó (Avó Rosa) disse que a garota era de outro mundo. A Avó Rosa também contou a respeito de sua amizade com JK. Teria ocorrido um episódio em 1953, em que JK teria mostrado para a avó e a neta um pergaminho com os traçados de uma cidade espacial, orientado por sete entidades extraterrestres. Esse mapa era da futura Brasília. JK também teria contado que sabia de sua morte, e que não ocorreria no ar, mas no asfalto, e que seria assassinado (LUZ, 1986, p. 37). Mais uma vez JK aparece em relatos místicos, mas dessa vez, relacionado a seres extraterrestres.

Efigênia afirmava que Brasília estava predestinada a ser um centro energético no Brasil, e criou o Centro Energético de Brasília, local para realização de energizações, curas, e contatos com os seres extraterrestres. O grupo formado pela médium também costumava fazer um passeio por Brasília, passando por seus monumentos, pois acreditavam que estes seriam irradiadores de energia, como é o caso da Catedral Metropolitana. Os apóstolos na entrada da Catedral, na opinião da médium, seriam todos extraterrestres. A Ermida Dom Bosco seria um local privilegiado nessa atividade, pois de acordo a opinião do grupo, era o local de maior irradiação de energia em Brasília (LUZ, 1986, p. 38).

Herick Usami¹⁵⁴ desde os 14 anos de idade afirmava ter contato com seres extraterrestres e aos dezessete publicou dois livros sobre conhecimentos relacionados à Ufologia Esotérica. Entre suas habilidades conhecidas popularmente estariam a comunicação com espíritos, telepatia, psicografia e viagem astral. Herick descrevia que um ser extraterrestre esteve ao seu lado durante um ano, como um mentor, ministrando um treinamento, que o levou

¹⁵⁴ “Nascido em Brasília-DF, em 12 de junho de 1966 e falecido prematuramente aos 29 anos em São Paulo, em 2 de fevereiro de 1995, Herick era filho de Hisanori Usami, natural do Japão e Jacintha Athayde Usami, brasileira de Minas Gerais. A infância de Herick, até os onze anos de idade, foi igual à de outros meninos de sua idade. A partir daí, contudo, ocorreu uma “explosão” do seu parapsiquismo [...] Herick, como tantos outros de sua geração, fez o segundo grau normalmente e curso de inglês. Mais tarde estudou Psicologia até o 6º semestre, Administração até o 4º semestre e ainda dois semestres de Filosofia. Foi sempre um bom aluno mas sua mente ampla e conhecimentos além do comum resultavam em desistência de prosseguir nos cursos. Na vida profissional, sempre exemplar, trabalhou no CNPQ e no Tribunal Superior Eleitoral, ambos em Brasília, DF. Apesar de todas as suas atividades, sua vida continuou normal, praticamente sem alterações no relacionamento familiar e social” (MACHADO, 2011, p. 01 – 03).

a abandonar a Igreja Católica, por seguir novos preceitos. Depois desse prazo, houve outro período por sua vez de seis meses, dando uma continuidade a seu treinamento, com outro mentor. Ele descrevia o mentor desta forma: “branco, não tinha cílios, careca, e dessa vez se sabia de onde tinha vindo: do planeta Júpiter” (LUZ, 1986, p. 32). Pela terceira vez outro ser havia aparecido, chamado Carmok, responsável por ministrar ao rapaz os ensinamentos que foram publicados no livro *As dimensões e os extraterrestres* (1983). Nesta obra, Herick descreve os seres de outros planetas como superiores aos humanos, que concebem a Terra como um planeta primitivo, em vista de outros que são evoluídos tecnologicamente.

Herick adverte os humanos para que tenham cuidado, pois não se deve confiar em qualquer um desses seres que aparecem na Terra, pois não se sabe a sua real intenção (MACHADO, 2011, p. 04). Contudo, a missão destes seres que o visitaram seria para preparar a humanidade para um contato, que ocorreria entre os anos de 1993 e 1994. Herick profetizava: “Não serei apenas eu que verei, como vejo hoje, suas naves espaciais estacionadas à porta dos ministérios” (LUZ, 1986, p. 32). Herick fundou o Centro Extra Espiritualista e Ufológico de Brasília em 1984, no qual realizava atendimentos a pacientes, e ficou conhecido por curar muitas enfermidades com o apoio destes seres extraterrenos.

Luz (1986, p. 116) relata mais um fato marcante na Ufologia em Brasília ocorrido no ano de 1983. Um professor capixaba chamado Antônio Carlos Cariello¹⁵⁵ um certo dia, ao meditar, sentiu seu corpo transportado para outro local, no qual teria encontrado seres que manuseavam aparelhos desconhecidos. Tratava-se de dois seres extraterrestres com as seguintes características: verdes, rostos em forma oval, transparentes e altos. Um dos seres teria dito que a partir daquele momento ele teria uma missão, e que ele precisaria se preparar. Os contatos começaram a ser frequentes e ele descobriu qual era sua missão, formar um grupo de pessoas para difundir o conhecimento sobre a existência de seres superiores. Foi assim que surgiu o Centro de Pesquisa Ufológico Órion. Antônio já demonstrava habilidades paranormais desde criança e relatava contatos com seres de outras dimensões. Com o tempo, ele teria desenvolvido a habilidade de teletransporte e localização de pessoas utilizando apenas o nome e a data de nascimento. Também começou a trabalhar música espiritual, utilizando este conhecimento para se conectar com os seres extraterrestres.

O Grupo Órion foi oficializado em 1984 e continuou as suas reuniões para interceder energias para muitas pessoas e estudar Esoterismo, Ufologia, outros conhecimentos ligados à

¹⁵⁵ Foi professor de música da Fundação Educacional e professor particular. Foi também Diretor da Associação dos Professores e do Sindicato dos Músicos. Percorreu quase toda a América Latina pesquisando a música andina. (LUZ, 1986, p. 118).

Paranormalidade, mas também demonstrava a sua relação com a Ciência, Matemática, Física, Biologia e Anatomia Humana. O grupo alegava ter contato com seres extraterrenos através de telepatia, e defendiam que a humanidade deveria se preparar para o Apocalipse Bíblico, pois os arrebatamentos seriam realizados voluntariamente ou involuntariamente, por estes seres.

Em 1984 um grupo ufológico californiano chamado Academia para a Ciência Futura chegou ao Brasil e instalou uma filial que depois foi para Brasília. O ex-consultor da NASA James Hurtak, que também era dono de uma indústria de tecnologia avançada de satélites, relatou ter recebido uma visita em seu quarto pelo personagem bíblico Enoque. Enoque teria levado Hurtak à presença de Deus, de quem ele teria recebido um pergaminho que foi publicado no livro *O Livro do Conhecimento: As Chaves de Enoque* (1997).

O grupo apregoava que a Terra tem vários pontos de energização, assim como os chakras do corpo humano, energizando determinados locais como Gizé no Egito, Sinkiang na China e Vancouver no Canadá. Acreditavam que em todo o planeta existem doze portais dimensionais, e que foram através deles, que no passado, os mestres entraram em nosso planeta. Mas além dos portais naturais, também poderiam ser criados portais artificiais, e um deles seria Brasília. Acreditavam também em uma missão de preparar a humanidade para a transição de Eras e para receber as visitas de 144 mil mestres. Muitos destes mestres ancestrais teriam fundado as várias religiões no mundo. Esse período de transição de Eras profetizado pelo grupo é relatado como um encadeador de vários acontecimentos catastróficos para o nosso planeta. O sistema solar entraria em um vazio no espaço e perderia os campos eletromagnéticos, afetando a Terra drasticamente (LUZ, 1986, p. 119).

A década de 80 se destacou pela popularização de relatos de avistamentos, que foram documentados pelos jornais da época. Esse período foi marcado pela chegada de grupos ufológicos, sejam eles de estudos científicos ou esotéricos. Muitos destes grupos ufológicos não existem mais no Distrito Federal, mas os grupos que nos propomos a investigar em campo, que até hoje atuam na região, também demonstram as suas particulares ligações com a Ufologia Esotérica, como é o caso da Legião da Boa Vontade. A sua presença reforçou as ligações de Brasília com a Ufologia quando apoiou o I Fórum Mundial de Ufologia, ocorrido no ano de 1997, em suas dependências, reunindo setenta pesquisadores de trinta países. O evento foi organizado pela Comissão Brasileira de Ufólogos, e colocou o Brasil na Vanguarda dos estudos ufológicos internacionais, tendo como palestrantes Alexander Balandine, ex-tripulante da estação orbital russa MIR e Boris Chourinov que investigou óvnis na Rússia.

A Eubiose também se mostrou adepta à crença em vidas em outros planetas e o seu contato com o nosso planeta, assim como nos mostra a *Revista Dhâranâ*:

Agartha e Shamballah – mundos subterrâneos que por sinal é de onde vêm os Discos Voadores (e não de Marte, Vênus ou outro qualquer planeta) e que aparecem na face da Terra para prestar homenagens a Seres Agarthinos que estão no mundo em missão redentora, não sendo por isso compreendidos e até perseguidos e sacrificado (REVISTA DHÂRANÂ, 2018, p. 09).

Outra publicação da Eubiose relata que no dia 18 de fevereiro de 1955 às 18 horas da tarde um grande disco voador passou sobre o Templo da Eubiose em São Lourenço e pousou cerca de 150 metros dele. Saíram da nave três seres com mais de dois metros de altura e saudaram o presidente da SBE. Após o ato, retornaram à nave e foram embora. Este relato afirma que mais de vinte e cinco pessoas presenciaram o fato (REVISTA DHÂRANÂ, 1957).

Esses e outros grupos espiritualistas demonstram o desejo de que forças cósmicas venham a agir sobre a política em Brasília, talvez pelo desespero em relação à situação política brasileira. A história de nosso país é marcada pela presença de diversas lideranças que em muitos momentos levaram os brasileiros a uma expectativa de tempos melhores futuros, que só poderiam ser possíveis através de uma verdadeira intervenção alienígena. Porém, concomitantemente existe um contexto histórico mais abrangente que pode explicar em parte, na opinião de muitos pesquisadores, o fenômeno óvni. Brasília não é única no assunto, pois como percebemos, ela faz parte de todo um circuito existente no Brasil, que advém de um momento de tênues relações entre a ciência e o sobrenatural a nível internacional, decorrente da década de cinquenta, e se intensificando a partir da década de sessenta com a corrida espacial.

Erich von Däniken se popularizou com a obra *Eram os Deuses Astronautas* (1968) e a indústria cinematográfica de Hollywood alimentou o tema das viagens espaciais. Na verdade, a Ufologia internacional desde o ano de 1947 já estava em crescimento depois do episódio ocorrido em Washington, em que um homem relatou ter visualizado algo semelhante a um pires sobrevoando a região. Hobsbawm (1995) mostra que os norte-americanos começaram neste período a relatar muitos casos de óvnis, fato claramente inspirado pela ficção científica, tornando-se assunto polêmico. Qualquer ceticismo por parte dos cientistas, era recebido com duras críticas: eles seriam incapazes de explicar os fenômenos além de seus estreitos horizontes; e que contribuíam para uma conspiração internacional.

Quanto mais a ciência triunfava em suas descobertas e inovações, mais as pessoas buscavam o sobrenatural. As pessoas declaravam que esses objetos tinham a procedência de outros planetas cujas civilizações eram superiores à raça humana. “Os observadores mais entusiásticos chegaram a ver de fato seus cidadãos, [...] saindo desses ‘discos voadores’, e um ou dois até mesmo disseram ter pegado carona com eles” (HOBBSAWM, 1995, p. 512).

Após as suas imprevistas e destruidoras consequências, a ciência na primeira metade do século XX encontrou um certo medo e desconfiança, muitos cientistas estavam certos de que um velho mundo acabara, e que um novo imprevisível estaria florescendo, um momento de crise epistemológica. No meio dessa polêmica, o fenômeno UFO se popularizou mundialmente.

A Ufologia despertou o interesse de esotéricos e cientistas. Muitos esotéricos admitem o contato do homem com seres de outros planetas, e procuram divulgar suas teorias a respeito de suas leituras principalmente a partir das cosmogonias orientais. Desenvolvem estudos que buscam comprovar suas experiências hiperfísicas, atribuindo as suas experiências a contatos com seres supostamente advindos de outros planetas. O cientista Carl Sagan (1996) acrescenta que não é apenas a religião que nutre essa credulidade.

Por sua vez, no meio acadêmico, a ufologia tem sido caracterizada como uma pseudociência, sendo este termo aplicado para designar os estudos que não aderem a uma metodologia científica “adequada”. Seja pela falta de provas ou plausibilidade, os pressupostos em que as pesquisas se baseiam muitas vezes são considerados altamente especulativos. As constatações insuficientes e contraditórias da ciência deixaram lacunas que a pseudociência preencheu com rapidez (SAGAN, 1996, p. 13).

Para o cientista Gary Bates (2011) a ciência tentou eliminar da mentalidade humana os demônios e os fantasmas, e o vazio que ficou foi preenchido por alienígenas, que passaram a desempenhar as mesmas funções. Quando uma cultura for crédula em demônios, então aparecerão os relatos dos incubus e subucus; quando for cética em relação a antigos mitos, as pessoas começarão a procurar seres hiperfísicos fora do planeta Terra.

Bates (2011) e Sagan¹⁵⁶ (1996) concordam que a Ufologia passou a atender necessidades emocionais, nutrindo fantasias a respeito de poderes que os seres humanos desejam ter e não podem, oferecendo curas ou promessas de uma posterior vida na Terra. Ela reforça a importância do homem no universo, dizendo que ele está interligado ao mesmo.

Os conteúdos culturais também podem dar uma roupagem particular¹⁵⁷ ao fenômeno OVNI, como alguns psicólogos, ufólogos e sociólogos haviam especulado. Seres lendários como como gnomos, fadas, duendes, e outras figuras mitológicas podem ser uma projeção

¹⁵⁶ Carl Sagan não é totalmente cético quanto a vida extraterrestre. O cientista considera a possibilidade de vida em outros planetas, mas acredita que não existe contato com a humanidade e que podem existir variadas formas de vida.

¹⁵⁷Um exemplo disso seria a lenda da Mãe D'Ouro, comum nas regiões interioranas do Brasil. Estranhas luzes voadoras transformam-se em seres de luz, almas penadas e espíritos. O caso da Mãe D'Ouro é relacionado muitas vezes às bolas de fogo, sempre presentes nos relatos ufológicos em várias partes do mundo. Essa bola de luz ou de fogo é avistada em montanhas e nas regiões rurais interioranas do Brasil onde já existiram minérios. A Mãe D'ouro protege os minérios e os outros elementos da natureza.

mental dos valores culturais contidos no subconsciente das pessoas ao longo da história, assim como nos mostrou Carl Jung.

É evidente que além da influência midiática, a crença ufológica se alimenta do fato de propiciar uma resposta a relevantes questões filosóficas. Apesar de a crença ufológica se difundir pelo mundo todo, é evidente a falta de constatação científica das aparições e a frequência de relatos fraudulentos. Nesse momento de questionamento surgem várias tentativas de explicação.

CAPÍTULO 4. A NOVA AKHETATON

Hoje, tanto tempo decorrido, pergunto-me, às vezes, se essa admiração por Akhenaton, surgida na mocidade, não constituiu a chama, distante e de certo modo romântica, que acendeu e alimentou meu ideal, realizado na maturidade, de construir, no Planalto Central, Brasília – a nova Capital do Brasil (KUBITSCHER, 1974, p. 112).

4.1. Brasília no âmbito dos estudos sobre Egiptomania no Brasil

A partir das leituras e das experiências empíricas, parto do pressuposto de que as representações místicas de Brasília adotaram elementos das famigeradas religiosidades orientais antigas como protagonistas dos seus discursos, dentro dos quais se destacam os egípcios e os hebreus. Sendo assim, essa discussão procura refletir sobre as ressonâncias das representações místicas de Brasília na atualidade, mostrando que as mesmas auferiram força e se multiplicaram, baseadas em reapropriações contemporâneas do Antigo Oriente Próximo.

A priori, analiso as retomadas culturais do Egito Antigo, que são objetos de interesse da História da Arte, sendo pesquisadas por um novo ramo de estudo vinculado à Egiptologia, denominada de Egiptomania. O termo Egiptomania foi criado pelo historiador da arte francês Jean-Marcel Humbert (1994, p. 21), que a define como a interpretação das imagens do Egito readaptadas na atualidade.

No Brasil, um grupo de pesquisa formado por docentes que integravam o Laboratório de História Antiga da Universidade Federal do Rio de Janeiro foi o responsável pela iniciativa das pesquisas sobre a Egiptomania no Brasil, tendo começado no ano de 1995. O grupo diagnosticou que existia uma ausência absoluta de publicações no Brasil sobre a Egiptomania e se baseou em experiências realizadas em países europeus. Integrantes do grupo empreenderam pesquisas juntamente com discentes de outros programas de pós-graduação, desenvolvendo discussões sobre a Egiptomania no Rio Grande do Sul, em cemitérios, museus e coleções egípcias no Brasil, a coleção de Ciro Flamarion, obeliscos e pirâmides no Brasil, Egiptomania na América do Sul, no Brasil no século XIX, em João Pessoa, na Amazônia, na arquitetura da Ordem Rosa-cruz, dentre outros. Desta forma, esse grupo ainda não realizou uma pesquisa específica sobre a Egiptomania no Distrito Federal brasileiro, informação que a própria pesquisadora de referência no assunto, Margaret Bakos, me confirmou quando a procurei para conversar a respeito, refletindo sobre a importância da minha tese no âmbito destas pesquisas, já que considero Brasília como um destaque nesse contexto.

A Egiptomania para Bakos (2007, p. 05) é “o agente de um dos mais longos fenômenos de transferência cultural já contabilizado, matriz de valores e de gostos estéticos mundiais contemporâneos”. A Egiptomania vislumbra as práticas culturais realizadas a partir de elementos do Egito Antigo, e representa a permanência de valores que são acolhidos, modificados e transformados.

Segundo a autora, a Egiptomania tem origem no século IV a.C., quando Alexandre, o grande, conquista o Egito, carregando obras egípcias que foram posteriormente espalhadas para vários outros países. A historiografia grega também confere ao Egito essa imagem valorizada de incríveis riquezas e poder. A Egiptomania se intensificou a partir da expedição de Napoleão Bonaparte, Champollion e Howard Carter.

No Brasil, tudo começou com a família real portuguesa, que introduziu elementos do Egito Antigo no Rio de Janeiro. Dom Pedro I e seu filho foram os responsáveis em constituir a coleção de peças egípcias (*ibidem*, p.05).

No século XIX, muitas edificações apresentavam influência do estilo egípcio. Muitos monumentos foram levados do Egito para fazer parte da paisagem urbana de Paris, Roma, Londres e Nova York, além de peças que hoje fazem parte de acervo dos museus. No século XX, popularizaram-se joias inspiradas em artigos egípcios e representações no cinema e estilo de vida (tatuagens, adereços, nomes de pessoas, vestimentas).

Atualmente muitos exemplos de Egiptomania estão presentes tanto em logradouros públicos (praças, edifícios administrativos, cemitérios) quanto privados (instituições religiosas, museus, exposições, galerias, hotéis e residências). No Brasil alguns exemplos já foram pesquisados, como a Pirâmide de Criciúma (SC), a Casa egípcia (RJ), o Motel O Faraó (SP), o Chafariz da pirâmide (RJ), e a Sala egípcia da Biblioteca Estadual do Rio Grande do Sul.

De acordo com Margaret Bakos (2014), pode parecer pretensioso afirmar que o Brasil seja herdeiro de uma cultura milenar oriental, como a egípcia. Porém, a partir de suas pesquisas pôde-se perceber que o Egito Antigo deixou um legado na contemporaneidade que alcançou o Brasil, a partir das apropriações de suas simbologias que foram readaptadas e ressignificadas em diversos suportes, como na arquitetura, na mídia e nas novas religiosidades. O fascínio que a cultura egípcia antiga exerce atualmente se difunde através das exposições itinerantes, galerias, museus, filmes, monumentos e edificações. A interação com culturas milenares habita o imaginário coletivo na atualidade.

Estes especialistas definem o tríptico Egiptologia – Egiptomania – Egiptofilia. Bakos (2004) define a Egiptologia como “o ramo da ciência que trata de tudo aquilo relacionado ao antigo Egito” (*ibidem*, p. 10). Podemos encontrar muitas pesquisas no Brasil relacionadas à

Egiptologia, como a arqueóloga Márcia Jamille Costa (2013) que em sua dissertação de mestrado desenvolveu o tema *Arqueologia de Ambientes Aquáticos no Egito: Uma proposta de pesquisa das sociedades dos oásis no período faraônico*. A pesquisadora considerou o estilo de vida dos indivíduos que viveram no período faraônico ligados a territórios aquáticos e as suas produções culturais.

A Egiptofilia por sua vez é “o gosto pelo exotismo e pela posse de objetos relativos ao Egito Antigo” (*ibidem*, p. 10). Bakos acrescenta que são poucas as pessoas no Brasil que possuem o acesso a peças egípcias originais e por isso muitos estudiosos têm produzido réplicas para exposições itinerantes. Existem algumas coleções egípcias no Brasil, muitas peças foram adquiridas em leilões internacionais e seus proprietários perceberam a sua importância, pela valorização crescente de elementos oriundos do Egito. Tenho conhecimento de alguns exemplos, como a coleção do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, a coleção de Pietro Maria Bardi (no MASP) e a coleção de Eva Klabin Rapaport (RJ).

A presença de pirâmides na arquitetura brasileira é frequente, como perceberam os pesquisadores Balem & Lia (2013). Os autores afirmam que os primeiros usos de formatos piramidais no Brasil foram em construções oficiais e depois estenderam-se a edificações particulares. O seu início remete ao século XVIII no processo de urbanização do Rio de Janeiro, em que o Mestre Valentim começou a inserir elementos da cultura egípcia em seus projetos, e dentre eles estão o Passeio Público (1783) e o Chafariz da Pirâmide (1786). A pirâmide está entre os elementos egípcios mais comuns no Brasil, e evocam “o sentido original das pirâmides egípcias atrelado à ideia de beleza, solidez e permanência, bem como o poder e o místico” (*Ibidem*, p. 226).

As construções em formato piramidal estão frequentemente relacionadas à egiptomania. A esse respeito, Bakos (2004, p. 68) atenta que não se pode concluir que toda pirâmide seja manifestação de egiptomania. A escolha de um formato piramidal pode ser questão puramente estética ou funcional. De tal modo, se faz necessário uma pesquisa que procure por estas informações nas construções de Brasília.

Esse imaginário que retoma magicamente o Egito Antigo provém de um processo histórico originado pelo Orientalismo moderno, a partir do final do século XVIII. O Egito desde as suas primeiras representações era concebido como exótico e misterioso.

A partir do século XVIII as representações orientalistas ganharam grande alcance após a expedição de Napoleão Bonaparte ao Egito, que causou um maior interesse científico para a região. Napoleão desde sua adolescência era apaixonado pelo Egito, principalmente pelas glórias de Alexandre. Sua expedição representaria uma reconquista do Egito, como um “novo”

Alexandre. Além disso, o conquistador teria o benefício de adquirir uma nova colônia árabe. Na sua opinião, este seria um projeto restaurador de grandeza clássica do Egito Antigo, conferindo-lhe forma e identidade, procurando inserir nas mentes a ideia de que esta cultura seria uma extensão da Europa.

Edward Said (1990) analisa que muitos pensadores (Shakespeare, Byron, Pope, dentre outros) utilizaram o termo “oriental” para designar geograficamente os povos da Ásia ou do Leste, mas também os determinando de forma cultural e moral. Essa produção literária evocava um mundo oriental surpreendente em meio a símbolos que representavam temores, prazeres, demônios e desejos, como a Esfinge, o Éden, Troia, Sabá e Babilônia, que alimentavam a imaginação europeia.

No século XIX, os artistas representavam o Oriente como sensual, sublime, idílico e misterioso. Essas ideias dependeram de estruturas intelectuais específicas deste período. Deixou as referências bíblicas pelas referências religiosas orientais, como o budismo, o hinduísmo e o zoroastrismo. Muitos dos interessados pelo Oriente sentiram-se atraídos pelas suas formas de religiosidade, pelos seus panteísmos e suas espiritualidades (*ibidem*, p. 16).

Said não acredita em uma desfiguração do Oriente, mas uma criação de representações. Toda representação tem um propósito, conforme uma tendência contemporânea. Quer dizer, o orientalista cria representações do Oriente fornecendo imagens que são necessárias naquele específico momento, ilustra uma concepção de um Oriente ideal para si, ou o que ele acha que o Oriente deveria ser.

O Orientalismo desta forma representa o reflexo de uma divisão mundial entre duas regiões antagônicas. Essa relação começou com o próprio conhecimento que o Ocidente estabeleceu a respeito do Oriente através de viagens de descobrimentos, contatos por comércio, estudos científicos, e a literatura produzida por romancistas e viajantes. Posso atribuir esse resgate do Egito Antigo na contemporaneidade aos orientalistas, os responsáveis pelo estabelecimento de uma adjetivação exótica sobre o Oriente, o que resultou posteriormente nesta influência nas religiosidades.

André Luiz Caes (2009, p. 154) percebeu um aumento no interesse por estas pesquisas que relacionam as filosofias religiosas orientais com as ocidentais no campo das Ciências da Religião. Ele propõe uma análise do que Colin Campbell (1997) denomina de “Orientalização do Ocidente”¹⁵⁸, que seria uma progressiva substituição dos valores ocidentais pelos orientais.

¹⁵⁸ Essa teoria defende a influência das ideias do Oriente no Ocidente, porque suas duas teodiceias são contrastantes. No caso, a teodiceia oriental é marcada pelo monismo, que estabelece relações unificadoras entre o homem e a natureza, o espiritual e o físico, dentre outras. Já a teodiceia ocidental é dualista, que a todos estes

Sendo assim, na perspectiva de Caes, o processo de orientalização é na verdade uma interação e integração entre ambas as visões. Seria um encontro entre Oriente e Ocidente no campo das religiões, influenciando o panorama religioso ocidental atual. Surgiu uma necessidade do homem ocidental de conhecer as culturas orientais para romper com as suas tradições racionalistas. “Como exemplos de movimentos que demonstram essa virada para o místico e o cósmico, Campbell aponta o Neopaganismo, a Nova Era e os Movimentos Ambientalistas” (p. *ibidem*, 157).

Essa discussão teórica objetivou problematizar o Orientalismo e compreender a sua relação com o que os autores mencionados alcunham de Orientalização do Ocidente. Desta forma, abro o caminho para analisar as práticas de Egiptomania presentes nos espaços de Brasília, seja através dos locais considerados místicos, instituições espiritualistas, e as edificações públicas.

Uma discussão que pretenda enveredar-se pelo misticismo acerca da construção da nova capital federal não deve ignorar o monumento da Pedra Fundamental¹⁵⁹ (Figura 37), que apresenta o formato de uma pirâmide-obelisco, feito de pedras artificiais e concreto. Os obeliscos, monumentos comemorativos por excelência, apresentam formato alongado, com uma base quadrangular. Remontam ao Egito Antigo, quando utilizados no centro dos templos, feitos em blocos monolíticos, como homenagem aos deuses ou para garantir a proteção do local. Etimologicamente, o termo em grego *ὄβελίσκο* significa “agulha” ou “pino”, sendo interpretado por alguns como um símbolo fálico, representando o poder masculino. Por isso, é geralmente relacionado a divindades masculinas como Baal e Rá. Por apresentar um formato piramidal em seu cume, também é interpretado como um monumento que busca o alcance dos céus e/ou o primeiro raio de sol que desceu sobre a Terra, efetuando assim, uma primeira ligação entre os homens e os deuses.

elementos separa, marcada pela racionalidade. Assim, ela estaria perdendo espaço pelo modelo oriental. A teodiceia oriental estaria menos suscetível à ciência (se aproveitando de suas incertezas, atribuindo respostas a elas). Ao possuir essa visão holística, a teodiceia oriental estaria estabelecendo uma mudança de atitude quanto a autoconsciência humana em sua existência no planeta Terra, o que muda a sua forma de relação com o divino (CAES, 2009, p. 158).

¹⁵⁹ O monumento pesa 5 toneladas de concreto e marca o centro geográfico da América do Sul.

Figura 37 - Inauguração da Pedra Fundamental de Brasília



Fonte: CAVALCANTI (1922).

A Pedra Fundamental¹⁶⁰ foi inaugurada em 1922 na cidade de Planaltina, no âmbito das atividades comemorativas do Centenário da Independência, pelo então presidente Epitácio Pessoa. Esse evento aconteceu graças aos esforços do deputado goiano Americano do Brasil, que conseguiu aprovação do Congresso Nacional. Americano, juntamente com o seu tio Henrique Silva, um dos participantes da Missão Cruls, divulgou as potencialidades de Goiás para o Brasil e o mundo, defendendo a mudança da capital para o Planalto Central.

Foi essa convicção de que a mudança da capital federal representava o progresso para o Brasil que levou Americano do Brasil a propor a aprovação do projeto na Câmara Federal. Apesar de o decreto para a construção do monumento ter sido assinado pelo presidente da

¹⁶⁰ No ano de 2012 moradores de Planaltina pleitearam o tombamento da Pedra Fundamental, alegando que o monumento ficou esquecido pelos governos. O monumento foi tombado pelo Governo do Distrito Federal em 1984, portanto, os moradores querem que isso ocorra a nível nacional. O historiador Robson Eleutério, coordenador do Instituto Cerratense Paulo Bertran foi o organizador desse movimento, que também possuía o objetivo de revitalizar a área onde se encontra o monumento, proporcionando a criação de uma melhor estrutura para incentivar o turismo, a valorização da memória e implementar atividades educativas (PARANHOS, 2012). Porém, muitos anos se passaram e a discussão se faz presente. No dia 03 de setembro de 2018, em uma Sessão Solene que marca os 96 anos da Pedra Fundamental de Brasília, ocorrida na Câmara dos Deputados, o tema foi debatido. Foi realizada uma nova discussão a respeito da importância de o monumento ser tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a criação de um museu ecológico que também contemple a preservação do cerrado. Foi lembrado pelos professores e historiadores presentes, que no ano de 2022 quando se completar o centenário do referido monumento e o bicentenário da Independência, possa ser um momento oportuno para que as atenções voltem para a importância histórica do local (AGÊNCIA CÂMARA NOTÍCIAS, 2018).

República em janeiro de 1922, somente no dia 27 de agosto o engenheiro da estrada de ferro em Goiás, Ernesto Balduino, recebeu a incumbência de construir o monumento.

Houve um esforço para que o monumento fosse inaugurado exatamente ao meio-dia do dia 7 de setembro para captar o momento em que o sol incidisse no seu vértice.

Sendo Presidente da República o Exmº Sr. Dr. Epitácio da Silva Pessoa, em cumprimento ao disposto no Decreto 4.494, de 18 de janeiro de 1922, foi aqui colocada em 7 de setembro de 1922, ao meio-dia, a Pedra Fundamental da futura Capital Federal dos Estados Unidos do Brasil. (In. VASCONCELOS, 1978, p. 237).

Margaret Bakos (2004, p. 73 e 75) considera os obeliscos na contemporaneidade como portadores de um emblema de poder, de homenagem a personalidades, de marcos históricos e/ou de celebração de datas. O obelisco geralmente está originalmente vinculado a simbolismos religiosos, apesar de, no Ocidente, ter adquirido significados específicos e independentes. No caso da Pedra Fundamental de Brasília, é interessante considerar que a mesma teria sido inspirada no sonho de Dom Bosco, demarcando o ponto central do Brasil.

Segmentos místicos interpretam o fato de o obelisco ser formado por 33 pedras como um simbolismo maçônico, já que número 33 representa o grau máximo da sua hierarquia. Na verdade, as 33 pedras simbolizam os 33 anos de república no Brasil (de 1889 a 1922). Essas representações reforçam a crença de Brasília como projeto maçônico.

Simbolicamente, para o Americano do Brasil, a Pedra Fundamental seria uma forma de inspirar a todos os brasileiros por dias promissores, que mesmo com tantas dificuldades, o país estava realizando uma mudança planejada. Todos os esforços estavam voltados para a edificação desta nova capital, que traria o progresso, elemento mais desejado naquele momento.

Isto posto, podemos perceber que Brasília desde o assentamento de sua pedra fundamental começou a deixar pistas de uma orientalização que posteriormente marcou a estética dos grupos esotéricos estabelecidos no local. Existem muitos formatos piramidais na arquitetura monumental de Brasília (Figura 38), como o templo da Igreja Messiânica Mundial do Brasil¹⁶¹, a Igreja Adventista do 7º dia, o Memorial JK, o Teatro Nacional, a Capela do Policial e a Ermida Dom Bosco.

¹⁶¹ A Igreja Messiânica se instalou em Brasília no ano de 1972. A forma piramidal de seu templo poderia sugerir uma analogia com o Antigo Egito, mas é originada no Japão. Seu objetivo é a construção de um Paraíso Terrestre no próprio Planeta Terra, promovendo uma Era de evolução espiritual humana, e conseqüente libertação de todos os males que estamos vivenciando. Foi introduzida no Brasil em 1955 pelo japonês Meishu-Sama. Seus ritos retomam elementos da tradição milenar japonesa, como a Amatsu-Norito (prece para purificar o mundo espiritual e material) e a Zanguen-Sandji (Paraíso Terrestre em japonês). Além dos cultos, a instituição também promove cursos de idiomas, música, pintura e trabalhos manuais. Nos cultos existe a aplicação do Johrei (do japonês joh – purificar e rei – espírito) que consiste na aplicação de mãos com o objetivo de transmissão energética para purificação do espírito (LUZ, 1986, p. 99). Dia 31 de maio de 2014 aconteceu o *Seminário de Preparação para o*

Figura 38 - Formatos piramidais em Brasília

<p>Igreja Messiânica Mundial do Brasil</p>  <p>Fonte: https://novaakhetatonbr.files.wordpress.com Acesso em 12 de agosto de 2020.</p>	<p>Igreja Adventista do 7º dia</p>  <p>Fonte: https://igrejas.adventistas.org/ Acesso em 12 de agosto de 2020.</p>
<p>Memorial JK</p>  <p>Fonte: https://i.pinimg.com/ Acesso em 12 de agosto de 2020.</p>	<p>Teatro Nacional Claudio Santoro</p>  <p>Fonte: Autoria própria (2018).</p>

Culto do Paraíso Terrestre presidido pelo ministro Carlos Eduardo Luciow, que iniciou explicando a respeito da origem do Paraíso Terrestre na Terra, quando o mestre Meishu-Sama subiu ao Monte Nokoguri e deus lhe revelou que depois de três mil anos de obscuridade espiritual, a humanidade entraria em uma Era de Luz em que nasceria o Paraíso Terrestre. Esse dia ocorreu em 15 de junho e se transformou na data comemorativa anual do Paraíso Terrestre e a Transição da Era da Noite para a Era do Dia. A Era do Dia, ou Era de Luz representa uma transformação profunda planetária, em que as grandes metrópoles se desmoronarão, a economia entrará em colapso, o poder das classes privilegiadas se extinguirá, para que a cultura materialista seja superada e possibilite o nascimento de uma cultura. Mesmo que não agrade ao homem, tão preso em seus bens materiais, o Paraíso Terrestre representa uma transformação necessária para o planeta e para a sobrevivência da própria humanidade, superando o egoísmo de acreditar que o paraíso seria aquilo que ele deseja para si próprio.

<p>Capela do Policial, São Paulo Apóstolo</p>  <p>Fonte: https://comunidade.rainhadapazdf.com/ Acesso em 04 de setembro de 2020.</p>	<p>Ermida Dom Bosco</p>  <p>Fonte: Autoria própria (2016).</p>
---	--

O Teatro Nacional foi projetado por Oscar Niemeyer em 1958 com a colaboração do cenógrafo Aldo Calvo. Apresenta 46 metros de altura, o formato de uma pirâmide truncada, e é composto pelos espaços seguintes: Sala Villa-Lobos e Foyer, Sala Martins Pena e Foyer, Sala Alberto Nepomuceno, Espaço Cultural Dercy Gonçalves e Anexo. Sua base apresenta um formato trapezoidal, tendo a sua maior extensão de 125 metros. Passou por várias reformas e teve sua obra oficialmente finalizada em 1981.

O formato de pirâmide truncada pode remeter à arquitetura maia ou asteca. Niemeyer em entrevista concedida a Celso Araújo no ano de 2001, a respeito do formato, esclarece:

Celso Araújo - Como foi mesmo o ponto de partida em sua concepção do Teatro Nacional? A pirâmide veio antes da encomenda ou na própria inquietação para resolver o problema?

Oscar Niemeyer - Eram dois teatros a projetar e isso explica a solução adotada. [...]

Celso Araújo - E o fato de todos identificarem como uma pirâmide asteca, é correto do ponto de vista arquitetônico?

Oscar Niemeyer - É engraçado. Em arquitetura, qualquer forma que corresponda às funções internas é adequada e, quando ela cria surpresa, e os leigos dela se ocupam curiosos, melhor ainda. O espanto faz parte da boa arquitetura. [...] (ARAÚJO, 2001).

Analisando os croquis de Niemeyer, percebi que a ideia original seria a concepção de um formato circular para o teatro. Porém, ao deparar-se com problemas de adaptações dos espaços e as estruturas, o arquiteto chegou a este formato. Aldo Calvo e Niemeyer em um artigo esclarecem:

Nos Teatros Oficiais de Brasília, nosso objetivo foi manter o critério de simplicidade e liberdade plástica, que acreditamos caracteriza os edifícios dessa cidade. [...] Mas nos preocupava também que constituíssem uma obra de interesse arquitetônico, uma obra que fugisse da rotina que a repetição de formas vem estabelecendo e fosse, embora modesta, uma contribuição à técnica e à arte teatral. [...] O projeto dos teatros sofreu diversas modificações, tanto na concepção urbanística de seus elementos quanto na solução dos teatros propriamente dita (NIEMEYER E CALVO, 1960, p. 02).

Quem realizou uma investigação a respeito dos formatos piramidais presentes em Brasília foi o pesquisador Costa (2014) que acredita que a partir da própria topografia da região, em seus chapadões piramidais, foram traduzidos na forma das edificações da cidade.

É como se ao marchar pelas terras do Planalto, os desbravadores, pioneiros e idealizadores conservassem a mesma visão dos altiplanos no surgimento das edificações da futura cidade. A ideia do plano e a verticalidade do alto estão aqui de tal modo referenciados servem de modelo e inspiração aos construtores da capital (p. 109).

Costa analisa que o espaço das construções da região de Brasília foi simbolicamente sustentado a partir de um mesmo traço arquetípico. Mesmo se tratando de uma arquitetura moderna, vários elementos presentes podem remeter a construções antigas. O formato triangular foi o projeto básico para as variantes encontradas no princípio arquitetônico da cidade. Mesmo se um propósito claro em seus discursos, os seus idealizadores explicitaram a forma piramidal como uma base arquetípica da monumentalidade da cidade.

O arquétipo presente na forma piramidal é uma das mais primitivas expressões da relação entre o alto e o baixo. Ele expressa, ao mesmo tempo, a elevação constante vinculada a uma base inferior que a sustenta e a complementa. Este princípio está muito presente em espaços de culto e de celebrações religiosas, mas também pode ser contemplado a partir da vivência humana junto a espaços naturais de acidentes geográficos, como as montanhas e os altiplanos. Neste último caso, a visão humana permite representar a natureza a partir do arquétipo. Em todos estes casos, a forma piramidal parece se manifestar, de forma ‘espontânea’, na mente e na visão daqueles que a observam (*ibidem*, p. 81).

Apesar de não existirem informações a respeito de relações de Niemeyer com o Egito, os edifícios projetados sejam por ele ou por outros arquitetos que apresentam formatos piramidais, passaram a receber essas significações. Discursos esotéricos acreditam que os formatos possam ter se concretizado não intencionalmente nos projetos, e que por influências espirituais, os arquitetos possam ter chegado a esses resultados. É o que a egiptóloga Iara Kern

defende em sua obra intitulada *De Akhenaton a JK: das Pirâmides a Brasília* (1984)¹⁶². A partir de sua leitura do sonho considerado profético do sacerdote italiano Dom Bosco, Iara Kern desenvolveu uma pesquisa relacionando a cidade de Brasília com a cidade de Akhetaton no Egito, na qual, ela também defende que Juscelino Kubistchek seria uma reencarnação do faraó Akhenaton. Iara Kern afirmava que sua pesquisa tinha um caráter místico, e passou a receber convites de vários grupos esotéricos para ministrar palestras.

Kern (1984) em sua obra afirma que esses formatos piramidais não foram idealizados por seus arquitetos de forma intencional, isso teria ocorrido de forma natural, como se eles fossem reencarnações de sacerdotes ou arquitetos egípcios. Desde os 12 anos de idade Iara Kern era apaixonada pelo Egito Antigo, e pertencia a uma família protestante, o que a levou a entrar em choque entre os seus preceitos e crenças.

O jornalista Dioclécio Luz (1986, p. 35) investigou a vida da pesquisadora, procurando abordar em sua obra elementos místicos. Ele narra que Iara fez a sua graduação em História na Universidade de Santa Maria e o Mestrado em Arqueologia no Queen's (EUA). No período do seu Mestrado, Iara teria assistido um discurso de um dos diretores da Nasa que acreditava que o Planalto Central brasileiro era o local mais seguro do mundo para a transição de Eras.

Dioclécio Luz (1986, p. 35) conta que Iara Kern realizou o seu Doutorado em Egiptologia na Universidade do Cairo, tendo começado em 1973, ano em que a pesquisadora esteve com os Cóptas participando de seus rituais. Em um deles, Iara foi informada pelo sacerdote que em uma vida passada, teria feito parte da Sexta Dinastia egípcia, tema do qual ela trabalhava em sua tese. Na ocasião, Iara conheceu o que se dizia ser a sua múmia e de sua família no Museu de Saqqara, no Cairo.

Kern defende que Brasília seria fruto da inspiração na cidade antiga egípcia Akhetaton e todas as suas edificações da arquitetura monumental seriam inspiradas pelas suas edificações. A pesquisadora afirma que: “Assim como no Egito Antigo emergiam monumentos em homenagem aos seus fundadores, em Brasília temos uma Ermida em homenagem a D. Bosco” (KERN, 1984, p. 21). Kern idealiza que Brasília é predestinada a ser o Celeiro do Mundo, a terra que emanará leite e mel, precisamente confirmando sua crença na profecia de Dom Bosco. Ela afirma também que quando escavarem Brasília, encontrarão urânio e petróleo.

Uma das semelhanças estabelecidas por Kern (1984) entre as edificações egípcias e brasilienses estava o prédio da CEB – Companhia Energética de Brasília (demolido em 2013),

¹⁶² “Referência obrigatória em qualquer citação ao aspecto místico da cidade, a primeira edição (de 2.000 exemplares) esgotou-se em 40 dias e a segunda (de 5.000 exemplares), ampliada substancialmente, foi lançada em meados de 1985. O livro já foi traduzido em seis idiomas [...]” (LUZ, 1986, p. 36).

que foi relacionado à Pirâmide de Saqqara, no Egito (Figura 39). Kern defendia que as dimensões de ambas as pirâmides seriam semelhantes, e que a pirâmide egípcia seria uma guardiã de energia, só que nesse caso, uma energia metafísica, da mesma forma que a pirâmide da CEB promovia energia para Brasília.

Kern defende que a Pirâmide de Degraus de Saqqara, a estrutura mais antiga de pedra talhada no mundo, formava uma cidade residencial, sob a proteção do pássaro Íbis, com o objetivo de guardar energia cósmica. Acreditava-se que a pirâmide era detentora de um tesouro inimaginável que teria sido roubado. A pirâmide possuía sessenta e um metros de altura e era também um verdadeiro museu de objetos preciosos, como as estátuas do faraó. Desta forma, a pirâmide da CEB possuía as mesmas medidas que a pirâmide de Saqqara, e também guardaria energia, só que neste caso, a energia física.

Figura 39 - Pirâmide da CEB (Brasília) e Pirâmide de Saqqara (Egito)



Fonte: Kern (1984, p. 107). Ilustração de Byron de Quevedo.

A obra resultou no documentário *Brasília Secreta* (1984), que apresenta uma entrevista realizada com o autor da pirâmide da CEB, Gladson da Rocha, que em depoimento relata:

Para o projeto da CEB, na L2 Norte, ... eu não escolhi a forma de pirâmide. Eu fui convidado para participar de um concurso, e aceitei o convite, fomos uma meia dúzia de arquitetos e afinal, comecei a trabalhar, pensar sobre o programa que me foi fornecido, e finalmente, ... como tudo que acontece comigo, um dia, veio a resposta. [...] quando eu fiz a maquete, vi que era uma pirâmide. Eu não tinha pensado em pirâmide absolutamente, e muito menos, né ... em Sakára. Surgiu uma pirâmide escalonada, com proporções bem parecidas com Sakára. [...] Não, eu nem pensei, eu não sabia, agora que me dou conta [...] Me veio uma lembrança de um caso que aconteceu comigo em Los Angeles [...] quando uma senhora, uma jovem senhora, vinha no sentido contrário ao meu, e a uns dez metros assim de distância, ela botou as

mãos pra cima com os olhos bem acesos assim para mim, e botou as mãos para cima dizendo “Que que é isso? O que que eu estou vendo? Não é possível uma coisa dessas! ” E eu me espantei e olhei assim pra cima. E ela me disse “Não, tudo bem, é que eu tenho certeza que o senhor foi um sacerdote egípcio a três mil e quinhentos anos passados” (ROCHA *in* TORRE, 1984).

Esse depoimento reforça o tom místico imputado pelo documentário, ao entrevistar um arquiteto responsável por uma das obras em que se especula relações entre Brasília e o Egito Antigo. Apesar de o arquiteto não ter confirmado a inspiração direta em sua obra, deixa o espectador curioso com seu depoimento, ao relatar o episódio ocorrido em Los Angeles, em recebeu a revelação de que possuía uma vida passada como um sacerdote egípcio. Ele procura, através de um discurso místico, corroborar a tese de Kern, acreditando que mesmo não conscientemente, teria construído o edifício e implementado o formato piramidal.

Kern também analisa vários edifícios de Brasília, como o Congresso Nacional, a Catedral Metropolitana, o Teatro Nacional, a obra “Meteoro” de Bruno Giorgi no Palácio do Itamaraty, o Cemitério de Brasília, o edifício da Igreja Católica de Santa Cruz, o edifício do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPQ), o Memorial JK, dentre outros. Kern defende que todos os templos no Egito Antigo eram cercados por água, com exceção de suas entradas, e em Brasília, as suas edificações também apresentam esta característica. Ela defende também que o Egito recebeu migrações das mais variadas etnias, formando uma nação heterogênea e acolhedora, da mesma forma que Brasília, que por sua vez, apresenta a característica de cidade cosmopolita.

A relação que a obra sustenta entre o faraó Akhenaton e o presidente JK é embasada em muitos dos discursos do presidente, que por sua vez, demonstrava conhecimento e admiração pela antiguidade egípcia. Kern cita trechos da obra *Meu caminho para Brasília* (1974) de autoria do presidente, para defender que ele perpetrava algumas relações entre Brasília e o Egito, bem como a sua inspiração no faraó Akhenaton:

Hoje, tanto tempo decorrido, pergunto-me, às vezes, se essa admiração por Akhenaton, surgida na mocidade, não constituiu a chama, distante e de certo modo romântica, que acendeu e alimentou meu ideal, realizado na maturidade, de construir, no Planalto Central, Brasília – a nova Capital do Brasil (KUBITSCHKEK *apud* KERN, 1984, p. 60).

Segundo Kern, JK também mencionou Akhenaton em outros trechos: “Como Aknaton escreveu o Hino ao Sol, na inauguração de sua cidade planejada, hoje em pleno século XX tudo se repete, pois é o mesmo sol que nos ilumina” (KUBITSCHKEK *apud* KERN, 1984, p. 67).

Kern cita uma série de discursos do presidente em outras de suas obras, para insistir que ele teria uma espécie de relação muito forte com o antigo faraó, ou que seria a sua própria reencarnação. Aproveito a fala de Iara Kern para investigar nas autobiografias de JK as suas relações com o Egito Antigo, para procurar entender se JK procurou imprimir em suas autobiografias um discurso místico relacionado ao Egito. Percebi que Iara Kern se apropriou destes discursos para mistificar a própria figura de JK.

Em sua autobiografia *Meu caminho para Brasília* (1974) JK relata uma viagem ao Egito, demonstrando um deslumbramento perante a sua antiga cultura:

A visão do Egito constituiu, para mim, um espetáculo inesquecível. Ali estavam os túmulos dos faraós, as lendárias pirâmides, os santuários Karnak e Luxor, o misterioso deserto e o velho Nilo, correndo grave e solene através de um universo de areia. Tudo me parecia fantasmagórico, olhando aquela paisagem áspera, amarela de pó, tive a impressão de que desfilavam diante dos meus olhos – numa compreensível reversão histórica – as figuras de César, Marco Antônio, Cleópatra, seguidos, a distância, pelos chefes das diferentes dinastias, com sua indumentária característica e seus milhares de servidores. Recordei a beleza, aureolada pelo infortúnio, da Rainha Nefertiti e o visionarismo do seu marido Amenófis IV ou Akhenaton – o “Faraó herege”. Apesar da minha formação religiosa, não escapei do fascínio daquela estranha personalidade, misto de sonho e audácia, cuja obra de reformador constituiu, durante algum tempo, uma das preocupações do meu espírito (KUBITSCHKEK, 1974, p. 110 – 111).

JK diz que as obras de Akhenaton foram durante algum tempo, preocupação de seu espírito. Análise mais adiante no seu depoimento, que ele descreve todo o trabalho do faraó e ressalta sobre a mudança da capital do Egito, demonstrando claramente a sua dedicação ao estudo deste faraó, o que pode ter lhe influenciado em seus feitos no Brasil.

O Faraó tinha, então, apenas dezenove anos de idade. E, apesar da sua juventude, compreendeu que sua revolução religiosa só teria êxito se procedesse, igualmente, a uma mudança de sede da monarquia, de forma a subtraí-la à tutela milenar dos sacerdotes dos antigos ídolos, especialmente dos de Amon. Surgiu, assim, a ideia de mudança da capital do Egito. Ao invés de Tebas – a monarquia iria funcionar em Ekhenaton, a “Cidade do Horizonte de Aton”. O plano de transferência, apesar de tão recuado no tempo – quase quatro mil anos atrás – foi levado a efeito com uma técnica e um planejamento dignos do século XX. Arquitetos foram contratados. Artífices vieram de todas as partes do Império. Engenheiros, astrônomos, técnicos em hidráulica, britadores, escultores, pedreiros especializados foram mobilizados. O local escolhido foi Tell El-Amarna, um vale situado entre o Nilo e as encostas rochosas do deserto. [...] (KUBITSCHKEK, 1974, p. 111).

Analisando esse relato sem considerar o local o qual JK se refere, essa história contada pelo presidente muito nos remete à mudança da capital para Brasília. Outra parte que vale a pena citar é quando JK conta a respeito de seu encontro com a princesa Marina da Grécia, duquesa de Kent. Quando a princesa conheceu Brasília, por volta de 1958, ainda apenas um

canteiro de obras, ela teria dito para o presidente: “O senhor constrói, Presidente, como os faraós do Antigo Egito o faziam”. (p. 113). JK ter-lhe-ia respondido: “Quando à monumentalidade, é possível que sim, Alteza, mas quanto aos objetivos, seguimos caminhos diametralmente opostos. Os faraós construíram para os mortos, e eu construo para as gerações do futuro” (KUBITSCHKE, 1974, p. 113).

A relação estabelecida entre os ícones da construção de Brasília e elementos do Egito Antigo foi dessa forma empreendida a partir de interconexões simbólicas entre os empreendedores do projeto da capital com os legados culturais orientais milenares. Quero dizer que eles (JK e Oscar Niemeyer por exemplo) carregavam uma bagagem cultural que os proporcionaram imprimir em seus trabalhos referências simbólicas diversas. Mesmo que não tenha ocorrido algo intencional, de certa forma podemos perceber que alguns elementos estiveram presentes como referências artísticas ou inspirações.

Iara Kern vasculhou as autobiografias, discursos, projetos e iconografias, encontrando essas referências nos discursos, fato que não entrou em choque com os artifícios políticos que possuíam o mesmo objetivo de estabelecer Brasília como um local sagrado. Posteriormente, a teoria de Kern auferiu popularidade no meio esotérico, sendo debatida até os dias de hoje entre muitos grupos estabelecidos na região.

4.2. Vale do Amanhecer e os lugares sagrados

No ano de 1959 nasce uma doutrina na própria região do Planalto Central, ao contrário das demais analisadas, oriundas de outras cidades. Neiva Chaves Zelaya, conhecida como Tia Neiva, convenceu muitas pessoas sobre suas habilidades mediúnicas e sobre ter vindo ao mundo como a reencarnação de Cleópatra. Acreditava-se também que ela podia ver espíritos, seres de outras dimensões e prever o futuro. Começou a atender pacientes em uma região próxima a Alexânia (GO) e fundou a Ordem Espiritualista Cristã em Taguatinga, até que no ano de 1969 fundou o Vale do Amanhecer¹⁶³ em Planaltina (GO). Tia Neiva também relatava ter contatos

¹⁶³ Sua doutrina basicamente consiste em um sincretismo que retoma espiritualidades de antigos povos como os incas, os egípcios e os astecas, unindo a estes conhecimentos princípios do hinduísmo, budismo e o próprio espiritismo. “Na Doutrina do Amanhecer, sabemos que somos espíritos imortais, dotados de livre arbítrio e da consciência de nossas missões, trazendo em nosso espírito as marcas das vivências em diversos mundos, em diferentes épocas, buscando o nosso desenvolvimento para que melhor possamos manipular as forças que nos competem, agindo na Lei do Auxílio em benefício de nossos irmãos encarnados e desencarnados, aliviando nosso carma pela Lei de Causa e Efeito, procurando a afinidade com nossos irmãos evoluídos e a harmonia com os Espíritos de Luz, através da busca do conhecimento e aprimoramento de nossa conduta doutrinária” (VALE DO AMANHECER, 2016).

com seres de um planeta chamado Capela. Capela seria um planeta de outra dimensão e seus espíritos encarnam e desencarnam na Terra. A médium também relatava viagens em naves espaciais. Em entrevista concedida a essa pesquisa, um membro da comunidade acrescenta:

Tia Neiva nasceu em própria Sergipe em 26/10/1925. Veio de uma família tradicional católica. Dos 30 para os 33 de idade começou a ver espíritos, a conversar com espírito de outras dimensões, chegou a procurar psicólogo imaginando estar ficando louca. Ela era uma clarividente, tinha o poder de vislumbrar o passado o presente e o futuro com mesma clareza do plano físico. Foi a primeira mulher motorista profissional do Brasil, trabalhou em Goiânia como motorista de ônibus. Veio para Brasília com 4 filhos, logo ficou viúva. Trabalhou na Novacap no início da construção de Brasília com seus caminhões. Os fenômenos foram acontecendo até ela dispersar que tinha uma missão na terra junto a Jesus e pai Seta Branca que é o mentor espiritual de nossa doutrina. O Vale do amanhecer é uma doutrina não tirada de nenhum seguimento, religião, seitas ou livros filosóficos. Tem o seu sistema próprio e uma doutrina cristã, porém ligado a ciência. Nossa tônica é a técnica de manipulação de energia. Tudo aconteceu através de mantras, gestos e rituais. É um processo de técnica doutrinário. Tudo trazido dos planos espirituais através da clarividente que nós chamamos carinhosamente de Tia Neiva. Ela através de sua clarividência, recebia as orientações de pai Seta Branca ou de seus enviados e transportando para o plano físico, através das técnicas de transporte e desdobramentos, técnica estas na qual foi preparada pela espiritualidade maior. Ela tinha o poder de ir em outro plano seja luz ou 'inluz' conversar com espíritos voltava ao corpo com mesma clareza (Entrevista com J.S.¹⁶⁴, 2019).

No dia 16 de novembro de 1985 Tia Neiva faleceu deixando uma organização bem estruturada funcionando normalmente sem a necessidade de sua presença. A coincidência é que no mesmo ano, falece o líder da Cidade Eclética, Yokanaam. O Vale do Amanhecer, na opinião de Dioclécio Luz (1986, p.77), é “sem dúvida, a mais extraordinária experiência comunitária de cunho religioso não tradicional do país”.

O Vale do Amanhecer é quase uma cidade, possui linha de ônibus, lojas de souvenir, lanchonetes, livrarias, cursos e um orfanato. A comunidade se mantém através de doações, frutos de seu comércio e agricultura. Realizei as visitas e passei alguns dias conhecendo todo o complexo, percebendo tanto as suas práticas religiosas, quanto algumas de suas características socioeconômicas.

Na questão religiosa, o que mais me chamou a atenção foi o hibridismo religioso presente na doutrina, assim como confirma o pesquisador Dioclécio Luz:

A verdade é que o papel do Vale, como aglutinador de religiões ou, mais exatamente, de essências religiosas, e como formador de médiuns, transcende qualquer redução do fenômeno a velhas fórmulas escatológicas – psicanalíticas. No contexto de Brasília (uma cidade projetada para o futuro) é extraordinário que ao seu redor se instale um movimento de caráter messiânico, preocupado em desenvolver o potencial humanístico e sensorial do homem – algo absolutamente incompatível com o pragmatismo racional (LUZ, 1986, p. 78).

¹⁶⁴ Irei manter as iniciais para resguardar o anonimato dos participantes.

O Vale do Amanhecer trabalha em seus ritos a mediunidade, vibração energética, karma e reencarnação. Acreditam nos espíritos errantes, que são aqueles que permanecem na Terra alimentando-se das energias humanas, de animais e plantas. O exu é um nome dado a alguns espíritos desencarnados, líderes atuantes neste plano invisível. O obsessor por sua vez, é um espírito que mantém uma insistente relação com uma determinada pessoa, um inimigo pessoal. Ele persegue essa pessoa que seria um encarnado, por uma dívida passada, e isso prejudica muito a sua evolução espiritual. Os elítrios por sua vez são espíritos temidos, dominados pelo ódio e obsessão contra outros espíritos. Recusam a imagem de um Cristo em sofrimento na cruz, pois esta simboliza na sua opinião, a relação entre o homem físico e a sua alma. A cruz aparece geralmente com um manto branco enrolado em suas hastes que simboliza a prática da mediunidade e a presença viva de Jesus em suas vidas (LUZ, 1986, p. 79-80).

Recebi o apoio de um amigo que é um membro participante da hierarquia presente na organização do Vale, que me acompanhou durante os dias em que estive presente, me mostrando e explicando todas as questões que vivenciei. Não senti a necessidade de fazer uma entrevista oficial, porque ele passou durante dias me acompanhando e conversamos muito. Tive a oportunidade de conhecer pessoalmente uma filha da Tia Neiva, com quem conversei rapidamente. O Vale não tem pausa em suas atividades, participei de ritos nos períodos da manhã, tarde e noite. Presenciei um fenômeno social muito interessante, pois, diferente de outras instituições, que possuem horários específicos e encontros de membros em períodos definidos, no Vale existe essa rotatividade de participação de membros para manter o funcionamento das atividades dos templos, seja em fins de semana ou durante os horários comerciais. O que me foi dito é que as energias precisam ser trabalhadas continuamente.

A comunidade do Vale do Amanhecer atrai milhares de visitantes seja pelo turismo ou pelos atendimentos espirituais. A estatística é de cerca de 5 mil visitantes semanalmente (CIPRIANO, 2013). O Vale do Amanhecer possui mais de 617 templos por todo o Brasil, Alemanha, Portugal, Estados Unidos, Uruguai e Equador.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) nos últimos anos tem realizado ações no sentido de salvaguardar a cultura imaterial¹⁶⁵ do Distrito Federal, dentre

¹⁶⁵ “[...] A partir de 04 de agosto de 2000, por efeito do Decreto 3551, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, o órgão vem desempenhando políticas públicas voltadas para o reconhecimento, a valorização e o apoio sustentável aos chamados bens culturais de natureza imaterial. Desde então, ofícios e modos de fazer tradicionais, formas de expressão (musicais, coreográficas, cênicas, literárias e lúdicas), lugares onde se concentram ou se reproduzem práticas culturais e celebrações coletivas associadas, em especial, a minorias étnicas e segmentos sociais marginalizados, passaram a ser, de modo sistemático, objeto de ações de inventários, de proposições de registros e de projetos de salvaguarda. De uso e difusão recentes, a expressão *patrimônio imaterial* ainda causa celeuma e algum equívoco, tanto no

as quais se destaca a pesquisa intitulada *Brasília Mística* que se destina à realização de inventários voltados para o conhecimento das diversas demandas religiosas locais. Se destacam o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) dos Lugares de Culto de Matrizes Africanas¹⁶⁶ e Afro-Brasileiras e o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Vale do Amanhecer (IPHAN, 2010, p. 05).

Os inventários partem do pressuposto da existência de um universo simbólico compartilhado coletivamente, sendo os elementos religiosos os responsáveis por unir a comunidade. O Vale do Amanhecer foi eleito dentre muitos outros por corresponder a concretização mais evidente e completa de toda a complexidade e dimensão da vocação da capital brasileira como uma cidade mística, assim como nos descreve os pesquisadores que encabeçaram o inventário, Deis Siqueira e Marcelo Reis (*ibidem*, p. 19). Por isso também a instituição foi abordada inúmeras vezes na academia, sendo polo atrativo do interesse das várias áreas das ciências humanas, como a pesquisa do professor Marcelo Reis.

Os pesquisadores do inventário aplicam o termo *lugar sagrado* para designar duas peculiaridades do Vale do Amanhecer, a de transitar ao meio social e revestir as práticas cotidianas. O sagrado está presente no cotidiano das sociedades, marcando as estruturas das subjetividades humanas, constituindo-se como algo inato ao *ethos* e à visão de mundo. Assim, a ocupação do espaço pelas edificações se consagra pela manifestação do sagrado.

Após a sua seleção e definida a ocupação, o processo de cristalização da Doutrina do Vale do Amanhecer se realizaria por meio da distribuição e da fixação dos símbolos sagrados por esse espaço, o que equivaleria à transformação do caos em cosmo [...] Esse lugar sagrado, continuada e ritualmente consagrado, reveste-se de uma aura de excepcionalidade, de encantamento, aos olhos de adeptos, visitantes e pacientes (IPHAN, 2010, p. 120).

A sacralização do lugar não se restringe aos templos. Percebi a sacralização de todo o espaço da comunidade através das ações cotidianas dos membros, que transitam pelas ruas, realizando suas atividades cotidianas, como ir ao supermercado, trajando as suas indumentárias

âmbito do debate acadêmico quanto entre os próprios grupos sociais a cujos universos de práticas e representações culturais o termo se refere” (IPHAN, 2010, p. 16).

¹⁶⁶ “O INRC dos Lugares de Culto de Matrizes Africanas e Afro-brasileiras teve início em 2008, a partir da solicitação de adeptos, prevalentemente de casas de Umbanda e Candomblé, para preservação de lugares centrais de culto e para consideração dos terreiros nas ações de planejamento territorial. Como logo ficou claro que a localização das casas extrapolava os limites territoriais do Distrito Federal, situadas na região compreendida pelo Entorno, embora mantendo uma ligação com a cidade de Brasília, decidiu-se estender os limites territoriais da pesquisa. Até o momento, foram realizadas as fases de “Levantamento Preliminar”, ocorrida entre setembro de 2008 e agosto de 2009, na qual foram identificados 26 terreiros em atividade, com a aplicação de questionários do INRC em 20 deles, e fase de “Identificação”, a partir de setembro de 2009, que aprofundou o conhecimento sobre os terreiros da região demarcada ao ampliar o número de terreiros identificados” (IPHAN, 2010 p. 12).

que marcam as hierarquias ritualísticas. Também vi muitas lojas de artigos esotéricos e lojas especializadas nestas indumentárias. Eventualmente ocorrem determinadas práticas religiosas nos espaços públicos, como nas ruas. Então, temos o que os pesquisadores denominaram de coexistência entre as dimensões sagrada e profana (*ibidem*, p. 122).

Mircea Eliade (1992) nos mostra que os templos, quando inseridos em cidades modernas, tornam-se o limiar entre o espaço sagrado e o profano. São ao mesmo tempo o local no qual os dois mundos se comunicam (profano e sagrado), mas nele se pode efetuar a passagem do primeiro para o segundo. “O limiar, a porta, mostra de uma maneira imediata e concreta a solução de continuidade do espaço; daí a sua grande importância religiosa, porque se trata de um símbolo e, ao mesmo tempo, de um veículo de passagem” (p. 19). A própria comunidade do Vale do Amanhecer se torna um espaço sagrado. O templo apenas define que aquele é um local no qual se manifesta o transcendental, pois é considerada uma zona telúrica.

Diversos símbolos estão presentes por todo o complexo, símbolos estes, provenientes de antigas culturas, formando um rico mosaico, com elementos maias, incas, astecas, egípcios, dentre outros. Estes símbolos se comunicam organicamente com elementos do cristianismo, mais propriamente de sua vertente Espírita, com elementos das religiosidades afro-brasileiras, tradições esotéricas e ufologia.

A localização do complexo do Vale se deve às coordenadas espirituais transmitidas por Tia Neiva, traçadas no chão, que estabeleciam as delimitações espaciais. O complexo conta com várias edificações, assim destacadas pelo inventário do IPHAN (2010, p. 08):

Área do Templo (inclusos o Templo-Mãe, Turigano e a Estrela de Nerhu, Casa Grande, Cabana do Pequeno Pajé, Estrela de Davi, Biblioteca do Jaguar, Bonário, Salão do Grupo Jovem, estacionamento, hotel e blocos comerciais) e o Solar dos Médiuns (abrangendo a Estrela Candente, Cachoeira do Jaguar, Cabala dos Delfos, Oráculo de Koatay 108, Quadrantes e Pirâmide).

Destaco dentre estes locais a Estrela Candente (Figura 40), idealizada por Tia Neiva, considerada um transmutador de energia, local no qual se realizam vários rituais diariamente, ou em datas específicas, como a Escalada, o Quadrante, a Anodização, o Dia do Doutrinador e a Consagração. Participei de alguns destes rituais e percebi a rotatividade de pessoas que vão ao local para participar, sejam seguidores, visitantes, e fieis das mais variadas religiões e segmentos sociais. O Vale é um local que abrange todos sem distinção de classes.

Figura 40 - Estrela Candente



Fonte: Autoria própria (2019).

O formato da estrela de 6 pontas remete à união de dois triângulos equiláteros cruzados, considerado propenso à manipulação de energias. Cada divisão representa uma linha de força espiritual, com o objetivo de interceder benefícios coletivos aos participantes e interceder espiritualmente por Brasília. O triângulo é o símbolo dos *aparás*, tendo em sua base o amor, e nas laterais a tolerância e a humildade. O *apará* é o médium que realiza a conexão entre os espíritos e a Terra, incorporando-os também. O formato de hexagrama, conhecido como a Estrela de Davi, representa, para o Vale do Amanhecer, as dualidades entre céu e a terra, o físico e o espiritual, ou o homem e a mulher. Mostra claramente as influências da Cabala inseridas na Doutrina por Tia Neiva.

O lago artificial (Lago de Iemanjá) próximo à Estrela Candente é cercado pelas imagens das princesas encantadas Iemanjá, Janaína, Iracema, Jandaia, as gêmeas Jurema e Juremá, Janara e Iramar. Essas entidades provêm de histórias que teriam ocorrido durante o Brasil Colônia, todas elas escravas, com exceção de Janaína, que era uma sinhazinha. São chamadas de missionárias, pois teriam realizado boas ações, pregado o amor durante as suas vidas e possuíam dons espirituais. Representam sete espíritos encarnados que viveram vários períodos históricos, vivenciando no Brasil, as mazelas da escravidão.

A Pirâmide (Figura 41), edifício de seis metros de altura, foi inaugurada no ano de 1979. É aberta à visitação pública, destinada a meditação. A pirâmide representa um local de recepção, manipulação e difusão de energias (IPHAN, 2020, p. 143). Os médiuns

disponibilizam aos visitantes a água fluidificada¹⁶⁷ através de um cristal que se localiza no cume da pirâmide. No seu interior, há imagens das várias entidades cultuadas pela Doutrina, como o Pai Seta Branca. No revestimento da pirâmide, podemos encontrar as esculturas do faraó Akhenaton, sua esposa Nefertiti, e o filho do casal, Tutancâmon.

Figura 41 - Pirâmide da Estrela Candente



Fonte: Autoria própria (2019).

De acordo com o estudioso de ocultismo e arquiteto Marcelo del Debbio (2008), a pirâmide no Egito Antigo possibilitava a abertura dos chakras despertando poderes de projeção astral, telepatia, clarividência, dentre outros e que também serviam de observatório espacial. Por gerar um campo energético ao seu redor, as pirâmides despertavam nos sacerdotes altas habilidades matemáticas e astronômicas. Existem outras crenças que afirmam que a Grande Pirâmide emite uma radiação energética para a galáxia, servindo como um ponto de comunicação com os viajantes espaciais.

De acordo com Mário Sassi¹⁶⁸ (2000), esposo de Tia Neiva, em sua obra *A conjunção de dois planos*, Tia Neiva realizou uma viagem astral pelo Egito, sobrevoando as pirâmides,

¹⁶⁷ Água normal, na qual são acrescentados fluidos curativos espirituais. São realizados rituais que objetivam a magnetização da água através da força de espíritos.

¹⁶⁸ Mário Sassi nasceu em São Paulo e teve uma formação católica. Mudou para Brasília em 1962 tornando-se assessor de Relações Públicas da Universidade de Brasília. Conheceu Tia Neiva em 1965, quando aderiu à sua

sob os ensinamentos do Capelino Stuart¹⁶⁹ a respeito dos segredos da sabedoria cósmica contida dentro destes edifícios. Sassi relata a conversa entre Tia Neiva e Stuart que a explica a respeito da função das pirâmides:

As pirâmides, Neiva, eram centros de manipulação de energias, verdadeiras usinas de força. Ali se concentravam os grandes cientistas para a conjugação de suas forças psíquicas, como hoje se reúnem os médiuns nos templos iniciáticos. Ali se concentravam os conhecimentos e a documentação dos planos planetários, os instrumentos básicos e os meios de comunicação. O grande Jaguar era um especialista na construção de pirâmides. Ao perceber que o fim de Omeyocan se aproximava, ele deslocou-se para o Egito e lá emprestou sua colaboração aos Orixás responsáveis por aquela área. Com sua química, eles decompunham as rochas e as moldavam de acordo com as necessidades. Possuíam prensas com as quais moldavam grandes blocos e tijolos. Por processos eletromagnéticos, eles vitrificavam as superfícies e movimentavam os blocos gigantes, com a mesma facilidade como os pedreiros atuais movimentam tijolos (p. 51).

O espírito revela a respeito da importância destes locais:

Neiva, – disse ele – observe aquelas pirâmides. No seu interior estão encerrados preciosos ensinamentos, cuja revelação poderia modificar toda a trajetória humana. Elas ocultam tesouros da sabedoria cósmica, representados por documentos, máquinas e provas vivas desse conhecimento. Além deste, existem mais três pontos da Terra em que essa herança está guardada. Uma situa-se entre as ruínas do império incaico, o outro está no Brasil Central, e o quarto num ponto que ainda não pode ser revelado. Esses segredos virão à tona, mas creio que tarde demais para serem aproveitados pela humanidade atual (*ibidem*, p. 35).

Além do Egito, podemos perceber no relato que o Brasil Central e os Andes também foram citados como locais na Terra em que existem registros dessas sabedorias. Na verdade, mais adiante, Sassi relata que Tia Neiva também viajou por esses locais, quando Stuart mostrou o Rio Araguaia, dizendo-lhe:

- Aquele, Neiva, é o rio Araguaia, bem no coração de seu país. Nessa região é que estão ocultos os tesouros dos Equitumans, um povo que existiu há milhares de anos, e que deu origem a quase todos os povos que habitaram este pedaço da Terra, há milênios atrás [...] Ao passarem sobre Brasília, Neiva teve sua atenção espertada por

doutrina, e juntos, acreditavam ter estabelecido uma relação cármica. Ele foi o responsável por traduzir toda a Doutrina transmitida por Tia Neiva em livros.

¹⁶⁹ Conforme o entendimento da doutrina do Vale do Amanhecer, Stuart é um mestre capelino, ou seja, um espírito de notável evolução, habitante de Capela e que tem como missão auxiliar os encarnados em suas necessidades, particularmente os jaguares. Stuart acompanhou Tia Neiva no curso de suas andanças e aprendizados pelos planos espirituais. De acordo com o Vale ainda, ele encarnou na Terra pela última vez como filho de fazendeiros na região de Mato Grosso, entre os séculos XIX e XX, com o nome de Sebastião Quirino de Vasconcelos – ou simplesmente Tiãozinho. Nessa encarnação, teria morrido em um naufrágio, na companhia de Justininha, sua alma gêmea. Especificamente na roupagem encarnatória de Tiãozinho, ele é bastante popular e cultuado entre os adeptos do Amanhecer. Verifica-se, inclusive, um quadro de grandes dimensões dessa personagem no interior do templo da doutrina, o que confirma o destaque dado a ele pelo grupo sociorreligioso.

uma nuvem escura que se movia em direção ao conjunto central de edifícios. Notou que não se tratava de uma nuvem comum, e interpelou Tião a respeito [...]

São os Falcões, – disse ele – uma das falanges do Vale das Sombras.

- E o que eles estão fazendo? – perguntou ela.

- Como é de seu hábito, estão fazendo uma investida em massa contra o centro político e administrativo do seu país. Observe bem, Neiva, porque, daqui a pouco, eles entrarão em choque com as defesas. Creio que haverá verdadeira batalha.

Neiva viu, então, uma outra nuvem, mais clara, que se aproximava dos Falcões e olhou interrogativamente para Tião.

- Aqueles são os Espíritos das Correntes Brancas, comandados pelos orixás. Volte para seu corpo, pois vão precisar de você no seu plano (*ibidem*, p. 36 - 37).

No relato podemos perceber a menção a uma guerra astral sobre Brasília, o centro das decisões políticas do país, por isso a importância de Tia Neiva, a de construir um local em que se possa estar próximo para interceder a favor de Brasília. Mário Sassi (2000, p. 60) também destaca que Stuart havia dito à Tia Neiva que os formatos piramidais presentes no Egito e na América não existiriam ao acaso. Havia trocas de informações e experiências entre estes locais, e os próprios pontos distribuídos no planeta faziam parte de um plano global. Esses pontos energéticos nos quais foram construídas essas edificações existiriam pela necessidade de se defender dos ataques de falanges das sombras, “espíritos tenebrosos, acrisolados, há milênios, nas sombras.

A falange Dharman-Oxinto tem sua origem no Egito Antigo, a partir dos cultos a Hórus e Amon-Rá na cidade de Karnak. A princesa Aline teria reencarnado em uma suma sacerdotisa de Hórus, chamada Horibe. Com o apoio da esposa de Ramsés II, Nefertari, a sacerdotisa realizava grandes fenômenos sobrenaturais em público, como curas físicas. A princesa Aline tornou-se então mentora da falange no plano espiritual, enquanto, Nefertari, a mentora do plano físico (SILVA, 1996, p. 06). A indumentária utilizada pela falange apresenta traços semelhantes às representações de Nefertari nos papiros, como podemos perceber nas figuras 42 e 43.

Figura 42 - Indumentária da Falange Dharman-Oxinto



Fonte: SILVA (1996).

Figura 43 - Papiro: Hórus e Nefertari



Fonte: SILVA (1996).

Entre as várias representações de Nefertari se destaca essa, que apresenta a rainha com um vestido preto longo, amarrado por uma faixa vermelha na cintura, uma coroa com duas plumas e um abutre, e um colar *usekh*. Esse papiro foi colocado no *Manual das Dharman-Oxinto* (1996) escrito pela 1ª Dharman Oxinto, Dinah da Silva. As ninfas da falange Dharman-Oxinto também utilizam um longo vestido preto, com um cinto, por sua vez, dourado ou prateado, para representar o sol e a lua. Sob eles caem algumas correntes, que também lembra alguns detalhes da vestimenta de Nefertari. Outro ponto em comum é a utilização do colar *usekh*. De acordo Silva (1996, p. 08), a indumentária é uma réplica do que é usado nos planos espirituais, dentro de nossas limitações materiais e protege o indivíduo de forças negativas.

Indumentária é, por definição, o vestuário usado em função a épocas ou povos e, por isso, todas as roupas que usamos para nossos trabalhos espirituais, no Vale do Amanhecer, podem ser consideradas como indumentárias, pois buscam representar, de maneira rude, porque nossas limitações materiais são enormes, o mostrado nas visões de nossa Mãe Clarividente dos povos dos planos espirituais [...] A indumentária busca levar o padrão vibratório não apenas do médium que a usa, mas, sim, também, as dos pacientes e demais pessoas que o cercam. O uniforme nivela todos, evitando que, se usássemos roupas comuns, houvesse aqueles que estivessem melhor vestidos do que outros, provocando, por isso, vibrações favoráveis para uns e desfavoráveis para outros [...] (*ibidem*, p. 27).

Todas as cores, formas e elementos nas indumentárias se relacionam com as energias manipuladas nos rituais. Elas protegem os seus portadores de cargas negativas. Silva (1996, p. 30 - 35) descreve minuciosamente cada item, como por exemplo a utilização da cor preta, que é utilizada por ser verdadeiro ímã magnético, para realizar trabalhos desobsessivos. As luvas deixam livres os chakras das palmas do usuário, concentrando energias. O adereço sobre a cabeça, chamado de Pente, representa um feixe de energia que flui do chakra coronário, que protege e ioniza a cabeça da ninfa. O conjunto formado pela gola, correntes e cinto é chamado de Arma, que protege os plexos das ninfas. As golas funcionam como espelhos refletores de energias que fluem das ninfas para os pacientes. Os cintos criam um campo magnético energizando os plexos. As duas correntes atuam como descargas do campo magnético.

Como podemos perceber, vários elementos presentes na estética e nas práticas ritualísticas dos adeptos do Vale do Amanhecer retomam elementos do Egito Antigo além de outras culturas antigas para atribuir ao seu espaço sagrado uma certa legitimidade. Faz parte do seu discurso a ideia de que uma doutrina descendente do Egito Antigo se instalou na capital do Brasil para realizar uma importante missão, a de atuar positivamente em prol deste povo em uma guerra espiritual. Então é necessário que toda a magia e poder do Egito Antigo esteja ali presente para que uma árdua missão tenha sucesso, pois assim como conjecturamos no primeiro tópico do capítulo, houve um processo de mistificação do Egito Antigo.

4.3. Maçonaria e a Árvore Sefirótica de Brasília

A Maçonaria tem uma significativa participação nos primeiros momentos da construção de Brasília, estando também relacionada às atribuições místicas à nova capital federal brasileira. A pesquisa que se destacou nessas investigações é de autoria do historiador Adirson Vasconcelos (2007b) em sua obra *A História da Maçonaria em Brasília*, que se tornou o ponto de partida para esta proposta. Através das discussões bibliográficas aliadas às bases da pesquisa empírica, analiso a importância da Maçonaria como propulsora de diversas representações sobre a nova capital federal brasileira.

A Maçonaria chegou em Brasília em 1957 fundando a primeira Loja Maçônica na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), denominada de Loja Estrela de Brasília. Depois da inauguração de Brasília a loja foi transferida para o Plano Piloto, na SGA 913 Sul, local no qual foi construída a sede do Grande Oriente do Brasil, que é o órgão máximo da Maçonaria no Brasil (VASCONCELOS, 1989, p. 127).

Salvi (2004, p. 90) acredita que a Maçonaria não é uma ordem propriamente espiritual e nem tampouco cristã, estando mais atrelada à política. Porém, existe uma tendência a mistificações e ocultação de determinados mistérios, apesar de não se comprometer com nenhuma religião em particular e não desenvolver uma doutrina esotérica.

Para Magnani, a Maçonaria é uma Sociedade Iniciática:

Um sistema doutrinário com base em princípios filosófico-religiosos definidos, com um corpo de rituais próprios e níveis de iniciação codificados. Possuem graus de hierarquia interna, permitindo distinguir ao menos entre o conjunto de seguidores e o de mestres / dirigentes. Muitas destas sociedades são filiais, adaptações ou criações locais inspiradas em instituições com sede ou origem no exterior. Fazem parte desse grupo, entre outras, as já citadas Sociedade Teosófica no Brasil, Sociedade Brasileira de Eubiose, Sociedade Antroposófica, Rosacruz Amorc, Sociedade Internacional Rosacruz Áurea e Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento. Anteriores à onda da Nova Era e produtoras de sínteses doutrinárias próprias, constituem pontos de referência para muitos participantes do atual e extenso universo do neo-esoterismo. (MAGNANI, 2000, p. 29)

De acordo Vasconcelos (2007b, p. 47) a Maçonaria é objeto de mitos, principalmente no que tange à sua origem. São relacionados com deuses da mitologia grega, romana, céltica, hindu e egípcia. Por isso, os maçons os aplicam como adornos ritualísticos. A crença mais usual relaciona a origem da Maçonaria às fraternidades iniciáticas do Egito Antigo, outra corrente relaciona ao Templo de Salomão.

Outra vertente acredita que Seth, terceiro filho de Adão, teria sido o primeiro maçom, construindo a cidade chamada Consagrada (consagrada ao Grande Arquiteto do Universo) e tornando-se um grande artífice da arquitetura. Igualmente, a sua descendência faria parte da Maçonaria. Noé teria sido escolhido pelo Grande Arquiteto do Universo para “reformular o edifício terrestre da humanidade” (RODRIGUES, 2010, p. 89). No caso, o edifício terrestre simboliza a própria humanidade.

A origem mítica da Maçonaria, para Amaral (2016, p. 12 - 13) remonta ao Templo de Salomão. Para a sua construção, foram necessários milhares de trabalhadores, divididos em aprendizes, companheiros e mestres, surgindo assim os graus hierárquicos da Maçonaria. A partir dessa releitura da Bíblia, os maçons atribuíram a seu passado um caráter glorioso.

Portanto, como esclarece Gilberto Roso Mahle (2015), as origens da Maçonaria sempre estiveram dentro dos debates entre maçons e pesquisadores que apresentam opiniões diversas. Isso ocorre pela falta de documentos maçônicos, pelo fato de sua tradição ser transmitida oralmente, pelo desejo de se manter sigilo das atividades realizadas, e por se

proteger de seus antigos inimigos como o clero e a monarquia. Os documentos¹⁷⁰ conhecidos datam a partir do ano de 926 d.C., desta forma, antes desse período, é muito complicado traçar a sua genealogia. O que conhecemos da Maçonaria moderna é que a mesma remonta ao século XVIII com a fundação da Grande Loja de Londres¹⁷¹. Esse período é conhecido como Maçonaria Especulativa.

No Brasil, a Questão Religiosa (1872 – 1875), também conhecida como a Questão Maçônica, marcou a disputa entre os maçons e os clérigos, resultando em um enfraquecimento nas relações entre o Estado e a Igreja Católica. A Maçonaria crescia vigorosamente, já que a sua participação política era evidente em diversos momentos históricos do Brasil.

Sobre as atitudes da Igreja Católica em relação à Maçonaria, Luiz Mário Ferreira Costa em sua dissertação menciona:

Suas ações efetuaram-se através do regramento do clero, da criação de grandes redes escolares católicas, da expulsão dos padres maçons que não abjurassem a Maçonaria e da suspensão dos trabalhos das irmandades e confrarias que estivessem sob suspeita de influência maçônica criando assim o terreno perfeito para ocorrer aquilo que veio a se chamar Questão Religiosa (COSTA, 2009, p. 43).

Segundo a dissertação de Luiz Mário F. Costa (2009) em paralelo à expansão do Espiritismo, as narrativas antimaçônicas¹⁷² estavam a todo vigor, na maioria das vezes

¹⁷⁰ “Entre os documentos considerados mais importantes e seguindo uma linha cronológica estão: a Constituição de York (926), a Carta de Bolonha (1248), o Manuscrito de Haliwell (1390), o Manuscrito de Cooke (1410-1425), as Constituições de Estrasburgo (1459), os Estatutos de Ratisbona (1498) – os Estatutos da Associação de Talhadores de Pedras e Pedreiros, o Manuscrito da Grande Loja N° 1 (1583), os Estatutos de Schaw (1598-1599), Os Antigos Deveres: Manuscrito de Índigo Jones – A Antiga Constituição dos Maçons Livres e Aceitos “Old Charges” (1607), o Regulamento de 1663, o Manuscrito de Edimburgo (1696), o Manuscrito de Dumfries N°4 (1710), o Manuscrito Kewan (1714-1720), a Constituição de Anderson (1723), A Instituição dos Franco-Maçons (1725), o Manuscrito Graham (1726), A Maçonaria Segundo as Escrituras (1737), as Modificações Inglesas de 1738 e de 1813, o Diálogo entre Simon e Felipe (1740), o Manuscrito de Essex (1750), e Os Landmarks de Mackey” (MAHLE, 2015, s/p.).

¹⁷¹ “Em 24 de junho de 1717, criou-se a Grande Loja de Londres, formada inicialmente por quatro Lojas que assumiam os nomes de tabernas e cervejarias onde se reuniam: *The Goose and the Gridiron (O Ganso e a Grelha)*, *The Crown (A Coroa)*, *The Apple Tree (A Macieira)* e *The Rummer and Grapes (O Copázio e as Uvas)*. Ainda assim, as reuniões dos pedreiros livres continuavam acontecendo nas tabernas e pátios das Igrejas, com símbolos traçados no chão ou sobre um painel. A sorte se alterou quando se iniciou a construção do primeiro templo maçônico em 1º de maio de 1775, obra completada em 23 de maio de 1776, com localização na *Great Queen Street*, em Londres” (SILVA, 2005, p. 93).

¹⁷² A História da Maçonaria tem recebido mais importância dentro da historiografia nacional a partir da década de 80. Costa (2009) acredita que isso se deve ao fato de que nesse período passamos por uma renovação na política no país, dentro de discussões suscitadas pelos sociólogos, antropólogos e cientistas políticos. “O melhor exemplo foi a incorporação da noção de sociabilidade, revigorada desde 1966 em *Pénitents et francs-maçons de l'ancienne Provence: essai sur la sociabilité méridionale* de Maurice Agulhon, que transformou o conceito de sociabilidade em uma categoria operacional e fecunda no estudo do fenômeno maçônico” (p. 12). O autor destaca os trabalhos dos pesquisadores Célia M. Marinho de Azevedo, Eliane Moura Silva, Eliane Lúcia Colussi, Marco Morel, Luiz Eugênio Vésicio, Alexandre Mansur Barata, Françoise Jean de Oliveira Souza, Marco Morel e Françoise Jean de Oliveira que constituem um importante bojo de estudos historiográficos a respeito da situação da Maçonaria no país ao longo de nossa história.

relacionando-a a conspirações (comunistas, satanistas ou judaicas), como uma típica característica de sociedades que passam por momentos de turbulência política e social. Nesse âmbito, a Igreja Católica se destacou entre os críticos mais ferrenhos desde o século XVIII. O autor nos diz que a Maçonaria chega ao Brasil no início do século XIX, carregando sua bagagem de acusações por parte da Igreja Católica europeia e autoridades. Quando as Lojas Maçônicas abriam, logo chegavam pedidos de fechamento, até que em 1818 Dom João VI emite um Alvará Régio proibindo a atuação de sociedades secretas no Brasil. Porém, essas ações não os intimidaram. Em 1822 os maçons fundaram o Grande Oriente do Brasil, sob a orientação do grão-mestre José Bonifácio e no mesmo ano obteve a adesão de Dom Pedro I.

Após períodos de desentendimentos e fusões internas, a Maçonaria começou a alcançar mais apoio político e foi tomando parte das camadas dirigentes, chegando a se infiltrar até mesmo na Igreja Católica. Contudo, até a segunda metade do século XX ficavam com os estigmas imputados pela Igreja Católica de anticristianismo, “seita tenebrosa”, heresia ou pacto demoníaco. Isso tudo, continua o autor, porque em suas adoções de simbologias, estavam os ritos e mitos egípcios, e a cabala. O escritor Gustavo Barroso se destacou entre os ferrenhos críticos da Maçonaria no Brasil por meio da sua obra *História Secreta do Brasil* (1939) cujo objetivo é revelar determinados elementos ocultos na História do Brasil em relação a conspirações maçônicas, manipulações, e rituais secretos. Nada muito divergente do que a Igreja Católica já acusara. Era apenas mais um de seus alvos, e a sua hegemonia ainda se fazia presente de forma vigorosa.

De acordo Vasconcelos (2007b, p. 17), seria a primeira instituição filosófica a se fixar em Brasília. O autor destaca a estreita relação entre Brasília e a Maçonaria, já que o primeiro brasileiro a sonhar com a interiorização da capital seria um maçom, Joaquim José da Silva Xavier. O artigo do maçom Marco Antônio de Moraes (2014) analisa a suposta filiação maçônica de Tiradentes, debatendo muitos autores que demonstraram hipóteses contraditórias sobre o assunto. A partir de algumas pesquisas que indicam que Tiradentes teria se iniciado em Salvador, o autor problematiza, afirmando que até o ano de 1792, quando ocorre a morte do mártir, não existia ainda lojas regulares maçônicas no Brasil e que ainda ele jamais teria visitado Salvador. Apesar de os maçons terem se envolvido na Inconfidência Mineira, Moraes acredita que é assunto inacabado, e que a própria Maçonaria não procurou buscar a resposta. Assim, ele acredita que novas pesquisas merecem ser empreendidas para investigar a fundo. Dentre os personagens que sucederam Tiradentes na história brasileira que eram maçons, menciono

Hipólito da Costa, José Bonifácio¹⁷³, Dom Pedro I¹⁷⁴, Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, Lauro Muller, Ernesto Balduino de Almeida e Giuseppe Garibaldi. O reforço desta ideia está entre um dos títulos dos capítulos de sua obra *A História da Maçonaria em Brasília*¹⁷⁵ (2007b), intitulado *Brasília, um Projeto Maçônico*. Neste capítulo Adirson Vasconcelos relata que os maçons estiveram nos bastidores de todos os grandes acontecimentos históricos do Brasil¹⁷⁶, como a Independência, a Abolição da Escravatura, a Proclamação da República e a Mudança da Capital para o interior.

Com a proclamação da República, os maçons foram decisivos nas providências visando a interiorização da Capital Federal para o Brasil Central. Quer nos governos dos maçons Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto quer na elaboração da primeira Constituição Republicana, os maçons trabalharam ativa e intensamente para tal fim. Deodoro chamou o Rio de Janeiro de “capital provisória”; Rui Barbosa incluiu a mudança da capital no anteprojeto da primeira Constituição; Lauro Miller fixou a ideia no artigo 3º da Constituição, que foi promulgada em 1891. E o presidente e maçom, Floriano Peixoto formou a Comissão Cruls que, de 1892 a 1894, demarcou uma área de 14.400 quilômetros quadrados no Planalto Central de Goiás [...]. (VASCONCELOS, 2007b, p. 26).

O GOB em seu site institucional lista os presidentes brasileiros maçons: Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, Prudente de Moraes, Campos Salles, Nilo Peçanha, Hermes da Fonseca, Wenceslau Bras, Delfim Moreira, Washington Luís, Café Filho, Nereu Ramos, Jânio Quadros. Ao pesquisar os presidentes posteriores a Jânio, encontrei rumores a respeito da suposta filiação de Michel Temer à maçonaria¹⁷⁷.

A tese de Amaral (2016) que aprofunda no campo da Maçonaria no Paraná, afirma que todos os presidentes do Brasil, de 1889 a 1930 eram maçons. Sua tese comprova o fato de que os maçons atuaram nos processos de independência no Brasil e proclamação da república. Paulo Bertran muito antes da tese de Amaral, já havia mencionado esse fato:

¹⁷³ Siqueira (2011, p. 76) investigou a ligação de Hipólito da Costa com a Maçonaria, e confirma a adesão de Bonifácio.

¹⁷⁴ Iniciado na Maçonaria em 1822, tendo como padrinho José Bonifácio. (TROMBELLI, s/d.).

¹⁷⁵ Na ocasião da comemoração dos 33 anos de fundação do Grande Oriente do Distrito Federal, Adirson Vasconcelos publica a obra intitulada *A história da Maçonaria em Brasília* (2007b), fruto de uma longa pesquisa que se tornou referência na História da Maçonaria no Distrito Federal brasileira, sendo a primeira obra do gênero. Recebeu o total apoio do Grão-Mestre Hélio Pereira Leite e de toda a comunidade maçônica brasiliense.

¹⁷⁶ “No Brasil, a primeira Loja maçônica regular foi a Reunião, fundada em 1801 e instalada em Niterói, no Rio de Janeiro. Estava filiada a uma Obediência francesa e praticava o Rito Adoniramita (13 graus) [...] Instaladas as primeiras Lojas no país, a Ordem maçônica prosseguiu em seu processo de expansão ao longo de todo o século XIX, com a fundação de novos estabelecimentos maçônicos, sempre fortemente envolvida nas principais questões políticas de sua época (a Questão Religiosa e a Proclamação da República, por exemplo)” (SILVA, 2005, p. 93 - 94).

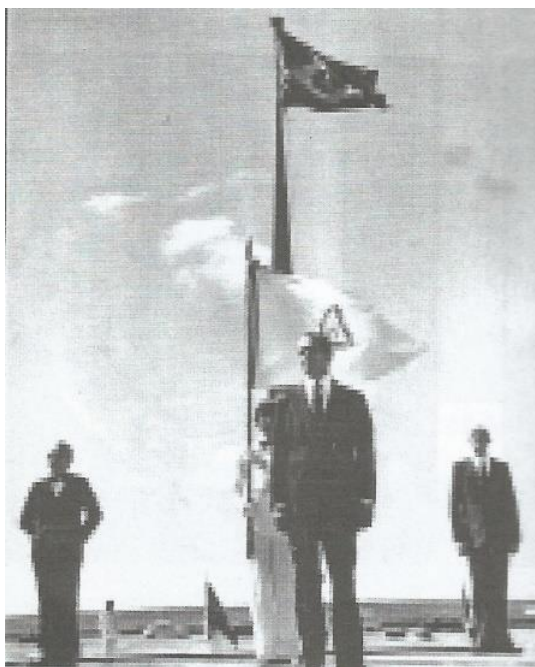
¹⁷⁷ Carece de fontes.

Por pelo menos meio século, a maçonaria dará substancial apoio e esforço para a emancipação política do Brasil e, subsidiariamente, ao projeto de interiorização da Capital, que melhor revela-se no ideário da Inconfidência, pela formulação original que lhe deu o super-maçom, o pedreiro livre padre Luiz Vieira da Silva, cônego da sé de Mariana, o primeiro e maior ideólogo da fracassada conjuração mineira. (BERTRAN, 2000, p. 242).

Não apenas no Brasil, mas isso nos lembra o caso de Washington. Personalidades norte-americanas também foram conhecidas pelo seu pacto com a Maçonaria, como Benjamin Franklin, Thomas Jefferson e George Washington.

No dia 21 de abril de 1971 os maçons fundaram o Grande Oriente do Distrito Federal objetivando integrar as lojas maçônicas da nova capital brasileira. O dia foi escolhido para rememorar o mártir da independência, Tiradentes. Em 1977 os representantes das três potências maçônicas compareceram à Praça dos Três Poderes para comemorar os 20 anos da Maçonaria em Brasília, portando a bandeira maçônica, formando um triângulo maçônico (Figura 44).

Figura 44 - Comemoração dos 20 anos da Maçonaria em Brasília



Fonte: Adirson Vasconcelos (2007b, p. 38).

Na verdade, o que ocorreu foi a transferência do Grande Oriente do Rio de Janeiro¹⁷⁸ para Brasília, que se constituída em uma “aspiração geral do Povo Maçônico” (VASCONCELOS, 2007b, p. 439), manifestada na Constituição Maçônica artigo 169 que

¹⁷⁸ O Grande Oriente do Brasil foi fundado em 17 de junho 1822, com o objetivo de contribuir no projeto de independência do Brasil.

estabeleceu: “Fica transferida, nesta data, a sede do Grande Oriente do Brasil para a cidade de Brasília, Distrito Federal, como inclusivo e único foro, para todos os fins e efeitos legais” (*ibidem*, p. 442). Atualmente, a Maçonaria possui cerca de 90 lojas maçônicas jurisdicionadas ao Grande Oriente do Brasil em todo o território do Distrito Federal.

A Maçonaria atuou intensamente na consolidação de Brasília como propulsora de novos rumos para o Brasil. A Loja Aurora de Brasília (2019, s/p.), federada do GOB, publicou em seu site institucional a respeito da chegada dos maçons:

Os idealizadores da Aurora de Brasília plantaram acácias e carvalhos para abrigar [...] representantes do agregado social maçônico que se formava nos primórdios de construção de Brasília, a terra prometida com as bênçãos do Grande Arquiteto do Universo [...]

A Maçonaria também se destaca quando o assunto é misticismo sobre Brasília. A Loja Maçônica Brasília, com seu próprio nome inspirado na cidade, criou um estandarte atrelado às concepções do plano piloto de Lúcio Costa, como podemos verificar em uma de suas publicações (Figuras 45 e 46):

Figura 45 - Croqui original de Brasília



Fonte: Loja Maçônica Brasília (2015).
Disponível em:
<http://lojabrasilia.org.br/estandarte/>

Figura 46 - Estandarte da Loja Brasília



Fonte: Loja Maçônica Brasília (2015).
Disponível em:
<http://lojabrasilia.org.br/estandarte/>

Inspirada na História de Brasília, esta Loja criou uma identificação visual baseada na concepção de Lúcio Costa, incluindo os símbolos maçônicos esquadro e compasso sobrepostos ao croqui¹⁷⁹. De acordo as próprias palavras da Loja:

Basta comentar que buscamos aqui a mistura do que é terreno com o que é espiritual, e existe algo espiritual nos mais simples deveres da vida. As nações não são apenas corpóreo-políticas, mas também espírito-políticas; e lamentemos os povos que, buscando apenas o material, esquecem-se de que têm alma. É esta alma que trazemos à Luz no novo Timbre e no novo Estandarte da A.·R.·L.·S.· Brasília n. 1882. O entrelaçamento entre os princípios de nossa Sublime Ordem e a cidade que dá nome à nossa Loja: Brasília. Essa conexão se estende à cor utilizada como pano de fundo do harmonioso conjunto do traço inconfundível de Lúcio Costa sobreposto com o símbolo universal da Maçonaria: O Esquadro e o Compasso. A cor, intitulada Areia, lembrando um pergaminho, simboliza o papel original onde Brasília foi originalmente traçada, e também a Carta Constitutiva de nossa Loja que, apesar do passar do tempo, não deve jamais perder seu brilho, devendo se manter pura e imaculada [...] O marrom representa ainda a constância, a disciplina, a uniformidade e a observação das regras. Estabelece uma indelével conexão entre os membros da Loja e a cidade de Brasília, sua terra. (FERNANDES, 2015).

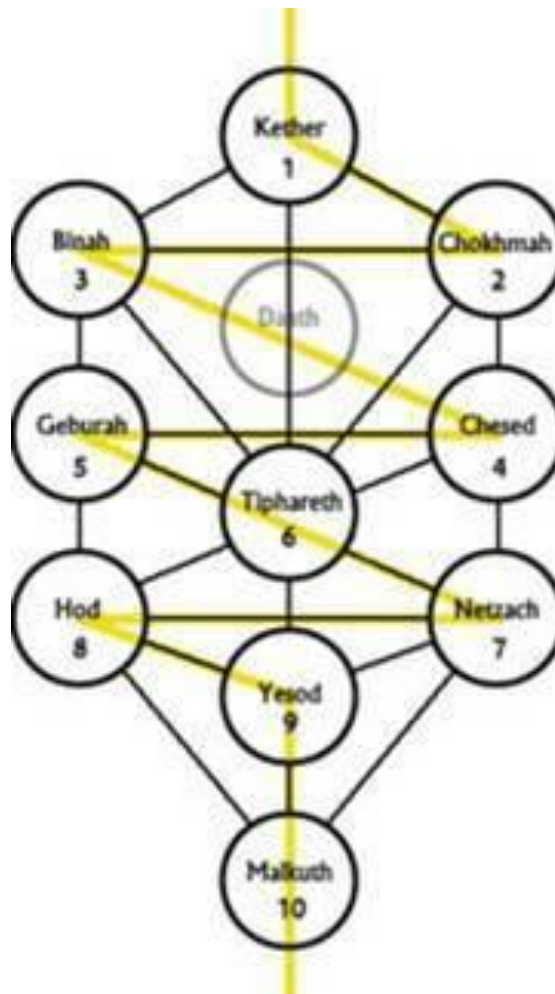
Por ser uma Ordem que reimagina e explora conhecimentos milenares, principalmente do Oriente, através de seus estudos da Cabala judaica, a Maçonaria atribuiu uma nova representação a Brasília, como a “árvore da vida”. De acordo o maçom Kenny Ismail (2011), a Cabala é um esoterismo judaico que explora um sistema de simbologia e numerologia oculta no Torá. Alguns cabalistas acreditam que a Cabala foi transmitida diretamente de Deus a Moisés, e alguns historiadores acreditam que a sua origem é nórdica. Essa busca pelo oculto tornou-se prática famigerada entre as classes intelectuais quando a Maçonaria se popularizou na Europa. Estes estudos se basearam na árvore de *Sephirot*, exposta pelo rabino Shimon Bar-Yochai¹⁸⁰, um dos principais sábios que fundamentaram a Cabala.

¹⁷⁹ O jornalista Frederico Vitor (2014) abordou em um artigo publicado no *Jornal Opção*, a respeito de um exemplo do imaginário goianiense que imprime na planta urbanística de Goiânia os símbolos da maçonaria, esquadro e compasso. Relata que Pedro Ludovico era maçom iniciado na Loja Luz e Caridade de Uberlândia e realizou algumas interpretações místicas de algumas edificações, como o Museu Zoroastro Artiaga e o Monumento às Três Raças. Para não parecer uma tentativa de interpretações exacerbadas, o jornalista buscou historiadores e maçons locais para esclarecer essas questões, não encontrando qualquer indício documental que prove a existência destes símbolos ocultos. O jornalista relata a sua conversa com o grão-mestre da Loja Maçônica de Goiás: “O grão-mestre Americano do Brasil Freitas, também da Goeg, adverte para que este tema seja conduzido com cuidado, pois a maçonaria não tem a intenção de criar uma contenda com a Igreja Católica, em razão do conhecido mote de que a planta urbanística do Centro de Goiânia ter o contorno do manto da padroeira do Brasil. Misturar maçonaria com a religião é perigoso. Para a Igreja trata-se do manto de Nossa Senhora inscrito no traçado de Goiânia e não discutimos isso”.

¹⁸⁰ “Rabi Shimon bar Yochai, um dos sábios mais importantes na história judaica, viveu há cerca de 1800 anos. Existem muitos ensinamentos em seu nome na Mishná, Guemará e Midrashim, enquanto que o Zohar, a fonte fundamental da Cabala, é construído ao redor das revelações de Rabi Shimon ao seu círculo de amigos íntimos” (CHABAD, s/d.).

A árvore de *Sephirot* ou árvore da vida representa as emanções de Deus na criação do mundo, que ocorreu em sete dias. O número sete é uma metáfora para explicar as sete forças envolvidas no processo de criação, ou as esferas, como podemos ver na Figura 47. Porém, na Cabala são dez e não sete esferas. Isso é explicado pelo fato de o homem só conseguir apreender as sete forças, estando as três restantes ocultas no Gênesis. Também são representadas como uma alegoria do ser humano, o homem arquetípico. Essas dez *sephirot*s são divididas em quatro planos: *atziluth*, o mundo das emanções; *beriah*, o mundo das criações; *yetzirah*, o mundo das formações; e *asiyah*, o mundo das ações. O pilar esquerdo da árvore representa o feminino, e são as esferas que recebem energia, e o lado direito, o masculino, energias que emanam. O topo da árvore representa o bem, e a sua base, representa o mal. O centro da árvore une esses princípios dualísticos (FILARDO, 2007, s/p.).

Figura 47 - A árvore da vida



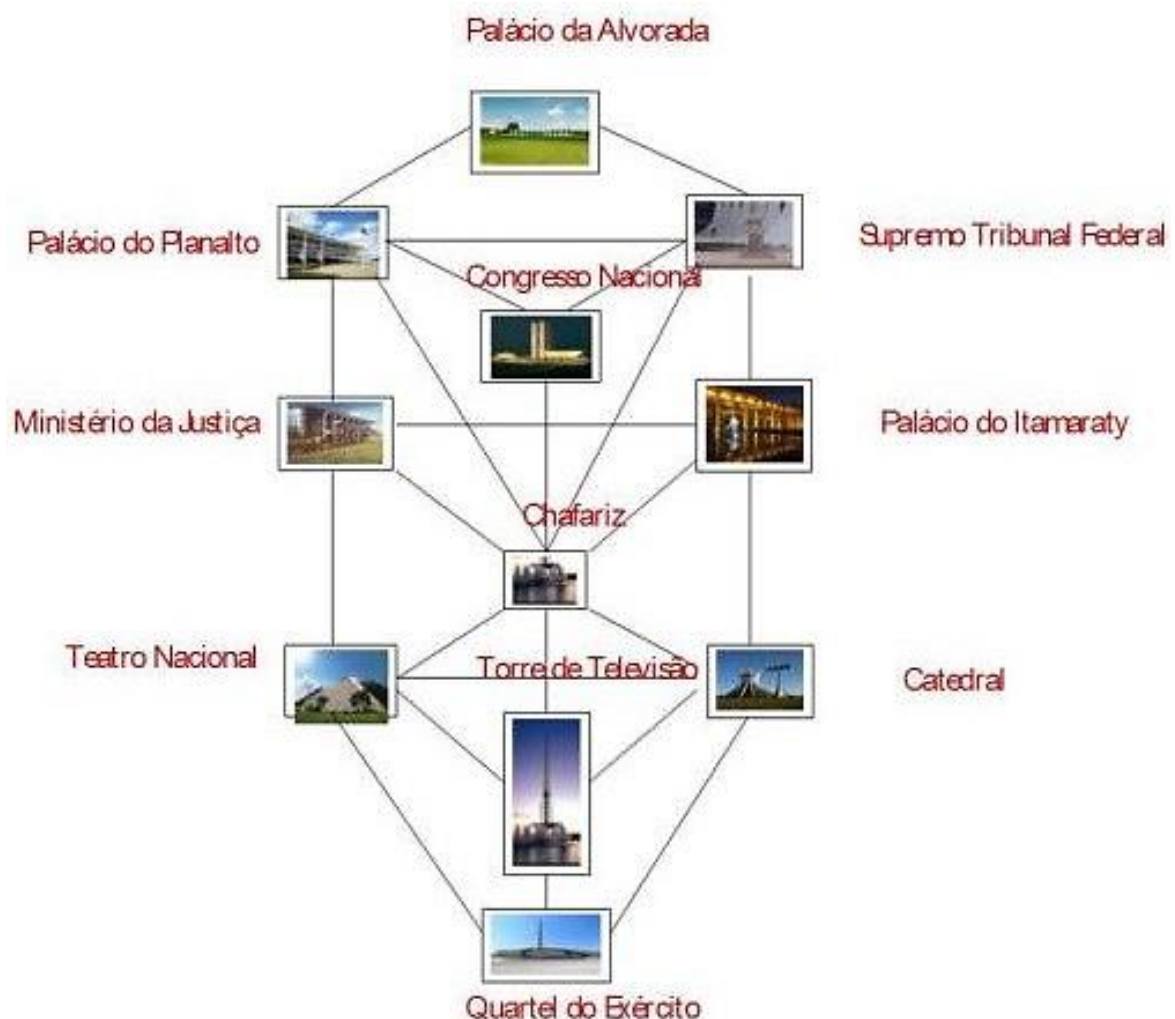
Fonte: FILARDO (2007)

O maçom e mestre instalado José Antônio Filardo (2007) acredita que essa árvore inspirou alguns arquitetos na construção de várias edificações, principalmente as religiosas, e que o Plano Piloto de Brasília teria sido uma delas. Ele destacou o seguinte trecho escrito por Lúcio Costa em 1956 no *Relatório do Plano Piloto de Brasília*:

Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país (COSTA, 1991, p. 08).

A parte em que Lúcio Costa afirma que sua proposta para Brasília estaria “própria ao devaneio e à especulação intelectual”, na interpretação de Filardo (2007), teria revelado que existiria algo oculto no projeto. Mesmo que o urbanista não fosse religioso, teria impresso em influências das arquiteturas de civilizações antigas. Assim, ele apresenta uma leitura mística de Brasília como a árvore da vida (Figura 48):

Figura 48 - A Árvore Sefirótica de Brasília



Fonte: FILARDO (2007).

A partir da árvore sefirótica criada por Filardo (2007) criei uma tabela para objetivar as suas interpretações, colocando as *sephirot* correspondentes aos edifícios de Brasília, conforme podemos verificar na Tabela 2. Os significados das *sephirot* foram coletados também na obra do autor, que aqui sintetizei e inseri na tabela.

Tabela 2 – Correspondência entre os edifícios de Brasília e as *sephirot*

<i>Sephirot</i>	Significado	Edifício de Brasília
<i>Kether</i>	posição central superior da árvore. A gênese de todas as emanções, a coroa, o ponto primordial, a força criadora. Na interpretação do corpo humano, seria o crânio;	Palácio da Alvorada
<i>Chokmah</i>	sabedoria, intuição, lado direito do cérebro, criatividade, ideias;	Supremo Tribunal Federal
<i>Binah</i>	inteligência, compreensão, inspiração, a energia que dá força ao movimento, lado esquerdo do cérebro, razão;	Palácio do Planalto
<i>Chesed</i>	misericórdia, desejo de compartilhar, generosidade, compaixão, magnanimidade, ordem;	Palácio do Itamaraty
<i>Geburah</i>	força, julgamento, superação de obstáculos, questionamento de impulsos;	Ministério da Justiça
<i>Tiphereth</i>	realidade, harmonia, mediação, equilíbrio, encruzilhada;	Chafariz
<i>Netzach</i>	vitória, reciprocidade, superação de limites, firmeza, poder, síntese, confiança;	Catedral
<i>Hod</i>	esplendor, aprimoramento, glória, lógica, racionalismo;	Teatro Nacional
<i>Yesod</i>	fundamento, fusão de elementos, transformação da energia em matéria, arquitetura;	Torre de TV
<i>Malkuth</i>	reino, mundo físico, a concretização das formas antes imaginadas;	Quartel do Exército
<i>Daat</i>	Conhecimento	Congresso Nacional

Fonte: Filardo (2007).

Filardo (2007) não oferece muitas interpretações ou explicações de sua leitura, mas podemos compreender as correspondências criadas. O Palácio da Alvorada, de acordo com essa interpretação, seria a força central do poder, a gênese das emanções, a força criadora, já que corresponde à residência oficial do presidente da república. O Supremo Tribunal Federal por sua vez seria a força da sabedoria e da intuição, pois é a mais alta instância do poder judiciário. O Palácio do Planalto seria a força da inteligência, da razão e da emanção das energias atuantes, já que é o local no qual o presidente da república delibera decisões, sendo a sede do poder executivo do governo federal. O Palácio do Itamaraty seria a misericórdia, ordem, a

generosidade e magnanimidade, por ser a sede do Ministério das Relações Exteriores, local no qual as relações internacionais são administradas. O Ministério da Justiça representaria a força e o julgamento, por ser o órgão que garante os direitos políticos, as garantias constitucionais e defesa dos cidadãos. O Chafariz situado em frente à Torre de TV seria a representação da harmonia e do equilíbrio, já que traz para o Plano Piloto uma estética que procura equilibrar beleza e funcionalidade, trazendo shows de movimentos e luzes. A Catedral representaria a vitória, a confiança, firmeza e poder, características da igreja católica. O Teatro Nacional seria a representação do esplendor, do aprimoramento, da lógica e do racionalismo, por apresentar uma estrutura arquitetônica peculiar, a síntese do aprimoramento dos estudos de Oscar Niemeyer. A Torre de TV seria o fundamento, a fusão de elementos e a transformação da energia em matéria, primeiro porque combina ferro e cimento na sua composição, e segundo, porque emana as ondas radiofônicas e televisivas. O Quartel General do Exército representaria o mundo físico e a concretização das energias, provavelmente por reunir as forças militares brasileiras que tem como papel a segurança física. Por fim, o Congresso Nacional seria o poder do conhecimento, por ser a sede do poder legislativo brasileiro.

É como se todos esses edifícios, juntos, formassem harmoniosamente as energias necessárias para Brasília, como um corpus administrativo, funcionar e materializar decisões para o país. Mais uma vez podemos perceber o intuito dos grupos esotéricos em promover ou dar suporte ao centro das decisões políticas nacionais. A Maçonaria é mais uma das instituições preocupadas em atuar em prol de interesses nacionais. Aqui, ela retoma conhecimentos antigos herdados da cabala hebraica para instrumentalizar ações políticas desde que Brasília esteve no papel, até os dias de hoje.

4.4. Legião da Boa Vontade (LBV) e a arte divinatória do Tarô

A Legião da Boa Vontade foi criada no Rio de Janeiro em 1950 por Alziro Zarur¹⁸¹, e teve seu principal templo (Figura 49) inaugurado em Brasília no ano de 1989, sob a tutela de José de Paiva Netto¹⁸². Nasceu como uma das instituições responsáveis por manter a chama

¹⁸¹ “Alziro Zarur nasceu na cidade do Rio de Janeiro/RJ, Brasil, no Natal de Jesus de 1914. Jornalista, radialista, escritor, poeta, ativista social e grande pregador da Palavra de Deus [...] Polêmico e carismático, de forma popular e inovadora pregava com muito entusiasmo o Evangelho e o Apocalipse de Jesus [...] Zarur foi também o grande Proclamador do Ecumenismo Irrestrito e do Ecumenismo Total no mundo, tese que já sustentava desde a adolescência, quando lançou os fundamentos de sua Cruzada de Religiões Irmanadas, uma antecipação do relacionamento inter-religioso” (LBV, 2020).

¹⁸² “Escritor, jornalista, radialista, compositor e poeta, nasceu em 2 de março de 1941, no Rio de Janeiro/RJ, Brasil. É diretor-presidente da Legião da Boa Vontade (LBV), membro efetivo da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e da Associação Brasileira de Imprensa Internacional (ABI-Inter). Filiado à Federação Nacional dos

acesa do misticismo na região até a atualidade. José de Paiva Netto entrou para a lide da Boa Vontade em 29 de junho de 1956, e sucedeu a presidência da instituição de Alziro Zarur em 1979. Sob a presidência de Paiva Netto, a LBV expandiu atividades filantrópicas de cunhos sociais e educativos, desenvolvendo a chamada “Pedagogia da Boa Vontade”. Destacou-se como ONG frente à ONU. Paiva Netto recebeu uma homenagem da Maçonaria em 21 de outubro de 2014 em comemoração dos 25 anos da inauguração do TBV pela “construção desse monumento erguido em favor da paz mundial”, assim como pronuncia a condecoração pendurada na parede de suas dependências.

Figura 49 - Templo da Boa Vontade



Fonte: Autoria própria (2017).

A inauguração do Templo da Boa Vontade (TBV) contou com mais de 50 mil pessoas, sendo reconhecida internacionalmente como um polo do ecumenismo. Tornou-se um dos pontos turísticos mais visitados atualmente, recebendo cerca de 100.000 visitantes por mês, segundo dados da Secretaria de Turismo. Foi eleito entre as Sete Maravilhas de Brasília, juntamente com Catedral Metropolitana e o Santuário Dom Bosco, o que mostra a forte presença da religiosidade no segmento turístico. Já foi visitado por personalidades públicas

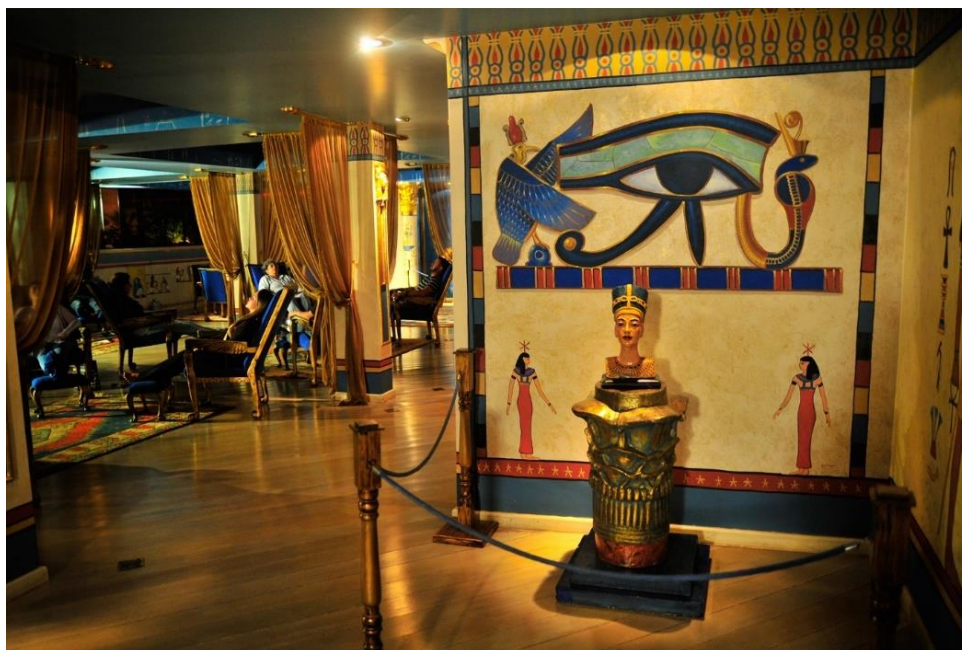
Jornalistas (Fenaj), à International Federation of Journalists (IFJ), ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Rio de Janeiro, ao Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro, ao Sindicato dos Radialistas do Rio de Janeiro e à União Brasileira de Compositores (UBC). Integra também a Academia de Letras do Brasil Central” (LBV, 2020).

como Madre Teresa de Calcutá, Dalai-Lama, o neto de Gandhi, Arun Gandhi, as atrizes Fernanda Montenegro, Fernanda Torres, Fidel Castro, Pelé, Sarah Kubitschek, o vocalista da banda Led Zeppelin, Robert Plant e a banda Guns N' Roses.

O templo é conhecido como o Templo da Paz e foi cognominado por Paiva Netto de “Pirâmide dos Espíritos Luminosos” que acolhe a todos, independente da religião, nacionalidade, cultura ou filosofia de vida. Elemento interessante em suas dependências é a sala egípcia, inaugurada em 21 de outubro de 1995. Na sua entrada há estátuas de Ramsés II e uma inscrição em hieróglifos “os mortos não morrem”, frase de Paiva Netto. A sala traz muitas réplicas de estatuetas de deuses, como da Ísis e de Hórus, afrescos representando arte em papiros com cenas do cotidiano e mitologia egípcia, reproduções da esfinge de Gizé. Construída pelo artista plástico Marciel Oehlmeier e idealizado pela egiptóloga Iara Kern. A frase de Paiva Netto eternizada: “Se você não pode ir ao Egito, o TBV traz o Egito até você”.

A escadaria de acesso à sala traz a figura do faraó Akhenaton, e quando nos adentramos, deparamo-nos com o busto de Nefertiti, sua esposa (Figura 50). A sala egípcia procura trazer um ambiente de imersão, com o objetivo de proporcionar um local apropriado para meditação, assim como nos descreve a LBV (2014, p. 115): “A Sala Egípcia tem ambiência ideal destinada ao restabelecimento das forças vitais do ser, no encontro espiritual com o Pai Eterno. Trata-se de um portal de interdimensões, e quem nele entra se sente imerso num astral mais leve e elevado”.

Figura 50 - Sala Egípcia do TBV



Fonte: Portal Boa Vontade (2018). Foto de André Fernandes. Disponível em: <https://www.boavontade.com/pt/noticias/sala-egipcia-do-templo-da-boa-vontade-celebra-23-anos>.

Segundo a revista da Legião da Boa Vontade em sua edição de (2014, p. 69)¹⁸³, tudo no projeto do Templo da Boa Vontade tem uma razão, a partir de sua proposta ecumênica. O fato de sua pirâmide possuir sete faces, ter vinte e um metros de altura e vinte e oito de diâmetro faz parte dessa proposta numerológica. Segundo o engenheiro e arquiteto responsável pela sua construção, R.R. Roberto, o TBV se tornou um exemplo para outros templos em todo o Brasil, transformando-se em um conjunto cultural, artístico e religioso. O engenheiro também disse que tudo foi pensado no sentido de tornar as edificações dentro do contexto das linhas modernistas de Brasília.

O Parlamento Mundial da Fraternidade Ecumênica é um complexo de galerias e salões de 3.500 metros quadrados, com cinco pavimentos. O Edifício abriga jardins, auditórios, galerias de arte, fóruns, restaurante, lojas, biblioteca, a Sala Egípcia e o Salão Nobre, totalmente abertos para visitação. O Salão Nobre apresenta um painel chamado *A evolução da humanidade*, que reúne personalidades de diversas tradições religiosas e outras que contribuíram para a ciência e o progresso da humanidade. Por ser uma instituição que apresenta íntima relação com a História da Arte, no Salão Nobre podemos ver uma tela, aparentemente

¹⁸³ Edição comemorativa dos 20 anos do Parlamento Mundial da Fraternidade Ecumênica, o Parla Mundi da LBV e do centenário de nascimento do fundador da LBV Alzira Zarur (1914 – 1979).

assinada por Pablo Picasso, que teria se materializado em uma sessão mediúnica de acordo relatos dos membros da LBV.

Em seu cume está a maior pedra de cristal do mundo, com o peso de 21 quilos, segundo informações da própria LBV. Esse cristal é considerado sagrado, sendo a ele creditado o poder de harmonizar o ambiente, catalisando energias e estimulando a meditação dos visitantes. Segundo a mesma edição da revista da LBV (2014, p. 103) o físico russo Edward Krizhanovsky realizou uma medição do campo energético das pessoas presentes no templo, utilizando a técnica de Descarga Gasosa de Visualização. O físico mostrou que a ambiência do templo fortalece a energia de seus visitantes, realizando a pesquisa com seis pessoas que se ofereceram para a medição de seu campo energético ao passar por alguns ambientes do TBV.

Pratica-se um ritual no interior do templo, em que o visitante se depara com um desenho de um espiral em preto e branco no piso (Figura 51). O praticante percorre esse espiral até chegar ao centro do templo, local no qual, ele fica sob o maior cristal encontrado no mundo, que está no cume da pirâmide. O visitante faz as suas meditações e orações, e efetua o caminho do retorno pelo mesmo espiral, e todo esse rito tem as suas simbologias, assim como a instituição explica:

O caminho de cor escura que gira em sentido anti-horário representa a difícil jornada humana na busca de um ponto de equilíbrio. No centro da pirâmide, exatamente sob o cristal, Paiva Netto fez colocar uma placa redonda de bronze, que simboliza a descoberta da Luz e o início de uma nova jornada. Já o caminho de cor clara, em sentido horário, representa a trilha iluminada pelos valores morais e espirituais adquiridos pelo esforço próprio do ser humano, terminando no Trono e no Altar de Deus, de quem recebe as bênçãos (LBV, 2014, p. 114).

Figura 51 - Interior do Templo da Boa Vontade



Fonte: Portal Boa Vontade (2016). Foto de André Fernandes. Disponível em: <https://www.boavontade.com/pt/noticias/esta-de-ferias-programe-uma-visita-ao-templo-da-boa-vontade>.

Todas essas instituições citadas, apesar de suas diferenças, demonstram algo em comum, o fascínio pelo Egito Antigo. As religiosidades orientais foram retomadas por estes e outros grupos, estando dentre elas, os protagonistas, os conhecimentos herméticos e egípcios. Esses elementos dos antigos conhecimentos egípcios são reapropriados na contemporaneidade, seja em seus ritos, iconografias, arquitetura, e o principal, as filosofias em que se baseiam.

O complexo do TBV além da área do templo oferece ênfase na sua galeria de arte. Dentre as obras do acervo notadamente esotérico, se destaca *O Tarô de Brasília* (1990) (Figura 42) de autoria da artista plástica mineira Marlene de Godoy¹⁸⁴. A obra apresenta leituras místicas da arquitetura monumental de Brasília, realizando uma adaptação a partir dos Arcanos Maiores¹⁸⁵ do Tarô.

¹⁸⁴ Marlene Godoy nasceu em 1934 na cidade de Coimbra-MG. Sua história com a Arte se inicia quando a artista se muda de sua cidade natal para o Rio de Janeiro, quando fazia caricaturas dos professores e desenhos para trabalhos da escola. Sua inspiração artística se devia em grande parte pela influência de sua mãe, que pintava e escrevia poesias. No período entre 1958 a 1966 estudou desenho, pintura a óleo, guache e aquarela. Frequentou a Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro e depois se mudou para a Alemanha quando passou a estudar na Academia Municipal de Belas Artes de Berlim. Em 1970, a artista retornou ao Brasil apresentou suas obras em exposições individuais e coletivas em Brasília, São Paulo, Goiás, Pará e Rio de Janeiro. A artista também expôs na França, nos Estados Unidos e na Itália. Em 1977, Marlene Godoy mudou-se para Brasília, e em 2006 recebeu o título de Cidadã Honorária de Brasília pela Câmara Legislativa do Distrito Federal. Em 2011 a artista inaugurou o Polo de Arte, Cultura e Ensino no Cerrado. (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2013).

¹⁸⁵ Os Arcanos Maiores apresentam o seu primeiro registro no início do século XVII, na Europa. Contudo, existem aqueles que defendem que suas imagens já vagavam no antigo Egito (BANZHAF, 1997, p. 12). Seu caminho oculto, e consequentemente divinatório, é utilizado como uma prática para saber, conhecer e entender o destino e o mundo. Os primeiros registros do tarô usado como prática divinatória datam do século XVIII. Até mesmo os possíveis significados da palavra “tarô” são repletos de mistérios e ocultismos. Por exemplo, “Caminho Real” do egípcio (“tar” = caminho, e Ro = rei) e “Lei Divina” do hebraico *Thora* (BANZHAF, 1997, p. 14).

O Tarô de Brasília foi doado para o acervo da Legião da Boa Vontade no advento das comemorações de 30 anos de aniversário da capital. Foi instalado no corredor de acesso à galeria de arte, formando um grande painel, constituído por 22 telas, sendo cada uma delas uma representação em grande escala de cada carta do tarô, como podemos ver na Figura 52:

Figura 52 - O Tarô de Brasília (1990) no TBV

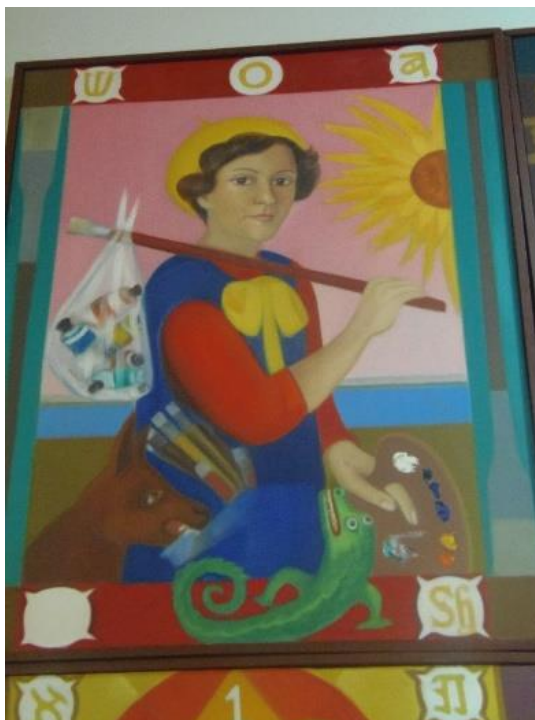


Fonte: Autoria própria.

As fontes utilizadas para contribuir para a análise são: um caderno que está na Galeria do TBV que traz algumas informações sobre cada carta em específico, elaborado pela artista e que orienta os guias que atendem os visitantes; teses e dissertações que analisam o Tarô em diversas formas; historiadores e sociólogos que analisam a origem do Tarô e aspectos das religiosidades na modernidade; a literatura esotérica; e notícias a respeito de atualidades de Brasília. Procuro entender de que forma a artista contribui para as diversas manifestações místicas a respeito da nossa capital federal. Para isso, realizo a análise de cada tela e seus respectivos arcanos.

O primeiro dos Arcanos Maiores, *O Louco*, é retratado como um viajante olhando para o alto, portando uma trouxa, um cajado e um cão como companheiro (Figura 53). Estima-se que essa figura tenha mais de 3.500 anos a.C., pois, a mesma imagem percorre a cultura suméria, mesopotâmica, grega, romana, até a modernidade (SANTOS, 2018, p. 82 - 85). Para Hajo Banzhaf (1997, p. 31), o Louco se refere a um herói que conseguiu êxito em suas aventuras, um ser corajoso, imperturbável, inteligente e que possui uma aura vencedora. Na carta temos o cão como um protetor, que auxilia o Louco em sua travessia pelas montanhas (*ibidem*, p. 32).

Figura 53 - 0 O Louco



Fonte: Legião da Boa Vontade.

Esse Arcano representa a loucura, a liberdade, o caos e o impulso criativo desvinculado de qualquer tabu (COSTA e JODOROWKY, 2009, p. 121). E foi esse o Arcano Maior escolhido para ser o autorretrato da artista Marlene Godoy. Na pintura de Godoy, temos a artista com uma trouxa de tintas presa a um grande pincel, e além disso, na outra mão a artista leva uma paleta. O local onde a artista se encontra é a Oficina de Artes do Lago Azul. Marlene Godoy se identificou com o Louco, ou seja, em cada artista reside um pouco de loucura, caos e criatividade.

Esta carta geralmente apresenta a presença de um cão ao lado da figura humana, e na carta da obra de Godoy, está a presença de mais um animal, que não é presente nas cartas de tarô tradicionais, o calango. Percebo que esta seria uma adaptação que a artista realiza dos mitos fundadores de Brasília, já que a carta O Louco, de número 0, costuma representar o início de um ciclo. O grupo brasileiro folclórico *Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro* criou uma narrativa a respeito do Calango Voador¹⁸⁶, que aborda sobre as épocas de seca e de chuva que ocorrem no

¹⁸⁶ O mito narra o nascimento do calango, filho do sol e da terra. As Nuvens e o Mar eram apaixonados e ficaram um tempo juntos. Mas um dia o Mar começou a se aproximar da Terra, e sua companheira enciumada começou a chorar, suas lágrimas caíram em forma de chuva sobre a Terra. Essa chuva molhou todo o corpo da Terra, que ficou encantada pelo mar. Porém, havia outro que estava observando esta situação, o Sol, que por sua vez, era apaixonado pela Terra. Contou todo o caso para a Lua, que por sua vez, amava o Mar. Lua e Sol se uniram para separar o casal que iria se formar, entre o Mar e a Terra. Disseram para a Terra que a Lua estava grávida do Mar.

Cerrado, englobando elementos do imaginário popular local. O grupo realiza apresentações cênicas e já foi premiado pelo Ministério da Cultura em 2007.

O próximo Arcano *O Mago* é retratado como um alquimista trabalhando em uma mesa com poções, moedas, ervas e dados (Figura 54). O Mago segura em sua mão apontada para cima um selo cilíndrico, concidentemente (ou não), existe um selo mesopotâmico com um ser barbudo ao lado de uma mesa, ao mesmo tempo que segura em suas mãos algumas moedas e a lua (SANTOS, 2018, p. 89 – 90). O Mago representa aquele que busca o conhecimento desvendando a natureza, com o objetivo de descobrir os segredos afim de dominá-los (BANZHAF, 1997, p. 38). Para o Mago, tudo é possível enquanto observa o cosmo em sua busca por capturar a força cósmica (COSTA e JODOROWKY, 2009, p. 127).

Figura 54 - I O Mago



Fonte: Legião da Boa Vontade

Quando ela viu a Lua cheia, acreditou na história da gravidez e não quis mais o seu amado Mar. Sol também convenceu Terra de que para se vingar, seria necessário que ela se entregasse para ele. Seus raios a penetraram e a fecundaram. Depois encontrou a Lua minguante, e viu que a gravidez era uma mentira e que havia sido enganada pelo Sol, mas já estava grávida dele. Assim, a Terra resolveu ter seu filho bem distante do Mar, para que seu eterno amado não soubesse sobre tudo que ocorreu. Deu à luz ao seu filho no Planalto Central, que se transformou em um calango, para que assim fosse difícil de ser encontrado. Calango ganhou asas do Ar anos depois quando teve uma briga com um filho do Mar, a pedido de sua mãe Terra, pois ele assim ele conseguiria voar para se salvar das criaturas aquáticas. “Todo ano, quando o Calango Voador resolve matar sua sede e esfriar sua língua, que fica seca e quente por causa do pedaço do sol que traz em sua boca, um período de seca acontece e castiga o cerrado e as águas diminuem de volume. Quando enfim o calango mata sua sede e para de beber toda água do rio, as águas sobem novamente, enchendo as corredeiras e as cachoeiras (SEU ESTRELO, s/d).

Marlene Godoy nos apresenta um Mago com símbolo do infinito sobre sua cabeça. Se o Mago tradicional trabalha em uma bancada, o Mago de Godoy trabalha perante o Congresso Nacional. Em um livro presente no Templo da Boa Vontade consta o seguinte sobre o primeiro Arcano: “Previne contra a traição, a mentira, o roubo, a falta de escrúpulo, os maus políticos”.

Essa carta pode ser também entendida como uma previsão do futuro, um futuro almejado por muitos que acreditam que Brasília é a Capital do Terceiro Milênio, por isso a presença dos vários grupos esotéricos no sentido de oferecer suporte espiritual ao centro das decisões nacionais. Mesmo que estejamos passando por períodos sombrios em nossa política atual, muitas pessoas no âmbito dessa dinâmica geral entre as múltiplas percepções esotéricas, acreditam que essa fase faz parte de um karma do qual o Brasil irá superar para alcançar patamares almejados.

O próximo Arcano traz pela primeira vez a figura feminina, o Arcano II A Sacerdotisa (Figura 55). Ela está sentada, e olha fixamente para frente enquanto porta um livro em suas mãos, e ao seu lado está a figura de um ovo. Assim como os outros Arcanos, a Sacerdotisa já foi vista em imagens sumérias, egípcias e greco-romanas (SANTOS, 2018, p. 90 – 94).

Figura 55 - II A Sacerdotisa



Fonte: Legião da Boa Vontade.

Para alguns estudiosos, a Sacerdotisa é um fruto direto do sincretismo entre a Virgem Maria, e sua concepção imaculada e a deusa egípcia Isis, fonte de magia e fertilidade (COSTA e JODOROWKY, 2009, p. 133 - 134). A Sacerdotisa é o símbolo da pureza, e o ovo simboliza a gestação, e também uma parte de nós que nunca foi ferida ou tocada, a representação de uma purificação e confiança virginais (*ibidem*, p. 133 - 134). Sendo assim, essa carta expressa a confiança em nossa voz interior ao indicar qual caminho trilhar (BANZHAF, 1997, p. 40).

A Sacerdotisa de Marlene Godoy se ressignifica, e se apropria do Santuário Dom Bosco, e em sua mão direita segura duas chaves. De acordo com a artista, esse Arcano representa o conhecimento e a capacidade de amar, e também é a responsável por proteger contra fingimento, as decepções, o rancor, a vingança, o fanatismo, as instituições confusas e o suicídio. Seria a Sacerdotisa de Godoy uma mediadora entre o terreno e o divino, a portadora das chaves para o conhecimento e o amor. Ao fundo da Sacerdotisa, temos os vitrais do Santuário de Dom Bosco, uma das sete maravilhas de Brasília de acordo com a Bureau Internacional de Capitais Culturais (IBOCC), entidade de Barcelona.

O Arcano *A Imperatriz* por sua vez, é retratado como uma mulher sentada em um trono, com um cetro na mão esquerda, e um escudo na mão direita. Sob sua cabeça está uma coroa, e em suas costas as asas (Figura 56).

Figura 56 - III A Imperatriz



Fonte: Legião da Boa Vontade

Assim como os demais arcanos, existem registros de sua aparição em diversos momentos da História, desde os sumérios até a Idade Média (SANTOS, 2018, p. 95 – 96). A imperatriz com suas asas pode acessar estados alterados de consciência, sendo a mediadora entre o céu e a terra (ARANHA, 2010, p. 32). Com sua força vital, a Imperatriz está no auge da sua idade e beleza, assim seduz através do desejo e poder sexual (COSTA e JODOROWKY, 2009, p. 139 - 140). De acordo com a artista Marlene Godoy, a Imperatriz é a Mãe Santíssima e a Porta dos Céus, com os olhos voltados para o céu, o cetro com o símbolo de vênus, e com as mãos no ventre aonde se encontra uma fênix. Para a artista, a Imperatriz protege contra a superficialidade, sedução, as discussões e as catástrofes naturais. As asas da Imperatriz aqui se transformam em uma espécie de véu, e no centro o Palácio da Alvorada.

O Arcano *O Imperador* é representado com o Imperador sentado em seu trono, e com um cetro em sua mão e um escudo aos seus pés (Figura 57). A iconografia desse Arcano transitou desde os antigos sumérios até a Idade Média (SANTOS, 2018, p. 95 – 98). O Imperador representa a ordem e a clareza por ser o portador de uma grande responsabilidade com sua força e perseverança (BANZHAF, 1997, p. 44). Esse Arcano é a representação da estabilidade e autoridade, sem a necessidade de exaltação e esforço (COSTA e JODOROWKY, 2009, p. 145 - 146).

Figura 57 - IV O Imperador



Fonte: Legião da Boa Vontade

O Imperador é aquele que domina os quatro elementos em equilíbrio com as forças da natureza, sendo assim, representa as ciências exatas aplicadas ao concreto (ARANHA, 2010, p. 35). Marlene Godoy relaciona o Imperador com o Palácio do Planalto, ou seja, o local de trabalho do presidente da república, que de acordo com a artista deve agir contra a arbitrariedade, ditadura e brutalidade, sendo um símbolo de paz e união.

O Arcano *O Hierofante* é representado como um sábio, um líder religioso ou místico em uma posição de ensinamento e uma cruz na mão direita (Figura 58). A palavra “hierofante” vem do grego, e significa “aquele que ensina as coisas sagradas”, pois, “hieró” = sagrado, e “phantes” = ensinar (BANZHAF, 1997, p. 48).

Figura 58 - V O Hierofante



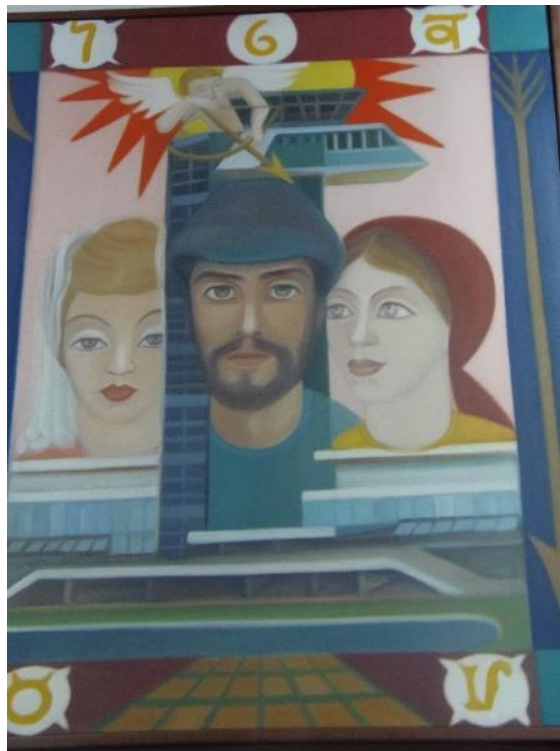
Fonte: Legião da Boa Vontade

A cruz equilátera carregada pelo Hierofante é uma herança da cultura suméria, outra relação entre as origens dos Arcanos Maiores e civilizações da antiguidade (SANTOS, 2018, p. 100). O Arcano V é aquele que transmite aos ignorantes tudo que sabe, e é aquele que sabe tudo, e aquele que tudo assimila (ARANHA, 2010, p. 39). O Hierofante é o professor que recebe o conhecimento divino, e o transmite através da oralidade para os seus discípulos, assim unindo os céus e a terra (COSTA e JODOROWKY, 2009, p. 151). Marlene Godoy situa o Arcano V na Catedral de Brasília, e utiliza um dos outros nomes dessa carta, O Papa. Para a artista, esse

Arcano protege contra a vingança, negligência no cumprimento do dever, a preguiça e a magia negra. Ao mesmo tempo que demonstra autoridade, também é compreensivo e tolerante. O Papa de Godoy abençoa os fiéis. Um elemento que chama a atenção para esta carta é a presença de indígenas no momento da bênção do Papa. Aqui a artista pode estar se referindo à Primeira Missa de Brasília que contou com a presença indígena, o que nos lembra a tela de Vitor Meirelles analisada anteriormente.

O Arcano *Os Amantes* é representado por um homem jovem no centro, e ao seu lado uma mulher jovem, e do outro uma mulher mais velha, e na parte superior um cupido com seu arco e flecha (Figura 59). Essa carta é vista desde a iconografia arcaica na Mesopotâmia, arte greco-romana até a pintura “A Primavera” de Sandro Boticelli (SANTOS, 2018, p. 103 – 105).

Figura 59 - VI Os Amantes



Fonte: Legião da Boa Vontade

O cupido se encontra mediante a uma decisão importante: o jovem irá abandonar a família (mãe) e seguirá o seu próprio destino (amante)? (BANZHAF, 1997, p. 51). De maneira geral, essa carta nos diz sobre os prazeres e a vida emocional, em um sentido conflitante (COSTA e JODOROWKY, 2009, p. 157).

Mariana Godoy escolheu como cenário desse Arcano o Aeroporto de Brasília, um local destinado a idas e vindas de infinitas histórias. A artista coloca que essa carta é onde começam

e terminam os cargos públicos, e conseqüentemente o fim das mordomias, além de proteger contra dúvidas, hesitações, distrações, brigas matrimoniais, a perplexidade, a separação e a ambição. Entendo que esta carta acabou se tornando uma análise de nível mais pessoal, não fazendo referências diretas às questões políticas como as demais.

O Arcano *O Carro* é a jornada do homem que deixa seu local de origem para experienciar o mundo (Figura 60). Seu carro é tracionado por duas esfinges com as cores que nos remetem ao *yin-yang*, o preto e o branco. Este símbolo representa as dualidades, como feminino e masculino, deus e diabo, morte e vida (BANZHAF, 1997, p. 54).

Figura 60 – VII O Carro



Fonte: Legião da Boa Vontade.

Esta carta indica a consciência de nossas próprias possibilidades, desenvolvendo a capacidade de encontrar o caminho do conhecimento, entendendo melhor a nossa realidade exterior em relação com o nosso interior. A união dos opostos é um caminho para esse desenvolvimento, já que durante nossa caminhada, temos que lidar com várias oposições.

O carro significa que a estação anterior “os amantes” é uma fase que já passou. Agora a consciência se desenvolverá, permitindo-lhe tornar-se adulto. Aprender a lidar com as contradições, utilizando-as para dar-lhe força para ir adiante. É por isso que ele aparece como

um cavaleiro, pois é a representação de alguém amadurecido. Trata-se de dominar o seu caminho com firmeza, superando também o ego para se tornar humilde.

O Arcano representado pela artista Marlene Godoy, segundo a sua própria informação, representa o país em rumo a perfeição. Significa a receptividade, maestria, triunfo, equilíbrio ao segurar as rédeas, conciliação dos opostos, e sucesso. O local que a artista insere nesta carta é a Esplanada dos Ministérios, local do qual as rédeas do país são guiadas em curso ao triunfo das decisões políticas. A necessidade de se conciliar os opostos, podemos interpretar pela presença da Câmara dos Deputados, do Senado, e dos Ministérios, locais em que existem muitos jogos de interesses.

O Arcano *A Justiça* (Figura 61), segundo Costa e Jodorowsky (2009, p. 169), é o símbolo da perfeição. É um número formado dois círculos superpostos: a perfeição no céu e na terra. A justiça é o equilíbrio e a sabedoria. A sua faixa branca na testa simboliza o contato com a pureza divina, e o amarelo em sua coroa com um terceiro olho indica que suas ações são guiadas por um caminho superior, uma inteligência advinda dos poderes cósmicos. Esta carta simboliza as próprias instituições do Estado, como os tribunais, a polícia ou as burocracias, indicando a necessidade de se preocupar com essas situações caso a pessoa esteja envolvida.

Figura 61 - VIII Justiça



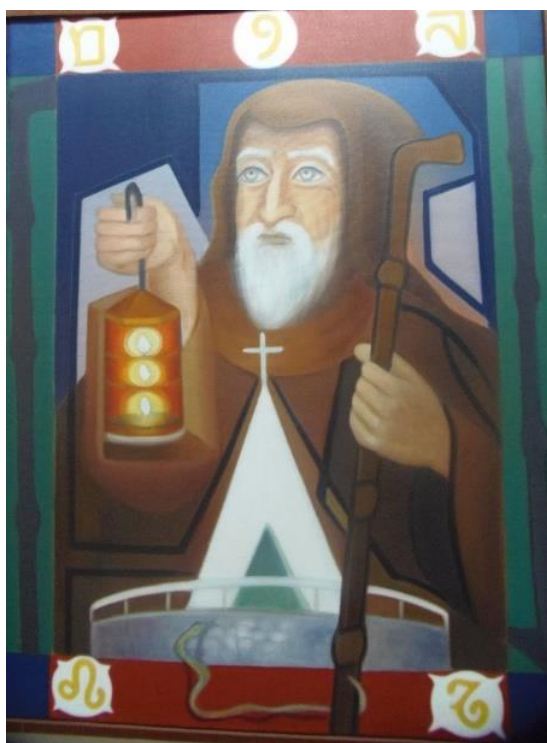
Fonte: Legião da Boa Vontade.

Para Banzhaf (1997, p. 64) essa carta simboliza o amadurecimento. Em sua mão direita segura a espada, para julgar e executar. A sua mão esquerda segura a balança, que simboliza a intuição e o sentimento de justiça. Para o autor essa carta também pode indicar que é necessário comportar-se com justiça em situações difíceis, ser uma pessoa decidida, e com discernimento.

A leitura de Godoy apresenta um local que é marcado pelo equilíbrio, ação, trabalho, ordem e harmonia. É necessária uma punição justa para homens públicos que usam o poder negativamente. O local apresentado na carta é obviamente, o Ministério da Justiça. Outra interpretação que ofereço a esta carta é que a justiça é uma figura feminina, tanto nos tarôs antigos quanto na leitura de Godoy. Essa personificação da Justiça remete à divindade grega Têmis, que representa a moral, a justiça, a verdade e a equidade. Era a segunda das esposas de Zeus, e sentava-se ao seu lado para aconselhá-lo. (KURY, 1999, p. 372).

O Arcano *O Eremita ou Ermitão*¹⁸⁷ (Figura 62) geralmente é representado no alto de uma montanha, como se estivesse naquele momento colhendo os frutos de uma viagem.

Figura 62 - XIX O Ermitão



Fonte: Legião da Boa Vontade.

¹⁸⁷ “Como arquétipo proeminente o velho sábio tomou a forma de muitas figuras famosas em nossa cultura ocidental. Em primeiro lugar, como Hermes Trismegisto (Hermes, o três vezes grande), essa figura lendária que segundo fontes diferentes viveu e ensinou nos primórdios da grande cultura egípcia e que, posteriormente, foi elevado a Thot, seu deus da sabedoria, ou como um contemporâneo de Moisés, como mostra o famoso mosaico no chão do domo de Siena. Os alquimistas, os maçons, quase todas as ligas secretas e muitas sociedades esotéricas o nomeiam como seu pai fundador ou de algum modo se reportam a ele.” (BANZHAF, 1997, p. 74).

Representa uma fase de recolhimento e meditação para encontrar a sua verdadeira identidade. Assim que descobrirmos quem realmente somos, devemos ser fiéis a essa descoberta. Nunca devemos trair a nossa própria identidade em função dos outros, por isso o capuz que ele usa, para se proteger de influências externas (BANZHAF, 1997).

Ele carrega uma lanterna que simboliza o conhecimento. É como se ele lançasse sua luz sobre o passado, verificando as suas experiências, ou também pode ser interpretado como um conhecimento secreto, “esotérico”. Ele ilumina o caminho e pode utilizar essa luz para despertar a consciência dos outros. (COSTA E JODOROWSKY, 2009, p. 176).

O Ermitão de Marlene Godoy representa a sabedoria, a cautela, a paciência, o aprofundamento na paz e na solidão, a autoiluminação e o dom de cura. O local de Brasília representado na carta é a Ermida Dom Bosco. Isso porque o Ermitão em questão é o próprio padre italiano Dom Bosco. Geralmente, o Ermitão é associado aos profetas que realizaram uma viagem solitária em busca de sabedoria e da iluminação divina, como Jesus Cristo e Buda. Assim também ocorreu com o Santo Dom Bosco em sua viagem, momento no qual teria recebido uma missão de um anjo – o surgimento de uma nova civilização na América do Sul.

O Arcano *A Roda da Fortuna* ao apresentar uma forma circular indica ciclos em movimento (Figura 63), o encerramento do passado e a abertura para o futuro. A leitura desta carta pode indicar que existe um plano para a vida que necessita ser concluído.

Figura 63 - X A Roda da Fortuna



Fonte: Legião da Boa Vontade.

Se estiver ligado a uma dificuldade, significa a mudança de caminho que pode ser realizado, ou que é necessário deixar que ciclos se fechem para que outros se iniciem. Considerando os elementos exteriores à roda, os três animais simbolizam a dupla natureza animal e espiritual do ser humano. A Roda da Fortuna nos convida à reflexão sobre as inevitáveis alternâncias na vida entre subidas e quedas, de períodos de prosperidade e austeridade, de alegria e tristeza. Ela nos orienta para a mudança, seja positiva ou negativa e a necessidade de transformação da realidade (COSTA E JODOROWSKY, 2009).

Trata-se da roda do tempo, que através de uma contínua rotação traz sempre coisas novas, enquanto outras desaparecem. A presença do deus egípcio Anúbis representa as forças que renovam a vida. Seth por sua vez, representa a força destrutiva. Os quatro querubins representam a criação, a totalidade e os quatro elementos (BANZHAF, 1997).

A leitura de Godoy apresenta a ideia de ascensão e queda. A esfinge representa o diplomata que assiste todos os fatos com imparcialidade. A roda é o caminho da oportunidade. Os quatro elementos devem estar em equilíbrio: a terra é a sensação; o fogo é a emoção; a água é o sentimento; o ar é a intuição. O local apresentado é o Palácio do Itamaraty, onde se desenvolvem as relações exteriores. A carta também apresenta o destaque para a obra de Bruno Giorgi “o meteoro”, que se localiza no espelho d’água em frente ao Palácio, que simboliza os laços diplomáticos entre os cinco continentes. É um local em que se estabelecem decisões que podem ter projeções globalizadas.

O Arcano *A Força* representa além da força, a vitalidade, a paixão e o prazer de viver (Figura 64). Acima da cabeça da figura feminina está o símbolo do infinito:

Esse oito deitado simboliza a união constante e a troca recíproca de dois âmbitos ou mundos. No Mago, ela representa a união do que está no alto com o que está embaixo, do macrocosmo com o microcosmo, ao passo que na carta *A FORÇA* representa a união harmoniosa do ser humano civilizado (mulher) com sua natureza animal (leão) (BANZHAF, 1997, p. 85).

Figura 64 - XI A Força



Fonte: Legião da Boa Vontade.

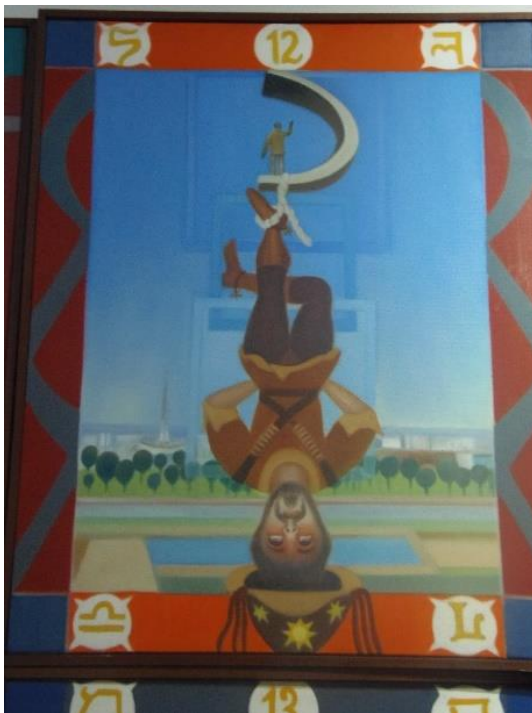
A presença do leão indica a nossa natureza instintiva e dos desejos, os impulsos sexuais e agressivos. Ao lidar com o lado oculto do ser humano, este Arcano pode indicar o início de uma atividade ou um período da vida sob o signo do instinto ou da criatividade. Pode indicar problemas de natureza sexual ou também a dificuldade em se expressar (COSTA E JODOROWSKY, 2009).

O Arcano XI de Godoy faz uma homenagem à mulher negra, o símbolo da força contra o preconceito, a brutalidade, a escravidão, o machismo e a prepotência. Aqui a vitória é dos impulsos espirituais, através do conhecimento e a disciplina. Essa mulher vive em harmonia com a natureza, sabendo controlar as dificuldades interiores e exteriores. O local onde a mulher se encontra é O Cruzeiro, onde ocorreu a Primeira Missa de Brasília. Então aqui temos um local emblemático no surgimento da nova capital, que foi responsável pelo seu batismo espiritual, quebrando as heranças das dominações sofridas pelos habitantes do território planaltino.

O Arcano *O Enforcado* mostra uma forma de castigo condenada aos traidores na Idade Média (Figura 65). E é sobre isso que esta carta chama a atenção para quem a tira, uma traição a si mesmo, um beco sem saída, ou uma armadilha. Ela também pode indicar o impasse com a morte, ou a necessidade de saber lidar com ela. O enforcado representa as crises pela qual o ser humano passa, situações sob a qual ele se encontra passivo ou que ele não pode evitar. A carta

representa situações que nos “pegam com o pé esquerdo”, pois é assim que o enforcado está pendurado.

Figura 65 - XII O Enforcado



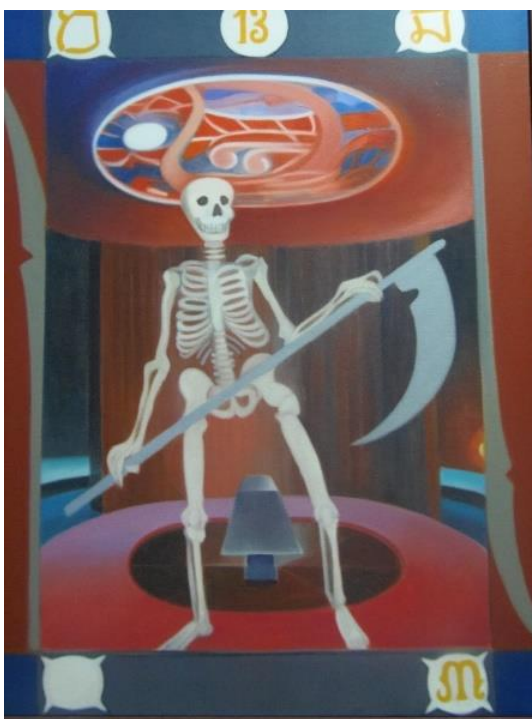
Fonte: Legião da Boa Vontade.

Pode indicar também a provação, necessidade de paciência, e sacrifício. Sua posição está em uma cruz, em forma de T, que representa o sacrifício. Este pode ser um sacrifício necessário ou realizado por voluntariedade (BANZHAF, 1997).

Marlene Godoy em sua leitura se refere ao nordestino que trabalhou na construção de Brasília, colocado nessa posição de sofrimento, sem condições de usufruir de melhores condições de vida. É um homem sozinho na amplitude da cidade. Também representa o sacrifício do “eu”, uma renúncia ao sucesso mundano. Indica ilusões, projetos inseguros, humilhações e desespero. O local escolhido para representar este Arcano é o Memorial JK. Aqui podemos entender que esta carta faz uma crítica ao projeto de Brasília por heroicizar os seus idealizadores, como JK e Oscar Niemeyer, em detrimento dos verdadeiros construtores que deram seu sangue para erguer essa cidade. Estes, são esquecidos. O enforcado está pendurado justamente abaixo da estátua de JK, mostrando que os candangos estiveram abaixo da grande figura do presidente, se sacrificando em função desse projeto.

O Arcano *A Morte* segundo Banzhaf (1997) é ao mesmo tempo, a mais temida e a mais incompreendida (Figura 66). Ela não representa concretamente a morte. Na verdade, o que ela representa é o fim natural, uma força que se esgotou e precisa se regenerar. Significa que uma fase terminou e que é necessário aceitar. As pessoas que aparecem na carta dirigem seu olhar à esquerda, o lado oeste, que representa o ocaso, o escuro, e o fim. A morte por sua vez, cavalga para a direita, a direção leste, significando um novo amanhecer. “A morte significa despedida e fim. E somente quando essa despedida é realizada, quando o velho realmente terminou, são apresentados os pressupostos para a mudança” (BANZHAF, 1997, p. 106). É necessário um desapego, pois as mudanças só se resolverão através de uma verdadeira mudança.

Figura 66 - XIII A Morte



Fonte: Legião da Boa Vontade.

A leitura de Godoy apresenta a situação do Brasil antes e depois de Juscelino Kubitschek. Foi necessário sacrifício, renúncia, reestruturação, e corte das futilidades para que Brasília se tornasse um projeto possível. O local mencionado na carta é o túmulo de JK que se encontra dentro do Memorial JK e à sua frente se encontra a figura da morte com a foice. Mesmo que faça uma referência à morte física de JK, podemos entender essa carta como um projeto que para ser possível, foi necessário que algumas coisas “morressem”. O país abandonou muitas

coisas quando Brasília nasceu, como se estivesse rompendo com o seu passado, indicando novos rumos.

O Arcano *A Temperança* indica que melhores tempos estão chegando. Tempo de paz, saúde e estabilidade (Figura 67). O anjo ilustrado está ancorado na terra, cheio de uma luz divina, com uma flor vermelha de cinco pétalas que se abrem no alto de sua cabeça, indicando a quintessência. Há duas cobras entrelaçadas a seus pés, o que significa a dominação da libido, pois elas são os polos sexuais, o feminino e o masculino. Esse símbolo da serpente também está presente em várias culturas, como na asteca, com o deus *Quetzalcoátl*, a serpente emplumada. O anjo cresce acima de sua sexualidade, alcançado o poder espiritual acima de tudo. Os quatro triângulos amarelos em seu peito indicam os quatro centros do ser humano: o intelecto, o emocional, o sexual e o físico. Acima deles está o círculo amarelo, o símbolo da perfeição. Este é o quinto elemento, que rege todos esses centros, estabelecendo a sua harmonia. É por isso que ela indica o equilíbrio do ser humano, entre o mental e o emocional, o controle de suas paixões e impulsos. Pode ser um sinal de cura, de reconciliação, proteção, confiança e autocontrole. Até mesmo para pessoas que tem problemas com vícios, essa carta pode ser um sinal de necessidade de equilíbrio nesse sentido. (COSTA E JODOROWSKY, 2009).

Figura 67 - XIV - A Temperança

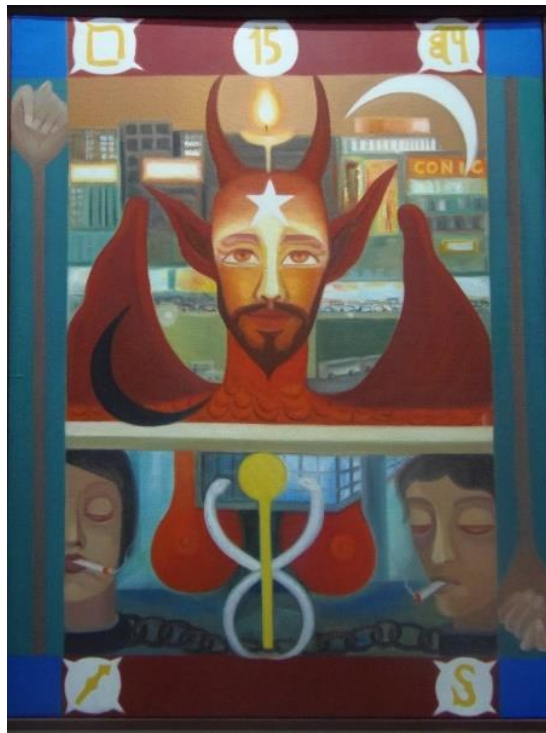


Fonte: Legião da Boa Vontade.

A temperança de Godoy representa a purificação, estabilidade, serenidade, economia e abstinência. O local escolhido para representá-la são as colunas do Supremo Tribunal Federal. Ambos os jarros que o anjo segura demonstram o equilíbrio na tomada de decisões, justamente o trabalho que é realizado nesse local. O STF é o órgão responsável por resguardar a Constituição Federal, julgando as inconstitucionalidades. É o órgão máximo do poder judiciário brasileiro.

O Arcano *Diabo* (Figura 68) está aqui representado carregando uma tocha, e com duas asas de morcego, elementos que indicam a escuridão e o subconsciente. As figuras nesta carta são apresentadas com elementos antropomórficos e zoomórficos ao mesmo tempo, o que indica os nossos poderes primordiais, e as memórias (COSTA; JODOROWSKY, 2009)

Figura 68 - XV – O Diabo



Fonte: Legião da Boa Vontade.

Esta carta trata de desejos, intenções, pensamentos, opiniões, características que estão no nosso lado “oculto” que pode nos causar horror ou vergonha. Aqui é o reino escuro onde está tudo que nós reprimimos. Mais cedo ou mais tarde temos que lidar com eles. São coisas desagradáveis que ficam escondidas, ou que achamos que são incômodas ou supérfluas. A psicologia entende esses elementos como “complexos autônomos”, que podem aparecer em um momento de descuido, excitação ou embriaguez. “Todo ser humano luta contra as próprias

fraquezas, os sedutores interiores. E quem acredita que superou essa problemática é possivelmente sábio, mas provavelmente apenas um ingênuo” (BANZHAF, 1997, p. 138).

A leitura de Godoy alude à demagogia. O local abordado é a Rodoviária e o Conic. Essa região é distinta da paisagem do Plano Piloto com toda a sua arquitetura monumental. É uma região que interpretamos aqui na carta de Godoy como algo oculto, o que Brasília oculta de sua imagem, aquilo que ela mesma não quer aceitar, mas que está ali presente. Muitas são as notícias de ocorrências, entre assaltos, ameaças, porte de drogas e uso, lesões corporais, estelionato e porte de arma branca que ocorrem na região. São essas referências que podemos encontrar na carta de Godoy, que mostra a figura do Diabo e abaixo dela estão duas pessoas acorrentadas fumando. Temos aqui um submundo, uma realidade presente nas entranhas do Plano Piloto, o mesmo que o subconsciente humano abordado pela carta original.

O Arcano *Torre* é comumente interpretado a partir da referência à passagem bíblica de Gênesis a respeito da Torre de Babel, quando Deus condenou os homens a falar diferentes línguas para não conseguirem mais se comunicar e desistirem de construir a Torre que o alcançaria nos céus. A Torre representa vencer um obstáculo, um guardião, um dragão ou destruir uma prisão (Figura 69).

Figura 69 - XVI A Torre



Fonte: Legião da Boa Vontade.

A imagem mostra um raio que atinge a Torre e derruba a sua coroa. A Torre aqui é símbolo do orgulho, da megalomania ou da exaltação do “eu”. Essa coroa é o seu ego, que se sente acima de todos. Esse raio nos mostra que as nossas ideias e concepções estavam erradas. A Torre é uma estrutura que deve ser destruída. Significa que algo irá se romper, ou que teremos que nos desapegar de alguma coisa. Pode ser referente a destruição de um “ego” inflado, uma visão de mundo reducionista, um condicionamento e uma falta autoimagem. Estamos acostumados com as nossas próprias prisões. O que momentaneamente pode ser entendido como a destruição de algo importante, posteriormente pode ser visto como uma libertação. Ela pode indicar a perda de algo, como uma demissão, um fracasso de expectativas, mostrando que existe uma realidade bem maior do que aquela à qual estávamos acostumados (BANZHAF, 1997).

O ser humano projeta imagens mentais da realidade, distanciando-se das experiências reais. Chega o dia em que se descobre a realidade por trás dessas imagens. Apesar desse “choque” de realidade, esta carta pode mostrar que a pessoa viverá algo que nunca ousou viver, porque não tinha coragem ou porque estava acomodado. É o rompimento de várias circunstâncias limitadas, de correntes, ou convencionalismos. (BANZHAF, 1997, p. 152)

Marlene Godoy afirma que a destruição da Torre é causada pelo excesso de rigidez, de orgulho, de vaidade e desejo de dominar. A comunicação é destruída pela ambição, por isso Godoy colocou a Torre de TV como o local representativo deste Arcano. A Torre se quebra, e com isso, pessoas caem. Vistorias mostraram diversos problemas em sua estrutura de 224 metros de altura, como a queda dos vitrais do mezanino. A Torre é apenas um símbolo do descaso do poder público para com os monumentos e edifícios da arquitetura monumental de Brasília, que ficam por anos sem receber os devidos cuidados, pela ambição dos governantes em desvios de verbas.

O Arcano *Estrela* apresenta uma mulher nua ajoelhada sob um céu estrelado. Sob as estrelas, essa atitude evoca piedade, honra e submissão (Figura 70). Seu joelho na terra também pode ser um sinal de enraizamento, que encontrou seu lugar no planeta e que está em comunicação com o cosmos. Os vasos que ela manipula indicam a sua conexão com a natureza. Ela espalha a fertilidade na terra. (COSTA; JODOROWSKY, 2009).

Este Arcano representa um estágio no qual o indivíduo encontra o seu lugar para agir no mundo, de maneira que o embeleze. Leituras tradicionais entendem que essa carta é um sinal de sorte, prosperidade, fertilidade, esperança e generosidade.

Figura 70 - XVII A Estrela



Fonte: Legião da Boa Vontade.

A leitura de Marlene Godoy nos traz uma estrela representada pela figura da mulher indígena, adaptada à simplicidade da Terra. Representa esperança, guia, liderança, união, criatividade, imortalidade e predestinação. O símbolo deste Arcano é o Lago Paranoá. Aqui, o Lago foi personificado pela figura feminina que com seus jarros flui e fertiliza o interior do Brasil, já que podemos verificar a bandeira do Brasil no solo onde ela está derramando as águas. O Lago Paranoá é uma dádiva de Brasília que compõe a sua paisagem bucólica.

Já o Arcano XVIII, a Lua, é um dos símbolos mais antigos da humanidade, geralmente representando o arquétipo feminino (Figura 71). A lua é o mundo dos sonhos, do reino imaginário e do subconsciente. A este respeito, a lua simboliza os mistérios da alma, o processo de gestação e tudo que está oculto. Para uma mulher, essa carta pode ser o presságio de uma realização profunda. Para um homem, é um estímulo para cultivar qualidades femininas com a sensibilidade e a intuição. Assim, a Lua é um bom presságio para quem se dedica a atividades esotéricas, espirituais e poéticas. (*ibidem*, p. 237 – 238).

Figura 71 - XVIII A Lua



Fonte: Legião da Boa Vontade.

A Lua de Godoy contempla o Teatro Nacional, palco de dramas, fantasias e comédias, simbolizando a mutabilidade de formas do edifício. De acordo a artista, esta carta previne contra pretensões, preguiça mental, falsos valores, elogio calculista, decepções, traições e mediocridade. Analisando o período histórico vivenciado pela artista quando ela concebeu essa obra, o ano de 1990, podemos perceber que o Teatro Nacional estava em seu pleno funcionamento. Atualmente, o Teatro representa o descaso do poder público para com a obra de Oscar Niemeyer. É um cenário muito triste que não foi esperado pela previsão de Marlene Godoy.

O Arcano XIX *O Sol* (Figura 72) nos olha diretamente, como a figura da justiça. Ele tem várias interpretações, como o símbolo da vida, do amor, e o arquétipo do pai universal. É o mestre dos céus, a fonte de calor, de luz e da vida. É presságio para novas construções, indicando que o amor está no trabalho e prediz o seu sucesso. Indica a realização de aspectos emocionais, intelectuais, criativos ou materiais. Indica o começo de uma nova vida em que as dificuldades passadas foram superadas. Indica também o poder do espírito masculino e a inteligência do coração feminino. O calor do sol está disponível para todos, mas deve-se tomar cuidado porque o seu excesso pode causar secas e desertos (COSTA; JODOROWSKY, 2009)

Figura 72 - XIX O Sol



Fonte: Legião da Boa Vontade.

O Sol de Godoy está iluminando o Estádio Mané Garrincha. Sua luz representa a organização do caos, a arte, a poesia, a saúde, o esporte, a vitalidade, a energia e a fama. A carta previne contra orgulho, arrogância intelectual, vaidade, golpes do destino e egocentrismo. Duas pessoas juntas abraçam o Estádio, indicando que este é um local em que muitos se unem em prol de uma causa. Aqui são eternizadas as disputas esportivas. O sol ilumina este local, procurando abençoar seus momentos, energizar seus visitantes, evitando brigas, possibilitando jogos e disputas saudáveis.

O Arcano O Julgamento (Figura 73) representa o milagre da transformação. Seu simbolismo indica a ressurreição. O Arcanjo Gabriel toca a trombeta da ressurreição, simbolizando a superação do sofrimento e a vitória sobre o martírio. As três pessoas que levantam do túmulo representam o poder divino que é libertado da prisão terrena. (BANZHAF, 1997).

Figura 73 - XX O Julgamento



Fonte: Legião da Boa Vontade.

O Julgamento remete a circunstâncias de como a pessoa experimentou o seu nascimento ou renascimento, as variações de um trabalho problemático, uma gestação problemática ou uma situação difícil, um obstáculo. Seu significado consiste em descobrir seu desejo de viver, sua vocação artística ou profissional. Se refere também ao surgimento de um desejo, de uma vocação. (COSTA; JODOROWSKY, 2009)

A carta de Godoy se refere à revelação de desígnios, ressurreição, renascimento e vida nova. Previne contra empreendimentos que apenas se referem a interesses políticos. O local abordado pela artista é a obra *Os Candangos*, de Bruno Giorgi, que se encontra em frente ao Palácio do Planalto. A escultura data do ano de 1959, em homenagem aos trabalhadores da construção de Brasília. De acordo a arquiteta Luísa Videsott (2008, p. 21), o monumento é um símbolo de Brasília que inspirou propagandas e até a letra da *Sinfonia da Alvorada* de Vinicius de Moraes, tornando-se um emblema. A arquiteta esclarece que a colocação do monumento neste espaço vazio na Praça dos Três Poderes teve o papel de desvincular a função de símbolo específico de um dos três poderes presentes na praça.

O tempo, os hábitos, as propagandas, as ideologias, os discursos, as apologias e as poesias operaram então uma mudança de significado, a qual incluía a apropriação de novas dimensões e o abandono de outras. Vale a pena acrescentar que a transformação, ou substituição, do nome e dos significados da obra de Giorgi foi rápida e complexa: nela estava implícito o novo poder que a palavra “candango” assumiu durante a construção da cidade. Talvez tenha até se infiltrado na memória dos próprios autores [...] (*ibidem*, p. 26).

O Arcano *O Mundo* é o mais alto numérico valor do Tarô (Figura 74). Representa a suprema realização. Uma mulher dança no meio de uma coroa de folhas portando um bastão, sugerindo a analogia ao símbolo do taoísmo *yin-yang*. O homem está em um processo de libertação da sua autodestruição, se colocando a serviço da humanidade, vislumbrando o sofrimento do outro. Na tradição cristã, o Cristo ou a Virgem, aparecem às vezes representados desta forma, dentro de uma forma oval. Este também é um símbolo da eternidade e da forma reminescente do órgão sexual feminino. As outras figuras são os elementos cósmicos: o anjo (perfeição emocional, santidade e coração bondoso); a águia (o poder da mente, o lado genial); o leão (energia do desejo e da criatividade). A leitura da carta indica uma grande realização., um sucesso. Também pode inspirar viagens, ou seja, a “descoberta” do mundo no seu sentido literal (COSTA; JODOROWSKY, 2009).

Figura 74 - XXI O Mundo



Fonte: Legião da Boa Vontade.

A carta de Godoy representa a capacidade do espírito de escapar da matéria. A ordem surge do caos, emergindo para o sucesso, e um feliz término. Indica finalização de obras e vitória. A imagem se refere ao Mapa aéreo de Brasília, e ao seu formato a artista atribuiu à figura feminina. Aqui, Brasília é uma mulher alada. Lembro-me da narrativa que analisamos anteriormente, do Lago Paranoá, da obra de Helena Maria Ribeiro (1996).

O Tarô pode ser interpretado como um artefato que aborda o passado, o presente, e futuro da cidade de Brasília. Pode ser entendido pelo seu lado esotérico como um artifício de adivinhação, propondo previsões para o futuro de Brasília, e ao mesmo tempo, pelo seu lado artístico, mostrar o contexto histórico da artista, momento no qual, ela projeta suas opiniões a respeito das problemáticas vivenciadas.

A obra traz à tona problemáticas políticas e sociais que naquele período, passagem da década de 80 para 90, já eram realidade de Brasília. Alguns destes elementos permanecem até a atualidade, vinte anos depois.

A obra de Godoy tornou-se um trabalho de visibilidade dentro do meio esotérico, por estabelecer uma análise da realidade de Brasília através de simbologias e iconografias arquetípicas. Grande parte deste movimento esotérico começou a voltar as suas atenções para a região, com o objetivo de oferecer um apoio espiritual para a capital federal, local do qual provêm as decisões mais importantes para o país.

4.5. O Mosaico Místico Brasiliense

O objetivo deste último capítulo foi mostrar como todo o fenômeno esotérico analisado foi se consolidando e sobrevivendo ao longo das décadas após a inauguração de Brasília. Essas instituições ao longo do tempo conseguiram visibilidade, atraindo curiosos e turistas, que se constituíram em um contingente expressivo.

Estabelecer um paralelo entre instituições de cunho espiritualista teve como intuito mostrar que várias são as faces que compuseram essa identidade mística atribuída a Brasília desde os primórdios de sua existência. Assim, podemos perceber que a nova capital, enquanto projeto, concretização e consolidação, atraiu uma diversidade de filosofias que consequentemente criaram discursos diversos, mas que possuíam um caráter em comum, o aspecto místico. Aqui, cada uma dessas filosofias contribuiu para compor um espectro de representações, seja pela sacralização dos espaços em Brasília pelo Vale do Amanhecer, seja pelas leituras egiptomaníacas, pela arte divinatória que a LBV carrega em seus espaços, ou pela numerologia cabalística explorada pela vertente esotérica da Maçonaria.

Estas instituições, apesar de suas especificidades, juntas, sustentam atualmente um campo diversificado de representações místicas de Brasília, que estão presentes no imaginário coletivo entre moradores e visitantes, e explorado pelo turismo e pela economia.

Sendo assim, após as andanças pelos espaços místicos de Brasília visualizei uma verdadeira cartografia mística que se mantém através de um diálogo dinâmico entre as diversas leituras que cada uma faz a respeito de Brasília. Essa rede se construiu baseada nas profecias de Dom Bosco. Em Dom Bosco todas essas doutrinas se encontraram e passaram a se legitimar mutuamente, portando a mesma carga simbólica que os responsáveis pela construção de Brasília implementaram no início da concretização do projeto da nova capital brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primeiros relatos sobre a interiorização da capital brasileira, assuntos de cunho utópico e edênico estiveram presentes, principalmente a respeito da natureza do sertão. Interesses políticos passaram a empregar uma narrativa de mitificação da interiorização da capital, atribuindo aos domínios do Cerrado um caráter místico. Desde então, nossa savana engendra o imaginário de uma nova civilização.

Parti da hipótese inicial de que a região, onde hoje se acha o Distrito Federal brasileiro, por reunir aspectos geomorfológicos e fitofisionômicos peculiares, ressaltados por viajantes naturalistas já em tempos coloniais, favoreceu o ressurgimento de uma visão edênica, própria do período colonial. Essa representação foi empregada para corroborar discursos mudancistas no século XIX, primeiro momento em que a ideia de transferência da capital emergiu no âmbito político. Igualmente, o caráter de incompletude e vazio atribuído às regiões do Cerrado representava aquela conhecida dicotomia entre sertão e litoral, muito explorado por Nísia Trindade Lima (1997), que se fez presente nos debates mudancistas. O interior brasileiro visto como espaço vazio seria propício ao desenvolvimento da autêntica nacionalidade. Neste sentido, julgo imperioso associar a história do nascimento de Brasília à tais ideias que percorreram os séculos XVIII, XIX e início do séc. XX.

No segundo momento, abordei o projeto da nova capital brasileira através de um imaginário místico que envolveu as profecias de Dom Bosco, que por sua vez tornou-se padroeiro da cidade ao lado de Nossa Senhora Aparecida. Dentro de um projeto político e desenvolvimentista estava uma preocupação em criar condições favoráveis à transferência da capital, e para isso, seus construtores empregaram discursos pautados em aspectos místicos, inicialmente atribuindo um caráter edênico à região, para, em seguida, emprestar-lhe um caráter futurista com base no lendário sonho do padre salesiano.

Brasília foi assim inaugurada sob a proteção da bênção divina, a partir da Primeira Missa realizada no solo planaltino, da mesma forma que Henrique de Coimbra celebrou a Primeira Missa no Brasil na praia da Coroa Vermelha, sul da Bahia. Também da mesma forma em que se demarcou a colonização do território brasileiro, Brasília foi projetada por Lúcio Costa como uma cruz, símbolo da cristandade e de posse – a posse sobre o território do interior de Goiás. Mais uma vez o território desconhecido foi conquistado e recebeu novas significações.

De lá pra cá, dá-se início a uma verdadeira cruzada religiosa: com a progressiva queda do domínio do catolicismo em Goiás, já percebido a partir da década de 50, possibilitou a expansão de novas formas de religiosidades que, no afã de se consolidarem naquele solo,

atribuíram (e atribuem) suas próprias narrativas a respeito do Planalto Central e seu papel na gestação da nova civilização. Desde então, Brasília segue sendo a grande capital mística do Brasil.

Dividi a tese em duas partes, estando a primeira bem sintetizada nos parágrafos anteriores. Essa divisão tem como objetivo decompor a História de Brasília em duas partes, a primeira, em que a política se apropria do misticismo, que teria ocorrido mais precisamente entre os anos de 1955 a 1961. Esse recorte começa pelos primeiros momentos da existência de Brasília enquanto discurso, projeto e início de sua concretização. O ano de 1961 sinaliza o fim da presidência de Juscelino Kubitschek que se apresentou como uma fase de representações místicas amparadas pelo próprio Estado. Os anos que se passam nesse período apresentam significativos acontecimentos: 1956 – início do governo JK, 1957 – chegada da Maçonaria, e 1959 – nascimento do Vale do Amanhecer.

A segunda parte trata da reviravolta em que o misticismo se acopla à política, no recorte entre os anos de 1962 a 1990. O Estado deixa de ocupar um papel preponderante na construção de sentidos. Aqui quem inaugura a fase de interlocução é a Eubiose, que chegou em Brasília em 1962 e se tornou a protagonista no âmbito das representações abordadas.

No terceiro capítulo, que também inaugura a segunda parte da tese, busquei compreender a consolidação da representação de Brasília como a capital do terceiro milênio, discurso próprio dos diversos esoterismos. Para isso, inicialmente, desenvolvi uma discussão teórica a respeito das renovações espiritualistas no âmbito da modernidade, tratando das reviravoltas, ou negociações, que as sociedades vêm fazendo diante das novas demandas de consumo espiritual. A hipótese do tópico é que a modernidade não é refratária à crença religiosa. Assim, conceitos como “desencantamento do mundo” e “secularização” foram relativizados e restringidos a um contexto europeu.

Aqui, procuro balizar o pensamento teórico através do conceito de *modernidades múltiplas*. O que entendo por modernidades múltiplas abre caminhos para a proliferação de diversas filosofias, em que vislumbramos um fenômeno religioso que se depara com a queda do monopólio do catolicismo. Os novos atores em cena – Teosofia e Eubiose – produziram uma literatura esotérica a respeito de Brasília, bem como, do Brasil, como protagonistas de uma transformação a nível planetário, representando uma dinâmica de pensamentos que ainda se fazem presentes no território brasiliense, sendo retomadas por vários grupos espiritualistas. Essa literatura ultrapassou seu tempo, quando vários destes grupos que começaram a se fixar na região, bradando as suas justificativas para tal feito, sustentando até a atualidade os seus discursos em prol de uma evolução espiritual e consequente política e socioeconômica do país.

A Ufologia também se tornou outro campo dentro do esoterismo muito explorado em Brasília, atraindo ufólogos, médiuns e curiosos. Brasília é conhecida por seus episódios ufológicos ocorridos no decorrer de sua história, e muitos moradores ou visitantes têm relatos a respeito de alguma experiência ufológica seja dentro de Brasília ou nas suas redondezas.

O desenvolvimento da pesquisa propiciou o deslindamento de aspectos relevantes e até inusitados sobre a trajetória política de JK, e que, por essa razão, ele passou a ganhar espaço dentro da pesquisa. Um exemplo disso é o desconhecimento da íntima ligação de JK com a Eubiose e instituições de natureza similar. O que era abordado nas fontes oficiais até o momento, é que JK era oriundo de uma formação católica e que teria desenvolvido durante a sua vida uma flexibilização rumo ao espiritismo. Esse caráter espiritualizado do presidente impactou fortemente a hipótese da primeira parte da tese – em que a política se apropriou do misticismo.

No quarto e último capítulo procurei mostrar que ocorreu uma perpetuação dessas diversas leituras místicas no território de Brasília, através das pesquisas em campo em algumas instituições. No primeiro momento do capítulo, vislumbrei Brasília no âmbito dos estudos sobre Egiptomania no Brasil, partindo do pressuposto de que essas leituras místicas que ecoaram por anos após a sua inauguração, adotaram elementos das famigeradas religiosidades orientais antigas, dentre as quais se destacaram as egípcias. Após esse debate, explorei os discursos do Vale do Amanhecer, da Maçonaria em sua vertente esotérica e da Legião da Boa Vontade. Apesar de suas especificidades, demonstram algo em comum, o fascínio pelo Antigo Egito e a sua reapropriação em ritos, iconografias, vestimentas, dentre outros elementos.

Sobre a escolha das instituições, ocorreram muitas mudanças no decorrer do processo da pesquisa, desde o início do projeto, pois, ao me deparar com uma heterogeneidade de instituições de cunho espiritualista/filosófico/místico/religioso, tive dificuldades em eleger grupos representativos do fenômeno abordado. Primeiro, pelo fato de ser um número expressivo de instituições, comecei a buscar aquelas que se destacam no âmbito das representações místicas sobre Brasília através de seus discursos e publicações a respeito, aquelas que estavam no território do Distrito Federal desde os primeiros momentos de sua história e que ainda se fazem presentes atualmente, e aquelas que se destacam no contexto turístico, social, econômico, cultural, etc. Independente de possuírem a sede no Distrito Federal, o meu foco de análise se constitui nas instituições que possuem algum destaque na região. Neste sentido, elegi: o Vale do Amanhecer por possuir sede em Planaltina e atualmente atrair um turismo significativo, além de ser uma das pioneiras na História de Brasília; a Eubiose, apesar de não possuir sede no DF, mas se destacar nos discursos e publicações, além de ser a instituição que revelou um lado

místico de Juscelino Kubitschek; a Maçonaria, que possui sede no DF (Grande Oriente do Brasil), e que esteve presente nos primeiros momentos da construção da nova capital e se destacar em muitos discursos a respeito do misticismo na região; e a Legião da Boa Vontade, que apesar de não possuir sede no DF, construiu o seu principal templo na Asa Sul do Plano Piloto, tornando-se um dos ícones do turismo da região.

Outras instituições como a Ordem Rosacruz, a Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, a Nova Acrópole e a Igreja Messiânica Mundial do Brasil, também foram cogitadas para serem unidades de pesquisa. Contudo, sua adoção resultaria numa ampliação do universo de pesquisa inviável neste momento. Assim, optei por realizar um recorte estratégico, a fim de tornar a investigação viável dentro dos prazos previstos. Contudo, vale a pena mencionar que realizei visitas informais nestas instituições citadas, participando de reuniões, ritos, bem como, realizando leituras de suas publicações, o que também proporcionou uma visão mais abrangente do universo pesquisado. Além da necessidade de um recorte, me deparei com a dificuldade de lidar com membros / representantes de várias destas instituições, que prefiro não mencionar especificamente. Encontrei barreiras hierárquicas e preconceituosas para com pesquisadores, além de pessoas que procuram manter certas discricões sobre suas instituições e práticas.

A pesquisa de campo teve uma fase prejudicada pelos impactos da pandemia da COVID-19 e sua conseqüente necessidade de isolamento social, em que foi necessário restringir as atividades realizadas nas dependências das instituições religiosas, locais nos quais realizo as pesquisas *in loco*. Esse fator contribuiu para que as fontes literárias auferissem maior importância em relação às demais utilizadas, como as entrevistas. Antes de ocorrer essa problemática de nível mundial, eu já havia diagnosticado que essas fontes são inesgotáveis, e à medida que eu realizava as pesquisas, mais fontes apareciam, trazendo conteúdos ricos em representações místicas sobre Brasília, meu foco de pesquisa. Descobri que as instituições ou intelectuais membros ou simpatizantes destas publicaram muitas pesquisas sobre esse universo místico. Muitas delas criavam teorias, outras se baseando em antigas teorias, recriando, com novos olhares, aspectos que muitas vezes realizavam paralelos com antigas culturas. Esses paralelos estabelecidos têm um claro objetivo, legitimar Brasília como um local sagrado.

As referências bibliográficas dialogaram intensamente com as fontes encontradas, dentre elas, os pesquisadores regionais e os pesquisadores internacionais. Por outro lado, considerar leituras de autores místicos foi importante para se compreender um pouco mais sobre as variadas teorias esotéricas. Esta literatura é muito rica e a sua maioria disponível.

Desenvolver debates teóricos a respeito da História Cultural, Imaginário e Representações, se fez necessário para basilar a pesquisa, já que aqui estou tratando de um

universo simbólico, construído por um grupo dominante inicialmente, que conseguiu criar um imaginário coletivo a respeito da nova cidade e capital. A consolidação do discurso místico sobre Brasília promovida pelas classes dirigentes abriu um caminho, ou a espécie de um “convite” para as várias filosofias e religiosidades se atraírem para a região. Sendo assim, um discurso foi apropriado e reapropriado conforme os interesses dos grupos em seus discursos e atuações. E para compreender de que forma o aspecto místico e religioso conseguiu manter-se tão íntimo com o Estado, me debrucei sobre os debates a respeito da modernidade religiosa, já que, este termo, me pareceu ambíguo no passado. Mas após as leituras, conjecturo que as *modernidades múltiplas* proporcionaram essa diversidade de identidades, pois aqui, a religiosidade é flexível e fluída. Sendo assim, busquei traçar uma trajetória das principais tendências dentro dos estudos em Ciências da Religião considerando que tais abordagens se preocupam com a modernidade como um fenômeno pluridimensional.

Ao propor um debate acerca dos elementos que contribuíram para o surgimento dessa aura mística sobre Brasília a qual me refiro, convencionei-me a não questionar sobre o que poderia ser visto como mera especulação, já que minhas motivações recaíam sobre a necessidade de entender o embrionamento dos diversos discursos que levaram a atribuição de tal imagem para a cidade. Igualmente, não me apetece proferir um discurso místico mesmo que oculto nas entrelinhas, já que o meu papel como pesquisadora me fez pensar na relação sujeito – objeto de pesquisa.

Esse é um dos clássicos problemas epistemológicos presentes nos debates entre os pesquisadores das Ciências Sociais, ramo do conhecimento este, que me amparou no trabalho metodológico. O etnógrafo Claude Lévi-Strauss já advertia sobre a relação entre pesquisador e objeto de pesquisa, mostrando que muitas vezes, o próprio pesquisador faz parte do fenômeno observado (LÉVI-STRAUSS, 1983, p. 152). Não me considero parte deste universo, mas em alguns momentos, vejo-me simpatizante com algumas das várias práticas e filosofias que se instalaram no território de Brasília, talvez, pelo exotismo ou pelas diversas possibilidades de vivências filosófico-religiosas além do tradicionalismo cristão.

Percebo que além de Lévi-Strauss, Edgar Morin (2005, p. 137) nos traz uma pertinente apreciação para esse paradoxo, a necessidade do rompimento do paradigma do dualismo entre sujeito – objeto. A partir de sua ótica, é coerente pensar a pesquisa científica a partir de um diálogo estreito entre sujeito e objeto, mesmo que sejam considerados elementos contraditórios. Desta forma, ciente da exigência científica do olhar distanciado do pesquisador, inspiro-me nas análises destes cientistas sociais, que me permite apreender a capacidade do pesquisador de se

aproximar e se afastar do seu objeto, podendo utilizar essas dicotômicas lentes no debruço sobre o universo pesquisado.

Muitos sociólogos se preocuparam com uma “contaminação religiosa” da prática científica, como Pierre Bourdieu, que analisou essa relação entre o pesquisador que possui uma crença e que realiza a pesquisa sociológica. O autor alerta que o indivíduo pode cair em uma armadilha, ao demonstrar uma aparente cientificidade, realizando uma pesquisa favorável à sua religião. Porém, tenho uma postura crítica frente a esse patrulhamento científico (CAMURÇA, 2000, p. 74-75), pois acredito que esse é um debate marcado pela subjetividade, que tem dividido os pesquisadores. O importante é superarmos essa polarização que prejudica o pluralismo epistemológico.

Existem muitos ‘pré-conceitos’ que ainda ocorrem dentro das universidades, problema que me deparei durante o percurso acadêmico. Esse desafio me lembra uma reflexão do sociólogo João Paulo Silveira (2019, p. 01), a respeito dos pesquisadores de religiões, que são vistos como “criaturas exóticas”. E foi exatamente assim que me senti em determinados momentos. Isso porque os pesquisadores de fenômenos místico-religiosos recebem clivagens preconceituosas.

O tema abordado (misticismo) possui suas peculiaridades e melindres entre pesquisador / pesquisado e entre pesquisador / academia. As atividades em campo possibilitaram o contato direto com a comunidade pesquisada, momento no qual, procurei quebrar estes e outros paradigmas. Através das observações participantes e entrevistas, busquei promover um sentimento de pertencimento da comunidade como parte da pesquisa. Em primeiro lugar, considerei a comunidade na qual as instituições pesquisadas estão inseridas, procurando entender as relações entre a instituição e a cidade na qual elas se estabeleceram, promovendo contribuições a nível cultural e turístico. Deste modo, atuei no sentido de destruir estigmas e preconceitos, contribuindo para o respeito à diversidade religiosa no Brasil. Isso porque, muitos adeptos com quem estive pessoalmente, disseram que socialmente são tratados com termos pejorativos, como “adoradores do demônio” por parte de pessoas que desconhecem a sua história e as suas práticas. Espero que a difusão desta pesquisa possa impactar positivamente essas problemáticas.

Os caminhos metodológicos me levaram a panoramas históricos não conclusivos, mas permitiram a ampliação de novas possibilidades metodológicas para se avançar tanto com esta discussão, e sobretudo, para outras discussões que versam sobre fenômenos religiosos e místicos. Se trata de um universo subjetivo que pode ser explorado pelos historiadores e cientistas sociais. Apesar de problemas, como toda pesquisa se depara em determinados

momentos, posso concluir que ela conseguiu atender aos seus objetivos propostos inicialmente, por conseguir levantar uma rica discussão, compreendendo os diversos pontos de vista e utilizando variadas fontes.

O caso de Alto Paraíso de Goiás, que tratei em minha dissertação, e agora, de Brasília, são exemplos de cidades que receberam identidades místicas através de seus processos históricos. Existem outras cidades brasileiras que além de possuir um determinado caráter místico, do mesmo modo, possuem um turismo e uma dinâmica econômica consequente destas inflexões narrativas, como São Thomé das Letras (MG), Varginha (MG), São Lourenço (MG), Colares (PA), Barra do Garças (MT), Peruíbe (SP), Florianópolis (SC), Itaara (RS), Lençóis / Igatu / Palmeiras (BA), dentre outros! 🐼

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, Luis Alberto. **Modernidade arquitetônica e teoria do poder de estado em Brasília**: Tradição e ruptura no domínio da plástica. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1989.
- ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de história colonial: 1500-1800**. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998. [Coleção Biblioteca Básica Brasileira].
- AFIUNE, Pepita de Souza. **“Lugar de outro mundo”**: O Reencantamento do mundo e as narrativas ufológicas em Alto Paraíso (GO). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2016.
- ALMEIDA, Rafael Antunes de. **“Objetos intangíveis”**: Ufologia, ciência e segredo. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- AMARAL, Leila. **Carnaval da alma**: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000.
- AMARAL, Leila. Sobre uma cultura religiosa errante e a redefinição da pertença religiosa nesse final de século. **Cadernos CERU**, Série 2, n. 12, USP, 2001. p. 151 – 159. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/75092/78658>. Acesso em 08 de outubro de 2018.
- AMARAL, Tiago Valenciano Previatto. **O compasso, o esquadro e a ordem discreta**: perfil sociológico dos grão-mestres da maçonaria paranaense. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1999.
- ARANHA, Roberta. **Os Arcanos Maiores do Tarô e a Pintura Simbolista do Séc. XIX - uma visão interpretativa da correlação arquetípica**. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/284920/1/Aranha_RobertaHeinemanndeSouza_M.pdf. Acesso em: 28 abr. 2019.
- ARAÚJO JÚNIOR, Edson Domingues de. **Tradição, modernidade e as bênçãos da Igreja Católica na construção de Goiânia**, 1932-1942. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.
- ARAÚJO, Daniela Nunes de. **Fraternidade Eclética**: compondo memórias e construindo identidades. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, 2011.
- BAKOS, Margaret (Org.). **Egiptomania**: O Egito no Brasil. São Paulo: Paris Editorial, 2004.
- BAKOS, Margaret. A Egiptomania na América do Sul: um estudo multidisciplinar e comparativo. In: **XXIV Simpósio Nacional de História. História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos**. São Leopoldo (RS): UNISINOS, 2007. Disponível em:

<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.1196.pdf>. Acesso em 31 de julho de 2017.

BAKOS, Margaret. **Fatos e mitos do Egito Antigo**. 3ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

BANDEIRA, Lourdes; COSTA, Patrícia Trindade Maranhão; OSÓRIO, Rafael; SIQUEIRA, Deis. Perfil dos adeptos e caracterização dos grupos místico-esotéricos no Distrito Federal. In: LIMA, Ricardo Barbosa de Lima & DEIS, Siqueira (orgs.). **Sociologia das Adesões: Novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, Vieira, 2003. p. 83 – 105.

BANDEIRA, Lourdes & SIQUEIRA, Deis. O misticismo no planalto central: Alto Paraíso, o “Chakra cardíaco do planeta”. In: BRAGA, Maria Lúcia de Santana & DUARTE, Laura Maria Goulart (orgs) [et al]. **Tristes Cerrados: Sociedade e biodiversidade**. Brasília: Paralelo 15, 1998. p. 259 – 294.

BANZHAF, Hajo. **O Tarô e a Viagem do Herói: A Chave Mitológica para os Arcanos Maiores**. Editora Pensamento: São Paulo, 1997.

BARKEI, José. **O risco e a invenção: um estudo sobre as notações gráficas de concepção no projeto**. Tese (Doutorado em Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

BARROS, José D’Assunção. **Campos da História**. Especialidades e Abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BARROSO, Maria Macedo. **A construção da pessoa “oriental” no Ocidente: um estudo de caso sobre o Siddha Yoga**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

BATISTA, Ana Carolina Alves. **A cidade do futuro: que sustentabilidade?** Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Técnica de Lisboa, Portugal, 2008.

BAUMAN, Zigmunt. **Tempos Líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2007.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BERGER, Peter; DAVIE, Grace; FOKAS, Effie. **Religious America, Secular Europe? A Theme and Variations**. Farnham, Inglaterra / Burlington, EUA: Ashgate, 2008.

BERGER, Peter & ZIJDERVELD, Anton. **Em favor da dúvida: como ter convicções sem se tornar um fanático**. Tradução Cristina Yamagami. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. Org. Luiz Roberto Benedetti. Trad. José Carlos Barcellos. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985. [Coleção sociologia e religião].

BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade**: rumo a um paradigma da religião numa perspectiva pluralista. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rev. Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2017.

BERGER, Peter. **Rumor de anjos**: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Trad. Waldemar Boff, Jaime Clasen. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

BERTRAN, Paulo. A Atlântida e a tradição Fawcett. DF Letras. Câmara Legislativa do Distrito Federal, ano 2, n. 17 a 20. **Suplemento Cultural**, 1995. p. 31 – 37. Disponível em: <http://biblioteca.cl.df.gov.br/dspace/bitstream/123456789/1827/1/Texto%20integral%20%28P DF%29>. Acesso em 11 de dezembro de 2018.

BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem no Planalto Central**: Eco-história do Distrito Federal. Edição revista e atualizada. Brasília: Editora Verano, 2000.

BERTRAN, Paulo. História Técnica: O Distrito Federal. In: DOMINICI, Maria Celeste & TIMM, Paulo César (orgs.). **Brasília**: Uma economia forte num meio frágil. Brasília: CODEPLAN, 1992. [Série Cadernos Codeplan; 2]. p. 65 – 71. Disponível em: <http://cerratense.com.br/fotosdocumento/arquivopdf/-%20Codeplan.pdf>. Acesso em 12 de janeiro de 2018.

BIZELLO, Maria Leandra. **Entre fotografias e fotogramas**: a construção da imagem pública de Juscelino Kubitschek (1956 – 1961). Tese (Doutorado em Multimeios) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2008.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos**: o caráter sobrenatural do poder régio: França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: A idade da fábula. Histórias de deuses e heróis. Tradução de David Jardim Júnior. 26ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S/A, 2002.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p. 07 – 38. [Biblioteca Básica].

BURKE, Peter. **Testemunha ocular - imagem e história**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CAES, André Luiz. A “orientalização do ocidente”: elementos reflexivos para a compreensão da interação e integração entre os valores religiosos orientais e ocidentais. **Revista Mosaico**, v.2, n.2, jul/ dez, 2009. p. 154-164. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/viewFile/973/681>. Acesso em: 22 de maio de 2017.

CAIRUS, Brigitte Grossmann. De alemão a cigano: a construção da identidade de Juscelino Kubitschek como fator legitimador das políticas étnicas ciganas no Brasil Contemporâneo. **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História**: Lugares dos historiadores, velhos e novos desafios. Florianópolis, 2015. p. 01 – 11. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427677224_ARQUIVO_Cairus,BrigitteA NPUHFloripa2015.pdf. Acesso em 09 de julho de 2018.

CAMPBELL, Collin. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodiceia para um novo milênio. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v.18, n.1, 1997. p. 5-21.

CAMPOS, Francisco Itami. Mudança da Capital: uma estratégia de poder. In: BOTELHO, Tacísio Rodrigues (Org.). **Goiânia: Cidade pensada**. Goiânia: UFG, 2002. p. 169 – 184.

CAMPOS, Marcelo Leandro de & SILVA, Ana Rosa Clochet da. O esoterismo na academia: uma análise do percurso histórico e historiográfico. **Revista Paralellus**. Recife, v. 6, n. 13, jul-dez, 2015. p. 361 – 376. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/download/643/606>. Acesso em 23 de dezembro de 2018.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. “Espiritualidades”, redes religiosas New Age no Brasil: a linguagem franca das terapias, oriente, esoterismos e energias. BÉLIVEAU, Verónica Giménez & ESQUIVEL, Juan Cruz. (orgs.). **Religiones en cuestión: campos, fronteras y perspectivas**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fundación CICCUS, 2018. p. 237 – 251.

CAMURÇA, Marcelo. Da “boa” e da “má” vontade para com a religião nos cientistas sociais da religião brasileiros. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 21 (1). p. 67 – 86, 2000. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-pesquisa/socreligioses/pages/arquivos/fabio_lanza/Textos_Soc.%20Relig/3.Mod_CAMURCA%20M.pdf. Acesso em 22 de outubro de 2018.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade**. Tradução Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. Tradução do prefácio à 2ª ed. São Paulo: Editora da USP, 2003.

CARVALHO, Alberto R. Câmara de. **Migrantes em Brasília: os motivos, as dores e os sonhos numa perspectiva clínica**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

CAVALCANTI, Flavio R. **Projetos para o Brasil: José Bonifácio**. Brasília: Doc Brazilia, s/d. Disponível em: <http://doc.brazilia.jor.br/Historia-Projetos/Bonifacio.shtml>. Acesso em 27 de janeiro de 2020.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. 2ª ed. Trad. Maria Manuela de Galhardo. Algés, Portugal: DIFEL S.A., 2002.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. Goiânia: a capital do sertão. In: OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de & SILVA, Ademir Luiz da. **Goiânia em mosaico: visões sobre a capital do cerrado**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015. p. 11 – 25.

COELHO, Alessandro Manduco. Política, religião e utopia: o discurso e a crença religiosa submersos na imaginação e pensamento utópico. **Revista Páginas de Filosofia**, v. 5, n. 2. Universidade Metodista de São Paulo. jul./dez, 2013. p. 21-36. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PF/article/view/4407>. Acesso em 08 de maio de 2018.

COSTA, Everaldo Batista da & STEINKE, Valdir Adilson. Da natureza do sagrado à natureza do lugar: Morro da Capelinha (DF) como patrimônio natural. **OLAM – Ciência & Tecnologia**.

Ano XII, n. 1-2, janeiro/dezembro, Rio Claro/SP, 2012, p. 52 - 74. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11797/1/ARTIGO_NaturezaSagradoNaturezaLugar.PDF. Acesso em 11 de dezembro de 2018.

COSTA, Josias Alves da. **As manifestações do arquétipo de espaço sagrado na geografia de Brasília**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

COSTA, Luiz Mário Ferreira. **Maçonaria e Antimaçonaria: Uma análise da “História secreta do Brasil” de Gustavo Barroso**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG, 2009.

COSTA, Marianne e JODOROWSKY, Alejandro. **Way of Tarot: The Spiritual Teacher in the Cards**. Editora Destiny Books: Toronto, 2009.

CRUZ, Eduardo Rodrigues da. **A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza**. São Paulo: UNESP, 2004. [Coleção paradidáticos, série cultura].

DANTAS, Pedriane Barbosa de Souza. **Destino da ilha sob a mira do Éden: Fernando de Noronha no percurso do tempo**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

DELUMEAU, Jean & MELCHIOR-BONNET, Sabine. **De religiões e de homens**. Rev. Maurício B. Leal, Sandra G. Custódio e Cristina Peres. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade: uma história do paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DIEGUES, Antônio Carlos. Os mitos bioantropomórficos, os neomitos e o mundo natural. In: DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2001. p. 53 – 63.

DUARTE, Paulo Araújo. **A Era de Aquário**. Florianópolis: Planetário UFSC, 1999. Disponível em: <http://planetario.ufsc.br/a-era-de-aquario/>. Acesso em 28 de abril de 2019.

DUBOIS, Claude-Gilbert. **O imaginário da Renascença**. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: UnB, 1995.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Tradução Hélder Godinho. 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

EISENSTADT, Shmuel Noah. Modernidades múltiplas. **Sociologia, problemas e práticas**. N. 35. Lisboa: IUL, 2001. p. – 139 – 163. Disponível em: <http://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/5/57.pdf>. Acesso em 11 de novembro de 2018.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERNANDES, Paulo César da Conceição. **As origens do Espiritismo no Brasil: razão, cultura e resistência no início de uma experiência (1850 – 1914)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

FONSECA, Valesca Soares da; PUHL, Paula Regina; SILVA, Cristina Ennes da. Acontecimentos históricos x conflitos amorosos: o caso da minissérie JK. **ALCEU**. v. 11, n.21. Departamento de Comunicação Social da PUC RIO. jul/dez, 2010. p. 90 - 103. Disponível em: http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu21_7.pdf. Acesso em 21 de março de 2019.

FRADE, Gabriel. **Arquitetura sagrada no Brasil**. Sua evolução até vésperas do Concílio Vaticano II. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Brasís, Brasil, Brasília**. 1ª ed. Revista e atualizada. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1968.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. 1ª edição digital. São Paulo: Global, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª ed. 13ª reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. 1ª ed. Tradução de Raul Fixer. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

CHARLES, SEBASTIEN & GILLES, Lipovetsky. **Os tempos hipermodernos**. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

GIUMBELLI, Emerson. Religiões no Brasil dos anos 1950: processos de modernização e configurações de pluralidade. In: **Plura**, Revista de Estudos da Religião, v.3, n.1, 2012. p. 79-96. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/106600/000936453.pdf?sequence=1>. Acesso em 05 de junho de 2018.

GOMES FILHO, Robson Rodrigues. Entre a loucura e o demoníaco: o discurso contra o espiritismo nas linhas do jornal Santuário da Trindade em Goiás na década de 1920. **Revista de História Regional**. 19(1): 227-247, 2014. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/download/5433/4097>. Acesso em 29 de maio de 2018.

GOMES FILHO, Robson Rodrigues. **O movimento messiânico de “Santa Dica” e a Ordem Redentorista em Goiás (1923 – 1925)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2012.

GOMES, Ana Lúcia de Abreu. **Brasília: de espaço a lugar, de sertão a capital (1956 – 1960)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. **Seminário Internacional sobre Múltiplas Territorialidades**. Porto Alegre: UFRGS, 23 set. 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em 24 de março de 2019.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização e as “regiões-rede”. **Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia**. Curitiba: AGB, 1994. p. 206-214.

HAGIHARA, Márcio. **Brasília e a invenção da arquitetura – arte**: transformações estéticas na noção espacial da obra de arte. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Tradução de João Batista Kreuch. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

HOBSBAWM, E. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 09-23.

HOBSBAWM, Eric. Feiticeiros e Aprendizizes. As Ciências Naturais. In: HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX, 1914 – 1991**. 2ª ed. 15 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, Publifolha, 2000. [Grandes nomes do pensamento brasileiro].

HOLSTON, James. **Cidade modernista**: uma crítica de Brasília e sua utopia. Tradução Marcelo Coelho. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

HUMBERT, Jean-Marcel. **Egyptomania**: Egypt in Western Art, 1730 – 1930. Ottawa: National Gallery of Canada, 1994.

JODELET, Denise. As representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Tradução Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 17 – 44.

JUNG, Carl G. Prefácio. **I-Ching**: O livro das mutações. Introdução à edição brasileira Gustavo Alberto Corrêa Pinto. Tradução de Alayde Mutzenbecher e Gustavo Alberto C. Pinto. São Paulo: Pensamento, 2006. p. 14 – 20.

JUNG, Carl G. **Um mito moderno sobre coisas vistas no céu**. Obras completas de C.G.Jung. Volume X/4. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

KANGUSSU, Imaculada. O Brasil e as utopias. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 22-37, ago. 2014. p. 22 – 37. Disponível em: http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/5649/1/ARTIGO_BrasilUtopias.pdf. Acesso em 08 de julho de 2018.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A imagem nas Ciências Sociais do Brasil: Um balanço crítico. In: **BIB**, nº 47. Rio de Janeiro, 1999. p. 49 – 63. Disponível em: http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=498&Itemid=297. Acesso em: 01 de setembro de 2016.

KURY, Mário da Gama. Têmis. In: KURY, Mário da Gama. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

LANGER, Johnni. **Arqueologia do irreal**: As cidades imaginárias do Brasil. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

LANGER, Johnny. Civilizações Perdidas no Continente Negro: O Imaginário Arqueológico sobre a África. **Mneme**: Revista de Humanidades. v.7, n. 14, fev./mar. Paraná, 2005. Disponível em: <http://www.seol.com.br/mneme/ed14/143.pdf>. Acesso em 17 de maio de 2018.

LASSANCE, Adalberto. Paranoá, um lago multissecular. In: RAMOS, Vera et al. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal**. Goiânia: Kelps, 2017. p. 11 – 30.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O olhar distanciado**. Lisboa, Edições 70, 1983.

LIMA, Nísia Trindade. Brasília: a capital no sertão. In: LIMA, Nísia Trindade & SENRA, Nelson de Castro (orgs.). **Veredas de Brasília**: as expedições geográficas em busca de um sonho. Rio de Janeiro: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 2010. p. 17 – 34.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais, sertanejos e imaginação social. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1997.

LIRA, David Pessoa de Lira. **O batismo do coração no vaso do conhecimento**: Uma análise do Corpus Hermeticum IV.3-6a. Tese (Doutorado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo-RS, 2014.

LOVELOCK, James. Gaia: **Alerta Final**. 1ª ed. Tradução de Vera de Paula Assis e Jesus de Paula Assis. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Posfácio por Silvano Santiago. 12ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a Pós-modernidade**: o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Ed. Atlântica, 2004.

MAGALHÃES, Luiz Ricardo. **Sertão Planaltino**: cultura, religiosidade e política no cadinho da modernização (1950 – 1964). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

MAGALHÃES, Pablo Antônio Iglesias. O paraíso brasílico: As visões edênicas da América portuguesa nos XVII e XVIII. **Praxis**: Revista Eletrônica de História e Cultura. Ano 4. N. 5. Jan – dez, 2011. Disponível em: http://revistas.unijorge.edu.br/praxis/2011/pdf/80_oParaisoBrasilico.pdf. Acesso em 08 de julho de 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O neo-esoterismo na cidade. **Revista USP**, n. 31. São Paulo, setembro / novembro de 1996. p. 06 – 15. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25951>. Acesso em 04 de março de 2019.

- MAGNANI, José Guilherme. **O Brasil da Nova Era**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- MAHLE, Gilberto Roso. Origens da Maçonaria: Dos mistérios antigos à fundação da Grande Loja. **Gran Logia Operativa Latina y Americana**, 2015. Disponível em: <http://hermetismoymasoneria.com/psorigensdamaconaria.htm#n1>. Acesso em 13 de janeiro de 2019.
- MARQUES, Jarbas Silva. A operação Dom Bosco. **Revista UFG**. Ano VIII. N 2. Universidade Federal de Goiás, dezembro de 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/issue/view/1857>. Acesso em 02 de abril de 2018.
- MARQUEZ, Mara Souto. **A escala monumental do plano piloto de Brasília**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, 2007.
- MAUSO, Pablo Villarruba. **Mistérios do Brasil: 20.000 quilômetros através de uma geografia oculta**. São Paulo: Mercuryo, 1997.
- MELLO, Márcia Metran de. **Goiânia: cidade de pedras e palavras**. Goiânia: UFG, 2006.
- MENDONÇA, Jales G. Coelho. **O outro lado da mudança da capital de Goiás**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.
- MENEZES, Renata & TEIXEIRA, Faustino (Orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- MONTALVÃO, Kátia. **A trajetória do fundador da cidade de Montalvânia na memória coletiva: uma contribuição para a cultura local e escolar**. Dissertação (Mestrado em Pesquisa e Educação) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2002.
- MORAES, Antônio Carlos R. **Território e História no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- MORAES, Marco Antônio de. Tiradentes, maçom iniciado? **Ciência & Maçonaria**. Brasília, Vol. 2, n.2, p. 89-95, jul/dez, 2014. Disponível em: <http://www.cienciaemaconaria.com.br/index.php/cem/article/download/34/28>. Acesso em 09 de maio de 2018.
- MORE, Thomas. **Utopia**. Prefácio João Almino. Tradução Anah de Melo Franco. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2004.
- MORELLI, Ana L.F. **Correio Braziliense 40 anos: Do pioneirismo à consolidação**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2002.
- MORIN, Edgar. El doble pensamiento. In: MORIN, Edgar. **El método III: El conocimiento del conocimiento**. 1ª ed. Madrid: Catedra, 2006. p. 167 – 192.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.
- MOTTA, Ana Raquel & VILELA-ARDENGHI, Ana Carolina. Brasil-paraíso: estereótipo e circulação. **D.E.L.T.A.**, 29: Especial, 2013. p. 381 - 404. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v29nspe/v29nspea02.pdf>. Acesso em 08 de julho de 2018.

NAVARRO, Carlos Garma. Conferencia inaugural. Crônicas de creyentes en cambio. La antropología de la religión en transformación. In: BÉLIVEAU, Verónica Giménez & ESQUIVEL, Juan Cruz. (orgs.). **Religiones en cuestión: campos, fronteras y perspectivas**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fundación CICCUS, 2018. p. 25 – 40.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Nem “jardim encantado”, nem “clube dos intelectuais desencantados”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 20. N. 59. Outubro, 2005. p. 23 – 36. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092005000300002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 20 de março de 2018.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. **Imagens e mudança cultural em Goiânia**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. Quem te olhou, mas não te viu: representações do maravilhoso sobre o cerrado goiano no século XVIII. In: MELLO, Marcelo; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso; SILVA, Ademir Luiz (orgs). **Território, cidades e cultura no Cerrado**. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2012. p. 157 – 168. [Coleção Tessituras do Cerrado].

OLIVEIRA, Luiz Antônio Pinto de. Em 1959, o censo experimental na alvorada de Brasília. In: SENRA, Nelson de Castro (org). **Veredas de Brasília: as expedições geográficas em busca de um sonho**. Rio de Janeiro: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 2010. p. 123 – 136.

OLIVEIRA, Márcio de. O uso da noção de mito em Sociologia: analisando os discursos sobre Brasília. **Revista de Ciências Sociais**. V. 36. N. 1/2. Universidade Federal do Ceará, 2005. p. 105 – 116. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revcienso/article/viewFile/565/547>. Acesso em 02 de abril de 2018.

OLIVEIRA, Maria Manuel. Construída na linha do horizonte: Brasília, o Plano Piloto e a manipulação do chão. **Repositorium**. Universidade do Minho, Braga-Portugal, 2017. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/49039>. Acesso em 04 de junho de 2018.

ORO, Ari Pedro. Religião e política no Brasil. **Cahiers des Amériques Latines**. 48-49, 2005. p. 204 – 222. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cal/7951>. Acesso em 31 de maio de 2018.

PASCHOALIN, Rachel Filgueiras. **Restauração da Catedral de Brasília: desafios e conflitos na restauração da arquitetura moderna**. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

PERPÉTUO, Thiago Pereira. **Uma cidade construída em seu processo de patrimonialização: modos de narrar, ler e preservar Brasília**. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Rio de Janeiro, 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. **Rev. Mosaico**, v.1, n.1, p.3-12, jan./jun., 2008. Disponível em:

<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/225>. Acesso em 22 de janeiro de 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. Pedra e o sonho: os caminhos do imaginário urbano. In: PESAVENTO, Sandra Jatthy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002. p. 07 – 28.

PIERUCCI, Antônio Flávio de O. Bye, bye, Brasil. O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos Avançados**. vol.18. n.52. São Paulo Set./Dec. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300003. Acesso em 01 de junho de 2018.

PINHEIRO, Antônio César Caldas. **Os tempos míticos das cidades goianas: mitos de origem e invenção de tradições**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

POUZADOUX, Claude. **Contos e lendas da mitologia grega**. Ilustrações de Frédérick Mansot. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. O Projeto Redentorista de Modernização do Sertão. In: **Caminhos**. v. 13, n. 1. Goiânia, jan./jun. 2015. p. 84–94, Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/3994/2306>. Acesso em 08 de junho de 2018.

QUADROS, Eduardo Gusmão de; TEIXEIRA, Vinícius A. O poder simbólico na política de Goiás: A consagração religiosa da nova capital. In: **Revista Temporis[ação]**. V. 17, n. 1, jan/jun., 2017. p. 181 – 193. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/3806>. Acesso em 27 de fevereiro de 2020.

QUEIROZ, Ana. O Plano Piloto de Brasília e a busca da cidade ideal: utopia, arte e mitologia. **ArtCultura**. Uberlândia, v. 9, n. 14. Jan. – jun. de 2007. p. 157 – 167. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF14/Ana%20Queiroz.pdf>. Acesso em 12 de abril de 2018.

RAFFESTIN, Claude. Immagini e identità territoriali. In: DEMATTEIS, Giuseppe & FERLAINO, Fiorenzo (orgs.). **Il mondo e I Luoghi: Geografie delle identità e del cambiamento**. Torino: IRES – Istituto di Ricerche Economico-Sociali del Piemonte, 2003. p. 03 – 12. Disponível em: <http://www.byterfly.eu/islandora/object/librib:363225#mode/2up>. Acesso em 24 de março de 2019.

REIS, Marcelo Rodrigues. **Discurso e temporalidades: a construção da memória e da identidade no Vale do Amanhecer (1957 – 2004)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

REIS, Marcelo Rodrigues. **Tia Neiva: A trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1925 – 2008)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

REZENDE, Waldetes Aparecida. **Santa Dica: história e encantamentos**. Goiânia: Kelps, 2011.

RIBEIRO, Mauro Lambert. Geografia de esperança: a Reserva Ecológica do IBGE e a nova capital. In: SENRA, Nelson de Castro (org). **Veredas de Brasília: as expedições geográficas em busca de um sonho**. Rio de Janeiro: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 2010. p. 141 – 155.

RICOEUR, Paul. A condição histórica (parte III). In: **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François [et. al.]. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2007, p. 303 - 421.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro**. Tradução de Rosaura Eicheberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SAID, Edward. Orientalismo. **O Oriente Como Invenção do Ocidente**. 1ª reimp. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e de outro. **Travessias: Revista de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa**. n. 6/7. Coimbra, Portugal: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2008. p. 15 – 36. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/43227/1/Do%20pos-moderno%20ao%20pos-colonial.pdf>. Acesso em 19 de janeiro de 2018.

SANTOS, Marcelo. **Tarô de Marselha: O rosto divino**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas. 2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/332117>. Acesso em: 1 de mai. 2019.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. A constituição do meio técnico – científico – informacional e a renovação da materialidade no território. In: SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura (orgs). **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2001. p. 55 – 92.

SANTOS, Sandro Martins de Almeida. **A família transnacional da Nova Era e a globalização do ((amor))) em Alto Paraíso de Goiás, Brasil**. Tese (Doutorado Antropologia Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. 3ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

SCHRAMM, João Francisco. **A Força Aérea Brasileira e a investigação acerca de objetos aéreos não identificados (1969-1986): segredos, tecnologias e guerras não convencionais**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SCHWENNHAGEN, Ludwig. **Os fenícios no Brasil**. São Paulo: Catedra, 1976.

SCOTTÁ, Luciane. **Arquitetura religiosa de Oscar Niemeyer em Brasília**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SILVA, Andreza Lisboa da. Brasília e o mito da terra prometida: a ênfase do discurso mitológico através do cinejornal. **Revista Extraprensa: cultura e comunicação na América Latina**. V.9. N.2. p. 71 – 86. USP, 2016. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/98828/114761>. Acesso em 17 de dezembro de 2018.

SILVA, César Agenor Fernandes da Silva. **O Correio Braziliense e seu projeto de civilização (1808 – 1822)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, Franca, 2006.

SILVA, Ernesto. **História de Brasília**. Rev. Pedro Rabelo Mendes. Brasília: Editora de Brasília, Ltda., 1971.

SILVA, Luís Sérgio Duarte da. **A construção de Brasília: modernidade e periferia**. 3ª ed. Goiânia: Editora da UFG, 2017.

SILVEIRA, João Paulo de Paula. **Identidades religiosas na modernidade tardia: um estudo a partir da Seicho-no-ie do Brasil em Goiânia**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SILVEIRA, João Paulo de Paula. “Por que estudar religiões?”: considerações a partir de uma pergunta insistente. In: **Revista de História da UEG**. V. 8. N. 2. Jul / dez 2019. p. 1 – 15. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/9085/7049>. Acesso em 13 de agosto de 2021.

SIQUEIRA, Deis. A labiríntica busca religiosa na atualidade: crenças, e práticas místico-esotéricas na capital do Brasil. In: LIMA, Ricardo Barbosa de & SIQUEIRA, Deis (orgs.). **Sociologia das Adesões: Novas religiosidades e a busca místico – esotérica na capital do Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, Vieira, 2003a. p. 25 – 163.

SIQUEIRA, Deis. **As novas religiosidades no Ocidente: Brasília, cidade mística**. Brasília: Editora da UnB, 2003b.

SIQUEIRA, Deis. Novas religiosidades na capital do Brasil. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, n. 14. vol 1. São Paulo, maio de 2002. p. 177 – 197. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v14n1/v14n01a09.pdf>. Acesso em 04 de março de 2019.

SIQUEIRA, Lamon Fernandes de. **Hipólito da Costa e a Maçonaria: a formação da esfera pública moderna brasileira e o vocabulário político maçônico no Correio Braziliense**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2011.

SOARES, Andreia Jordana M. **Juscelino Kubitschek e Salomão: a força de uma ideologia**. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade EST, São Leopoldo, 2011.

SOUSA JÚNIOR, José Pereira de. O processo de restauração católica no Brasil na Primeira República. **Fato & Versões – Revista de História**. V.7, N.4. Coxim(MS): UFMS, 2015. p. 80 – 103. Disponível em: <http://seer.ufms.br/index.php/fatver/article/view/1604/1152>. Acesso em 31 de maio de 2018.

SOUSTELLE, Jacques. **A civilização asteca**. Trad. Maria Júlia Goldwasser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e outro. **Travessias: Revista de Ciências Sociais e Humanas**. N. 6 e 7. Coimbra, Portugal: Universidade de Coimbra, 2008. p. 15 – 36. Disponível em:

<https://estudogeral.sib.uc.pt/.../1/Do%20pos-moderno%20ao%20pos-colonial.pdf>

Acesso em 27 de abril de 2019.

SANTOS, Sandro Martins de Almeida. **A família transnacional da Nova Era e a globalização do ((amor)) em Alto Paraíso de Goiás, Brasil**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, 2013.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. 1ª ed. 9ª. Reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

TAMANINI, Lourenço Fernando. **Brasília: Memória da Construção**. Brasília: Royal Court Editora, 1994.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos ciganos no Brasil**. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

TERRA, Tatiana Vieira. **Brasília bucólica: A experiência do caminhar pelas entrequadradas e Brasília (cidade, arte e turismo)**. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)**. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

THOMAS, Keith. Prece e Profecia. In: THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII**. Tradução Denise Bottman e Tomás R. Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 105 – 134.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ULHOA, Clarissa Adjuto. **“Essa terra aqui é de Oxum, Xangô e Oxóssi”**: Um estudo sobre o candomblé na cidade de Goiânia. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

VASCONCELOS, Adirson. **A epopeia da construção de Brasília**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989.

VASCONCELOS, Adirson. **A História da maçonaria em Brasília**. 2ª ed. Brasília: Dupligráfica Editora, 2007b.

VASCONCELOS, Adirson. **A mudança da capital**. 1ª ed. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1978.

VASCONCELOS, Adirson. **Brasil, Capital Brasília: A História de Brasília, Ontem, Hoje e Amanhã**. Brasília: Thesaurus Editora, 2007a.

VASCONCELOS, Adirson. **Os pioneiros da construção de Brasília**. Vol. 1 e 2. Brasília: Editora não informada, 1992.

VERGARA, Moema de Rezende. A Comissão Cruls e o projeto de mudança da Capital Federal na Primeira República. In: LIMA, Nísia Trindade & SENRA, Nelson de Castro (orgs.). **Veredas de Brasília**: as expedições geográficas em busca de um sonho. Rio de Janeiro: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 2010. p. 35 – 48.

VIDESOTT, Luísa. Os Candangos. **Risco**: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, n. 7, p. 21–38, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44721>. Acesso em: 13 maio 2019.

VIDESOTT, Luísa. **Narrativas da construção de Brasília**: Mídia, fotografias projetos e história. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

VIDAL, Laurent. **De Nova Lisboa à Brasília**: a invenção de uma capital (séculos XIX-XX). Trad. Florence Marie Dravet. Brasília: UnB, 2009.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad**: Luchas (de)coloniales de nuestra época. Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala: Quito, 2009. Disponível em <http://clar.org/assets/interculturalidadestadosociedad.pdf>. Acesso em 08 de novembro de 2018.

WULF, Andrea. **A invenção da natureza**: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt. Tradução Renato Marques. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2016.

FONTES

Literatura esotérica / espiritualista

ADRIÃO, Vitor Manuel. Brasília e o Brasil Futuro (Alvorada da Nova Era): **Lusophia**, Abr. 2017. Disponível em: <https://lusophia.wordpress.com/2017/04/04/brasil-e-o-brasil-futuro-alvorada-da-nova-era-por-vitor-manuel-adriao/>. Acesso em 11 de março de 2018.

BAILEY, Alice A. **Tratado sobre magia blanca**. Por el maestro tibetano Djwhal Khul, Málaga, Espanha: Sirius, 2002. Disponível em: <http://www.sanctusgermanus.net/ebooks/tratado%20sobre%20magia%20blanca.pdf>. Acesso em 16 de setembro de 2018.

BARROSO, Gustavo. **História secreta do Brasil**. Vol. 76. 3ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

BATES, Gary. **Invasão Alienígena**: a conexão entre óvnis e evolução. Tradução de Daniel Ruy Pereira. 1ª edição em português. Powder Springs, Geórgia, EUA: Creation Ministries International Ltd., 2011.

BELLAVINHA, João Baptista. **JK – Maçonaria – Bíblia – Brasília, tudo a ver**. 1ª ed. Conselheiro Lafaiete-MG: Grande BH, 2006.

BESSA, Jorge da Silva. **O mistério dos Senhores de Vênus**: Deuses, Venusianos e Capelinos. Brasília: Tagore, 2012.

BHARADWAAJA, Maharshi. **Vyamaanika-Shastra**. Translated into English and Edited, Printed and Published by G.R. Josyer. Mysore (Índia): Printed at Coronation Press, 1973. Disponível em: http://upload.vedpuran.net/Uploads/121113the_vimanika_shastra.pdf. Acesso em: 26 de janeiro de 2016.

BÍBLIA SAGRADA. **Antigo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BLAVATSKY, Helena Petrovna. **A Doutrina Secreta**: Síntese de ciência, filosofia e religião. VOL III Antropogênese. Tradução de Raymundo Mendes Sobral. São Paulo: Ed. Pensamento: Sociedade Teosófica no Brasil, 1973.

BORGES, Miguel Henrique. **JK JK! A conexão esotérica**. Rio de Janeiro: Aquarius, 2002.

CAMPOS, Colemar Elias. **Mistérios da Chapada dos Veadeiros e alguns problemas brasileiros**. Goiânia: Kelps, 2002.

CARVALHO, Eduardo Nunes de. **Palestra: Mistérios na Fundação de Brasília**. Brasília: Sociedade de Eubiose, 2013.

CHABAD. Biografia de cabalistas. Parte 12. **Associação Israelita de Beneficência Beit Chabad do Brasil**, São Paulo, s/d. Disponível em: http://www.chabad.org.br/tora/cabalaterapia/biografia_cabalistas/cab012.html. Acesso em 13 de outubro de 2020.

CHRISTIAEN, Yves. **A mutação do mundo**. São Paulo: Ed. Pensamento Ltda., 1981.

CLARE, Elizabeth. Sanat Kumara: As muitas faces do Grande Guru. **Grande Fraternidade Branca**. Exertos de uma conferência dada por Elizabeth Clare Prophet em 2 de julho de 1993. Disponível em: http://www.grandefraternidadebranca.com.br/sanat_kumara.htm. Acesso em 16 de janeiro de 2019.

COCUZZA, Felipe. **A mística da Amazônia**. São Paulo: Zohar, 1992.

COUTO, João Gilberto Parenti. **A realização das profecias de Dom Bosco 2003/2063**: os anos decisivos. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

CURA E ASCENÇÃO. **Mestre El Morya Raio Azul**, 2018. Disponível em: https://www.curaeascensao.com.br/elmorya_arquivos/elmorya3.html. Acesso em 22 de janeiro de 2019.

DÄNIKEN, Eric Von. **Eram os deuses astronautas?** São Paulo: Melhoramentos, 1968.

DEL DEBBIO, Marcelo. **Energia telúrica, Linha de Ley, Pirâmides e Círculos**. 2008. Disponível em: <https://www.deldebbio.com.br/energia-telurica-linha-de-ley-piramides-e-circulos/>. Acesso em 13 de janeiro de 2019.

DEL DEBBIO, Marcelo. **O grande computador celeste**. Textos para Reflexão, 2014. Ebook. Disponível em: <http://www.raph.com.br/tpr/editora-nossosautores.html>. Acesso em 28 de abril de 2019.

FERNANDES, Vagner. Estandarte. **Loja Maçônica Brasília n. 1882**. Brasília, 2015. Disponível em: <http://lojabrasilia.org.br/estandarte/>. Acesso em 09 de outubro de 2020.

FILARDO, José Antônio de Souza. Brasília, cidade sagrada. **Biblioteca Fernando Pessoa**, 2007. Disponível em: <https://bibliot3ca.com/arquitetura-sagrada-brasilia/>. Acesso em 13 de outubro de 2020.

GRANDE FRATERNIDADE BRANCA. **O que é a Grande Fraternidade Branca?**, s/d. Disponível em: <http://www.grandefraternidadebranca.com.br>. Acesso em 23 de janeiro de 2019.

HURTAK, James. **O livro do conhecimento**: as chaves de Enoch. Rio de Janeiro: Academia para Ciência Futura, 1997.

ISMAIL, Kenny. O que é Cabala e qual sua verdadeira relação com a Maçonaria? **No Esquadro**, 2011. Disponível em: <https://www.noesquadro.com.br/conceitos/o-que-e-cabala-e-qual-sua-verdadeira/>. Acesso em 09 de outubro de 2020.

JACOEL, Maurice. Um estudo de identidade astrológica. Brasília, a utopia aquariana. **Constelar**. Atalhos de Constelar 71 – maio, 2004. Disponível em: <http://www.constelar.com.br/revista/edicao71/brasilia1.php>. Acesso em 07 de maio de 2018.

KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns**. Tradução de Guillon Ribeiro. 71ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003.

KARDEC, Allan. **Lé Livre Des Esprits**. Paris: Lake, 1857.

KERN, Iara. **De Aknaton a JK: das Pirâmides a Brasília**. 2ª ed. Brasília: Ed. Gráfica Ipiranga Ltda., 1984.

LUZ, Dioclécio. **Roteiro Mágico de Brasília**. Ilustração de Antônio José. Brasília: CODEPLAN, 1986.

MACHADO, César S. Herick Usami. **Boletim Metaconsciência**. Vol. II. N. 8. 27 de dezembro de 2011. Disponível em: <http://www.metaconsciencia.com/down/boletim-metaconsciencia-8.pdf>. Acesso em 09 de fevereiro de 2018.

MARINO, Vito. A escritora Roseli Von Sass e a demanda do Santo Graal como doutrina. **Vito Marino blogspot**. 2016. Disponível em: <http://vitomarino.blogspot.com.br/2016/12/roselis-von-sass.html>. Acesso em 11 de maio de 2018.

O TEOSOFISTA. **Edição especial comemorativa do primeiro centenário da Sociedade Teosófica**, ano 64, julho-dezembro 1975, N.º 3 / 4, p. 84.

PACHECO, Cláudia Bernhardt de Souza. **História secreta do Brasil: o millenium e o homem universal**. 1ª ed. São Paulo: Proton Editora Ltda., 2000.

REVISTA DHÂRANÂ. **Edição em homenagem a Hélio Jefferson de Souza Filho (13.8.1958/27.9.2014)**. Ano III - N.º 9 - Outubro/2014 a Janeiro/2015. Disponível em: www.eubiose.org.br/site/br/files/files/DhâranâOn.line9.pdf. Acesso em 28 de abril de 2019.

REVISTA DHÂRANÂ. **A origem dos mistérios**. N. 17. Ano V. Junho a Setembro de 2017. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/378357147/Dharana-Online-17>. Acesso em 28 de dezembro de 2018.

REVISTA DHÂRANÂ. **Brasília: A capital da Era de Aquários**. n.º 13 e 14, Ano XXXV. Janeiro a Junho de 1960. Disponível em: <https://comunidadeurgicaportuguesa.files.wordpress.com/2012/10/13-e-14-janeiro-a-junho-19601.pdf>. Acesso em 08 de dezembro de 2018.

REVISTA DHÂRANÂ. **Discos voadores ou signos de Shamballah?**. N. 3 e 4. Ano XXXII. Julho a Outubro de 1957. Disponível em: <https://comunidadeurgicaportuguesa.files.wordpress.com/2012/10/3-e-4-julho-a-outubro-de-19571.pdf>. Acesso em 03 de janeiro de 2019.

REVISTA DHÂRANÂ. **Em homenagem ao centenário de nascimento de Anton Walter Smetak**. Edição 6. Ano II. Outubro de 2013 a janeiro de 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/73404352-Em-homenagem-ao-centenario-de-nascimento-de-anton-walter-smetak.html>. Acesso em 28 de dezembro de 2018.

REVISTA DHÂRANÂ. **Henrique José de Souza: Uma edição dedicada ao fundador da Sociedade Brasileira de Eubiose, com diversos textos de sua autoria**. N. 20. Ano VI. Outubro de 2018 a janeiro de 2019. Disponível em: [http://www.eubiose.org.br/site/br/files/files/Dh%C3%A2ran%C3%A2%20Online%2020\(1\).pdf](http://www.eubiose.org.br/site/br/files/files/Dh%C3%A2ran%C3%A2%20Online%2020(1).pdf). Acesso em 03 de janeiro de 2019.

RODRIGUES, João Anatalino. **Mestres do universo: A Maçonaria dos graus superiores**. 1ª ed. Mogi das Cruzes, SP: Biblioteca 24 horas, 2010.

ROSA, Henrique. **O governo oculto do mundo**. 2ª ed. Revisada e atualizada. São Paulo: Editora Portal, 1998.

SALVI, Luís A. W. **Brasil: o livro do tempo**. Dinâmicas e perspectivas sócio-regionais brasileiras. Brasília: Thesaurus Editora, 2004.

SALVI, Luís A.W. **O sistema geográfico de evolução de Alto Paraíso**. 1ª ed. Alto Paraíso: Ed. Agharta, 2007a.

SALVI, Luís A. W. **Geografia espiritual: a ciência das origens**. Alto Paraíso: Edições Agharta, 2009.

SALVI, Luís A.W. **Geografia sagrada da América do Sul**. São Paulo: IBRASA, 2000.

SALVI, Luís A.W. **Mensagens da cidade cristal**. 1ª ed. Alto Paraíso de Goiás: Edições Agharta, 2007b.

SALVI, Luís A.W. **Os centros espirituais brasileiros**. Alto Paraíso de Goiás: Edições Agharta, 2010.

SASS, Roselis Von. **Revelações inéditas da História do Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Ordem do Graal na Terra, 1991.

SASSI, Mário. **A conjunção de dois planos**. Planaltina: Ed. Vale do Amanhecer, 2000.

SÉRGIO, Luiz (espírito). **Driblando a Dor**. Psicografia: Irene Pacheco Machado. 9ª Ed. Brasília: Livraria e Editora Recanto, 2000.

SILVA, Dinah da. Manual das Dharman Oxinto. **Casa do Jaguar**. Vale do Amanhecer, 1996. Disponível em: <http://casadojaguar.blogspot.com/2017/04/manual-dharman-oxinto-pdf.html>. Acesso em 03 de setembro de 2020.

TAVARES, Clóvis. **Mediunidade dos Santos**. 11ªed. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2014. p. 65 – 68.

TELES, Ariston Santana. **O médium Dom Bosco**. Brasília: Editora Ano Luz, 1982.

TOVÁR, Alodio. **A face oculta da natureza: o enigma de Paraúna**. Editora: IMERY. Ano: 1986.

TRISMEGISTO, Hermes. **Corpus Hermeticum**. Instituto Michael Brasil, s/d. Disponível em: <http://nous.life/Biblioteca/Alquimia/Hermes%20Trismegisto/Corpus%20Hermeticum%20-%20Hermes%20Trismegisto.pdf>. Acesso em 31 de agosto de 2018.

TROMBELLI, Sérgio Motti. **Brasil, corpo e alma: Uma leitura esotérica**. s/d. Disponível em: <http://sergiotrombelli.com.br/wp-content/uploads/2016/04/Brasil-corpo-e-alma-Uma-leitura-esot%C3%A9rica.pdf>. Acesso em 13 de abril de 2018.

UCHOA, Moacir. **Mergulho no Hiperespaço: Dimensões Esotéricas na Pesquisa dos Discos Voadores**. Porto Alegre: Editora Senado Federal Centro Gráfico, 1976.

USAMI, Herick. **As dimensões e os extraterrestres**. 1ª ed. Brasília: Centro Extra Espiritualista e Ufológico, 1983.

XAVIER, Francisco Cândido. **Brasil: coração do mundo, pátria do evangelho**. Ditado pelo espírito Humberto de Campos. Versão digital da Equipe Luz Espírita, 2011. Disponível em: <http://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/112.pdf>. Acesso em 09 de junho de 2018.

Sites institucionais

ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA. Padroeira da Arquidiocese e da cidade de Goiânia. 2019. Disponível em: <https://www.arquidiocesedegoiania.org.br/comunicacao/noticias/846-festa-de-nossa-senhora-auxiliadora>. Acesso em 02 de agosto de 2021.

CATEDRAL METROPOLITANA NOSSA SENHORA APARECIDA. **História**. Brasília, 2015. Disponível em: <http://catedral.org.br/historia>. Acesso em 03 de julho de 2018.

CIPRIANO, Leandro. Vale do Amanhecer, símbolo de sincretismo religioso, atrai milhares de visitantes. **Agência Brasília**. Brasília: Secretaria de Estado de Comunicação do DF, 2013. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2013/12/06/vale-do-amanhecer-simbolo-do-sincretismo-religioso-atrai-milhares-de-visitantes/>. Acesso em 14 de abril de 2019.

GEU, Grupo de Estudos Ufológicos. **Caso Papuda**. Estudo de caso realizado por Wilson G. de Oliveira. Brasília: NEFP/CEAM/UnB, 1991. 40 p. Disponível em: http://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_favorito.asp?v_CodReferenciaPai_id=1013345&v_CodFundo_ID=1013345. Acesso em 04 de fevereiro de 2019.

LEGIÃO DA BOA VONTADE. Cidadania plena, espiritualidade ecumênica e fé realizante em históricas comemorações. **Boa Vontade Ecumenismo**. Revista apolítica e apartidária de Espiritualidade Ecumênica. Edição comemorativa de 8/11/2014. São Paulo: Editora Elevação, 2014.

LBV, Legião da Boa Vontade. **Quem somos**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.lbv.org/quem-somos/alziro-zarur>. Acesso em 27 de setembro de 2020.

LOJA AURORA DE BRASÍLIA. **História**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.auroradebrasil.com.br/aurora/a-loja/historia>. Acesso em 05 de março de 2019.

OBRA SOCIAL SÃO JOÃO BOSCO (OSSJB). Os milagres para a beatificação e canonização de Dom Bosco. **Espaço Dom Bosco Educador**. Campinas-SP, 2015. Disponível em: <http://ossjb.org.br/index.php/os-milagres-para-a-beatificacao-e-canonizacao-de-dom-bosco/>. Acesso em 11 de março de 2019.

PARAÍSO NA TERRA. **Quem somos**. Brazlândia: Instituto Teosófico de Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.paraisonaterra.com.br/index.php/fotos/>. Acesso em 19 de abril de 2019.

PONTUAL, Helena D. JK é, ainda hoje, um dos políticos mais admirados pela população. **Senado Federal**. Brasília, s/d. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasil50anos/not04.asp>. Acesso em 05 de março de 2020.

SANTUÁRIO DOM BOSCO. **Histórico e Relíquia de Dom Bosco**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://santuariodombosco.org.br>. Acesso em 03 de abril de 2018.

SBE, Sociedade Brasileira de Eubiose. **A Sociedade**. São Lourenço (MG), 2012. Disponível em: <http://www.eubiose.org.br/site/br/?do=site:conteudo:exibir&pid=NWEyM2VkOTg4MsnoPV L-bI4i0HzNnEyNkQ>. Acesso em: 30 de abril de 2019.

VALE DO AMANHECER. **História**. Brasília, 2016. Disponível em: <https://valedoamanhecer.org/historia/>. Acesso em 28 de abril de 2019.

VATICANO. **Documentos do Concílio Vaticano II**. Roma, 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm. Acesso em 05 de junho de 2018.

Documentos

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DO PLANO PILOTO. **Conheça a RA**. História. Brasília, 2018. Disponível em: <http://www.planopiloto.df.gov.br/category/sobre-a-ra/conheca-a-ra/>. Acesso em 13 de maio de 2018.

ASSEMBLÉIA GERAL DO CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **A Localização da Nova Capital da República**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1948. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/2952?show=full>. Acesso em 14 de janeiro de 2018.

ASSOCIAÇÃO DE CULTURA FRANCO-BRASILEIRA DE BRASÍLIA. **Tradução do memorável discurso que proferiu em Brasília** – 25 de agosto de 1959 o Sr André Malraux, Ministro da Cultura da República Francesa. Brasília, capital da esperança. Brasília, 1959. Disponível em: http://www.helb.org.br/images/acervo/2012/homenagem_andre.pdf. Acesso em 28 de janeiro de 2020.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Documento 512**: “O mapa de uma cidade perdida”. s/d. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/explore/curiosidades/documento-512-mapa-uma-cidade-perdida>. Acesso em 17 de dezembro de 2018.

BRASIL, Americano. Discurso sobre o lançamento da Pedra Fundamental de Brasília. **Anais da Câmara dos Deputados**, 1922, vol. XI, p. 224-237, sessão de 23 de outubro de 1922. Disponível em: <http://doc.brazilia.jor.br/HistDocs/Congresso/1922-10-23-fala-Americano-Brasil.shtml>. Acesso em: 14 de janeiro de 2017.

BRASIL. Constituição (1891). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 1891. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35081-24-fevereiro-1891-532699-publicacaooriginal-15017-pl.html>. Acesso em 10 de julho de 2018.

BRASIL. Presidente (1956 – 1961). **Discursos selecionados do Presidente Juscelino Kubitschek**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Decreto Nº 4.494**, de 18 de janeiro de 1922. Brasília, 1922. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4494-18-janeiro-1922-545132-republicacao-91197-pl.html>. Acesso em 07 de julho de 2018.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Ata da 216ª Sessão, Solene, Vespertina, em 10 de agosto de 2012**. Presidência do William Dib, § 2º do artigo 18 do Regimento Interno. Brasília: Departamento de Taquigrafia, revisão e redação, 2012. Disponível em: www.camara.leg.br/internet/plenario/notas/solene/2012/8/hv1008121504.pdf. Acesso em 10 de dezembro de 2018.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Diário da Câmara dos Deputados**. Ano LIII. N. 102. Brasília, 16 de junho de 1998. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD16JUN1998.pdf>. Acesso em 14 de maio de 2018.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **JK: cassação, o exílio e a morte**. Brasília: Rádio Câmara, 2006. Disponível em: [https://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/CAMARA-E-HISTORIA/337708-JK:-A-CASSA%C3%87%C3%83O,-O-EX%C3%8DLIO-E-A-MORTE-\(09'-51%22\).html](https://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/CAMARA-E-HISTORIA/337708-JK:-A-CASSA%C3%87%C3%83O,-O-EX%C3%8DLIO-E-A-MORTE-(09'-51%22).html). Acesso em 29 de abril de 2019.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Trajetória de Marlene Godoy**. Catálogo de exposição. Brasília: Centro Cultural da Câmara dos Deputados, 2013. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/0024283738ef278f8595a>. Acesso em 05 de maio de 2019.

CAU, Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. **Brasília, 56 anos**. Brasília, 2016. Disponível em: <http://www.caubr.gov.br/brasilia56/>. Acesso em 10 de julho de 2018.

CONGRESSO NACIONAL. **Lei n. 13.626 de 16 de janeiro de 2018**: Institui o Dia Nacional da Eubiose. Brasília, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2018/Lei/L13626.htm. Acesso em 10 de dezembro de 2018.

COSTA, Lúcio. **Relatório do Plano Piloto de Brasília**. Elaborado pelo ArPDF, CODEPLAN, DePHA. Brasília: GDF, 1991.

CRULS, Luís. **Relatório da comissão exploradora do Planalto Central do Brasil**. 2ª ed. Série 5. Vol. 258. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947. 270 p. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/obras/relatorio-da-comissao-exploradora-do-planalto-central-do-brasil>. Acesso em 14 de janeiro de 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Centro experimental de Brasília**. Brasília, 1959. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/censobrasilia1959.pdf>. Acesso em 26 de março de 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 1960**. VII Recenseamento Geral do Brasil. Série Regional. Volume I. Tomo XIX. Brasília, 1960. Disponível em:

<http://ia601309.us.archive.org/0/items/censodem1960rvol1t19/censodem1960rvol1t19.pdf>. Acesso em 26 de março de 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 1970**. VIII Recenseamento geral. Série regional. Volume I. Tomo XXIV. Brasília, 1970. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_t24_df.pdf. Acesso em 26 de março de 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 1980**. IX Recenseamento geral. Volume I. Tomo IV. Número 26. Brasília, 1982. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/72/cd_1980_v1_t4_n26_df.pdf. Acesso em 26 de março de 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 1991**. X Recenseamento geral. Número 28. Brasília, 1991. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/77/cd_1991_n28_populacao_instrucao_df.pdf. Acesso em 26 de março de 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 2000**. XI Recenseamento geral. Brasília, 2000. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/multidominio/cultura-recreacao-e-esporte/9663-censo-demografico-2000.html?edicao=9858&t=downloads>. Acesso em 27 de março de 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 2010**. XII Recenseamento geral. Brasília, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/df/pesquisa/23/22107>. Acesso em 27 de março de 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Recenseamento Geral do Brasil**. 1º de setembro de 1940. Série Nacional Volume II. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1940.

IPHAN, Superintendência do Distrito Federal. **Vale do Amanhecer**: Inventário Nacional de Referências Culturais / Deis Siqueira, Marcelo Reis, Jairo Zelaya Leite, Rodrigo M. Ramassote. – Brasília, DF: Superintendência do Iphan no Distrito Federal, 2010.

MATHIAS, Herculano Gomes. **Autos da Devassa da Inconfidência Mineira**: complementação documental. Ouro Preto: MinC-IPHAN-Museu da Inconfidência, 2001. Disponível em: <http://portaldainconfidencia.iof.mg.gov.br/leitura/web/livros/v11.pdf>. Acesso em 11 de janeiro de 2018.

MUSEU VIRTUAL DE BRASÍLIA. **Plano Piloto**. Brasília, 2018. Disponível em: http://www.museuvirtualbrasil.org.br/PT/plano_piloto.html. Acesso em 13 de maio de 2018.

NIEMEYER, Oscar. Forma e função na arquitetura. **Módulo**, Rio de Janeiro, n.21, p.3-7, dez, 1959. Disponível em: <http://icaadocs.mfah.org/icaadocs/THEARCHIVE/FullRecord/tabid/88/doc/1110349/language/en-US/Default.aspx>. Acesso em 06 de maio de 2018.

NOVACAP. **Brasília**. Revista da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil. Ano 1. N. 12. Dezembro de 1957. Disponível em:

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/506961/brasil_1957_Ano_1_n12.pdf?sequence=1. Acesso em: 17 de março de 2018.

NOVACAP. **Brasília**. Revista da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil. Ano 3. N. 32. Agosto de 1959. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/506989/brasil_1959_Ano_3_n32.pdf?sequence=1. Acesso em: 28 de março de 2018.

SECRETARIA DO ESPORTE, TURISMO E LAZER DE BRASÍLIA. **Brasília e seus atrativos turísticos**. Brasília, 2017. Disponível em: http://www.turismo.df.gov.br/wp-content/uploads/2017/12/Guia-Roteiros-Brasilia-Portugues_.pdf. Acesso em 10 de fevereiro de 2019.

SENADO FEDERAL. **Diário do Senado Federal**. Ano LX. N. 046. Brasília, 21 de abril de 2005. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/diarios/BuscaPaginasDiario?codDiario=3066&seqPaginaInicial=1&seqPaginaFinal=210>. Acesso em 14 de maio de 2018.

SENATUS. **Cadernos da Secretaria de Informação e Documentação**. Vol.3, N.1, dez-2001. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 2004. p. 08 -13. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/507845/Senatus_v3_n1.pdf?sequence=1. Acesso em: 24 de junho de 2018.

Literatura de viagem

HUMBOLDT, Alexander von. **Cosmos**: Ensayo de una descripción física del mundo. Vertido al castellano para a Biblioteca Hispano-Sur-Americana. Tomo I. Bélgica: Eduardo Perié, Editor, 1875.

PITTA, Sebastião da Rocha. **História da América Portuguesa**. Bahia: Imprensa Econômica, 1878.

PORTO SEGURO, Visconde de. **A questão da capital**: Marítima ou do interior? Brasília: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados – Centro de Documentação e Informação – Coordenação de Biblioteca, 1877. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/35003>. Acesso em 12 de janeiro de 2018.

VESPÚCIO, Américo. **Mundus Novus**. Letter to Lorenzo Pietro di Medici, trad. Do latim por George Tyler Northup, London, Princeton University Press, 1916, p. 8-9.

Biografias

COUTO, Ronaldo Costa. **Juscelino Kubitschek**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara; Senado Federal, Edições Técnicas, 2011. [Série obras em parceria, n. 2].

KUBITSCHKEK, Juscelino. **Meu caminho para Brasília**. Vol 1. Rio de Janeiro: Bloch, 1974.

KUBITSCHKEK, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. [Coleção Brasil 500 anos].

LEMOYNE, Giovanni Battista. **Memorie biografiche di Don Giovanni Bosco**. Vol XVI. Roma: Salesianos de Dom Bosco, 1935. 724 p. Disponível em: <http://www.sdb.org/pt/don-bosco/26-memorias-biograficas/98-memorie-biografiche-riservato>. Acesso em 18 de março de 2018.

NIEMEYER, Oscar. **Minha experiência em Brasília**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

NONATO, Alexandre. **JK e os bastidores da construção de Brasília**. 1ª ed. Foz do Iguaçu, PR: Editares, 2010.

Mídia: Jornais e Revistas (televisivos, sites e impressos)

BECK, Roberto Affonso. A história da ufologia no Distrito Federal. **Revista UFO**. Edição 24. 01 de maio de 1998. Disponível em: <https://ufo.com.br/artigos/a-historia-da-ufologia-no-distrito-federal.html>. Acesso em 06 de fevereiro de 2019.

CALCAGNO, Luiz. Via Láctea foi utilizada como base para construção de Brasília. **Correio Braziliense**. Brasília, 2017. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/10/23/interna_cidadesdf,635490/via-lactea-foi-usada-como-base-para-construcao-de-brasilia.shtml. Acesso em 04 de junho de 2018.

CORREIO BRAZILIENSE. **Brasília é fortemente marcada pela presença de estudiosos do ocultismo**. Brasília, 20 de abril de 2010. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/04/20/interna_cidadesdf,187424/brasilia-e-fortemente-marcada-pela-presenca-de-estudiosos-do-ocultismo.shtml. Acesso em 21 de dezembro de 2018.

CORREIO BRAZILIENSE. **Em 50 anos, a manifestação cultural religiosa da Folia de Reis ganhou força e diversidade no DF**. Brasília, out/2010. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/01/28/interna_diversao_arte,169594/em-50-anos-a-manifestacao-cultural-e-religiosa-da-foia-de-reis-ganhou-forca-e-diversidade-no-df.shtml. Acesso em 05 de junho de 2018.

COSTA, Hipólito José da. Reflexões sobre as novidades deste mez: Brazil. **Correio Braziliense** (ou Armazem Literário). Vol X. Londres: Officina do Correio Braziliense, janeiro de 1813. 843 p. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/correio_braziliense/volume10.pdf. Acesso em 11 de janeiro de 2018.

DIÁRIO DA MANHÃ. **Futura Capital da República**. Planalto C. de Goyaz. Recife, 18 de outubro de 1927. Disponível em: <http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DM1927>. Acesso em: 05 de março de 2018.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Deputados também vêm**. Edição de 04 de maio de 1969. Disponível em: http://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_favorito.asp?v_CodReferenciaPai_id=1013345&v_CodFundo_ID=1013345. Acesso em 06 de fevereiro de 2019.

ENTREVISTA COM RONALDO COSTA COUTO. **Roda Viva**. São Paulo: TV Cultura, 18 de novembro de 2013. Programa de TV.

IACUZIO, Amina. O Panteão Romano. **Janela Itália**, 2015. Disponível em: <http://www.janelaitalia.com/o-panteao-romano/>. Acesso em 03 de julho de 2018.

NIEMEYER, Oscar. Em artigo, Niemeyer explica a contradição entre sua posição comunista e o desenho de obras de caráter religioso. **Correio Braziliense**. Brasília, 5 de jul. 2009. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2009/07/05/interna_cidadesdf,123889/em-artigo-niemeyer-explica-a-contradicao-entre-sua-posicao-comunista-e-o-desenho-de-obras-de-carater-religioso.shtml. Acesso em 18 de março de 2018.

NIEMEYER, Oscar; CALVO, Aldo. Teatros Oficiais no Setor Cultural de Brasília. **Módulo**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 17, abril, 1960.

PUCCI, Thaís. Ovo equilibrado na Linha do Equador intriga moradores e turistas no Amapá. **Globo Notícias G1**. 08 de junho de 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2013/06/ovo-equilibrado-na-linha-do-equador-intriga-moradores-e-turistas-no-amapa.html>. Acesso em 14 de setembro de 2018.

SILVA NETO, Ataíde Ferreira da. Mistérios na Serra do Roncador. **Revista UFO**. Edição 102. 01 de agosto de 2004. Disponível em: <https://ufo.com.br/artigos/misterios-na-serra-do-roncador.html>. Acesso em 11 de dezembro de 2018.

VITOR, Frederico. Planta urbanística de Goiânia pode conter símbolo maçom. **Jornal Opção**. Ed. 2031. Goiânia, 2014. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/reportagens/planta-urbanistica-de-goiania-pode-conter-simbolo-macom-6355/>. Acesso em 09 de outubro de 2020.

Documentários

TORRE, Pedro. **Brasília Secreta**. Documentário. Brasília: II Pórtico Editora, 1984. 24 minutos e 38 segundos.

Literatura regional: contos e poesias

BEHR, Nicolas. **Brasíliaada**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.

BEHR, Nicolas. **Brasília-Z**. Cidade palavra. 7ª ed. Brasília: Pau Brasília, 2014.

LOMBARDI, Geraldina Vargas. **Altas Histórias do Paraíso**: Histórias de Alto Paraíso de Goiás, Chapada dos Veadeiros. 2ª edição ampl. Brasília: Gráfica e Editora Bandeirante Ltda, 2009.

MONDIN, Guido. A lenda do lago. In: **Senatus**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 8-13, abr. 2004. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/99839/Guido_mondim.pdf?sequence=1&isAllowed=y#:~:text=A%20Lenda%20do%20Lago%20foi,que%20fosse%20um%20lago%20artificial. Acesso em 02 de agosto de 2021.

RIBEIRO, Helena Maria. **Contos, lendas e estórias do Distrito Federal**. Volume 1. 2ª ed. Ilustração Nanci Maria Ferreira. Brasília, 1996.

SEU ESTRELO. **O mito do calango voador II parte**: o nascimento do calango voador e as novas criaturas do cerrado. Brasília: GDF, s/d. Disponível em: <https://seuestrelo.files.wordpress.com/2012/03/mito-parte-ii.pdf>. Acesso em 06 de maio de 2019.

Entrevistas aplicadas em pesquisas de campo

L.Z. **Entrevista I**. [abr. 2019]. Entrevistador: Pepita de Souza Afiune. Brasília, 04 de abril de 2019. 1 arquivo .mp3 (30 min.).

M.F. **Entrevista II**. [mar. 2019]. Entrevistador: Pepita de Souza Afiune. Brasília, 29 de março de 2019. 1 arquivo .mp3 (20 min.).

D.N. **Entrevista III**. [mar. 2019]. Entrevistador: Pepita de Souza Afiune. Brasília, 12 de março de 2019. 1 arquivo pdf. Entrevista realizada *online*.

J.S. **Entrevista IV**. [abr. 2019]. Entrevistador: Pepita de Souza Afiune. Anápolis, 26 de abril de 2019. 1 arquivo .mp3 (30 min.).

Outras Entrevistas

ARAÚJO, Celso. **Entrevista com Oscar Niemeyer**. In: **Doc Brazilia**. Brasília, 12 de novembro de 2001. Disponível em: <http://doc.brazilia.jor.br/Centro/CCR-Teatro-Nacional-entrevista-Niemeyer-2001.shtml>. Acesso em 02 de junho de 2020.

ANEXOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Da Terra Prometida à Nova Akhetaton: Representações Místicas de Brasília

Pesquisador: Pepita Afiune

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 83006618.0.0000.5083

Instituição Proponente: Universidade Federal de Goiás

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.027.149

Apresentação do Projeto:

Solicitação de Emenda de Protocolo de Pesquisa aprovado e desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em História da UFG, sob orientação do Prof. Dr. Alexandre Martins de Araújo. A pesquisadora justifica que foi necessário solicitar juntamente à Coordenação do PPGH da UFG a prorrogação do prazo para a defesa da Tese, prevista inicialmente para o mês de Janeiro de 2021, passando para a nova data de Novembro de 2021, em decorrência das necessidades de adequações da pesquisa frente aos diversos impactos gerados pela pandemia do COVID-19.

Objetivo da Pesquisa:

Desenvolver uma pesquisa histórica da trajetória de Brasília como a nova capital federal que desde o século XIX foi idealizada por muitos personagens importantes da história brasileira, que por sua vez, atribuíram uma identidade mística à região. De tal modo, procuramos compreender de que forma esse misticismo surgiu e permanece na atualidade.

Específicos:

- Desenvolver discussões teóricas embasadas na História Cultural, para compreender de que forma se formaram e permanecem as representações místicas de Brasília, e de que forma elas impactam na identidade e na memória.
- Debater as interpretações místicas a respeito da arquitetura moderna e na arquitetura apresentada por diversos grupos espiritualistas e filosóficos, procurando entender os dois

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

Bairro: Campus Samambaia, UFG

CEP: 74.690-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

E-mail: cep.prpi@ufg.br



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 5.027.149

mitos fundadores de Brasília: a terra prometida e a cidade moderna;

- Analisar teorias místicas sobre o Planalto Central para compreender a atração dos grupos espiritualistas, compreendendo esta visão como uma forma de sincretismo;
- Desenvolver uma análise das simbologias presentes nos grupos espiritualistas e filosóficos estabelecidos no Distrito Federal, no que tange às suas construções arquitetônicas, cosmogonias e coleções artísticas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos nos quais podem se encontrar os participantes da pesquisa são mínimos, podendo ser aqueles a nível de constrangimento, tanto individuais quanto coletivos, para os quais o pesquisador se compromete a reduzir e garantir o máximo de benefícios aos participantes.

De acordo o parágrafo XIX da resolução n. 510 de 10 de abril de 2016, o pesquisador garante a privacidade do participante, para que o mesmo possa manter o controle de suas escolhas e informações pessoais, resguardando a sua intimidade e a sua imagem. Suas entrevistas não sofrerão invasões indevidas, só ocorrerão após o processo de consentimento e assentimento. Todas as perguntas a serem efetuadas serão detalhadas antes da entrevista, para que eles possam se sentir livres para escolher as questões as quais se sentem mais à vontade para responder e para excluir as questões que lhes constrangerem ou causarem qualquer tipo de situação desconfortável. O entrevistado também será informado sobre todo o processo da pesquisa, desde o início, desenvolvimento e fim, entendendo quais são seus objetivos e resultados esperados, e a forma que ele poderá entrar em contato a qualquer momento para deixar de participar. Também será esclarecido que sua participação terá total anonimato. A pesquisa propõe beneficiar em primeiro lugar a comunidade na qual as instituições pesquisadas estão inseridas, procurando entender as relações entre a instituição e a cidade na qual elas se estabeleceram, o que irá trazer contribuições a nível cultural e turístico. A pesquisa tem como um de seus principais preceitos a destruição de estigmas e preconceitos em relação à religiosidade, contribuindo para o respeito à diversidade religiosa e de pensamento no Brasil.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa em desenvolvimento

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Em conformidade com os pressupostos éticos para pesquisa com seres humanos.

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970

UF: GO **Município:** GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

E-mail: cep.prpi@ufg.br



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 5.027.149

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Conclui-se pela aprovação da Solicitação de Emenda.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa / CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO e lembramos que o pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12. O prazo para entrega do Relatório é de 30 dias após o encerramento da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1226404_E2.pdf	28/09/2021 22:11:28		Aceito
Outros	termodecompromissoAlexandre.pdf	25/04/2018 14:23:34	Pepita Afiune	Aceito
Outros	RoteiroadasEntrevistas.pdf	02/02/2018 19:47:50	Pepita Afiune	Aceito
Outros	Cartadeapresentacaoodopesquisador.pdf	02/02/2018 19:47:01	Pepita Afiune	Aceito
Outros	Termodecompromissoassinado.pdf	02/02/2018 19:45:05	Pepita Afiune	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOatualizado.pdf	02/02/2018 19:44:14	Pepita Afiune	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	02/02/2018 19:43:27	Pepita Afiune	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoassinada.pdf	02/02/2018 19:42:58	Pepita Afiune	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970

UF: GO **Município:** GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

E-mail: cep.prpi@ufg.br